



LÍDIA MEDEIROS

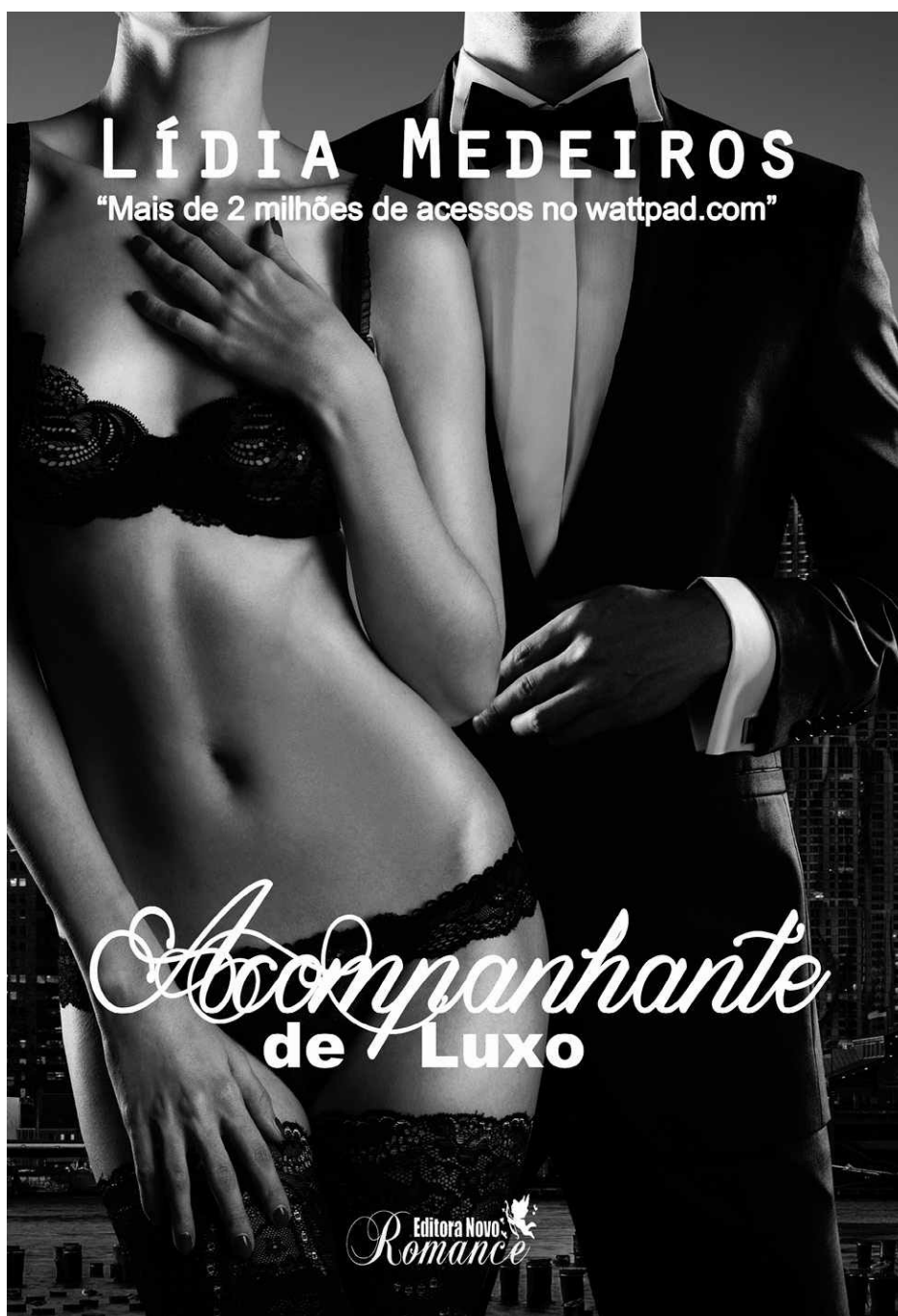
"Mais de 2 milhões de acessos no Wattpad.com"

Acompanhante
de Luxo

Série Luxos
Livro 1

Editora Novo
Romance





Lídia Medeiros
Acompanhante

São Paulo
1ª edição
2015

de Luxo

À Deus pelo dom da escrita!

Ao marido por ter sido paciente com cada noite que deixei de lhe dar a devida atenção para estar escrevendo este livro. E claro não poderia esquecer, aos meus leitores e leitoras que foram pacientes, obrigada por esperarem pela história do casal lindo, Katherine e Nathan!

Capítulo 1

Kate

Nasci em Nova Jersey e sou filha de pai desconhecido. Minha mãe é prostituta. Meu nome? Katherine Watson. Tenho 17 anos. Minha mãe fala que sou filha de um cliente dela que simplesmente sumiu do mapa. Então ele provavelmente nem sabe que existo. Morávamos em *Nova Jersey* até meus nove anos. Viemos para Nova Iorque a fim de que minha mãe conseguisse clientes de alta classe social. Ou seja, executivos, advogados, entre outros. E ela conseguiu. Não é à toa que moramos em um dos melhores bairros, e estudo em uma ótima escola. Cresci em meio a esses clientes, pois minha mãe sempre atendeu no apartamento onde moramos. Com o tempo mamãe começa a perder os clientes que tem, afinal está envelhecendo. Não é mais uma mocinha de 21 anos. Hoje ela tem 41 anos, mas ainda é bastante bonita e bem cuidada. Com a perda dos clientes, não poderíamos nos manter mais no apartamento onde estávamos morando, em *Upper West Side*, e eu teria que sair do *The Collegiate School*, pois as mensalidades eram altas.

Estou no último ano do colegial. Finalmente. E minha mãe resolveu que eu devo ser acompanhante de luxo, assim como ela, para que possamos manter nosso padrão de vida. Ter esse mesmo tipo de vida não é o que sonhei para mim, mas eu tinha que obedecê-la, afinal, se estou vivendo bem e viva até hoje, é porque ela me proporcionou isso. Minha mãe sempre joga na minha cara que ela se deitou com vários homens por minha causa. Então, eu me pergunto: Por que diabos ela me permitiu nascer? Por acaso eu tinha culpa de ter nascido?

Estamos no final do verão e as aulas vão começar. Minha mãe insistiu tanto nesta história que acabei aceitando fazer as malditas fotos para um site de Acompanhantes de Luxo. Fui informada que no site não aparecia o rosto. Ótimo! Assim não corro o risco de alguém da escola me reconhecer.

Passei o dia inteiro tirando fotos de lingerie, pouco à vontade com um fotógrafo que quase me comeu com os olhos. Apesar dos meus 17 anos, eu tinha corpo de mulher, e chamava a atenção por onde passava. Ainda mais sendo loira e de olhos azuis.

Faz dois dias que as fotos foram tiradas, e hoje entrarão no ar. Minha mãe mandou fazer uma identidade falsa. Nela sou Kate Mills, e maior de idade. Não estou nada feliz em entrar na mesma profissão que minha mãe.

Depois de receber muitas ligações e nenhuma delas dar em nada, resolvi me deitar. Eram quase 23 horas, quando o bendito celular tocou novamente, e atendi:

- Alô. – minha voz estava meio sonolenta.
- Olá, boa noite. – a voz do outro lado era grossa e chamou minha atenção.
- Boa noite.

– É Kate Mills?

– Sim, quem gostaria? – Respondi.

– Sou Nathan King e gostaria de contratar seus serviços. Está livre agora?

– Agora? – olhei para o relógio e vi minha mãe entrar de repente no quarto. Ela fez que sim, para mim. – Sim, estou livre.

– Ótimo! Onde posso pegá-la? Ou você viria até meu hotel?

– Eu vou até você. Passe-me seu endereço, por favor. – Peguei um bloco de papel.

– Estou na Quinta Avenida com a 55, no *Hotel The Península*.

– Ok, anotado. Estou perto. Dentro de 30 minutos estarei aí.

– Sim, sem problemas. Ao chegar à recepção peça para chamarem por Nathan King.

– Ok, até logo.

Pulei da cama. Minha mãe foi buscar um de seus vestidos. Trouxe um vermelho e um par de saltos, meias 7/8 e um espartilho.

– Mãe, eu não vou vestida com isso.

– Que seja, vá com o espartilho e as meias. Você tem calcinha fio dental?

– Tenho.

– Ok, então se vista rápido. É seu primeiro cliente e não deve chegar atrasada. – Ela falava, apressando-me. Vesti o espartilho com a ajuda dela, coloquei as meias pretas, a cinta-liga, e a calcinha preta com detalhes vermelhos. – Aqui, pegue. – minha mãe jogou seu casaco longo e preto para que eu vestisse. – Vista. Vá apenas com isso e o casaco, afinal não irá precisar de tudo isso mais tarde. Ponha os saltos que lhe dei no Natal passado. Aquele salto agulha.

Calcei-os. Eu já havia usado algumas vezes, mas apenas dentro de casa, o que era diferente.

– Pegue. Aqui está: dinheiro para emergência, sua identidade e itens pessoais de higiene, camisinhas, etc.

Passei perfume, peguei a bolsa, e saí. Um táxi já estava parado em frente de nosso apartamento. Era meu primeiro cliente, e eu nem sabia como me comportar quando chegasse lá.

Menos de 15 minutos depois eu já estava em frente ao *Hotel The Península*. Parecia ser bem chique. Espero que não façam muitas perguntas. Paguei o táxi e entrei. Caminhei até a recepção e percebi que todos me olhavam.

– Boa noite, por favor, o Sr. Nathan King. – Falei para a recepcionista.

– Um minuto, senhorita. – Ela respondeu e discou um número. – Boa noite, Sr. King, há uma senhorita na recepção à sua espera. – Ela tirou o fone do ouvido e perguntou: – Qual o seu nome?

– Kate Mills. – Respondi.

– Sr. King, é a senhorita Kate Mills. Ok. Boa noite. – Ela desligou. – Senhorita Mills, os elevadores ficam ao final do corredor à sua esquerda. Haverá um assistente no elevador, peça para

que ele a leve à suíte do Sr. King.

Sorri e me dirigi ao elevador. Ao chegar, havia um rapaz.

– Boa noite, por favor, leve-me à suíte do Sr. King.

– Boa noite senhorita, por favor, entre. – Entrei no elevador e subimos. Olhei-me no espelho e tudo estava bem. Não havia passado muita maquiagem, mas pelo menos eu estava bem vestida. O elevador parou. – Chegamos. É só virar à sua esquerda, e já é a suíte do Sr. King. Tenha uma boa noite.

Sorri e saí do elevador indo para a esquerda, apertei a campainha, e a porta se abriu. Estava de cabeça baixa. Levantei meus olhos lentamente para me deparar com um homem de mais ou menos 30 anos, alto, de cabelos escuros, olhos azuis como o céu. Ele estava de terno preto. Devia ser alguém importante, afinal, estava na cobertura.

– Boa noite. – Finalmente consegui falar, depois de admirar tanto.

– Boa noite. – Sua voz é profunda e grossa, que chega a ser música para meus ouvidos. – Entre. – Ele afastou-se um pouco da porta, dando-me passagem para entrar. Sorri, entrei e virei-me para ele.

– Muito prazer, sou Kate Mills. – Estendi a mão para cumprimentá-lo.

– O prazer é todo meu, sou Nathan King. – Ele não segurou minha mão, simplesmente fingiu não vê-la. Abaixei-a. Ele passou por mim, afrouxando a gravata.

– Gostaria de uma bebida? – falou enquanto dirigia-se ao que me parecia ser um bar, e tirou a gravata.

– Não, obrigada. Não bebo.

– Nem água? – Olhei para ele, que agora segurava um copo de uísque.

– Sim. Água eu aceito. – Sorri, e ele tirou uma garrafinha de água da geladeira do minibar, veio até onde eu estava e me entregou. – Obrigada. – Eu ainda estava em pé perto da porta.

– Você ainda não me disse quanto cobra. – Ele falou enquanto bebia um gole de seu uísque.

– Cobro por hora.

– Valor?

– US\$ 150 dólares.

– E quanto para passar a noite aqui?

– US\$ 1500 dólares.

– Ok. Fechado. Agora pode relaxar e sentar-se ali naquele sofá, onde podemos conversar com calma, sem precisarmos nos preocupar com a hora.

– Posso fazer uma ligação rápida?

– Claro.

– Onde fica o toalete? – Ele apontou para um corredor pequeno.

– A primeira porta à esquerda.

– Obrigada. – Caminhei até lá, tirei o celular da bolsa, entrei no banheiro e me surpreendi: devia ter o tamanho do meu quarto. Olhei em volta e lembrei que tinha que ligar. – Alô, mãe? Só liguei para avisar que passarei a noite, ok? – Desliguei, coloquei o celular no silencioso, guardei na bolsa, e retoquei o batom. Saí do banheiro, voltando para a sala. Ele ainda estava lá, e havia tirado o terno. – Desculpe.

– Sem problemas. Eu acabei de chegar de uma reunião de negócios e já é quase meia noite. Vou pro chuveiro. Gostaria de tomar um banho comigo? – Ele já começava a desabotoar a camisa, desafivelou o cinto e tirou os sapatos, deixando-os ali mesmo, jogados na sala. Aproximou-se de mim, e me pegou pela cintura, fazendo-me ir de encontro ao seu peito. – Vamos, diga que tomará um banho quentinho comigo. – Falou tão próximo da minha boca, que pude sentir seu hálito de uísque, com a mistura de um perfume amadeirado. Um cheiro de homem limpo. Ele não precisava de um banho, em minha opinião. Mas se ele queria por mim tudo bem.

– Sim. – Respondi, olhando-o nos olhos.

– Ótimo! Vamos. – Ele virou-me e me fez andar rumo a uma porta no final do pequeno corredor. – Este é meu quarto. – Falou enquanto me colocava dentro. Andei um pouco à sua frente, e ele deu um tapa em minha bunda. Soltei um gritinho pela surpresa. – Tire a roupa, estou esperando você no banheiro. Vou encher a banheira enquanto isso. – Assenti. Ele saiu me deixando sozinha em seu quarto. Tirei o casaco e coloquei-o sobre o sofá pequeno que havia ali. Sentei-me na cama e comecei a tirar os sapatos, depois a cinta-liga, as meias, e por último o espartilho. – Estou esperando. – O ouvi dizer.

– Já estou indo. – Falei nervosa. Não iria nua até lá. Vesti meu casaco de novo e fui para o banheiro, bati levemente na porta e entrei. Ele estava na banheira com espuma.

– Ainda não tirou a roupa?

– Sim tirei, só não queria vir até aqui sem nada.

– Tudo bem. Venha. Pode entrar. – Ele sorria. Havia outro copo de uísque ao lado da banheira. Sorri e tirei o casaco, pendurei-o em um cabide atrás da porta, e entrei na banheira, sentando-me à sua frente, distante dele. Ele me olhava como se fosse me comer com os olhos. – Está com medo de mim?

– Não.

– Então por que não vem para junto de mim? – Eu sorri e mudei, ficando ao seu lado. A banheira era grande o suficiente para caber nós dois lado a lado e ainda ter espaço entre nós. Senti sua mão tatear minha coxa, acariciando-a embaixo da água. – Diga-me o que você faz?

– Como assim?

– O que você faz na cama?

– Tudo. – Respondi.

– Beija na boca?

– Não.

– Então você não faz tudo. O que mais você não faz?

– Só isso, o beijo na boca é íntimo demais.

– Então você não teria problema se eu quisesse comer seu cu?

Senti o sangue esquentar em minha face. Eu devia estar vermelha de tanta vergonha. Ok, aí ele está pegando pesado.

– Acho que não. Depende.

– Depende do quê? – Ele me olhava.

– Do seu tamanho. E grossura. – Respondi, tentando disfarçar minha apreensão.

– Entendi. Eu sou pequeno. Pode ter certeza disso. – Ele sorriu e veio para cima de mim. A água subiu mais, e ele beijou meu pescoço. – Vamos sair daqui.

Ele levantou e me puxou. Sua ereção era visível e não era pequeno, eu mesmo com a minha inexperiência podia dizer que ali tinha pelo menos uns 24 cm de comprimento, e bem grosso.

Ele saiu da banheira, pegou um roupão e vestiu. Trouxe um roupão e me ajudou a vestir. Pegou-me no colo e me levou para o quarto.

– Bem vinda novamente ao meu quarto. – Falou sorrindo, enquanto me colocava em pé. – Kate, você tem algum problema quanto a ser amarrada? – Olhei para cima, pois meu olhar encontrava-se em seu peito molhado, coberto pelo roupão. Ele queria me amarrar?

Olhei-o nos olhos. Ele devia ter 1,85 cm de altura. Mesmo se estivesse com saltos, eu não chegaria a ficar do seu tamanho. Boca pequena, nariz afilado, o rosto forte e marcante.

– Não que eu saiba. – Respondi, e ele me olhou com os olhos cheios de desejo.

– Ótimo! – Falou e foi logo abrindo meu roupão, e eu deixei que caísse aos meus pés. Embaixo do seu roupão, o volume era perceptível. Eu não sabia muito que fazer, mas já havia visto coisas em minha vida, e poderia pôr em prática. Olhei para ele, e desatei o nó de seu roupão, deixando-o nu. Olhei para seu membro grande e grosso, e arfei. Provavelmente estava corada naquele momento. Eu já havia visto outros homens nus, clientes de minha mãe, mas nada comparado com o que via agora. Ele tinha o peito forte, a barriga definida, os braços musculosos, as pernas bem torneadas. Era um homem e tanto. E seu pau tinha a glândula rosada.

Capítulo 2

Quer saber o que é mais estranho e engraçado? Nunca liguei para contratar uma acompanhante de luxo por uma noite. Quando quero alguma mulher para passar a noite, sempre tenho disponível qualquer uma, basta estalar os dedos. Todas me conhecem, conhecem meu sobrenome. Sou o CEO das Indústrias King. Herdei o império de meu pai, quando ele resolveu se aposentar e deixar que eu assumisse a frente da empresa. As Indústrias King compram e revendem empresas pequenas ou falidas. Tenho tanto dinheiro que não sei mais o que fazer com tudo o que tenho.

Depois de dias fora da cidade aqui estou eu, em um quarto de hotel, pois não queria ir para casa e ver minha família. Estamos no término do verão. Amanhã viajarei para a Europa, pois tenho dois grandes negócios para fechar. Como o tempo não passa dentro de um quarto de hotel, resolvi visitar alguns sites de acompanhantes de luxo, quem sabe desse certo. Logo de cara vi uma foto que me agradou, ela estava no status de novidade do site. Deveria ser nova. Olhei as fotos e gostei, apesar de não haver rosto nenhum nelas, liguei e agendei para hoje à noite.

Eu só não imaginava que quem viria seria uma mulher tão linda e com cara de menina. Ela tem mesmo a idade que diz ter no site? 24 anos? Não parece. Seus cabelos loiros e olhos azuis acinzentados me fizeram repensar se realmente eu estava fazendo o certo, contratando uma acompanhante para esta noite. Ela devia ter não mais que 1,65 m de altura. Estava com salto agulha, um casaco preto e uma bolsa pequena do lado. O rosto de bebê me indicava ter no máximo 18 anos. Deixei-a entrar e percebi que ela olhou em volta. Será que já havia vindo a um lugar tão grande como este? Provavelmente não. Ofereci-lhe uma bebida e ela não quis. Foi a primeira mulher que não aceitou beber nada em minha companhia.

Após uma breve conversa a convidei para um banho e esperei por ela na banheira. Quando ela entrou no banheiro, não pude deixar de notar seu corpo. A visão dela nua era 20 vezes melhor do que ela vestida. Usava pouca maquiagem, e havia prendido o cabelo no alto de sua cabeça, para não molhá-lo. Ajudei-a entrar na banheira e a acariciei sob a água. Conforme fiz algumas perguntas, percebi como ela corava. Saímos da banheira e levei-a para o quarto. Lá eu queria aproveitar de todo o tempo do mundo que eu tinha disponível com ela.

Se ela não tinha problemas em ser amarrada, isso seria maravilhoso, pois eu vou adorar poder amarrá-la naquela cama, e fodê-la de todas as formas possíveis. Abri seu roupão e deixei-a nua. Queria apreciar mais seu corpo. Estava descalça, e seus 1,65 m a deixavam com o olhar na altura de meu peito. Seus seios são pequenos, a barriga é linda. Olhei-a com atenção e o V no meio de suas lindas pernas chamou minha atenção, apesar de não estar exatamente como gosto. Ela era linda. Kate abriu meu roupão e olhou para o meu NJ que estava completamente pronto para tudo. Suas bochechas ficaram mais rosadas, ela estava corando novamente.

– Mais uma pergunta. Posso? – Ela assentiu. – Sou seu primeiro cliente? – Ela me olhou com os olhos arregalados, e eu tive a certeza que sim.

– Sim. – Ela respondeu.

– Quantos anos tem?

– 18.

– Que bom, pois não quero ter problemas com sedução de menores. – Passei a mão por sua

barriga e ela se afastou. – Não vou mordê-la. – Falei sorrindo maliciosamente. Segurei-a pela cintura e tomei seu seio esquerdo em minha boca. Ela gemeu, segurando em meu ombro, ficando na ponta dos pés. Lambi e suguei seu mamilo rosado. Sua pele era branca como leite. Subi por seu pescoço lambendo-a, até chegar quase em sua boca. Infelizmente eu não beijava e ela também não. A virei e seu bumbum redondo veio de encontro ao meu membro rígido. Mordisquei sua nuca, vi seus pelos arrepiarem, e ela gemeu.

– Suba na cama. Eu já volto. – Falei afastando-me e saindo do quarto. Peguei uma de minhas algemas no outro quarto e um gel. Pretendia comer o seu bumbum lindo o mais rápido possível.

Kate

Subi na cama, sentei-me, encostando minhas costas na cabeceira de ferro e fiquei ali, o esperando. Ele voltou para o quarto e trazia algo na mão. Sorriu, olhando-me enquanto balançava o objeto. Uma algaema. *Oh, o que ele pretendia fazer?*

– Vire-se de quatro para mim e segure-se na cabeceira da cama. – Obedeci. Percebi a cama mexer-se, e o senti passar a mão em minha boceta. Ficou ao meu lado, pegou minha mão, colocando uma algaema, passou a corrente das algemas entre a cabeceira e algemou minha outra mão. Eu estava presa literalmente à sua cama. Ele beijou minha nuca e sussurrou: – Não tenha medo. Não irei lhe machucar.

– Eu agradeço. – Percebi sua risada.

– Abra suas pernas e empine esse lindo bumbum redondo para mim. – Ele colocou a mão no meio de minhas costas e abaixou-me, levantando meu bumbum. – Assim. Agora fique quieta.

– Ok.

Ele saiu da cama e voltou novamente. Senti-o beijar meu bumbum.

– Tem o bumbum mais lindo que já vi. É perfeito, e seu ânus é rosado, do jeito que eu gosto. – Fiquei apreensiva. Ele realmente pretendia comer meu cu? – Não fique tensa. Relaxe e aproveite. – A língua passeou por meu bumbum e desceu por minha fenda, lambendo meu cu. Eu gemi ante seu toque. Arfei. Minha respiração estava ofegante. – Empine mais. – E eu obedeci. Sua língua encontrou meu clitóris e o lambeu. Sugou, me fazendo gemer alto, até que eu não aguentava mais, e uma pressão enorme crescia dentro de meu ventre.

– Oh, meu Deus! – Gemi baixinho.

– Venha para mim, baby. – Eu fui, explodindo em sua boca, tendo o melhor orgasmo de minha vida. Eu só havia tido alguns, e era sempre eu e minha mão. Nada comparado a isso. Ah, ter a boca de um homem tão lindo sugando-me...

Nathan

Lambi seu cu rosado e maravilhoso, e passei a língua em sua boceta carnuda. Ela gemia. Meu pau estava pronto e louco para invadi-la. Seu bumbum rebojava em minha boca, enquanto ela gemia. Suguei seu clitóris até senti-la explodir em um orgasmo. Bebi seu mel doce. Era maravilhoso.

– Eu não vou comer sua boceta, Kate. – Falei, enquanto pegava o gel ao meu lado e passava em meus dedos.

– Não? Por quê? – Ela perguntou ofegante.

– Porque primeiro vou foder seu cu. – Soltei o gel, e passei o dedo indicador embebecido de gel em seu ânus. Beijeí seu bumbum e fui entrando devagar.

– Oh! – Ela gemeu.

– Apertadinho. – Mordisquei seu bumbum e entrei um pouco mais com meu dedo indicador. – Relaxe. Quanto mais você relaxar, melhor. – Ela olhou-me. Seus olhos azuis acinzentados demonstraram excitação. Entrei mais e ela gemeu alto.

– Oh, por favor, devagar. – Ela pedia. Derramei mais gel sobre meu dedo e fui entrando e saindo de seu ânus. Tirei meu dedo devagar. Passei mais gel e agora entrei com dois devagar. – Oh, meu Deus! – Ela gemeu ofegante. As algemas bateram com o metal da cabeceira da cama e fez um barulho maravilhoso. Ela estava bem presa e totalmente vulnerável a mim. Entrei devagar com os dois dedos até tê-los completamente dentro de seu ânus. Com o dedão acariciei sua boceta e seu clitóris, e ela balançou o bumbum, rebolando. Fiz movimento de vai e vem com os dedos enquanto com a outra mão tocava seu clitóris. – Eu vou gozar novamente. – Ela gritou enquanto seu corpo estremecia.

– Agora você está pronta para me receber em seu cu maravilhoso.

– Oh! – Ela levantou a cabeça e me olhou. – Não acho que caberá tudo isso dentro do meu...

– Vai caber sim, gostosa. Olhe para frente e aprecie como ele vai entrar, e ainda vai lhe dar prazer. Segure-se na cabeceira e empine mais essa bunda maravilhosa. E fique quieta. – Ela assentiu e fez o que eu pedi. Afastei-me para pegar uma camisinha, coloquei-a e passei gel. Posicionei meu pau em seu ânus, e comecei a entrar devagar. Ela ficou tensa. – Relaxe, ou vou bater nessa bunda linda, por má criação. – A bunda dela mexeu. Bati com força em sua nádega direita. Ela gemeu alto. – Eu avisei. Agora relaxe, Kate. – Ela olhou entre os seus cabelos e levantou a cabeça. Passei mais gel em toda a extensão do meu pau sobre a camisinha e entrei no ânus dela. A entrada foi dificultosa, e ela gemeu em surpresa assim que a cabeça de meu pau estava dentro de seu ânus rosado. Ela arfava ofegante. Senti seu ânus apertar em volta da cabeça do meu pau. – O mais difícil passou Kate. – Falei baixo, e beijeí sua nuca. Lambi suas costas, ela arrepiou e entrei mais um pouco. Ela gemeu em surpresa quando entrei mais um pouco.

– Você pretende entrar mais? – Ela perguntou.

– Até o talo, querida. – Falei sorrindo.

– Oh! – Entrei mais. Passei a mão por seus seios, e segurei um mamilo entre os dedos. Apertei-os. – Oh, Nathan, tenha dó de mim. – Ela gemeu. Entrei mais, ela gemia mais alto, e comecei a entrar e sair de seu ânus. Peguei o gel e derramei sobre a base de meu pau em cima da camisinha, para que deslizasse gostoso naquele cu apertado. Entrei mais. Segurei em seu quadril e entrei gostoso até o final. Minhas bolas bateram em sua boceta. – Oh, meu Deus, eu estou tão incrivelmente cheia! – Ela falou e eu sorri.

– E isso é bom? – Perguntei.

– Sim, é.

– Agora que entrou tudo, vou me movimentar gostoso. – Falei enquanto começava a bombear para dentro e fora. Ela gemia cada vez mais alto. Abaixei sobre ela na posição cachorrinho e passei a mão em seu clitóris. Sua boceta estava encharcada. Ela estava com uma excitação dos infernos e eu também. Meu pau estava duro como pedra, pulsou dentro, e ela gemeu gostoso. Acariciei seu clitóris enquanto entrava e saía.

– Nathan... – ela gemeu meu nome e rebolou contra meu pau, que estava completamente enterrado em seu cu. Bombeeí gostoso fodendo com força, minhas bolas indo de encontro a sua boceta a cada entrada profunda em seu cuzinho lindo. Sua bunda rebolava em volta do meu pau, e ela gemia alto. Senti seu corpo estremecer e ela estava novamente gozando. Não suportei muito mais e enchi a camisinha com minha porra.

Retirei-me de seu ânus e percebi que ela havia sangrado. E Sorri. Ela estava ofegante, suada, seus cabelos estavam grudados em seu rosto.

– Você está incrivelmente linda. – Ela virou o rosto para me olhar e sorriu para mim. Fui ao banheiro, tirei a camisinha e joguei fora. Voltei para o quarto. – Você era virgem de anal? – Perguntei sem rodeios.

Seu rosto levantou e me olhou. Ela não respondeu. Mas sim, ela era. Não precisava de sua resposta. Seus olhos responderam.

– Vou tirar as algemas. Nós iremos tomar banho, comer algo e depois quero comer você novamente. – Cheguei perto e abri as algemas, retirando-as. Ela desabou na cama. – Vamos. – Falei e me encaminhei para o banheiro, aguardando por ela. Quando ela não veio, fui buscá-la no quarto. Kate havia adormecido.

Kate

Depois da sessão de anal maravilhosa que tive, acabei adormecendo. Estava exausta. Fui acordada com uma boca sugando meu seio.

– Oh!

– Olá, gatinha. – Abri os olhos, e tinha dois diamantes azuis me olhando. Sorri.

– Olá! Desculpe, acabei adormecendo.

– Tudo bem. Venha, vamos tomar um banho. – Levantei e pulei da cama. Ele estava em seu roupão novamente e havia calçado um chinelo. Meu bumbum estava dolorido. Ele saiu na minha frente e o segui, descalça mesmo. Passei pelo pequeno corredor, onde havia um relógio, e percebi que já era 2h da manhã.

– O que iremos comer?

– Vou pedir algo enquanto você toma um banho quente para aliviar seu cu maravilhoso. Sei que está dolorida.

Olhei-o e tenho certeza que corei, pois meu rosto queimou.

– Certo. – Assenti e entrei na banheira. A água estava morna. Relaxei, encostei a cabeça no cantinho da banheira e fechei os olhos.

– Voltei. Já pedi nossa comida. Sei que está cansada, é sua primeira noite com um cliente, mas eu não ficarei na cidade muito tempo, e tenho que aproveitar o máximo esta noite, porque depois só irei trabalhar e trabalhar. – Abri os olhos enquanto ele falava, e assenti.

A campainha tocou e ele saiu do banheiro novamente, voltando pouco tempo depois.

– Nossa comida chegou. Vamos comer. – Ele me ajudou a sair da banheira e me deu o roupão. Saí com ele para a sala de jantar. A suíte onde ele estava tinha tudo: sala de estar, jantar, dois quartos, banheiro. Era mais um apartamento do que uma suíte, na verdade. Andei descalça pelo carpete. Nos sentamos à mesa. Ele havia pedido salada e uma massa. Carboidratos para recuperar as energias! Nathan era inteligente, além de um homem bonito.

– Você é advogado? – Perguntei após uma garfada.

– Não.

– Médico?

– Também não.

– Ok. E você faz o que da vida? É traficante?

– Não. Por que você acha que eu poderia ser traficante?

– Ah, você parece ser bem rico. Para estar em uma suíte desse tamanho...

– Não. Realmente eu não sou traficante. Sou dono de uma empresa.

– Que tipo de empresa? Tem nome?

– Sim, tem. Indústrias King.

– Sério? Você é Nathan King? Filho de Joseph King?

Ele assentiu.

– Oh, meu Deus. É sério?

– Sim, é.

– Se eu contasse para alguém, nunca iriam acreditar.

– Eu sei. Agora coma.

Sorri e voltei à atenção para minha comida.

Capítulo 3

Kate

Terminamos de comer e ele me olhava, me analisando. Pedi licença e levantei da mesa. Fui até o quarto e peguei minha bolsa, olhei meu celular e tinha 10 ligações da minha mãe. Eu não iria retornar agora. Só ligarei para ela quando amanhecer. Estava perdida com o celular e não percebi quando ele se aproximou.

– O que está fazendo?

Dei um sobressalto com o susto, e levei a mão ao coração.

– Quase me matou de susto!

Ele sorriu e aproximou-se, agarrando-me pela cintura.

– Desculpe. – Seu sorriso era realmente lindo. – Eu lhe fiz uma pergunta e você não me respondeu. – Olhei-o sem entender.

– Que pergunta?

– Perguntei se era virgem de sexo anal, e você não me respondeu. – Senti minhas bochechas queimarem. Era mesmo necessário responder isso?

– Por quê?

– Era muito apertada, e quando me retirei de você, havia um pouco de sangue. Ou você era virgem, ou eu a machuquei. Peço desculpas se fui bruto com você.

– Não, você não me machucou. Estou dolorida, mas não é nada grave.

– Então?

– Então o quê?

– Minha resposta. – Ele me olhava nos olhos.

– Sim.

– Certo. Sua linda e rosada boceta é virgem também? – Eu corei realmente agora.

Nathan

As bochechas dela estavam com muito mais cor após a segunda pergunta. Seria ela virgem?

– Por que quer saber? Fará alguma diferença? – Ela perguntou, olhando em meus olhos e segurando em meus ombros.

– Se você for mesmo virgem, eu pretendo ter mais cuidado. – Eu realmente teria? Ela era tão linda e desejável, que minha vontade era de jogá-la na cama e entrar nela com tudo.

– E se eu dissesse que sou? – Ela falou, arqueando uma sobrancelha.

– Eu ficaria muito feliz em ser o primeiro. Eu sei que é seu primeiro programa. Percebi no momento em que a vi na porta de minha suíte. Pareceu-me ser menor de idade. Mas já me disse que

tem 18 anos, então acredito em você. Serei seu primeiro homem?

– Sim.

Ótimo. O homem possessivo dentro de mim deu pulos de alegria. Seria o primeiro dessa princesa de olhos azuis acinzentados, que me encantaram profundamente. Mas ela era uma acompanhante, e mesmo que eu fosse seu primeiro homem, não faria diferença para ela. Se ela estava nesse ramo, tinha um motivo. E no momento eu não queria saber qual era.

– Está pronta para continuarmos? Não temos muito tempo, pois meu voo parte às 9h da manhã. – Ela me olhou e sorriu.

– Sim, estou pronta.

– Ótimo!

Ela seria a primeira virgem com quem eu faria sexo. Em todos os meus 31 anos de vida, eu já havia transado com muitas mulheres, mas jamais uma virgem, pois isso implicaria em relacionamento depois. E eu não sou adepto a relacionamentos. Gosto de minha liberdade. De passar a noite com alguém e no outro dia olhar para o lado e saber que ela já se foi. Esse sou eu. Não tenho por que criar um relacionamento, se posso ter toda e qualquer mulher, a qualquer hora, em qualquer lugar. – Se importa se eu algemá-la novamente?

– Não.

Tirei seu roupão. Deixei-a completamente nua. Levantei-a no colo e subi na cama com ela. Deitei-a, peguei seu pulso direito e algemei a cama. Saí do quarto e voltei com mais uma algaema e um tecido vermelho para vendar seus olhos. Peguei seu pulso esquerdo e também algemei a cama.

– Irei pôr isso em seus olhos. Tudo bem?

– Eu não sei. Nunca fiquei com nada sobre meus olhos antes.

– Confie em mim. O prazer que sentirá será o melhor do mundo. E jamais esquecerá esta noite.

– Tudo bem. Vou confiar. Você não faria algo ruim comigo, não é?

– Não, realmente. Eu não ousaria fazer algo ruim contra você.

– Então tudo bem. Pode cobrir meus olhos.

Me aproximei mais, coloquei o tecido vermelho sobre seus olhos e amarrei atrás de sua cabeça.

– Você não pode me ver, mas pode me sentir. Pode sentir minha proximidade. Todos os seus outros sentidos estão aguçados neste momento. Seu olfato. Seu tato. Sua audição e seu paladar.

Kate

Eu estava algemada a uma cama, e com um homem que eu conheci há duas, no máximo três horas. E agora não podia ver nada. Estava no meio da cama com um braço preso em cada lado dela. Ele estava sentado ao meu lado, e falava ao meu ouvido:

– Você nunca será a mesma depois de hoje, gatinha. – Sussurrou em meu ouvido e eu gemi involuntariamente. – Eu já volto.

– Aonde vai? – Perguntei preocupada e com receio do que ele faria a seguir.

– Eu volto logo. – Foi apenas isso que ele disse e tudo ficou em silêncio. No mais absoluto silêncio. Pouco tempo depois, escutei seus passos.

– Você voltou! – Falei sorrindo. Ele não respondeu. Caminhou até algum lugar no quarto e colocou algo de vidro sobre a mesinha que havia ali. – O que está fazendo?

– Calma. Você logo descobrirá. – Escutei-o abrir algo. Pelo barulho, era uma garrafa de champanhe. Ele colocou em um copo e pelo tintilar que fazia, havia gelo também. Passos. – Abra suas lindas pernas para mim, gatinha. – Por que ele me chamava de gatinha? Ele não queria pronunciar meu nome? Abri minhas pernas. E finalmente a cama cedeu ao meu lado.

– O que vai fazer? – Perguntei ao ouvir o barulho do gelo batendo no copo. Senti algo gelado em minha boca.

– Abra a boca. – Abri e percebi que era seu dedo gelado e molhado com champanhe. Chupei-o.

– Hm. – Gemi e escutei um gemido dele. Seus dedos sumiram de minha boca e voltaram da mesma forma. Novamente chupei-os. Ele soltou um gemido sofrido.

– Se você pudesse ver como meu pau está duro neste exato momento...

– Oh! Eu posso imaginar. – Falei sorrindo. E Tudo ficou em silêncio de novo.

– Vou pôr algo para que chupe agora. – Assenti. Senti algo muito gelado em meus lábios. Passei a língua e era gelo. Chupei para dentro da minha boca. – Devolva-me. – Ele pediu e eu coloquei o gelo para fora. Ouvi-o sorrir. – Boa menina. Agora algo diferente. – A cama cedeu um pouco mais. Ele levantou minha cabeça e meu corpo, colocando-me sentada. Senti-o esfregar algo em minha boca. Era macio. – Abra sua boca, minha gatinha. – Obedeci. E aquela coisa grossa entrou na minha boca. Era seu pau. E o gosto era maravilhoso. Ele derramou champanhe em seu membro, e eu chupei. – Que boca deliciosa é essa, gatinha? – Chupei-o, saboreando seu gosto misturado com champanhe. Ele empurrou mais em minha boca e eu recebi, lambendo-o, chupando-o. – Oh! Que boca, gatinha! Vou enlouquecer se não parar agora. – E ele parou. Fiz biquinho. – Eu sei que estava gostoso, mas eu iria gozar na sua boca se não parasse.

– Eu sei. – Respondi sorrindo.

Ele me puxou, e eu estava deitada novamente. Escutei o barulho dos cubos de gelo tintilando no copo. Ele trouxe outro cubo à minha boca e eu chupei. Tirou de minha boca, descendo por meu pescoço. Gemi ofegante. O gelo desceu, passando por minha clavícula, chegando aos seios. Arfei. – Oh, meu Deus! – Escutei-o sorrir. Ele passou o gelo em meus mamilos, e logo depois senti sua boca sugando-os. O gelo desceu mais por minha barriga, e sua boca descia, fazendo o mesmo trajeto. Meus gemidos já eram altos. Eu me encontrava extremamente excitada e ofegante. O bendito gelo chegou às minhas partes íntimas, tocando rapidamente meu clitóris, e eu soltei um gritinho.

– Gosta? – Perguntou, enquanto passava novamente o gelo por toda a minha boceta. Eu gemi alto, ofegante.

– Oh, por favor!

– Diga. Diga o que você quer. – Ele falava em um sussurro.

– Deixe-me gozar, por favor. Falta tão pouco... – Falei baixinho.

– Agora não, minha gatinha!

O gelo novamente passou por minha boceta e sua língua quente chegou até lá também.

– Oh, meu Deus! Eu vou enlouquecer Nathan! – Gemi alto quando ele colocou meu clitóris em sua boca e chupou. A pressão em meu ventre dizia que eu não ia durar muito. E que eu iria gozar forte. – Eu vou gozar Nathan. – Ele chupava cada vez mais forte. E então parou, e saiu da cama. – Você não vai me deixar assim, vai? Falta tão pouco para eu gozar... Por favor! Por favor! – Eu falava ofegante.

E então a cama cedeu novamente. Mas desta vez ele não estava ao meu lado, e sim entre minhas pernas. Senti quando ele se abaixou e colocou um braço de cada lado de meu corpo.

– Agora eu vou foder você. E você vai gozar comigo todo enterrado dentro da sua boceta. – Ele passou a mão em meu rosto, tirando a venda. – Quero olhar em seus olhos quando estiver entrando em você, gatinha.

Eu sorri enquanto ele me olhava.

– Kate... – Ele sorriu. – Eu quero que relaxe. Quero lhe dizer uma coisa. Sexo não é só falar palavrões ou experimentar várias posições. É uma questão de confiança. Você confia em mim?

– Sim. – Falei, olhando-o nos olhos.

– Vou te beijar delicadamente. Se fizer algum sentido para você, retribua. – E então ele me beijou nos lábios, tocando-os delicadamente. Sua mão subiu para minha mão direita e em um toque ele me soltou. O mesmo fez com a outra mão. – Quero que segure em meus ombros, quando eu entrar em você. Vai doer, mas não se preocupe, é só um pouco. – Eu assenti, sorrindo, e ele beijou-me novamente. Desta vez não foi um beijo delicado. Foi um beijo ardente. Sua mão segurou firme em meus cabelos e pude sentir seu peso sobre meu corpo pequeno. Ele era forte e pesado.

– Relaxe. – Falou em meu ouvido. Lambeu meu pescoço e o chupou. Senti a cabeça do seu pau pedindo passagem no meio de minhas pernas.

– Não vai pôr camisinha? – Perguntei, quase que em um sussurro.

– Já coloquei. – Ele falou sorrindo, e empurrou para dentro de mim. – Vou fazer com que isso seja rápido, para que a dor vá embora logo, ok?

Assenti. Meu coração estava saindo pela boca. Como eu poderia adivinhar que o primeiro homem de minha vida seria um homem lindo desses? Nunca vou esquecer esta noite. Seu pau entrou com tudo. E foi como se tivesse rasgado algo dentro de mim.

– Ah! – A dor fina da invasão atingiu meu cérebro. Soltei um grito, mas foi abafado por sua boca que estava sobre a minha. Minhas unhas cravaram-se em seus ombros com força. Seus olhos estavam vidrados nos meus. Fechei os olhos para esconder as lágrimas que estavam chegando.

– Não feche os olhos. Olhe para mim. – Abri-os novamente, encontrando seus olhos azuis. Lágrimas escorreram pela lateral de meu rosto. – Eu sei que doeu. Mas agora já não dói mais. Vou me mover e levar você ao paraíso. – Ele mexeu-se e me fez consciente de que estava todo e

completamente enterrado em mim.

– Me sinto tão cheia! – Sussurrei.

– Eu sei. Eu sou grande, e você é pequena e extremamente apertada. Está aquecendo meu pau no seu calor. – Nathan sorriu e eu me perdi completamente. Ele começou a se mover, entrando e saindo. A pressão em meu ventre voltou. A cada estocada eu gemia mais alto. – Goze para mim, gatinha. – E entrou forte e duro, estocando cada vez mais rápido. Meus gemidos se perdiam em meio aos beijos. O meu gozo veio forte e violento, fazendo-me tremer dos pés à cabeça. Senti-me tonta, mas ele não parou. Continuou estocando com força. O sentia bater em meu útero, e aquilo me dava mais tesão. – Eu não vou aguentar muito, gatinha. – Sussurrou em meu ouvido. Entrou e saiu mais algumas vezes e o senti tremer, enquanto seu pau pulsava gostoso dentro da minha boceta. Retirou-se de mim sorrindo, e saiu da cama. – Oh, não! Droga!

– O que foi? – Olhei-o.

– A camisinha.

– O que tem a camisinha? – Perguntei, olhando para seu pau ainda excitado. Mas a camisinha não estava mais lá. Ou pelo menos só estava a base da camisinha que apertava seu pau.

– A porra da camisinha estourou. – Sentei-me na cama.

– Você tem alguma doença? Oh, por favor. Não me diga que tem uma doença e que acabou de passá-la pra mim.

– Não! Eu não tenho nenhuma doença. O problema não é esse.

– E qual é então? – Se ele não tinha nenhuma doença, por que ficar assim?

– Você pode engravidar gatinha. Deite que eu vou tirar a outra parte da camisinha, que deve estar dentro de você. – Oh, agora a porra ficou séria.

– Está falando sério?

– Sim. Deite-se. – Me deitei. – Abra as pernas. – Abri, e ele enfiou o dedo indicador dentro da minha boceta, indo fundo. Senti-o mexer lá dentro. – Já estou sentindo. Mais um pouco e consigo puxá-la.

– Desse jeito posso acabar gozando de novo. – Falei rindo. E ele sorriu.

– Pronto, consegui. – Tirou o dedo de dentro de mim e mostrou a camisinha. – Como falei você pode acabar engravidando. Sou um homem saudável e você também.

– Isso não vai acontecer. Essas coisas não acontecem de primeira. – Falei rindo, enquanto levantava e ia para o banheiro.

– Acontece sim. – Ele vinha atrás de mim.

– Minha mãe disse que é uma chance em um milhão.

– Sei. Mas só por precaução, você por acaso toma algo?

– Deveria? – Perguntei entrando no banheiro.

– Nada? Nada? – Olhei para trás e respondi.

– Nada. – Entrei no chuveiro e fechei o box. – Não se preocupe. Não vai acontecer.

– Não teria tanta certeza assim. – Escutei-o resmungar, mas fiquei calada. Tomei um banho rápido. Estava exausta.

Não sabia que horas eram, mas deveria ser bem tarde. Saí do box. Ele havia esvaziado a banheira, e estava com meu roupão nas mãos. Ajudou-me a vestir. – Pode ir se deitar se quiser. Daqui a pouco chego lá.

E eu fui. Passei pela sala, peguei água, tomei e fui para o quarto. Tirei o roupão e caí exausta na cama. Depois disso, não vi mais nada. Apaguei geral.

Capítulo 4

Nathan

Eu havia acabado de foder gostoso com uma virgem. O homem possessivo dentro de mim a queria, mas felizmente a razão falava mais alto. A porra da camisinha estourou. Meu sêmen ficou todinho dentro dela, e ela ainda acha que não poderia acontecer uma gravidez. Ou ela é inocente demais, ou quer me aplicar o golpe da barriga. Ela agora sabe quem eu sou, e o quão rico sou.

Seu rosto era de uma inocente. Usei seu corpo para meu benefício. Contratei uma profissional do sexo, e acabou vindo uma inexperiente nesse quesito, o que me deixou completamente surpreendido.

Tomei uma ducha rápida. Precisava dormir um pouco, para poder viajar mais tarde. Voltei para o quarto e ela estava deitada sobre a cama, completamente nua. Meu NJ já queria se animar.

– Calma garotão. Precisamos descansar agora. – Falei para meu pau. Tirei o roupão e deitei-me ao seu lado. Ela havia apagado. Estava exausta assim como eu. Puxei-a para perto, sentindo seu cheiro. Comecei a pensar em tudo o que acabamos de fazer. Por que perder a virgindade com alguém que ela nunca mais verá na vida? Ou por que perder para alguém que ela não ama? E que pagou tão pouco por um presente tão grande? Qualquer homem ficaria encantado em foder com uma virgem. E não vou mentir, realmente fiquei extasiado quando soube que ela era.

Mas por ora chega de pensar nisso. Fiquei olhando para seus cabelos loiros em minha frente, e logo depois adormeci.

Despertei, olhei no relógio e eram 5 horas. Meu garotão estava duro como pedra e o bumbum lindo de Kate estava para cima. Acaricieei suas costas e ela gemeu. Beije-a, fazendo carinho em sua nuca, e aos poucos, a vi acordando. Meu corpo a queria de novo. Isso não acontecia desde os meus 19 anos, quando eu estava com os nervos à flor da pele e querendo comer todas as mulheres do mundo.

– Nathan... – Ela chamou meu nome e eu beijei sua nuca. Peguei uma camisinha na gaveta do criado mudo e coloquei. Levantei um pouco sua perna, posicionei meu membro em sua entrada e entrei. Ela é macia, quente e apertada. Essa é a descrição do que eu sentia em volta do meu pau naquele momento.

Kate

Acordei com Nathan fazendo carícias em minhas costas e nuca. Seu pau roçava em minha bunda. Ele estava duro. Ouvi o barulho de plástico rasgando, e então ele entrou em mim com seu membro potente, me invadindo e fazendo delirar e gemer. *Como alguém poderia ser tão gostoso desse jeito?* Seu braço direito veio ao meu pescoço e se fechou nele, enquanto ele entrava gostoso em mim, empurrando fundo. Só podia se escutar nossos gemidos e o barulho do seu corpo se chocando com o meu. Ele subiu em mim, puxou meu quadril para trás, me colocando de quatro, e entrou mais fundo. Gemi alto, ficando sobre minhas mãos. Ele beijou minhas costas e lambeu minha nuca. Puxou meus cabelos para trás e afundou gostoso seu pau todo dentro de mim. A cada estocada eu podia senti-lo ir até o fundo, batendo lá dentro, fazendo a pressão em meu ventre aumentar mais e mais, trazendo meu orgasmo para fora, e me levando a um abismo escuro. Despedaçando meu corpo em pedaços, tremendo enquanto estocava cada vez mais forte.

– Isso, minha princesa, goze! – Sussurrou em meu ouvido, ainda puxando meus cabelos. Minha bunda estava no alto. Ele apertava meu quadril e entrava mais fundo.

– Você acabará me partindo ao meio.

– Cada vez que entro em você, quero ir mais fundo. – Ele respondeu.

– Oh! – Gemi mais alto. – Por Deus, dê-me mais. Mais fundo. Até onde eu não aguento mais. E

ele fez, me deu tudo o que tinha. Senti a dor de tê-lo todo e completamente dentro de mim. Era tão grande, tão grosso! Preenchia-me totalmente. E eu não podia negar, essa havia sido a melhor noite da minha vida.

– Minha gatinha, eu vou gozar! – Sussurrou e senti seu pau pulsar e encher a camisinha. Saiu de dentro de mim e desabou ao meu lado. Me deitei, olhando para ele.

Juro que se o conhecesse em outras circunstâncias, eu ficaria louca e perdidamente apaixonada por ele. Mas não posso. Não dessa forma, apesar do beijo tão íntimo que ele me deu. Logo o dia amanhecerá e tenho que voltar para minha vida.

Nathan

Levantei, andei até o banheiro e me liberei da camisinha usada. Tomei uma ducha rápida, vesti o roupão e voltei para o quarto. Sentei-me na cama, e Kate estava cochilando novamente, seu corpo envolto nos lençóis de seda branca. A pequena mancha de sua virgindade estava marcada no lençol. Ela era linda, a pele macia, os cabelos loiros estavam espalhados pelo travesseiro. Seu rosto de menina dizia-me que ela merecia muito mais do que essa vida de acompanhante de luxo. Peguei meu talão de cheques e preenchi um de US\$ 20 mil dólares para ela. Tirei de minha carteira a quantia que ela pediu para passar a noite, os US\$ 1.500 dólares. Tão pouco diante do presente que ela me deu nesta noite! Espero que saiba apreciar o dinheiro que estou lhe deixando. Peguei uma caneta e um papel. Resolvi escrever para ela.

Kate

Estou deixando-lhe um cheque no valor de US\$ 20 mil dólares para que possa depositar ou mesmo sacar quando desejar, além dos US\$ 1.500 dólares que me pediu pela noite. Obrigado pelo presente de ser seu primeiro amante.

Com carinho,

NK.

Fui ao outro quarto para me vestir. O terno cinza já estava em cima da cama, muito bem passado, a gravata separada. Vesti minha cueca, a calça, as meias, a camisa branca, o cinto e os sapatos. Voltei para ver se ela havia acordado. Mas, ainda estava dormindo. Liguei na recepção, pedi um café da manhã completo e terminei de me vestir. Fechei a porta do quarto para que ela não escutasse o barulho dos pratos e talheres sendo arrumados sobre a mesa da sala de jantar da suíte.

O café foi servido. Comi e li o jornal. Notícias do setor financeiro sempre me interessam, afinal trabalho com uma empresa que compra outras, e no The New Iorque Times sempre tem algo bom para ler e analisar.

Terminei meu café, olhei no relógio e já eram 7h30. Precisava sair dali, para não chegar atrasado ao aeroporto e acabar perdendo meu voo. Andei até o quarto para olhar novamente a pequena anjinha loira e de olhos azuis, que dormia sobre minha cama. Ela ainda estava em seu sono profundo. Entrei, sentei na cama ao seu lado, e acariciei seu rosto.

– Nathan... – Ela sussurrou e um sorriso se formou em seus lábios. Com certeza está sonhando

comigo. Sorri. Abaixei-me, beijei seu rosto, levantei e saí do quarto. Peguei minha bagagem de mão e saí da suíte. Entrei no elevador e assim que cheguei ao térreo, fiz o check-out.

– Senhorita, em minha suíte há uma moça dormindo. Por favor, não a perturbem, já está tudo pago e se ela precisar de algo, não deixem de atendê-la. Entregue este cartão para ela, assim que descer.

Entreguei um cartão com meus telefones pessoais. A recepcionista assentiu. Saí do hotel e entrei no táxi rumo ao aeroporto.

Capítulo 5

Kate

Despertei com o sol em meu rosto. As cortinas do quarto estavam abertas. Olhei em volta e Nathan não estava mais ali. Pulei da cama para ver se ele estava tomando café. O relógio da cabeceira da cama mostrava 8h30 da manhã. Vesti o roupão e saí do quarto.

– Nathan? – Chamei por ele, mas não ouvi uma resposta. Amarrei o laço do roupão e entrei no quarto ao lado. Ele não estava lá. Andei até a sala de estar, e ele também não estava. – Nathan? – Chamei novamente e nada. A sala de jantar estava vazia, mas o café da manhã estava completamente servido sobre a mesa. – Nathan... – Tentei novamente. E então a ficha caiu: ele havia ido embora e me deixado sozinha aqui.

Sentei-me à mesa para comer algo. Servi-me com suco de laranja e torradas com geleia de morango. Comi e mexi no jornal que estava em cima da mesa, não lendo nada na verdade. Terminei de comer, entrei no banheiro, tomei um banho, enxuguei-me e fui para o quarto. Olhei para a cama e relembrei as cenas dele, seu cheiro, seu beijo, sua pele na minha. Ele havia sido o primeiro homem da minha vida, mas não seria o último. Peguei minhas roupas, joguei sobre a cama e comecei a me vestir. Ao terminar, olhei para o criado mudo e notei o dinheiro que ele havia deixado. Ali estava meu pagamento. Levantei e peguei o dinheiro, e embaixo dele havia um pequeno envelope. Abri, e dentro continha um cheque com US\$ 20 mil dólares, além de um pequeno bilhete, dizendo que eu poderia sacar ou depositar o valor a qualquer momento, e agradecendo por ser meu primeiro amante.

– Uau! – Falei comigo mesma.

Infelizmente agora eu precisava voltar para minha realidade. Peguei minha bolsa e guardei o envelope, o cheque e o dinheiro. Uma nova olhada para a cama, os lençóis desarrumados. Seu cheiro estava por toda parte. Saí dali antes que me arrependesse de ter passado a noite com ele.

Desci para a recepção. Entreguei o cartão chave do quarto para a recepcionista, e ela me entregou um cartão. Não li, apenas guardei em minha bolsa e saí. Peguei o primeiro táxi que estava parado na frente do hotel. Dei-lhe meu endereço e esperei.

O trajeto para casa foi até tranquilo, apesar do trânsito matinal de Nova Iorque, pois a Quinta Avenida estava sempre cheia. Nova Iorque era a cidade onde tudo se podia conseguir. Em um mês e meio eu faria 18 anos e seria livre. Ou pelo menos em parte livre.

Finalmente o táxi parou em frente ao prédio onde moro. Paguei e desci.

Cumprimentei o porteiro com um sorriso. Ele abriu a porta para mim e eu entrei. Peguei o elevador e em menos de 2 minutos eu estava abrindo a porta de casa.

– Bom dia. – Cumprimentei minha mãe.

– Bom dia. Por que não respondeu minhas ligações ontem à noite? Fiquei preocupada. Quanto pediu para passar a noite com ele?

– US\$ 1.500, mãe.

– Bom. Pelo menos pediu um bom preço. Dê-me o dinheiro aqui, vou guardá-lo.

Abri a bolsa e entreguei o dinheiro. Ela pegou e eu fui para meu quarto. Tranquei a porta e me sentei na cama. Caí para trás e fiquei ali, olhando para o teto. Que mãe eu tenho, hein?

Despertei de meus pensamentos ao ouvir uma batida na porta.

– Katherine, você tem um cliente às 14h no Hotel Plaza. Esteja pronta, mocinha. Ele paga muito bem.

Ela estava mesmo falando sério? Pulei da cama e abri a porta.

– Não vou a lugar nenhum hoje. Você sabe que tenho que ir comprar meu material escolar hoje, pois as aulas começam na semana que vem.

– Não perguntei se você vai. Eu disse que você vai.

– Eu não vou.

Ela segurou em meu braço, me jogou sobre a cama e começou a me xingar, apontando o dedo na minha cara.

– Escute aqui mocinha, eu ainda sou sua mãe, e enquanto viver embaixo do meu teto e for sustentada por mim, você me respeitará e fará o que eu mando. Ouviu bem? Não perguntei se você vai. Você vai e pronto! – Meus olhos estavam cheios de lágrimas. Eu queria gritar e dizer que não iria. – Engula esse choro e vá tomar um banho. Descanse, porque esse cliente vai cansar você.

Ela então se afastou e saiu do quarto, batendo a porta. Tirei o casaco, as meias, e toda a roupa. Entrei no banheiro e tomei um banho. Assim que saí, peguei o cheque em minha bolsa e escondi. Vou abrir uma conta no banco em meu nome, e assim que tiver dinheiro suficiente, eu sumo desta casa.

Deitei-me na cama e adormeci. Acordei com minha mãe derrubando a porta.

– Já vai. – Respondi.

– Vamos, arrume-se. Ele já chegou. Preferiu vir lhe buscar.

– Mãe! Por favor!

– Nada de “por favor”, arrume-se logo. Ele está na sala te esperando.

Fechei a porta e comecei a vestir-me. Um vestido preto básico, saltos e a bolsa com camisinha, gel e itens de higiene. Passei perfume, um pouco de maquiagem e saí do quarto, indo para a sala.

– Estou pronta. – Falei ao entrar na sala. O homem estava de costas para o corredor dos quartos.

Assim que ele se virou, quase caí para trás, ele era incrivelmente bonito. – Boa tarde. – Cumprimentei-o.

– Boa tarde, senhorita. – Ele se aproximou, pegou minha mão e a beijou. – Vamos? – Assenti e ele ficou segurando minha mão. Olhei para minha mãe.

– Comporte-se. – Li seus lábios, pois ela não pronunciou nenhum som.

Saí com ele do apartamento de mãos dadas. Entramos no elevador, e logo estávamos no hall de entrada do meu prédio. Passamos pelas portas de vidro, andamos até o carro, um BMW, e ele abriu a porta para que eu entrasse. Entrei e ele logo em seguida sentou-se ao meu lado. Um motorista estava ao volante.

– Para o hotel, Christopher. – Ele falou, e colocou seu braço em volta de meus ombros. Olhando em meus olhos, pronunciou:

– Diga-me, pequena, o que você faz?

– Não beijo na boca. – Falei. Sua mão acariciava meu rosto e um de seus dedos passou por meus lábios que estavam com brilho.

– Você tem uma boca linda. – Ele falou. – Por que não beija?

– Acho íntimo demais.

– Mas com um beijo podemos iniciar uma sessão maravilhosa de sexo.

– Eu sei. Mas também podemos nos apaixonar.

– Bem colocado, pequena. – Ele me olhava nos olhos. Sua mão desceu por meu pescoço, indo para meus seios. – Então se não beija na boca, você faz todo o resto?

– Eu diria que sim. – Sussurrei. Ele beijou meu rosto, meu pescoço e desceu um pouco mais, chegando ao meu seio. Tirou-o de dentro do vestido e sugou meu mamilo, deixando-me arrepiada. – Por favor. Aqui não. – Falei envergonhada, pois o motorista estava nos olhando.

– Tudo bem. Desculpe-me. – Ele se arrumou, e eu também. O carro parou e ele abriu a porta, pegou em minha mão e me puxou. – Vamos, estou querendo muito te experimentar. Sua mãe falou muito bem de você. – Ele falou e entramos no hotel. Passamos pela recepção, subimos e entramos em sua suíte. Mal fechamos a porta e ele me atacou, beijando meu pescoço e já puxando meu vestido para cima, tirando-o de meu corpo. Tirou seu terno, jogando-o longe. Minhas costas foram de encontro à parede fria. Ele tirou uma camisinha do bolso, rasgou o lacre e colocou em seu pau, para então rasgar minha calcinha em um puxão e entrar com tudo em mim. Segurei em seu pescoço e ele me ergueu, abriu as pernas e abracei sua cintura. Ele foi mais fundo e eu gemi.

– Oh!

– Tão apertada! – Falou e eu gemi mais alto. Ele entrou e saiu mais algumas vezes e gozou. Saiu de dentro de mim e se afastou. Fiquei ali na parede, parada, pensando no que havia acabado de acontecer. Havíamos transado e eu nem sabia o nome dele ainda.

– Qual seu nome? – Perguntei.

– Thomas Reyes.

– Prazer. – Falei.

– O prazer foi todo meu. Puta que pariu, você é muito gostosa! – Ele saiu de meu campo de visão, entrando em uma das portas dali. Peguei meu vestido e vesti-me novamente. Ele havia rasgado minha calcinha, e teria que voltar para casa assim mesmo. Ele reapareceu. – Quantos anos tem Kate?

– 24 anos.

– Não parece. Posso ver sua identidade?

– Você é policial, ou juiz? Ou algo do tipo?

– E se eu dissesse que sou? Faria diferença? Dê-me sua identidade.

Peguei minha bolsa e entreguei-lhe minha identidade falsa. Ele analisou e me olhou novamente.

– Tudo bem, você está falando a verdade. Agora venha cá. Vamos continuar o que começamos. – Já teria dado tempo de ele se recuperar, assim tão rápido? Ele segurou em minha cintura e me levou para o quarto, tirou meu vestido novamente, e dessa vez ele tirou toda a sua roupa, ficando nu em minha frente, fazendo me sentar na cama. – Quero que me chupe.

– Só chupo com camisinha.

– Eu não tenho doença nenhuma, pequena.

– Mesmo assim. – respondi.

– Tudo bem. Que seja. Apenas chupe-me. – Peguei a camisinha em minha bolsa, coloquei no pau dele flácido e comecei a chupá-lo.

Duas horas mais tarde, eu estava imersa na água da banheira, em casa, com os fones nos ouvidos, esquecendo o resto do mundo. Tranquei a porta do quarto e a do banheiro. Estava sozinha comigo e minhas músicas. A batida da música Like a Boy – Ciara – tocava em meus ouvidos.

Capítulo 6

Nathan

A viagem até Londres demorou cerca de 8 horas, contando com os atrasos dos voos. Odeio voar. Na volta vou com um jatinho fretado. Preciso comprar um urgente, não gosto de pegar o jatinho do meu pai. Tenho que ter o meu.

Desembarquei no Aeroporto de Heathrow. Caminhei até o carro que já me aguardava para me levar direto para o hotel. Parei, pensando e olhando a paisagem da linda cidade de Londres. Kate me veio à cabeça. Com seus cabelos bagunçados, seus gemidos, os lindos olhos azuis expressivos. A boca rosada, o nosso beijo. Relembrando a noite passada, meu pau ficou incrivelmente duro. Aquela feiticeira loira roubou algo que eu pensava não ter. Roubou meu coração. Filha da mãe! Na volta tenho que vê-la. Ou melhor, posso trazê-la para Londres. Só para meu próprio benefício.

Cheguei ao hotel ainda duro, escondendo minha ereção. Fiz o check-in o mais rápido possível e

subi. Acabei-me, me masturbando, pensando naquela loira linda. E gozei gostoso.

Kate

Saí da banheira, vesti meu roupão, enxuguei-me e vesti uma calça jeans, uma camiseta vermelha e tênis, peguei minha mochila xadrez e fui às compras. Precisava comprar meu material escolar. Saí do prédio direto para o metrô. Após algumas estações, desci na estação próxima da Avenida Madison, e fui sentido a 45 St para a loja Jack's World. É uma loja de departamentos que contém tudo: além de roupas, comida, ainda vende a um preço baixo todo o material escolar que preciso para o início das aulas. Entrei na loja, peguei uma cestinha e fui pegando canetas, réguas, lápis, borrachas, lapiseiras, bloquinhos de anotações, dentre outras coisas. Por último, peguei um fichário. Gastei cerca de US\$ 80 dólares em tudo. Assim que saísse a lista de livros, também precisaria comprá-los.

Na volta para casa, resolvi caminhar um pouco, antes de entrar no metrô. Fui em direção ao *Central Park* e caminhei por lá até escurecer. Passava das 19 horas quando entrei em casa. Minha mãe estava com um homem em nosso sofá.

– Boa noite. – Falei, já passando pela sala e entrando em meu quarto, trancando a porta. Joguei a mochila sobre a cama e derramei todo o conteúdo. Separei o que precisaria para o primeiro dia de aula, e separei também meu uniforme. Na segunda-feira as aulas começariam e estava ansiosa em rever meus amigos do ano passado.

Depois de tudo organizado, troquei de roupa, vesti meu pijama e me deitei. Fiquei olhando para o teto, até sentir meu celular vibrar. A tela do celular piscava dizendo “Número desconhecido”.

– Alô! – Atendi.

– Kate?

– Nathan? Oh! Meu Deus, o que faz ligando para meu celular a essa hora?

– Eu estou em Londres agora, e sentindo falta de alguém para dormir em meus braços esta noite.

– Entendo. Mas, você pode encontrar uma companhia aí. E poderá passar a noite com ela. – Por que eu estava sendo tão ríspida com ele?

– Eu não quero outra, Kate, eu quero você. A pequena feiticeira de olhos azuis.

– Estou longe Nathan, estamos a milhares de quilômetros, e existe um oceano dividindo nossa distância.

– Eu sei. Por isso quero lhe propor algo.

– Estou ouvindo. – Pare Kate, ele vai acabar desligando, sua burra. Minha consciência falava. – Desculpe.

– Tudo bem. Acho que você não teve um bom dia.

– Realmente não tive. Perdoe-me pela minha rispidez.

– O que acha de vir passar os próximos dois meses aqui comigo? – Ele estava falando sério? Seria um sonho conhecer Londres, e passar dois meses ao lado dele. Pena que eu tenho obrigações

com minha escola. Que droga!

– Eu adoraria Nathan, mas não posso. Minhas aulas iniciam na segunda.

– Que aulas? Você ainda estuda? – Merda! Falei besteira. E agora?

– Sim, estudo ainda. Estou no primeiro semestre da faculdade.

– Que legal, e em que curso está? – Ah, meu Deus! Agora tenho que mentir mais. Odeio ter que mentir.

– Estou cursando Medicina. Quero ser médica.

– Bom! Fico muito feliz por você.

– Obrigada!

– Tudo bem. Eu adoraria ter você aqui comigo. Mas, já que você tem obrigações com a faculdade, não pretendo te atrapalhar.

– Desculpe por não poder ir. Eu adoraria mesmo. Podemos nos ver quando você voltar. Será maravilhoso poder te ver novamente. – O que eu estava falando agora? Estou doida.

– Será um prazer. Tudo bem, assim que eu voltar, ligo para que possamos nos encontrar. Agora preciso desligar. Preciso dormir. Aqui já passa da meia noite.

– Ok. Boa noite Nathan. Durma bem.

– Obrigado, gatinha. Durma bem também. – E desligou. Minha mão foi ao meu coração. O que eu estou fazendo? Meu coração ficou acelerado por causa de uma ligação. E ainda mais uma ligação de um cliente.

Dias depois...

Meu primeiro dia de aula. A escola era antiga, os amigos os mesmos, mas a turma em que me colocaram era quase toda nova. Odiava não conhecer ninguém da nova turma. O colégio era bom e grande. Entrei na sala, joguei minha mochila embaixo da cadeira e sentei. Peguei meu caderno. Aula de Filosofia. Odeio Filosofia. Não entendo para quê temos que estudar isso. O professor, o senhor Johnson, era um amor. Cabelos grisalhos, 50 anos, um professor maravilhoso, mas mesmo assim, odeio essa matéria. Escrevi tudo o que ele passou na lousa. Ao meu lado havia uma moça de cabelos pretos e olhos azuis que deve ter minha idade. E outra à sua frente com o mesmo tom de cabelo.

– Olá! – Cumprimentei-a.

– Oi. – Ela sorriu timidamente. A da frente virou-se e percebi que eram irmãs.

– Vocês são irmãs? – Perguntei.

– Sim, gêmeas. Me chamo Alice e ela, Amanda. – A da frente falou, dando-me sua mão para apertar.

– Prazer, meninas. Meu nome é Katherine.

– O prazer é nosso. Você é a primeira dessa turma a conversar conosco. Devemos causar medo ou

repulsa nas pessoas. – Alice falou.

– Por que diz isso?

– Porque somos ricas demais. E talvez as pessoas achem que somos mesquinhas, ou nariz empinado. E decidem que não querem falar conosco.

– Entendo. Sei que são novas na escola porque não as vi aqui no ano passado.

– Sim, somos novas. Nosso primeiro e último ano aqui. – Amanda se pronunciou.

– Estudo aqui desde os 11 anos. Então estou rezando para me ver livre dessa escola. – Falei sorrindo e elas sorriram juntas.

– Senhorita Watson, diga-me: O que é existencialismo? – O professor Johnson adora me fazer essas perguntas difíceis.

– O existencialismo é uma doutrina filosófica segundo a qual procura compreender a relação do homem dentro do mundo, baseado no pressuposto que os homens são inteiramente livres, portanto inteiramente responsáveis pelo que fazem.

– Muito bem, senhorita Watson.

– Obrigada, professor. – Não sou a melhor aluna, e odeio Filosofia, mas procuro sempre saber a resposta, pois sei que ele irá me perguntar. Pegou no meu pé desde o 1º ano.

Olhei para Amanda. – Não se preocupe, ele não é sempre tão chato assim. Só quando quer. – Ela deu uma risadinha.

– Espero não participar da aula quando ele estiver chato, e cheio de perguntas. – Disse Alice, olhando para o professor.

– Não se preocupe, ele já tem alguém para pegar no pé. E esse alguém sou eu. Ele sabe que odeio Filosofia, por isso me enche com essas perguntas idiotas. – Falei sorrindo. O sinal do intervalo soou alto. – Hora do intervalo. – Falei, levantando – Vocês vão? – Perguntei para elas e Alice levantou.

– Vamos sim. – Falou sorrindo, enquanto puxava Amanda.

– Vamos comer. – Nos dirigimos ao refeitório. Pegamos nossa comida e sentamos. – Não se preocupem, essa escola é assim mesmo. Enquanto vocês forem desconhecidas, eles as tratarão dessa forma. Mas nada que não possamos resolver, não é? – Falei sorrindo.

– Obrigada, Katherine.

– De nada. – Pisquei para elas.

Capítulo 7

Kate

O intervalo terminou, e voltamos para a sala. A aula de Biologia é a melhor. A professora Joana

explica maravilhosamente bem, e estou na mesma turma dela há três anos.

– Olá, turma! Joana falou sorrindo. Ela tinha cerca de 40 anos, cabelos escuros e grandes olhos verdes.

– Meninas, apresento-lhes a professora Joana. Ela é maravilhosa na explicação. Vocês irão adorar. – Falei para as gêmeas.

– Espero que sim, pois não sou fã de Biologia.

– Ah! Não se preocupe, eu ajudo você, Alice. – Falei sorrindo.

Elas mudaram de cadeira. Agora sentava uma de cada lado, Alice do meu lado esquerdo, e Amanda do lado direito.

– Senhorita Alice King, poderia prestar a devida atenção aqui, por favor? – A professora falou, apontando para a lousa que estava cheia de coisas para serem copiadas em nosso caderno. Eu arregalei os olhos. King? Seria ela da mesma família de Nathan King? Alice virou e sorriu para a professora. Virei-me para a Amanda.

– Amanda, você e Alice são da família King? Das Indústrias King? – Amanda me olhou sorrindo.

– Sim, somos filhas de Joseph King. – Santo Deus! – O que foi Katherine? Você ficou branca como um papel, está passando mal?

– Não é nada, Amanda, eu só tive uma vertigem passageira. Tenho labirintite desde pequena.

– Entendo, minha mãe também tem. – Amanda comentou. Sorri sem graça. Então voltei toda minha atenção para a aula de Biologia. Ao final da aula, peguei minha mochila e saí apressada. Não dei tchau para nenhuma das duas. Precisava pensar.

Passei em frente ao banco que ficava ao lado do colégio, e resolvi abrir minha conta e depositar cheque do Nathan. Meu celular vibrou e havia uma mensagem.

Bom dia princesa, estou com saudades. Este é meu número, quando desejar me ligar, sintase à vontade.

Com amor, N.

Oh merda, sério? Nathan King me enviando SMS a esta hora da manhã? Guardei meu celular no bolso da calça do uniforme e entrei no banco.

– Bom dia, ou seria boa tarde. – Falei sorrindo para um rapaz que se encontrava na entrada na mesa de abertura de contas.

– Bom dia, senhorita.

– Estou querendo abrir uma conta.

– Você só precisa de sua Identidade e seu Social Security. Se acaso estiver com algum comprovante de residência facilitaria também, mas nada que te impeça de abrir se não tiver.

– Sim, estou com tudo isso. – Sorri.

– Então pode sentar-se e vamos abrir sua conta. Que tipo de conta gostaria? Ah! E esqueci de lhe avisar, você necessita depositar o valor mínimo de cem dólares.

– Tudo bem, eu tenho um cheque já para depositar.

– Certo. Por favor, dê-me seus documentos. – Entreguei os documentos para o rapaz, e fiquei aguardando-o fazer o cadastro no sistema do banco. Menos de 10 minutos depois, ele estava sorrindo e recebendo o cheque de vinte mil dólares que eu depositaria em minha conta. – Que quantia maravilhosa, hein?

– Sim, é. Ganhei de aniversário de um amigo do meu pai. – Uma mentirinha básica. Sorri.

– Tudo bem, sua conta já está aberta. Se puder aguardar uns 30 minutos, já trago seu cartão novo, e o mesmo será para débito e crédito. – Assenti. Olhei para o relógio. Eu chegaria mais que atrasada em casa, e dentro de alguns minutos minha mãe me chamaria no celular.

Nathan

Londres estava sendo um tédio. Não consegui trazer Kate para perto de mim, pois ela precisava estudar, e eu jamais atrapalharia seus estudos.

Hoje tenho dois contratos de empresas falidas para revisar e comprar, e uma nova empresa para visitar e conversar com o dono. Sentei no mini escritório do meu quarto de hotel, e comecei a leitura de um dos contratos. Trinta minutos mais tarde terminei o contrato, peguei meu casaco e resolvi passear. O fim de tarde em Londres estava chegando e uma caminhada me faria bem. Estou hospedado na suíte presidencial do Intercontinental London Westminster, que fica situado bem no centro de Londres. É um hotel maravilhoso, com serviços de quarto muito bons.

Saindo do hotel, comecei a caminhar pelas ruas, e enviei uma mensagem para Kate, mas ela não me respondeu. Talvez não tenha lido ainda, ou simplesmente tenha me ignorado. Meu celular apitou, e havia uma mensagem. Ao abrir, fiquei decepcionado que não fosse ela. Era do banco, avisando que um cheque de vinte mil dólares havia sido sacado. Kate sacou o cheque que lhe dei. Finalmente. Pensei que não fosse fazer nada com o dinheiro.

Escrevi-lhe uma mensagem:

Fico muito feliz que resolveu usar o dinheiro que lhe dei de presente em algo.

Com amor, N.

A resposta veio logo em seguida:

Sim, acabei de abrir uma conta no banco e o deposei. Como você sabe que acabei de usá-lo?

Respondi-a:

Acabei de receber uma mensagem do meu banco avisando que foram sacados vinte mil dólares, e a única pessoa para quem repassei essa quantia foi você, então não foi difícil deduzir que você utilizou.

A resposta não veio; Será que ela ficou chateada?

Kate

– Mãe, eu sei que estou atrasada e já estou chegando. Por Deus, pare de ser tão controladora. Odeio isso. Já estou na esquina de casa. – Falei e desliguei o telefone. Nathan havia enviado outra mensagem e não tive tempo de ler, porque minha mãe começou a me ligar. Pronto, agora estava feito, a conta estava aberta, e eu poderia sumir. Sumir com apenas vinte mil é muito pouco, considerando a cidade onde moro, e não tendo 18 anos completos.

Assim que entrei em casa, minha mãe soltou os cachorros em mim:

– Por onde esteve, mocinha? – Ela perguntava batendo o pé e com as mãos na cintura.

– Fiquei até um pouco mais tarde na escola, trabalho de Biologia, mãe.

– Não minta para mim, você é péssima mentindo, Katherine. Por onde esteve?

– Está bem, está bem. Eu fui andar mãe, fui passear, eu precisava. Pronto? Satisfeita? – respondi passando por ela, indo para meu quarto.

– Você tem cliente marcado para as 17h de hoje. – Ela falou da porta do meu quarto. Joguei a mochila sobre a cama.

– Não vou atender ninguém hoje.

– Já está marcado o horário e não posso desmarcar. – Olhei-a como se fosse matá-la, e minha vontade talvez fosse essa.

– Está bem. Vou atender esse tal cliente. – Falei, e ela se retirou – Será o último também. Nunca mais quero que ninguém toque em meu corpo. Já me basta o nojo que senti depois de ser tocada pelo Thomas. Por mais lindo que ele fosse eu não queria aquilo, não queria me sentir como uma vadia qualquer. Eu quero viver e sentir minha fase adolescente. Infelizmente com a mãe que tenho, não vivi minha infância perfeita sem umas boas surras, por estar a espiando com os homens que ela atendia. Sempre fui curiosa.

Agora preciso arrumar um trabalho urgente, de qualquer coisa, menos de acompanhante. Não quero dormir com um e com outro. Não nasci para isso.

Tranquei a porta do quarto, liguei o som do meu quarto e a música da Beyoncé ecoou pelo quarto, Baby Boy. Comecei a dançar.

Nathan me veio à mente, passando sua mão em meu corpo, beijando-me, como se estivesse ali comigo. Meus olhos estavam fechados, e estava dançando comigo mesma. Meu corpo ficou suado, minha garganta ficou seca, e eu podia ouvir os meus gemidos e os dele, como se eu estivesse lá naquela noite, novamente. Nossos corpos se chocando, fazendo-me ver estrelas.

Capítulo 8

Kate

Após minha sessão de nostalgia por alguém que jamais poderei ter, entrei no banheiro para um banho, me vesti com uma saia de cintura alta preta, e uma camisa branca. Sai do quarto e fui à cozinha procurar algo para comer. Preparei algo rápido, pão com pasta de amendoim, e comi, acompanhado de um copo de leite. Voltei para o quarto e escovei os dentes, preparei minha mini bolsa com camisinhas, gel, e coisas para higiene pessoal. Esse seria o último. Minha mãe me deu o endereço do hotel sem falar nada. Calcei os saltos e saí de casa, entrando no táxi e entregando ao taxista o papel para chegar ao bendito hotel. Dez minutos mais tarde eu estava na porta da suíte do Hotel Plaza. Dei as costas para a porta da suíte, pensando seriamente em desistir, mas o que eu diria para minha mãe quando chegasse a casa?

Ok, eu tinha que ser forte, esse seria o último. Bati na porta e ela se abriu quase que imediatamente. Era um homem de cerca de 50 anos, cabelos grisalhos e olhos incrivelmente azuis, iguais aos meus.

– Boa tarde. – Cumprimentei-o.

– Boa tarde senhorita, queira entrar, por favor. – Ele falou sorrindo e entrei. – Gostaria de algo para beber?

– Não, obrigada. – Respondi quase que imediatamente.

– Tudo bem.

– Então vamos ser bem diretos. O que faremos? Digo, o que deseja fazer? – Falei rapidamente, enquanto ele me olhava.

– Não faremos nada. Só quero conversar.

– Poderia ter ido a um psicólogo se só queria conversar.

– A sessão com um psicólogo é muito mais cara que uma ou duas horas com você, e você é muito linda, então tenho duas grandes razões para preferir você, a um psicólogo.

– Entendo.

– Sente-se. – Ele sorriu apontando uma poltrona. Andei até lá e sentei-me. – Quantos anos tem Kate?

– Você não viu no site?

– Oh! Desculpe-me, não vi.

– Tenho 24 anos.

– Que bom. – Ele sorriu. – Sei que pode parecer incomum um homem da minha idade contratar uma acompanhante, mas eu precisava conversar, e minha mulher não seria a melhor pessoa. Então, por que não uma acompanhante com quem posso compartilhar meus problemas?

– Entendo. – Falei com meio sorriso. Ok! Ele não queria sexo, menos mal, mas agora ficar ouvindo as baboseiras de um velho era demais né! – Desculpe a pergunta, mas quantos anos tem?

– Tenho 48 anos Kate. Sou velho o bastante para ser seu pai.

– Eu não tenho pai. – Falei curta e grossa.

– Não? Ele morreu?

– Nunca o conheci. Então simplesmente para mim ele não existe.

– Interessante. Conheço sua mãe há alguns anos, mas jamais saí com ela.

– Legal. – falei sem graça, por ele tocar nesse assunto. – Mas então o que gostaria de conversar, sobre o quê? Sabe que não temos muito tempo, certo?

– Não me importo com o tempo, e posso pagar quanto você pedir. Independente do valor.

– Oh! Ok. – Apenas sorri.

– Então, como estava dizendo, conheci sua mãe há anos atrás, ou melhor, meu irmão conheceu. E eles tiveram um pequeno caso. Eu liguei mais cedo para falar diretamente com você antes de marcar um encontro, mas sua mãe disse que você só sai de casa com o encontro marcado, por isso precisei agendá-lo.

– Sim, isso é verdade, só saio de casa se já estiver tudo certo para o programa.

– Entendo isso perfeitamente. Voltando à nossa conversa, meu irmão era apaixonado por sua mãe, e ela simplesmente fingiu que não sabia. Ele gastava todo o dinheiro que tinha com aquela prostituta filha da mãe. Desculpe.

– Tudo bem. – Sussurrei, já percebendo a irritação na voz do homem.

– Ele fez tudo por ela: deu-lhe joias, roupas caras, dormiram juntos por muito tempo, mas então ela simplesmente sumiu do mapa, e veja só, veio parar em Nova Iorque.

– Sim, viemos para cá quando eu tinha nove anos. E moramos aqui desde então.

– Por que resolveu entrar no mundo da prostituição, menina? O seu rosto não nega. Você tem menos que vinte e quatro anos, e se não me engano deve ter dezessete agora. – Eu fiquei branca, comecei a suar frio. Como ele sabia isso?

– Não precisa ficar assustada, jamais farei mal algum a você, mas sua mãe merecia uma boa surra. Agora me diga, por que entrou nesse mundo?

– Fui literalmente empurrada para dentro deste mundo. Desculpe, mas eu nem sei seu nome, você não me disse.

– Não precisa saber meu nome. Não agora. – Assenti.

Nathan

Ela não respondeu as minhas mensagens. Mais de um mês e meio sem conversar com ela. Kate deve ter ficado brava. Irei ligar assim que voltar ao hotel. Agora preciso entregar o contrato para o advogado e dizer que compre logo as duas empresas, e qualquer outra que esteja boa para comercialização. Quero voltar logo para Nova Iorque, e rever Kate o mais rápido possível. Como alguém pode virar a cabeça de outra dessa forma? Já fiquei com muitas mulheres em meus 31 anos de

vida, e aproveitei cada segundo com cada uma, mas nenhuma delas chamou tanto a atenção como o corpo de Kate chama. Ela não sai dos meus pensamentos, parece até que grudou lá dentro, e nem sequer me deixa trabalhar. A única coisa que necessito é me enterrar completamente dentro daquele corpo perfeito, e dizer o quanto quero que ela seja minha, e somente minha.

Por telefone conversei com meu advogado.

– Sr. Travis, compre a empresa dos Falls e dos Hattway. Estarei no aguardo para assinar a compra das mesmas. Tenho mais uma semana aqui em Londres, você consegue agilizar tudo isso dentro de uma semana? Estou cansado dessas negociações, preciso de férias.

– Claro senhor King.

– Ótimo, que isso esteja pronto até no máximo sexta-feira.

– Certo senhor King.

– Ok, obrigado. Preciso desligar. Até mais. – Logo volto para ver minha linda loira de olhos hipnotizantes. Não vejo a hora que essa semana passe voando e eu possa revê-la, porque meu corpo e minha mente só têm pedido por ela.

Kate

Desviar dos programas marcados por minha mãe não tem sido fácil. Tenho me mantido até tarde fora de casa, e só volto depois que ela está dormindo. Ela me chama pelo celular, mas procuro não atendê-la. Eu disse a mim mesma que aquele seria o último. Comecei a trabalhar de garçonne em uma cafeteria, ficava lá por 4 horas após a aula, entrando às 16h e saindo às 21h. Ganhava pouco, cerca de seiscentos dólares mensais. Encontrei uma boate legal, chamada Kiss Night Club onde trabalho à noite como garçonne, ou seja, fico muito ocupada, e assim não preciso conversar com minha mãe. Apesar da roupa para garçones do lugar não ser maravilhosa, era engraçada. Uso asas de borboletas e sutiã de oncinha com um shortinho jeans. Ao menos os homens do lugar não passam a mão em nós, afinal tem outras mulheres no local para eles fazerem isso. A boate fica na *409 W 13th St*, distante o suficiente de casa. Minha mãe jamais me encontraria aqui. A dona da boate me permitiu dançar quando eu desejasse, para fazer um pequeno show para os visitantes, todos os sábados.

Nathan mandava constantes mensagens, mas eu não quero voltar a vê-lo, só me trará problemas, ainda mais agora, que sou tão amiga de Amanda e Alice. Esta noite irei a um jantar na casa das duas, e não irei trabalhar. É sexta-feira e pedi folga, afinal também é meu aniversário. Cheguei cedo a casa e corri para o quarto. Minha mãe deveria estar com algum cliente em seu quarto, pois os gemidos davam para ser ouvidos de longe. Arrumei-me rapidamente, com um vestido até os joelhos estilo anos 80, preto com bolinhas em tons de bege. Calcei sapatilhas na cor bege para combinar com o vestido. Amarrei meu cabelo em um coque. Não queria parecer uma louca, mas eu sabia que a família King era rica, então não poderia aparecer lá de calça jeans e camiseta, apesar de me sentir bem mais à vontade nelas. Terminei de me vestir, peguei meu celular, dinheiro, meu cartão de crédito, e passei pela sala em silêncio. Saí do prédio, entrei no primeiro táxi e pedi que fosse em direção ao norte de Nova Iorque, onde estão localizadas as praias chiquérrimas e tradicionais de *Long Island*, conhecido também como o lugar das grandes mansões da cidade, os *Hamptons*.

Hoje estou completando dezoito anos, e posso ser considerada maior de idade. Agora sim, sou dona do meu nariz e posso sair do apartamento onde moro com minha mãe, e ir morar sozinha.

Nathan

Assinei todos os papéis necessários, e corri para pegar o avião às 11 da manhã de sexta-feira. Cheguei à Nova Iorque, por volta das 20 horas. A primeira ligação que fiz foi para o telefone de Kate, mas ela não atendeu. Chamou até cair na caixa postal. Ela deveria estar ocupada.

O meu motorista me aguardava na saída do aeroporto. Entrei no carro e fomos em direção à casa de meus pais. Quero fazer uma surpresa para eles. Faz alguns meses que não os vejo, e também as gêmeas mais lindas do mundo. O sorriso em meu rosto estava me deixando com cara de idiota. Quase uma hora depois o portão principal da mansão de meus pais abriu, o motorista parou em frente à porta, e eu desci do carro. Subi então os três degraus da entrada rapidamente, como se algo me chamasse para dentro. Meu coração estava pulando atrapalhado, sem nenhum motivo aparente. Abri a porta.

– Família, eu cheguei. – Gritei no hall de entrada. O mordomo Fred apareceu.

– Estão todos na sala de jantar, senhor Nathan.

– Obrigado, Fred. – Caminhei até a sala de jantar e entrei. – Boa noite, família. – Falei com um sorriso de orelha a orelha. Todos me olharam. Foi então que a vi. Kate Mills estava sentada na cadeira ao lado de Amanda e Alice. O que ela faz aqui?

– Filho, que visita maravilhosa! – Meu pai se levantou e veio me dar um abraço. As gêmeas levantaram e correram para também me abraçarem, mas meus olhos estavam nela.

– Bem vindo de volta. – Minha mãe falou sorrindo e dando-me um beijo no rosto.

– Nathan, venha. – Amanda me puxou para perto de Kate. – Quero que conheça minha melhor amiga, Katherine Watson. – Minha irmã falou sorrindo. Peguei a mão de Katherine e beijei.

– Muito prazer, senhorita Watson. – Ela estava branca como uma folha de papel.

Capítulo 9

Kate

Estávamos todos jantando, até o barulho de pneus de carro fazer com que todos voltassem à atenção para isso. Joseph King sorriu quando ouviu o grito de um homem. Amanda deu sua

gargalhada ao ver um homem parado na porta da sala de jantar, e eu fiquei branca. Meu coração por um instante parou de funcionar. Era Nathan parado ali, me olhando, me analisando. Deveria estar passando mil coisas em sua mente. O principal era o que eu fazia na casa da sua família. Até Amanda se precipitar e me apresentar para ele. Eu fiquei sem ação quando ele segurou em minha mão e beijou. Olhei em seus olhos, e havia neles uma mistura de divertimento e outra coisa que não consegui decifrar.

– O prazer é meu! – Falei quase que num sussurro.

– Família, posso sentar para jantar com vocês? – Ele falou sorrindo para sua mãe e seu pai.

– Claro filho, pedirei que coloquem mais um prato na mesa. – A mãe comentou e saiu voltando com duas empregadas que rapidamente prepararam o lugar onde Nathan sentaria. Bem à minha frente, ao lado de sua irmã Alice que estava na cadeira à frente de Amanda.

– Onde vocês conheceram a senhorita Watson, meninas? – Ele perguntou.

– No colégio. – Alice falou sorrindo.

– No colégio. – Vi-o arquear uma sobrancelha e me olhar. – Onde estão estudando atualmente, meninas? Eu não lembro.

– Na escola Collegiatte. Como você é esquecido, Nathan! – Amanda falou, enquanto dava outra garfada na sua salada.

– Ah! Sim, verdade. Agora me lembro de papai comentar que as colocaria lá, por ser uma escola tradicional e muito boa.

– Estudamos na mesma sala. – Amanda comentou e a belisquei por baixo da mesa. Ela sorriu.

– Sério? – Ele agora estava sério. – Se não me engano vocês estão no 3º ano do colegial, não é?

– Sim. – Amanda e Alice responderam ao mesmo tempo. Ok, agora eu estava completamente ferrada.

– Com licença. – Coloquei o guardanapo sobre a mesa e me retirei dali, precisava encontrar um banheiro para esfriar minha cabeça. Entrei no corredor mais próximo. Ao abrir a porta, meu braço foi puxado.

– Senhorita Watson, está fugindo de mim? – Nathan perguntou, olhando em meus olhos.

– Não. – Respondi rapidamente. – Estou apenas procurando um toalete.

– Dá no mesmo. Está fugindo. – Ele me colocou para dentro do banheiro e trancou a porta. Jogou-me na parede, enquanto sua boca grudava na minha. Minhas mãos foram involuntariamente aos seus cabelos. As mãos dele já estavam levantando minha saia, e eu podia sentir seu pau duro como uma pedra dentro da sua calça. – Kate... – Ele sussurrou entre o beijo.

– Meu nome não é Kate... – falei, atraindo sua boca cada vez mais para perto da minha.

– Por que não atendeu meus telefonemas, e não respondeu minhas mensagens? – Ele falou olhando em meus olhos, segurando meu rosto em suas mãos.

– Não tinha por que atender ou retornar as mensagens Nathan, e você sabe por quê. – Puxei-o

para um novo beijo. Ele subiu meu vestido e encontrou minha calcinha. Em um único puxão ela estava em pedaços e no chão. Ele abriu o cinto de sua calça e abaixou-a, sua cueca indo junto. Colocou a camisinha, levantou minha perna, e veio para dentro de mim com uma única estocada eu arfei e gemi alto, mas seu beijo abafou o gemido.

– Oh! Por Deus, Katherine, eu enlouqueci longe de você. – Suas estocadas eram profundas e iam até meu útero. Segurando em minha bunda ele levantou-me, minhas pernas agarraram sua cintura e ele me pôs sobre o balcão da pia. Beijando meu pescoço e tentando chegar a meus seios, ele abriu o zíper do meu vestido e tirou a parte de cima, deixando a mostra meu sutiã. Livrou-se dele rapidamente e meus seios já estavam em suas mãos e em sua boca. Ele sugou meu mamilo esquerdo enquanto estocava para dentro cada vez mais duro. Minhas mãos seguravam em seus cabelos, puxando-os.

– Nathan... – Gemi involuntariamente.

– Katherine – Ele sussurrou em meu ouvido, beijando meu pescoço, bagunçando meu cabelo, a cada estocada eu me sentia mais feliz, pois ele havia voltado, mas eu sabia que quando aquele fogo acabasse eu teria que me explicar. Ele sorriu. – Vai se explicar para mim depois. – Sussurrou em meu ouvido e eu não respondi.

Suas estocadas estavam cada vez mais fortes, e meus gemidos aumentaram. Uma batida na porta chamou nossa atenção.

– Katherine, você está bem? – Era Alice, já conseguia distinguir as gêmeas. Tapei a boca de Nathan.

– Sim, já estou saindo. – Nathan me olhava com um olhar travesso nos olhos.

– Ok, estarei aguardando você na sala de estar.

– Ok. Obrigada! – Falei e Nathan entrou em mim novamente, e um gemido escapou. – Nathan, não podemos continuar. – Sussurrei.

– Sim, podemos. – Ele calou-me com um beijo. Sua boca me fez parar de pensar, suas mãos apertavam fortemente meus quadris para levá-lo ao encontro do seu pau. Eu ia gozar ali mesmo, sobre o balcão da pia da família King. Um completo desrespeito, eu sei, mas, puta que pariu, eu não podia me controlar. Ele segurou em meu rosto, sua testa estava encostada na minha, seus olhos nos meus, e suas estocadas cada vez mais fundas. Eu ia gritar porque eu estava muito perto, muito mesmo.

– Nathan, eu vou gozar.

– Eu sei, eu também irei. – Ele sorriu, e eu tremi, sua boca tomou conta da minha para evitar meu grito que ficou abafado ali entre nós. Nosso corpo se chocou mais uma e outra vez e eu o senti encher a camisinha dentro de mim. Seu pau pulsava e minha boceta apertava-o diante do orgasmo, e minha respiração estava descompassada. Ele saiu de dentro de mim, tirou a camisinha, jogou no vaso sanitário, deu a descarga e me ajudou a descer do balcão da pia. Arrumei meu vestido e ele ajudou-me com o zíper, vi-o limpar-se rapidamente, se vestir e fechar o cinto. – Conversamos mais tarde. – Ele falou e saiu do banheiro.

Olhei-me no espelho. Meus cabelos estavam bagunçados, meu batom havia saído completamente, e eu estava corada, com cara de recém fodida. Se eu saísse assim, com certeza os pais dele me

odiariam, e as meninas ficariam chateadas. Tentei ao máximo arrumar meu cabelo como estava antes. Respirei fundo várias vezes para me acalmar, mas minhas pernas ainda estavam bambas. Ainda bem que estou de sapatilhas, se não, eu não conseguiria andar de salto. Olhei-me novamente no espelho. Ok! Hora de ir e enfrentar o que vier pela frente. Saí do banheiro e fui em direção à sala de jantar. As luzes estavam apagadas.

– Amanda? Alice? – Chamei-as. – Senhor e senhora King?

– Surpresaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!! – Amanda gritou e as luzes se acenderam. A sala estava toda enfeitada com balões, um bolo com uma vela de dezoito anos estava na mesa de centro da grande sala. – Feliz aniversário, amiga. – Amanda abraçou-me e me entregou uma caixa embrulhada. Meus olhos encheram-se de lágrimas.

– Feliz aniversário, filha. – Joseph sorriu e abraçou-me, dando-me um beijo em meu rosto, e me entregou uma caixinha de veludo rosa. – Abra. – Ele falou, e eu abri. Era um lindo colar com meu nome gravado “Katherine” em ouro. No fundo da caixinha dizia ser da Tiffany & Co.

– É lindo, senhor King. Não precisava.

– É um simples presente para ti, que trouxe alegria para minhas lindas filhas, e você foi a única a querer amizade com elas, em seus primeiros dias de aula. – Uma lágrima fugiu por meu rosto.

– Feliz aniversário, amiga. – Alice sorriu e limpou minha lágrima, entregou-me uma caixa maior. – Espero que goste. Coloquei sobre o sofá e abri a caixa branca com laço vermelho. Um lindo vestido Prada rosa estava dentro.

– Oh! Alice, obrigada. – Abracei-a.

– E o meu não vai abrir? – Amanda perguntou, rindo.

– Claro! – Ri e abri a caixa que ela havia me dado. Era um sapato rosa de salto Christian Louboutin. – Oh! Meu Deus, Amanda, não precisava. – Abracei-a novamente. Nathan estava no canto da sala com um copo na mão. A senhora Ana King aproximou-se.

– Feliz aniversário, pequena. Espero que possa ter muitos anos de vida, e que sejam abençoados. E que possa ir à Universidade com minhas filhas muito em breve. – Ela sorria ao me entregar um envelope. – Eu sorri.

– Muito obrigada, senhora King.

– Eu que lhe agradeço, pequena. Venha Nathan, desejar feliz aniversário a Katherine. – Nathan aproximou-se.

– Feliz aniversário, senhorita Watson. – Ele falou, sussurrando em meu ouvido. – Dezoito anos, hein? Mais uma mentira, ou a nossa primeira noite foi toda uma mentira? – Eu me afastei como se houvesse me queimado.

– Eu não sei o que dizer, só tenho a agradecer pelos presentes. – Sorri.

Nathan se afastou e saiu da sala.

Capítulo 10

Nathan

O que eu poderia dizer? Estava mais confuso e perdido do que uma barata depois de sentir o cheiro do inseticida. Eu havia acabado de transar com Kate no banheiro, e foi a foda mais bem dada que eu já dei dentro de um banheiro. Mas ao entrar na sala, vejo um bolo de aniversário com o nome dela e uma vela que indicava 18 anos? Tudo bem que ela tenha mentido, dizendo que estava na faculdade, em vez de estar no colegial. Eu até entendo isso, mas me dizer que era maior de idade, sendo ela menor quando ficamos a primeira vez... Isso me deixou muito irritado.

Fiquei bravo e com razão. Se acontecesse algo com ela naquela noite, eu seria responsabilizado. Se me pegassem com ela, eu teria sido preso por sedução de menor. Meus pais deram-lhe presentes, e minhas irmãs também. Ela havia conquistado a todos. Pergunto-me: com qual intenção ela veio a entrar na família? Será que ela sabia que as gêmeas eram minhas irmãs, e por isso resolveu se tornar amiga das duas, ou será que tudo não passou de uma coincidência do destino? Não sei como explicar a confusão que está na minha cabeça.

Quando ela apareceu na sala, ainda corada pela foda que demos no banheiro, meu pau pulsou, querendo-a novamente. Fiquei no canto da sala, vendo-a ganhar seus presentes. Ao me aproximar para lhe dar os parabéns, percebi que ela me olhava assustada, e se afastou como se eu a houvesse queimado. Saí de lá porque o ambiente começava a ficar carregado, e o álcool começava a fazer efeito em minha cabeça. Subi para meu antigo quarto e sentei na cama, ainda com o meu copo de uísque na mão. Tirei a gravata, o terno e os sapatos, e fiquei ali, pensando na confusão que eu havia me metido. Eu havia me apaixonado por uma garota de programa, que agora fazia parte da minha família, como amiga íntima das minhas duas irmãs. O pior é que eu a verei sempre por aqui, e não poderei tocá-la.

Uma batida na porta me tirou de meus pensamentos.

– Nathan... – Era a voz de Alice.

– Entre. – Ela abriu a porta e sua cabeça apareceu.

– Vim deixar seu pedaço de bolo. A Katherine já está indo embora, não vai se despedir? – Minha linda irmã perguntou, sorrindo enquanto colocava a fatia de bolo em cima do criado mudo ao lado da cama.

– Vou... Já desço. – Falei e ela saiu, fechando a porta. Entrei no chuveiro e tomei uma ducha rápida. Vesti uma calça jeans, tênis e uma camisa azul escuro. Desci as escadas e todos ainda estavam na sala. – Soube que já está indo, senhorita Watson.

– Sim, está ficando tarde e preciso ir para casa. – Ouvi-a falar, um tanto sem graça.

– Posso deixá-la em casa, se desejar. – Falei arqueando uma sobrancelha, e a vi ficar pálida.

– Não, obrigada, o meu táxi já deve estar chegando. – Eu assenti. No mesmo momento Fred entrou na sala.

– Senhorita Watson, seu táxi chegou.

– Não falei? – Ela disse sorrindo. Levantou do sofá e pegou sua bolsa e uma sacola com os presentes ganhos. – Senhor e senhora King, eu agradeço por tudo que fizeram por mim. Estava tudo maravilhoso. E meninas, muito obrigada pelos presentes. Eu não sei como agradecer. Vemo-nos na segunda-feira na aula. – Ela falava, despedindo-se com abraços e beijos. – Obrigada, Fred, por me avisar.

– Minha oferta ainda esta de pé.

– Novamente obrigada, mas não posso aceitar. – Ela acenou, dando tchau para todos, e saiu com Fred, rumo à porta da casa.

– Pode deixar que eu assumo a partir daqui, Fred. – Falei enquanto segurava no braço dela. Fred saiu, deixando-nos a sós.

– Está louco? – Ela perguntou.

– Por que estaria?

– Alguém pode nos ver, e tirar conclusões erradas.

– Não mais erradas do que as conclusões que eu já tirei em minha cabeça. O que pensa que está fazendo, Kate?

– Eu não estou entendendo.

– Sobre tudo isso, você na casa dos meus pais, com minhas irmãs.

– Você ouviu o que elas disseram, estudamos juntas, na mesma sala. É algo natural amigas de classe visitarem as outras.

– Não quando as amigas são irmãs do cara que você transou há alguns meses. – Olhei-a nos olhos.

– Acredite no que quiser, eu não devo satisfações a você. – Ela tentou se desvencilhar e quase caiu, se eu não a tivesse segurado. – Por favor, me solte, preciso ir embora. Meu táxi custará caro.

– Não se preocupe, eu pago.

– Não quero seu dinheiro. – Ela falou.

– Agora você não quer, mas há alguns meses, você queria.

– Por Deus, Nathan! Eu só quero ir para minha casa e descansar. Por favor! – Dei-lhe um beijo na boca, e ela respondeu, quase que prontamente. Soltei-a, e a vi descer os três degraus e entrar no táxi, sem olhar para trás. Minha cabeça estava a mil, pensando em mil e uma possibilidades.

Kate

Meu coração estava quase saindo pela boca. Nathan havia me beijado ali, na porta de sua casa, correndo o risco de seus pais nos verem, ou mesmo suas irmãs. Entrei no táxi e passei o endereço da minha casa. Uma hora depois, eu estava em frente ao edifício onde moro com minha mãe. Odeio esse apartamento. Odeio esse lugar.

Subi, tirei as sapatilhas e entrei devagar em casa, para que minha mãe não me visse. Passei pela sala de estar, entrando no corredor dos quartos, e corri para meu quarto, trancando a porta rapidamente. Assim que fechei, escorei-me na porta e respirei fundo. Fechei os olhos, pensando no beijo de Nathan e na loucura que havíamos feito no banheiro. Coloquei a sacola em cima da cama e comecei a tirar todos os presentes, e a guardá-los em meu armário.

Preciso me organizar, pois amanhã tenho que trabalhar na cafeteria, e depois vou para a boate, para servir mesas e dançar. Tomei um banho rápido e caí na cama. Dormi como uma pedra.

Acordei num sobressalto. O celular tocava descontroladamente. Procurei embaixo do meu travesseiro e ele não estava. Olhei para os lados e nada. Ele estava vibrando em algum lugar, mas onde? Coloquei a cabeça para ver embaixo da cama, e lá estava ele.

– Sim. – Atendi, sem olhar quem era.

– Bom dia!

– Bom dia, quem é? – Perguntei, pois não reconheci a voz.

– Não reconhece minha voz? – Puta que pariu, era o Nathan. O que ele queria agora? Olhei no relógio e passava das 10 horas. Pulei da cama.

– Oi de novo. O que deseja?

– Precisamos conversar. – Sua voz me fez estremecer e fechar os olhos por instinto.

– Não temos nada a conversar.

– Você precisa me explicar.

– Explicar o quê, Nathan? Eu sou uma acompanhante de luxo, não posso sair contando minha idade, minha vida, ao primeiro cliente que vejo por aí. Não é assim. Não funciona dessa maneira.

– Eu lhe disse quem eu era de verdade. Poderia ter mentido para você.

– Sim, poderia, mas não mentiu. – Falei ainda sonolenta.

– Por que não nos encontramos hoje à noite?

– Tenho que trabalhar. – Respondi.

– Vai sair com algum novo cliente? – Ele perguntou.

– Isso não é da sua conta, Nathan. – Entrei no banheiro e liguei o chuveiro. – Preciso desligar, tenho que me arrumar para o trabalho. Tenha um lindo dia, senhor King.

– Kate, se você desligar, vou atrás de você. E da próxima vez que a encontrar, vou bater tanto na sua bunda, que você vai implorar para que eu pare.

– Isso não me assusta, Nathan. – Respondi. Já havia passado por uma sessão de tortura com Thomas Reyes. Palmadas na bunda não seriam nada.

– Me aguarde, senhorita Watson, e verá. – Desliguei na cara dele. Tirei a camisola, entrei no chuveiro e fiz toda minha higiene matinal. Enxuguei-me, e preparei minha mochila com tudo o que ia usar, inclusive a roupa da boate. Saí correndo, passando pela cozinha, roubando duas maçãs e uma

banana, para comer enquanto ia para o trabalho. Cheguei meia hora atrasada.

– Está atrasada, Watson. – O gerente falou.

– Desculpe, perdi a hora.

– Será descontado, você sabe. – Ele me olhava como se fosse me comer.

– Eu sei. – Respondi rapidamente, vestindo o uniforme da cafeteria Bride's. Peguei o café e comecei a servi os clientes que estavam por ali. Às 16 horas saí de lá, largando o avental sobre a bancada. Jane, que era a outra garçonete, sorriu.

– Até segunda, Katherine. – Acenei dando tchau. Peguei minha mochila e saí. Entrei no metrô e fui para o meu outro trabalho. Hoje a noite seria cheia. Aos sábados o local lota. É tanta gente bonita, que fico de queixo caído com cada homem que vejo. Cheguei lá às 17 horas em ponto. James, o segurança, sorriu a me ver.

– Boa tarde, Watson. – Não sei porque ele não me chama pelo nome.

– Boa tarde, James!

– Chegou cedo. – Sorri.

– Sim, cheguei. Preciso fazer algumas coisas, antes que comece a loucura da multidão entrando e saindo por aqui. – Ele sorriu e abriu a porta para mim. Entrei e fui direto para o vestiário feminino, tomei um banho para tirar o suor do outro trabalho. Comecei a me produzir, passei maquiagem, coloquei o sutiã de oncinha, o short jeans e as asas, que faziam parte do traje das garçonetes dali. Assim ficaria mais fácil localizá-las. Sentei no sofá do vestiário e fechei os olhos por 2 minutos. Acordei com Andy me chamando.

– Kate, acorda.

– Hm... Quê? – Abri os olhos.

– Já passa das 21h Kate, e a Jenna já está procurando por você.

– Oh, merda! – Pulei do sofá e calcei os saltos. – Faz tempo que ela deu minha falta?

– Não, só há alguns minutos. Perguntou se você já havia chegado. – Andy falou.

– E você, o que disse?

– Falei que você estava se arrumando.

– Obrigada, Andy. – Falei, dando um beijo em seu rosto. Saí do vestiário e fui para o bar. – Olá Ben, muitas mesas esta noite? – Perguntei para o barman.

– Sim, e como! Hoje temos uma despedida de solteira. Estimamos cerca de 2 mil pessoas na casa esta noite.

– Nossa! – Sorri, pegando minha bandeja. Ele colocou duas vodcas com gelo na bandeja.

– Mesa dois. – E lá fui eu para a mesa dois.

– Boa noite! – Cumprimentei os dois rapazes da mesa e eles sorriram.

– Obrigado! – Agradeceram e eu me retirei, voltando para o bar.

– E aí Kate, vai se apresentar hoje? – Ben perguntou.

– Não sei, você acha que a Jenna sentirá minha falta se eu não dançar?

– Sim, ela vai. Sabe que toda vez que você dança, os homens vão à loucura, porque não podem lhe tocar. E isso só traz mais dinheiro para a casa.

– Imagine se eu dançasse bem. – Falei rindo, enquanto saía com mais uma bandeja cheia, para entregar nas mesas indicadas por Ben. E foi assim até às 23h45, servindo diversas mesas. A casa estava lotada, e várias meninas já haviam dançado. Eu sempre dançava a meia noite em ponto. Deixei a bandeja no bar e pisquei para o Ben. – Chegou a minha hora.

– Vai lá e arrasa. – Ele falou, enquanto me entregava um copo de tequila para esquentar o corpo e criar coragem de subir ao palco. Fui ao vestiário, troquei de roupa, tirei o jeans, o sutiã e troquei por um vestido rosa de veludo curto com paetês em prata. Troquei de sandália, colocando uma prata para combinar com o vestido. Saí do vestiário e entrei no palco. As luzes do palco estavam apagadas. Fiquei de costas para a plateia, o DJ anunciou meu nome como Kate Mills. A batida da música *Baby Boy* da *Beyoncé* com o Sean Paul começou, e a iluminação piscou em cima de mim. O público começou a gritar. Virei-me e comecei a dançar sensualmente, misturando passos de dança do ventre com outros. O flash de luz bateu na plateia e vi Nathan ali, parado, de braços cruzados. Continuei a dançar interpretando a música. O dançarino Paul, que sempre me acompanhava, entrou em cena. Passei a mão por seu pescoço, ao mesmo tempo em que minha perna se prendia em seu quadril. Rebolei roçando-me nele, que segurou em minha cintura e eu pendi para trás. Voltei a ficar de pé e virei-me de costas para ele. Comecei a me esfregar nele, rebolando. Paul passava a mão pela lateral do meu corpo e eu rebolava. Mordi o lábio quando ele beijou em minha nuca suada. Olhei para a plateia e todos iam à loucura. Nathan ainda estava lá, me observando no mesmo lugar. Como ele havia descoberto que eu trabalhava ali? Fiquei de quatro e rastejei pelo chão, até a ponta do palco. Os homens gritavam: linda, gostosa, princesa, e vários outros adjetivos. Levantei e Paul veio até mim, rastejando. Coloquei a sandália em seu ombro e rebolei, depois o chutei e ele caiu no chão, fazendo gesto de calor com as mãos, abanando-se. Outra música da *Beyoncé* começou a tocar, *Naughty Girl*, e plateia vai à loucura, gritando. Desci do palco com a ajuda de Paul, que sumiu de minhas vistas, e foi dançar com uma mulher. A multidão abriu caminho e o canhão de luz acompanhava meus passos. O DJ falava algumas palavras que eu já não entendia, pois meu foco era em Nathan, que estava de braços cruzados. Andei até ele, dançando sensualmente em cima de meus saltos. O vestido que eu vestia era muito curto, e por baixo eu tinha um shortinho que grudava na pele, da mesma cor do vestido. Cheguei perto dele bem no momento em que a música dizia:

“Vamos agitar essa festa, eu sei que você deseja meu corpo, essa noite eu serei sua garota safada, eu vejo você me olhar de cima a baixo.” – Cantei com a música. – *“Estou me sentindo um pouco indecente.”* – Nathan me olhou e me deu um sorriso safado. E começou a passar a mão em meu corpo, dançando comigo.

– Eu adoro amar você, baby. – Falei em seu ouvido, enquanto passava meu corpo no seu, e suas mãos se perdiam no meu. – Venha comigo para casa. – Sorri e me afastei, andando de volta até o palco.

Assim que a música acabou e todos começaram a aplaudir, subi novamente no palco e me

despedi, procurando por ele, que não estava mais lá.

Dei as costas para plateia e saí do palco.

Capítulo 11

Nathan

Desde que Kate foi embora noite passada, minha cabeça tem trabalhado a mil, para saber e entender o que estava acontecendo comigo, meus sentimentos em relação a ela... Nunca uma mulher em toda a minha vida, me deixou balançado dessa forma. Deixou-me sem chão.

O meu sábado começou cheio. Levei as gêmeas para fazerem compras, depois voltei para casa, enviei uns e-mails de negócios, e à noite, por volta das 23h saí para visitar a Kiss Night Club, uma casa noturna que adquiri há cinco anos. Cheguei lá as 23h30, conversei com Jenna, minha gerente, e ela me contou que logo mais teria a dança da nova dançarina/garçonete da casa. Não permitíamos que tirasse a roupa, apenas fizessem um show básico. Peguei um uísque no bar com o Ben, e fiquei em frente ao palco para assistir de camarote a nova dançarina. Espero que a Jenna tenha escolhido bem, e que não seja feia. Estou precisando distrair minha cabeça, tirar a Kate dos meus pensamentos.

As luzes do palco foram apagadas. Vi um vulto andando até o meio do pequeno palco, e ficando de costas. A moça estava com um vestido, pelo o que pude perceber. Olhei para o DJ, que estava em sua cabine, e então ele anunciou o nome da dançarina. Me engasguei com o gole de uísque que havia acabado de tomar, e coloquei o copo sobre a bandeja de uma garçonete que passava por ali.

Então ela se virou, dançando o ritmo da música de Beyoncé, e vi novamente aqueles lindos olhos azuis me reconhecerem. Cruzei os braços e fiquei assistindo. Ela estava simplesmente linda, com aquele vestido rosa e aquela sandália prata altíssima. Paul entrou para dançar com ela, e tive vontade de ir lá e tirá-la dos braços dele, mas eu não podia, afinal ela estava fazendo o seu mini show, e tive que me controlar. Ela rebolou, grudando seu corpo ao de Paul. Engoli em seco e me segurei para não ir lá e dar um soco em Paul, por estar passando a mão nela.

Outra música da Beyoncé começou, e ela desceu do palco. A multidão que aplaudia e gritava, enlouquecida por Kate, deu espaço para que ela passasse rebolando. Ela veio em minha direção com um sorriso safado no rosto, cantando a música, e eu não pude deixar de sorrir. Entrei em seu jogo de sedução e dancei com ela, mesmo que minha vontade fosse arrancá-la dali e jogá-la sobre a mesa do escritório, e fodê-la com força. Kate rebolou e esfregou seu corpo no meu, e meu pau automaticamente subiu. Minhas mãos deslizaram por seu corpo, chegando a sua bunda, e a apertei.

A música estava acabando e ela já estava voltando para o palco, afastando-se de mim. Saí dali e chamei por Jenna.

– Jenna, peça para nova dançarina me encontrar no escritório, agora! – Falei sério e subi para o escritório.

Kate

Saí do palco rumo ao vestiário, e Jenna me interceptou. Imediatamente pensei que algo estava muito errado: será que ela brigaria comigo por ter descido do palco e dançado com outro homem, sem ser o Paul?

– Kate! – Jenna chamou e me virei.

– Sim.

– O dono da casa quer conversar com você em seu escritório, agora. – Ela falou com seu tom de autoridade.

– Oh! Jenna, me desculpe por ter descido do palco. Eu sei que fui impulsiva e não devo fazer isso. Por favor, me desculpe.

– Olhe, isso agora não é mais comigo, vá se resolver com o dono. Ele lhe aguarda no escritório. Você sabe chegar lá, pois é no mesmo lugar onde fiz sua entrevista para vir trabalhar aqui.

– Vou só trocar de roupa, tudo bem?

– Não, Kate! Ele quer ver você agora, e não vai esperar você trocar de roupa.

– Ok! Tudo bem, vou subir.

Passei por ela e subi as escadas que davam para o escritório. Cheguei em frente à porta que estava fechada, e respirei fundo. – Que ele não me demita, pois preciso deste trabalho.

Bati e entrei. Fechei a porta, e então olhei para o homem que estava de costas para a porta. Ele estava de braços cruzados, e parecia olhar o movimento da boate lá embaixo. A parede onde ficava a mesa do escritório era toda de vidro temperado. Quem estivesse ali, poderia ver o movimento do local, e quem esta lá embaixo só vê um espelho enorme, que fica pouco acima do bar. – O senhor queria me ver? Muito prazer, me chamo Kate Mills. – Falei, aproximando-me, e então ele se virou. Quase caí para trás. Puta que pariu, era o Nathan!

– Eu sei como se chama, Katherine Watson.

– Você é o dono da Kiss Night Club? – Perguntei, e vi-o olhar diretamente em meus olhos.

– Sim, comprei este local quando estava falindo, há cinco anos. – Enquanto falava, passou pela mesa e ficou em minha frente. Sua altura me deixava mesmo de cabeça erguida e com os saltos que eu usava, apenas alcançando o seu peito.

– Puta que pariu! – Falei baixinho, enquanto olhava para baixo.

– Olha o palavrão menina! – Ele falou.

– Desculpe. Mas o que deseja senhor? – Levantei a cabeça e olhei em seus olhos. Eu ainda estava toda suada, e queria muito um banho para tirar aquela roupa do meu corpo, e poder voltar ao trabalho. – Preciso voltar ao trabalho.

– Isso. – Nathan falou e segurou em minha cintura, ao mesmo tempo em que segurava em minha cabeça e trazia meu corpo junto ao dele, e sua boca para a minha, em um beijo ardente. Minhas mãos logo foram de encontro aos seus ombros. Suas mãos desceram, chegando a minha bunda, e ele

apertou com força, tirando-me do chão e abrindo minhas pernas. Agarrei em sua cintura com elas. Ele andou comigo em seu colo ainda nos beijando, e me sentou sobre a mesa do escritório.

Na boate começou a tocar *Lemon Ice – Stand By Me*. Nathan segurou-me em seu colo novamente e, com uma passada de mão, jogou tudo o que havia sobre a mesa no chão, me colocando novamente na mesa. Tirou meu shortinho minúsculo que estava por baixo do vestido e levou junto à calcinha.

– Eu estou suada, Nathan.

– Não me importo. – Ele sussurrou e beijou meu monte púbico. Subiu, me dando um beijo, e eu levantei para beijá-lo, agarrando-me a ele. A música tocava lá embaixo.

“*Oh stand by me, oh stand now – Fique comigo, fique agora / Whenever you’re in trouble won’t you stand by me – Enquanto tiveres problemas não terás, se estiveres comigo*” – Nathan cantou em meu ouvido enquanto beijava meu pescoço e o lambia. – Amo seu gosto. – Eu sorri e ele livrou-se facilmente do meu vestido.

– Você está com roupas demais. – Falei, o ajudando a tirar sua camisa. Ele me beijou e começou a abrir sua calça. O volume nela era perceptível, ele estava muito excitado. Olhei para seu pau assim que o vi livre, e o segurei na mão. Minha vontade era levá-lo à boca e sentir o gosto dele novamente, mas Nathan queria outra coisa. Me puxou para a beirada da mesa, posicionando a cabeça do seu pau em minha boceta e entrando devagar, enquanto sua boca estava sobre a minha em uma posse única. Percebi que ele não usava camisinha. Fugindo de seu beijo falei. – Nathan, a camisinha!

– Não precisa. – Ele falou, entrando em minha boceta, e esqueci qualquer coisa que tivesse na minha mente. Eu só queria fechar os olhos e senti-lo entrar e sair de dentro do meu corpo. As estocadas dele começaram lentas, mas foram rapidamente aumentando o ritmo e indo fundo em mim. Meus gemidos podiam ser escutados por todo o escritório.

Outra música começava, *The Pussycat Dolls – Buttons*. Suas estocadas eram fundas e eu gemia alto, mas então ele tirava todo seu pau de dentro de mim e não me deixava gozar. E reprimia meus gemidos com seus beijos.

– Nathan...

– Peça, diga-me o que quer...Eu te darei.

– Oh! Por favor, me deixe gozar. – sussurrei. Ele entrou fundo e eu perdi a consciência, quando o orgasmo chegou forte, me fazendo tremer e apertar seu pau dentro de mim. Minhas pernas tremeram. Ele estocou mais algumas vezes e tirou seu pau para gozar sobre minha barriga, me melando toda com sua porra, e se afastando.

– Não saia daí. – Disse e sumiu das minhas vistas. Continuei deitada sobre a mesa do escritório, fechei os olhos e pensei no que havia acabado de fazer. Eu estava louca por permitir o que estava acontecendo entre nós.

Nathan voltou já vestido e com uma toalha na mão. Passou por minha barriga, limpando-a. A toalha estava morna e molhada, Após limpar, me colocou sentada na mesa. – Agora você pode me explicar como chegou até a minha boate, e por que está trabalhando aqui? Mas, primeiro, quero que me responda: você ainda está atendendo clientes daquele site, onde tinha suas fotos? – Balancei a

cabeça negativamente. – Bom saber. Não quero você com mais ninguém. – Desci da mesa, pegando meu vestido e o vesti. Encontrei o shortinho e a calcinha e também os vesti.

– Por que quer saber isso? E como assim, não me quer com mais ninguém? Não somos nada um do outro, Nathan. – Falei, olhando para ele.

– Eu mereço uma explicação, Katherine. E das boas, que me convença a deixar você continuar a trabalhar aqui. Eu sei que você quer muito isso, e além do mais, você só sai daqui quando me contar tudo. E, Katherine, sem mentiras desta vez, – ele respondeu, sentando na poltrona atrás da mesa, e colocando os cotovelos sobre ela. – Agora sente-se, e vamos à conversa.

Eu não queria conversar. Não queria ser interrogada por uma pessoa que pouco conheço. Tudo bem que sou amiga das irmãs dele, mas não há necessidade disso. Mas se eu não sentar para conversar com ele, Nathan não vai me deixar ir.

Capítulo 12

Kate

Sentei na frente dele. Meu olhar estava baixo, eu precisava de um tempo para pensar em tudo o que estava acontecendo naquele momento, nos nossos encontros explosivos, que sempre acabavam em sexo.

– O que deseja saber? – Perguntei, sem olhá-lo.

– Tudo, Katherine.

– Então pergunte, fica mais fácil responder perguntas do que sair falando sobre minha vida.

– Tudo bem, vamos começar por sua família. – Assenti – Você tem pai?

– Não.

– Mãe eu sei que tem. O que ela faz da vida?

– É prostituta. – Respondi sem hesitar.

– E o que levou você a ser uma também? – Desta vez meus olhos levantaram e encontram os seus belos olhos azuis.

– O meio em que nasci não foi fácil. Vi coisas que não deveria, mas por curiosidade acabei presenciando.

– Eu sei que não gostou de entregar sua virgindade a alguém a quem não amava, mas por quê o fez? – Ele precisava mesmo perguntar isso?

– Nathan, isso não lhe diz respeito.

– Eu preciso saber.

– Tudo bem. Eu fiz porque estava sendo paga para isso. – Baixei a cabeça por um instante.

– Por que entrar nesse mundo, Katherine? Ainda mais sendo uma inexperiente, uma virgem? Por que aceitou dormir comigo? Sabia quem eu era antes de entrar naquela suíte?

– Como eu poderia saber? Era meu primeiro encontro com um homem com idade superior a minha, eu não tinha a mínima noção do que fazer, só lembrava as coisas que vi minha mãe fazer com alguns de seus clientes, e isso não me dava noção nenhuma. E aí eu te conheci, e vi um homem experiente, que poderia me ensinar, e não ficaria com raiva se eu não tivesse nenhuma experiência.

– Katherine, você entende o que fez? Você tinha apenas dezessete anos, como teve coragem?

– Eu fui induzida a isso, Nathan. Não foi questão de coragem. Se eu não voltasse para casa com o dinheiro que ganharia naquela noite, eu não poderia entrar, nem sequer continuar com a minha vida como uma simples estudante de colegial. – Nathan bateu a mão com força na mesa e percebi sua fúria. Fechei os olhos quase que instintivamente. Ele virou-se, ficando de costas para mim e olhando o movimento da boate lá embaixo.

– Sua mãe forçou você a isso, não foi? – Perguntou e eu permaneci calada. Ele virou-se, colocando as duas mãos sobre a mesa, inclinando-se para frente. – Responda Katherine! – Seu tom de voz era de comando e ele estava bem irritado, quase gritando.

– Não grite comigo.

– Você mentiu sua idade. Disse-me que tinha dezoito. No site dizia que você tinha 24, mas quando te vi parada em frente à minha porta, eu sabia que você não devia ter nem dezoito anos. E mesmo assim eu aceitei que entrasse. – Ele falava olhando em meus olhos. – E dias depois quando liguei para convidá-la para ir a Londres passar alguns meses comigo, você mentiu novamente.

– Eu omiti, é diferente. Eu realmente ia estudar e não podia me ausentar nos primeiros meses da escola.

– Você me disse que estava entrando na Faculdade. E quando chego, veja só minha surpresa, – ele abriu os braços, e depois apontou em minha direção – você estuda na mesma classe das minhas duas irmãs. Isso foi mais uma estratégia? Ou você já estudava lá? – Fechei os olhos, porque o choro começava a subir por minha garganta, e eu não queria que as lágrimas rolassem agora. – Responda Katherine! – Senti sua respiração em meu rosto antes de abrir os olhos e perceber o quão perto ele estava.

– Eu estudo na mesma escola desde os 11 anos, não tinha como eu adivinhar que suas irmãs iam estudar na mesma sala de aula que eu. Jamais em minha vida eu iria adivinhar isso.

– Mas quando elas se apresentaram como Alice e Amanda King, você soube, não é? Por que não se afastou?

– Sim, eu comecei a imaginar que poderia ser coincidência demais. Não imaginei que elas fossem realmente da sua família, até que elas me convidaram a primeira vez para ir a sua casa, e conheci seu pai. Liguei uma coisa à outra.

– E por que não se afastou, droga? – Ele andava agora pelo escritório.

– O que você queria que eu fizesse? Que eu simplesmente não falasse mais com elas? Que eu

fingisse que elas não existem, como o restante dos alunos da escola faz? Porque é assim que elas são tratadas, Nathan, como se não existissem.

– Não estamos falando das minhas irmãs, estamos falando de você. – Ele me corrigiu.

– Isso não vai funcionar, Nathan. – Levantei e fui para porta, tentei abrir e estava trancada. – Deixe-me ir, abra a porta. – Ele andou e parou em minha frente.

– Você entende que nesses últimos meses que eu estive fora viajando, a única pessoa que se passava em minha cabeça era você? – Balancei a cabeça negativamente. – Eu passei a última noite no inferno, pensando mil coisas de você.

– Nathan, por favor. – Sussurrei.

– Por que foge de mim, Katherine? Por acaso tem medo de mim? – Ele grudou nossos corpos e segurou-me pela cintura.

– Não! Não é isso! Eu só...

– Você o quê? – Ele agora levantava minhas mãos acima da minha cabeça. – Diga-me.

– Eu não quero me apaixonar, Nathan. Pronto, falei.

– E se eu dissesse que você já está apaixonada?

– Não, eu não estou, e sei o que sinto. – Olhei em seus olhos, e depois em sua boca. Eu realmente não estaria apaixonada por ele? – Nathan, preciso voltar ao trabalho.

– Nossa conversa ainda não acabou, Katherine. – Ele destrancou a porta. – Não importa para onde vá ou se esconda, eu irei te encontrar.

Passei pela porta e fui direto para o vestiário. Tomei uma ducha rápida, me troquei e voltei ao trabalho. Continuei a servir as mesas e não vi mais Nathan naquela noite. Por volta das 5 horas da manhã entrei novamente no vestiário, vesti minha calça jeans, os tênis, uma camiseta e meu casaco. Estava começando a esfriar, e o inverno em Nova Iorque é um dos mais frios. Coloquei a mochila nas costas. Despedi-me de todos que ainda estavam por ali e fui em direção à estação de metrô.

Estava cansada e com sono, precisando dormir bastante. Para minha sorte era domingo e eu poderia dormir o dia inteiro. Entrei no metrô e sentei. Olhei no relógio: 5h30. Logo eu estaria em casa, e antes que minha mãe pudesse acordar e falar algo.

Trinta e cinco minutos depois eu estava em casa, entrando escondida e devagar. Não queria correr o risco de ela me pegar agora. Corri para o quarto, tranquei a porta, joguei a mochila no chão e caí na cama, adormecendo quase em seguida.

Capítulo 13

Nathan

A conversa com Kate me esclareceu algumas coisas. Uma delas era que a mãe dela tinha alguma

coisa a ver com a entrada dela nesse mundo de prostituição. O homem protetor em mim dizia-me que Katherine necessitava ser protegida de tudo e de todos. Se for realmente a mãe quem a levou a essa vida, ela nem precisaria de uma inimiga, pois tinha uma dentro de casa.

Fiquei no escritório até o movimento da boate diminuir. De lá eu pude ver todos os movimentos de Kate servindo mesas e conversando com o Ben.

Se eu tivesse que a manter trabalhando ali para protegê-la, eu a manteria. Mas eu não a queria servindo mesas, onde todos poderiam passar a mão em seu corpo se desejasse. Não a queria também dançando naquele palco novamente, a não ser que a única pessoa assistindo fosse eu.

– Mas o que diabos eu estou pensando? – Falei comigo mesmo. Eu não devia me apaixonar por ela, e nem ela por mim, mas por que estou dessa forma? Katherine foge de mim como o diabo foge da cruz, mas quando nos encontramos, ela se entrega a mim como a mais apaixonada das mulheres.

Depois que todos foram embora da boate, saí e peguei meu carro. Dirigi até os Hamptons, para a casa de meus pais. Uma hora e meia mais tarde cheguei, estacionei e entrei. Subi as escadas, entrei em meu quarto, deitei na cama e capotei.

Kate

Acordei com minha mãe batendo na porta e me chamando. Olhei no relógio e passava das 9h da manhã.

– Katherine Watson, eu sei que esta aí. Abra essa porta agora! – Ela falava enquanto batia. Levantei e, me arrastando, cheguei à porta. Abri e ela entrou como um furacão. – O que pensa que está fazendo? Você tem fugido de mim por quase dois meses. Uma hora ou outra eu ia encontrar você em casa, e esse foi o dia.

– Fale logo mãe, o que quer? – Falei andando pelo quarto, indo ao armário buscar uma roupa para vestir após o banho que eu tomaria, assim que ela saísse do meu quarto.

– Precisamos conversar, Katherine.

– Não temos nada para conversar. Eu deixei dinheiro sobre o balcão da cozinha na sexta para que você pague o aluguel. Já estou contribuindo com minha moradia neste apartamento.

– Quero saber em que está trabalhando?

– Não lhe diz respeito. – Respondi curta e grossa, enquanto entrava no banheiro.

– Eu preciso saber, os clientes estão ligando querendo sair com você, e o que eu devo dizer?

– Diga que eu morri. É simples, não? – Respondi. – Agora chega! Saia do meu quarto. Quero ficar sozinha, quero dormir e tenho lições de casa e trabalhos da escola para fazer.

– Você está brincando comigo, Katherine? – Helena Watson, minha mãe, me olhava com os olhos de ódio.

– Não mãe, eu não estou brincando, nunca falei tão sério em toda a minha vida. Eu não vou atender nenhum desses clientes babões, viciados em ninfetas. – A mão de minha mãe voou direto para meu rosto, acertando em cheio minha bochecha esquerda.

– Não fale assim comigo, sou sua mãe, e tenho o direito de ser respeitada. – Ela gritou. Levei a mão ao meu rosto que ardia muito.

– Que direito você tem? – Gritei. – Você entregou sua própria filha para a vida da prostituição. Eu era virgem, mãe! Eu nunca tinha sequer beijado um homem na minha vida, e fui obrigada a dormir com um cara que eu nunca, jamais pensei em conhecer.

– Cale a boca, Katherine!

– Eu não vou me calar!

– Enquanto morar aqui, sob minha proteção, você irá fazer o que eu quiser.

– Não! Eu não vou ser obrigada a me deitar com mais ninguém, ouviu bem? – Falei, apontando o dedo na cara dela. Ela era mais alta que eu, loira e de olhos tão azuis quanto os meus. – Eu não vou, e se eu tiver que sair dessa casa para morar na rua, eu irei sem pensar.

– Katherine!

– Não é pronto! E se não tem mais nada a dizer, pode ir saindo do meu quarto. Preciso tomar banho agora. – Ela não falou nada, saiu do meu quarto com seus saltos fazendo barulho no piso de madeira. Fechei a porta com um estrondo e gritei: – Eu odeio você!

Liguei o som e coloquei o CD do Link Park. A primeira música a tocar é Numb, e aumentei o volume. Entrei no chuveiro e deixei a água escorrer por meu corpo. As lágrimas desciam por meu rosto junto com a água. Hoje mesmo eu sairia em busca de um apartamento pequeno para morar sozinha.

Saí do banho e vesti minha roupa: meia calça preta, um vestido xadrez, – seu comprimento ia até o joelho –, calcei uma sapatilha, peguei um cachecol no armário, minha bolsa a tira colo e saí do quarto. Minha mãe estava ao telefone na sala.

– Aonde vai, mocinha?

– Andar por aí. – Falei, passando pela sala e saindo rapidamente pela porta. Desci, e na primeira banca de revistas que vi, comprei o jornal de domingo sobre imóveis, peguei um táxi e fui para o *Central Park* dar um passeio. Sentei próximo ao lago e fiquei ali, vendo meu jornal e assinalando com uma caneta os possíveis lofts em que eu poderia morar.

Finalmente encontrei um apartamento que fosse interessante, e que cobrasse bem abaixo da média. Olhei no relógio e indicava 10h da manhã. Liguei para o número que estava descrito no jornal e quem atendeu foi um homem. – Oi! Desculpe ligar em pleno domingo, mas queria saber se o apartamento do anúncio ainda está para alugar.

– Sim. Gostaria de vê-lo? – Respondeu a voz.

– Sim gostaria muito, quando você pode?

– Agora mesmo, se puder.

– Ótimo – quase gritei de felicidade. – Estou no *Central Park*, poderíamos nos encontrar, me diga onde.

– Em frente ao apartamento, pode ser?

– Sim, claro.

– Anote o endereço: fica na West 80th Street nº 317, esquina com a Riverside Drive. Ah! E a propósito, me chamo Francesco La Raine.

– Sei onde fica, é bem próximo. Dentro de 10 minutos estarei aí. Obrigada!

– Estarei aguardando. – A voz falou e eu dei pulinhos de alegria. A minha escola ficava duas ruas atrás de onde eu iria morar.

Peguei o primeiro táxi que passou assim que saí do *Central Park* e desci a Rua 83. Cheguei em menos de 5 minutos, pois não havia trânsito, parei em frente ao local e olhei para cima. Era um apartamento de 6 andares. Havia um senhor de cabelos grisalhos parado na frente.

– Sr. La Raine? – Falei meio sem graça.

– Sim. – Ele virou-se.

– Muito prazer, sou Katherine Watson, falei com o senhor ainda há pouco, a respeito da visita ao apartamento para conhecer e possivelmente alugá-lo.

– Ah! Sim, vamos entrar. – Ele sorriu. Devia ter em torno de 60 anos, mas estava bem cuidado.

– O senhor não é americano, é?

– Não, na verdade sou italiano, e o apartamento era de minha filha, ela faleceu ano passado depois de um acidente de carro. – Ele falava enquanto abria a porta. Não havia porteiro. Entramos no elevador antigo.

– Sinto muito, senhor La Raine.

– Ah! Querida, não se preocupe, essas coisas acontecem. Bem, o apartamento fica no 3º andar, e é muito bonito. Está todo mobiliado, não vai precisar de móveis, mas se quiser, posso retirá-los e você pode mobiliar do seu jeito. – Ele sorriu. A porta do elevador abriu e saímos para o corredor onde havia duas portas. O senhor La Raine abriu uma porta e entramos.

– Nossa! É lindo! – Falei, olhando a decoração.

– Sim, é! Minha filha o decorou, ela era decoradora de ambientes. Morreu cedo, tinha apenas 27 anos. E você mocinha, quantos anos tem?

– Dezoito, senhor La Raine.

– É nova ainda. Sua mãe ou seu pai sabem que irá morar sozinha?

– Ainda não, mas quero logo ter um lugar só meu.

– Estou alugando por três mil dólares, mas como você pretende morar sozinha, posso lhe dar um desconto, e você me paga apenas mil e quinhentos dólares por mês, tudo bem?

– Oh! Está mais que perfeito. Como podemos fechar o contrato?

– O contrato que faremos será de seis meses, se depois quiser renovar é só me avisar.

– Ótimo! – Falei sorrindo.

– Que bom! Fico feliz. Você precisará fazer um depósito em minha conta no valor de três meses

de aluguel, certo? – O senhor La Raine falava enquanto eu observava tudo: a sala, a cozinha, o único quarto, e a cama Queen Size.

– Sim, perfeito. Quando posso transferir o valor para o senhor?

– Na segunda, se for bom para você. Vou conversar com meu advogado e pedirei que ele traga para você o contrato e o número da conta. – Sorri.

– Perfeito! – Sorri, dando pulinhos.

– Espero que faça bom proveito do apartamento. Só irei pedir que, por favor, se fizer alguma festa, tenha cuidado com os vizinhos, pois como são pessoas de mais idade, podem acabar denunciando você.

– Sem problemas, sou uma moça comportada, e não pretendo fazer festas. – Ele sorriu.

– Tudo bem. Assim que você assinar o contrato, já pode mudar-se para sua nova casa. – Ele falou e eu o abracei.

– Muito obrigada, senhor La Raine.

– Não precisa agradecer, criança. – Sorriu e saímos do apartamento. Ele trancou a porta e descemos. – Ligarei para seu telefone na segunda após o meio dia, assim poderemos acertar o horário para a assinatura do contrato.

– Sim, claro. Novamente obrigada! – Sorri e o abracei.

– De nada. – Ele sorriu. – Até mais, criança.

– Até mais, senhor La Raine. – Saí andando pela calçada rumo ao apartamento da minha mãe, que era a oito ruas dali.

Nathan

Acordei com Amanda batendo na porta. E, entrando, ela pulou em cima da minha cama.

– Vamos, seu dorminhoco, acorde. Está um lindo dia de sol lá fora. Vamos aproveitar, antes que o inverno chegue e encha tudo de neve. – Ela falava me olhando e pulando em cima do colchão como uma criança de 10 anos.

– Você é muito malcriada, mocinha.

– Não, eu não sou, eu só quero que meu irmão mais velho me dê atenção.

– Já ganhou toda a minha atenção por hoje, Amanda. Agora desça da cama, você não é mais uma menininha de 10 anos. – Ela pulou e caiu sentada na cama, cruzando os braços e fazendo biquinho. – Oh! Que linda. – Brinquei. – Levante, e saia. Preciso me trocar.

– Ok, espero você na piscina. – Ela falou, enquanto saía e fechava a porta.

– Sim, senhora. – Sussurrei comigo mesmo. Afastei o edredom e sentei na beirada da cama. Fiquei ali parado, lembrando cada segundo da noite passada. Katherine não saía a minha cabeça, parecia que estava impregnada em mim.

Levantei, andei até a sacada do quarto e vi minhas duas irmãs pulando na piscina. Amo essas duas são minhas preciosidades. Eu sou um irmão babão, não liguem.

Entrei no quarto novamente, indo para o banheiro me trocar para descer, tomar o café da manhã e ir para a piscina com as diabinhas.

Trinta minutos mais tarde, peguei uma xícara de café e fui para a piscina. Meus pais estavam sobre a tenda, com uma mesa repleta de frutas.

– Bom dia, filho. – Meu pai falou sorrindo.

– Bom dia, pai e mãe. – Abaixei para dar um beijo no rosto da minha mãe, que estava com seu chapéu de sol e óculos escuros, Seus cabelos negros iam até a cintura. Ela era fabulosa.

– Bom dia, meu bebê. – Ela falou com um sorriso no rosto.

– E o que estamos comemorando? Para termos essa mesa cheia de frutas em um domingo?

– Comemoramos você em casa, meu amor. – Minha mãe falou sorrindo.

As gêmeas pulavam na piscina como duas crianças. Tinham 18 anos, mas não parecia. A mentalidade era de duas crianças de 10 anos. Tomei meu café e peguei uma maçã, sentei na espreguiçadeira ao lado da minha mãe e dei uma mordida na fruta.

– Mãe, há quanto tempo conhecem a senhorita Watson?

– Desde que iniciou as aulas das meninas filho, há mais de dois meses. Ela foi a única aluna da escola que sentou e conversou com as suas irmãs. É uma menina adorável. Suas irmãs a adoram, como se fosse irmã delas.

– Entendi. Ela fez aniversário na sexta-feira, ou apenas estavam comemorando por já ter passado?

– Ela é mais nova que as meninas três meses, então sim, ela fez aniversário na sexta.

– Gostam tanto dela assim para darem presentes tão caros?

– Como sua mãe disse, ela é uma menina adorável, não temos do que nos queixar. Todos os domingos ela vem passar conosco, mas hoje ela não veio, e ainda não ligou para nos dizer o motivo. Estou preocupado. – Meu pai falou, enquanto tomava seu suco de laranja.

– Isso é verdade, já passa das 11h da manhã e ela ainda não chegou. Será que aconteceu algo? – Minha mãe falou, olhando para meu pai. – Vou ligar para ela, e perguntar o que aconteceu. – Ana levantou e entrou em casa. Ela vestia um maiô preto. Eu admirava minha mãe, por sua beleza e bondade. Era uma mulher maravilhosa, que faria de tudo para ver a família feliz. Meu pai era tão apaixonado por ela. E eu esperava um dia poder me apaixonar, e ter um casamento tão perfeito quanto o dos meus pais.

Capítulo 14

Kate

Estava na calçada do prédio onde moro, quando meu celular vibrou dentro da minha bolsa. Peguei-o e olhei no visor: era da casa da família King. Deveria ser Amanda, para saber porque não fui hoje.

– Pronto. – Atendi.

– Oi, querida, bom dia! – A voz era da senhora King.

– Bom dia, senhora King.

– Nada de formalidades, mocinha, me chame por Ana.

– Tudo bem. Bom dia, Ana. – Falei sorrindo.

– Ótimo, assim está melhor. Estou ligando para saber o que aconteceu, não veio nos ver hoje. Está com problemas? – Seu tom de voz era de preocupada. Se eu pudesse escolher a minha mãe, gostaria que fosse como a senhora King.

– Não. Na verdade eu não fui aí hoje porque estava visitando um apartamento novo, que pretendo alugar.

– Ah! Sim, eu entendo. Então, não virá hoje?

– Não Ana, hoje não poderei ir, mas no próximo domingo estarei aí, sem falta.

– Tudo bem, avisarei as meninas. – Ela sorriu.

– Desculpe não ter ligado para avisar, mas foi corrida a manhã aqui em casa.

– Tudo bem, criança, não se preocupe. Se cuide. E se precisar, é só ligar aqui em casa.

– Obrigada, Ana! – Falei sorrindo.

– Agora preciso desligar, as meninas estão na piscina querendo notícias suas.

– Claro, pode ir. Desejo a todos um lindo domingo.

– Obrigada, querida. Bom domingo. – Sorri e ela desligou.

Nathan

Quinze minutos depois minha mãe voltava com o telefone na mão.

– Amanda! – Ela chamou umas das gêmeas, e Amanda saiu da piscina, indo até ela.

– Sim, mamãe!

– A Katherine, pediu para avisar que não poderá vir hoje, pois foi visitar alguns apartamentos para alugar.

– Ah, que ótimo! Bem que a senhora poderia liberar eu e Alice para morarmos sozinhas.

– E que graça teria ficar nessa mansão sozinha? – Ouvi minha mãe dizer. Ela e Amanda aproximaram-se. – Joseph, a Katherine não virá hoje. Está com alguns problemas em casa, e teve que fazer visitas a alguns apartamentos, pois pretende mudar-se. – Ana falava com meu pai. Mudar-se? Por quê? Eu precisava conversar com a Katherine.

– Papai, estava falando para a mamãe que o senhor e ela poderiam liberar eu e Alice para morarmos em nosso próprio apartamento. Ou, melhor, quem sabe morarmos no mesmo apartamento de Katherine, o que acha? – Amanda foi logo falando, enquanto sentava-se ao lado de Joseph, nosso pai.

– Precipitado demais, Amanda. Tenha calma. Nem sabemos se Katherine mudou-se, e você já quer se mudar para o apartamento dela. – Papai falou.

– Também acho. Você mal a conhece, Amanda, e já quer se mudar para o apartamento dela. – Falei.

– Eu a conheço muito bem, Nathan. Não fale o que não sabe. – Amanda falou como se estivesse repreendendo-me, e ficou de cara feia para meu lado o resto do dia. Ela sabia que se eu não apoiasse papai também não apoiaria.

Amanda se levantou e pulou na piscina, jogando água em mim. Filha da mãe. Levantei e pulei na piscina bem ao seu lado, empurrando-a para baixo, para logo em seguida a puxar.

– Sua pirralha.

– Não sou pirralha, tenho 18 anos completos. Sou uma mulher. – Amanda falou rindo, respirando ofegante. Eu quase havia a afogado, com minha brincadeira. – Você quase me matou. – Ela falava e ria. Ri junto.

Alice estava sentada na beirada da piscina. Nadei até ela, e a puxei para dentro da água. Ela deu um gritinho, antes de cair com tudo.

– Nathan! – Ela falou rindo, e subiu em minhas costas. Minhas duas irmãs, se meus pais deixassem, seriam modelos. Ambas têm 1,73 de altura, e são magrelas. Nadei com Alice em minhas costas até o lado fundo da piscina.

– Você não é mais criança, mocinha. – Falei, enquanto a soltava lá, e dava uma gargalhada. Ela deu uma risada antes de afundar, e logo depois aparecer ao meu lado. – Quero conversar com você depois. – Falei para Alice.

– Diga, podemos conversar agora. – Olhei para meus pais que estavam ainda embaixo da tenda, e Amanda havia se juntado a eles.

– Quero saber como conheceram a senhorita Watson. Você pode me contar?

– Por que quer saber? – Ela perguntou.

– Só por curiosidade. – Falei rindo. Nadamos até a beirada. Ela sentou-se, e eu fiquei dentro da

água, com os braços para fora, sobre a beirada da piscina.

– Ah! Eu e a Amanda conhecemos a Katherine no primeiro dia de aula. Ela foi super gentil e atenciosa conversando conosco, e nos apresentando aos professores chatos. E como tem professor chato naquela escola, viu? Ela é bem inteligente, e por sinal, descobri outro dia que é bolsista. Ganhou a bolsa por ser a melhor aluna do colégio, e estuda lá desde os 11 anos de idade.

– Nossa! Impressionante. – Falei. – E o que mais? O que mais sabe sobre ela? Ela trabalha?

– Então, recentemente ela arrumou um trabalho na cafeteria próxima à escola, por meio período. Ela não ganha muito, mas fala que ajuda em muitas coisas o salário que tira lá. Ela é maravilhosa, Nathan. É divertida, se veste bem, não é metida, e o melhor, ama uma balada. Amanda está tentando convencer o papai a nos deixar morar sozinhas em um apartamento só nosso e se tudo correr bem, a Katherine irá morar conosco.

– Não acha que é um pouco cedo para vocês irem morar sozinhas? – Perguntei.

– Não acho. E mais, a Katherine mora com a mãe, e tenho percebido que ela tem tido problemas, pois seu rendimento no último mês na escola caiu um pouco. Deve ser problemas com a mãe. Por isso, quero morar sozinha com a Amanda e a Katherine. Não gosto de vê-la triste.

– Entendo. E a senhorita Watson faz alguma outra coisa, além de trabalhar nessa cafeteria?

– Olha, isso eu não sei. Ela fica de segredinhos com a Amanda, quando não estou por perto. Então, se quer saber algo mais sobre a Katherine, pergunte a Amanda. Às vezes tenho pena dela, porque parece ser tão sozinha. Nos domingos que ela vem para cá, nós nos divertimos na piscina, ou no *playground* que papai montou, você já viu? Temos uma sala de jogos, tanto para meninos, como para meninas, e Katherine adora jogar vídeo game no *Xbox*. Ela gosta de jogar futebol. Já jogou até com papai, e ela o venceu, acredita? – Ela falava rindo.

– Sim, eu acredito, papai não joga há muito anos.

– Considero Katherine minha melhor amiga. Sabemos de tudo, mas algumas coisas, ela prefere contar só para a Amanda, não porque não confie em mim, mas porque eu decidi assim. Nós conversamos sobre moda, sobre sapatos e outras coisas mais. Mas é com a Amanda que ela realmente se abre quando o assunto é o coração, e se eu não estou errada, a Katherine está perdidamente apaixonada por alguém. Estou quase certa que seja o Andrew, nosso colega de classe. Ele é um fofo, tem 19 anos, e é super lindo.

– Apaixonada, é? Andrew? Bom saber.

– Não diga a ninguém que contei isso a você. Pelo amor de Deus, Nathan, a Katherine vai me matar. – Ela falou arregalando os olhos. – Prometa que não vai contar para ninguém. Jure.

– Ok! Eu prometo. – Levantei minha mão direita. – Palavra de escoteiro. – Alice deu uma gargalhada e se levantou, indo para perto de nossos pais. Amanda me olhou com cara feia e eu mostrei a língua para ela. Saí da piscina e entrei em casa. Se Katherine estava apaixonada, que fosse por mim, e não por qualquer moleque de sua escola.

Subi para meu quarto e entrei no chuveiro. Tomei uma ducha, enxuguei-me, vesti uma calça cáqui e uma camiseta verde claro, e sapatênis. Peguei meu Iphone e disquei o número dela. Chamou, e no

segundo toque ela atendeu.

– Pronto.

– Boa tarde, Kate, ou seria bom dia?

– Boa tarde, Nathan.

– Como sabia que era eu?

– Você é a única pessoa que me liga com número restrito, e sua voz, não tem como não saber que é você. – Ela falou.

– Queria saber se está livre agora à tarde.

– Sim, estou livre. – Fiz um sinal com os braços de “yes”, consegui.

– Ótimo, onde posso pegá-la?

– Prefiro ir até você. – Isso tudo era para eu não saber onde ela morava?

– Tudo bem, encontro você no *The Península* dentro de 1 hora, ok? Na mesma suíte. – Falei sorrindo.

– Ok! – Ela respondeu e desligou.

Kate

Puta que pariu, o que eu fiz? Eu estava olhando para meu celular sem entender o que eu havia acabado de fazer. Prometi para mim mesma que não faria mais isso. Eu estava em choque. Como eu sou burra desse jeito? Havia marcado com Nathan, no mesmo hotel, na mesma suíte, em uma hora. Eu só posso estar louca mesmo, como é que eu marquei isso? Olhei novamente para o visor do meu celular sem entender. Eu tinha mesmo feito isso? Mexendo nas últimas ligações, confirmei, lá estava: ligação recebida as 12h10 número restrito. Puta que pariu vinte mil vezes. Eu fiz merda. Fiquei distraída com a arrumação das malas e em guardar meus objetos, que fui apenas respondendo, quase que automaticamente ao que ele perguntava.

Olhei ao redor e meu quarto estava uma bagunça. Comecei a organizar a minha mudança, e levaria todas as minhas roupas, ursos e bonecas. Tudo o que era meu. Havia diversas roupas em cima da cama, e estava tudo uma verdadeira bagunça. Deixei tudo do jeito que estava, e entrei no banheiro. Eu tinha exatamente 50 minutos para me trocar e chegar lá. Já marquei, agora vou até o fim.

Capítulo 15

Kate

Guardei algumas coisas e corri para o banheiro. Tomei uma ducha rápida, passei meu creme *Victoria Secret's* no corpo, vesti uma lingerie de renda preta, um vestido preto básico, meias 7/8 presas na cinta-liga e um *scarpin* preto com strass de salto 12,5cm, que deixavam minhas panturrilhas incríveis. Se for para arrasar, eu arrasaria mesmo o coração dele. Nathan não sabe o que o aguarda.

Peguei minha bolsa e coloquei meu kit primeiros socorros, escova de dentes, camisinha, lubrificante e outras coisas mais. Dinheiro e cartão de crédito já estavam na bolsa. Liguei para o Disk Táxi e chamei um. Desci para o hall de entrada do prédio e aguardei. Em menos de 10 minutos o táxi estacionava. Passei pelas portas do meu edifício e entrei no carro.

– *Hotel The Península*, fica na Quinta Avenida com a 55.

– Ok, moça. – O taxista falou e ligou o taxímetro. O domingo era tranquilo, mas havia muitos carros ainda no trânsito. Demoramos cerca de trinta minutos até o táxi parar em frente ao hotel. Paguei e desci do carro. Eu já estava atrasada. Na recepção falei:

– Por favor, a suíte do Sr. King. – A moça prontamente ligou para a suíte.

– Senhorita, desculpe, o Sr. King não atende em sua suíte, gostaria de aguardarna sala de visitas?

– Pode deixar que atendo a moça. – Um senhor de cabelos grisalhos sorriu para a recepcionista. – Boa noite senhorita, desculpe minha intromissão, mas escutei que a senhorita veio ver o Sr. King.

– Sim, verdade, por quê?

– Muito prazer, sou o gerente do hotel, Sr. Cavalaro. – Peço que a senhorita me acompanhe, pois ele a aguarda no restaurante do hotel.

Segui o senhor Cavalaro até o restaurante. As mesas eram todas com quatro lugares e as cadeiras pareciam ser poltronas aveludadas, na cor preta. O ambiente era lindo, todo decorado com tons de branco e dourado. Janelas grandes nos davam a linda vista da Quinta Avenida.

Nathan estava em uma mesa posta para duas pessoas, no canto do restaurante, próxima à grande janela, que ia do chão ao teto em formato de arco. Ele estava absorto em seu celular. O senhor Cavalaro aproximou-se e pigarreou. – Sr. King. – E só então Nathan levantou a cabeça e me viu. Percebi que seus olhos brilharam.

– Boa tarde, Katherine. – Ele falou sorrindo e se levantando. – Obrigado, Sr. Cavalaro. – O homem assentiu e saiu, deixando-nos a sós.

– Apenas Kate, você sabe que aqui não sou Katherine. – Falei. Ele puxou a cadeira para que eu pudesse sentar. Sentei-me e ele empurrou-a, para me acomodar melhor. – Obrigada. – Ele voltou à sua cadeira, pegou seu celular, teclou alguma coisa e depois o colocou sobre a mesa.

– Fico muito feliz que tenha vindo me ver. – Falou, enquanto colocava sua mão e acariciava a

minha sobre a mesa.

– Eu também, mas nós combinamos na suíte, e não no restaurante do hotel.

– Nós iremos almoçar primeiro. Estou morrendo de fome, você não está? – Nesse momento meu estômago resolveu acordar para a vida, e fazer um barulho. – Sim, você está. – Sorri sem graça. Nathan levantou o braço e o garçom veio nos atender prontamente, entregando-nos o cardápio. – Pode escolher o que quiser, não se preocupe com o preço.

– Não irei me preocupar. – Falei olhando para o cardápio. Nathan estava ainda mais lindo, desde a última vez que nos vimos, com uma camiseta verde claro. Seus olhos pareciam alternar de cor entre o azul vivo e um azul quase verde, a cada vez que ele mexia o rosto. Como alguém tão lindo, necessita contratar uma acompanhante? – Posso fazer uma pergunta?

– Sim, claro. – Ele respondeu sem me olhar. Estava atento ao cardápio.

– Por que contratar os serviços de uma acompanhante de luxo, se você pode ter a mulher que desejar, sem precisar pagar? – Perguntei, colocando o cardápio sobre a mesa e olhando-o.

– Por que é mais fácil pagar do que se envolver emocionalmente.

– Ah! Então por que não chamou outra acompanhante? Por que eu?

– Por que a Katherine Watson chamou minha atenção, e estou super curioso para saber mais sobre ela. Mas se não posso tê-la, que seja ao menos a Kate Mills, onde posso aproveitar o que ela tem de melhor: seu corpo. – Olhei-o sem saber o que responder. Senti meu rosto arder, e sabia que estava corando violentamente.

– Mas pelo que acaba de me dizer, você está envolvido emocionalmente com a Katherine Watson. – Falei como se Katherine fosse outra pessoa.

– Eu estou querendo a Katherine, e querendo muito, mas ela não me quer. Ela tem medo de mim, e foge de mim como o diabo foge da cruz. – Ele falou, olhando-me nos olhos.

– Não é bem assim.

– Então me diga você, que a conhece tão bem, por que ela foge de mim? – Nesse exato momento o garçom apareceu para anotar nossos pedidos.

– Já decidiram? – O garçom perguntou sorrindo.

– Sim. – Falei quase que imediatamente. – Eu vou querer camarões ao molho branco, acompanhando de arroz à grega, e uma taça de vinho branco, por favor.

– E o senhor? – O garçom perguntou para Nathan.

– O mesmo, por favor. – Olhei para ele sem entender. O que eu havia pedido era algo simples. – Ainda não me respondeu, Kate. Por que a Katherine foge de mim? – Olhei para minha bolsa que estava em meu colo e a abri, pois meu celular estava vibrando. Olhei no visor e era minha mãe.

– Desculpe, eu preciso atender. – Falei me levantando e saindo de sua vista. Andei entre as mesas até chegar ao toalete feminino. – O que foi mãe?

– Por onde anda? – Minha mãe perguntou.

– Não lhe interessa.

– Claro que me interessa, tenho milhares de clientes querendo lhe ver.

– Já te disse, diga para todos eles que eu morri. É simples.

– Não é tão simples assim, Katherine. – Minha mãe estava zangada, reconheci pelo seu tom de voz.

– Mãe, estou ocupada agora. Preciso desligar.

– Se você desli... – Apertei a tecla vermelha e a ligação acabou. Eu não tinha que aturar as coisas dela, não agora. Desliguei o celular e guardei na bolsa. Voltei para a mesa.

– Desculpe, era minha mãe.

– Entendo. – Foi apenas o que Nathan disse. E o silêncio tomou conta de nós, até o garçom aparecer com nossos pedidos.

– Obrigada! – Agradei ao garçom quando ele serviu o vinho em minha taça.

– Kate, eu sou muito paciente e posso esperar a sua resposta durante uma eternidade. – Olhei-o. Dei uma garfada no camarão e comi, saboreando. Eu era apaixonada por camarões desde pequena, e não perdia uma oportunidade de comer um. E só o trocava por um bom lanche do *MC Donalds*. Tomei um gole de vinho.

– Talvez a Katherine tenha medo de se apaixonar e se ferrar.

– Por quê?

– Talvez porque ela já tenha visto a mãe passar por isso diversas vezes, e tem medo de ficar igual. – Respondi. Nathan começou a comer e ficamos em silêncio enquanto almoçávamos. – Você sabe que cobro por hora, não é? – Falei assim que terminamos o almoço e estávamos caminhando até os elevadores de mãos dadas.

– Não me importo, pago o que você pedir. – Ele falava sorrindo. Entramos e ele apertou o botão da cobertura. O elevador parou de repente no décimo quinto andar, as luzes se apagaram e depois ficaram vermelhas.

– Desculpem o transtorno, acaba de faltar energia. – A voz comunicou-nos através do fone que havia dentro do elevador.

– Puta que pariu. – Xinguei baixinho. Nathan me olhou e sua mão foi para minha nuca, puxando-me para um beijo, que correspondi quase que imediatamente.

Minhas costas sentiram o frio do espelho na parede do elevador. Minhas mãos estavam em seus cabelos, puxando cada vez mais para um beijo selvagem. As mãos de Nathan passeavam pelo meu corpo, subindo meu vestido e livrando-se da minha calcinha de renda.

– Adoro o seu cheiro de morango... – Ele sussurrou em meu pescoço e eu gemi. Sua mão trabalhava para abrir a calça, e quando finalmente conseguiu, Nathan me ergueu, e eu abracei sua cintura com minhas pernas. Seu pau foi de encontro à minha boceta e entrou fundo, em uma única estocada. Eu só pude gemer alto. Meu gemido foi abafado pelos lábios dele que estavam nos meus, mordendo e chupando. Suas mãos brincavam em meus seios, apertando-os, e ele me empurrava cada

vez mais na parede, para ir mais fundo.

– Se você entrar mais acabará me partindo ao meio. – Falei ofegante.

– Desculpe... – Ele sussurrou. Minhas mãos estavam em seus ombros, segurando-me. Eu sabia que ele não me deixaria cair, que eu estava segura entre ele e a parede.

– Nathan, podem estar nos vendo pelas câmeras.

– Não há câmeras neste elevador. – Ele falou e beijou-me novamente, sorrindo entre o beijo. Ele me ergueu, tirando seu pau de dentro de mim, e me colocou em pé, virando-me de costas para ele, e de frente para o espelho. Ele sorria enquanto acariciava minha bunda. Vi-o acariciar seu pau e posicioná-lo em minha boceta. – Eu poderia passar a vida inteira dentro de você. – Sussurrou em meu ouvido enquanto entrava em mim. Segurei-me no corrimão e olhava-o através do espelho. O rosto dele era de um homem louco buscando a libertação. Sua mão foi em minha garganta, segurando como se fosse me sufocar sem exercer força. Sua outra mão foi de encontro ao meu clitóris, massageando meu ponto sensível e já encharcado. Seu pau entrava fundo e eu o sentia bater lá dentro, me dando uma sensação gostosa, e levando-me ao orgasmo. Minha boceta se fechou em volta do pau dele e eu gozei como nunca. Meus olhos se fecharam e eu gemi calada a cada estocada sua, minha respiração descompassada e ofegante. Era como se tudo estivesse em câmera lenta agora. Nathan ainda mantinha sua mão em meu pescoço e puxava meu corpo para junto do seu. O único som dentro do elevador era de nossas respirações e do corpo dele se chocando ao meu, a cada investida poderosa do seu pau na minha boceta. Cheguei ao orgasmo pela segunda vez, e dessa vez eu o senti vir junto, derramando todo o seu líquido quente dentro de mim. Gemi cansada e ele se retirou, colocando seu pau para dentro da cueca e arrumando sua calça. Desci meu vestido e procurei por minha calcinha, que estava no canto, rasgada. Nathan a pegou e colocou no bolso. Seu gozo estava dentro de mim.

Ele pegou o telefone do elevador e sorriu, me olhando. – Ok, pode liberar. – Ele falou. O quê? Como assim? Liberar? E de repente, o elevador começou a subir novamente.

– Como assim? – Perguntei, olhando-o.

– Eu pedi que parassem o elevador no décimo quinto andar, pois queria ter minha primeira foda no elevador.

– Está falando sério? – Perguntei, enquanto as portas se abriram, revelando que havíamos chegado ao andar certo. Ele colocou sua mão em minha cintura e saímos do elevador, passou o cartão na porta da suíte e abriu-a. Entrei e ele entrou logo atrás. Estar novamente naquela suíte era como reviver a primeira noite. – Por que escolher a mesma suíte?

– Por que ela me lembra você. – Ele falou sorrindo, tirando sua camisa e me dando a visão da barriga sarada. Tirou os sapatos, jogando-os ali mesmo, na entrada da suíte. – Tire sua roupa, Kate. Não precisa ficar com elas.

– Eu... – Eu não tinha o que dizer. Ele estava tirando toda a roupa. Agora a calça se foi e a cueca estava indo também. Estava ali, completamente nu. Levei minhas mãos aos olhos. – Nathan... As coisas não são assim. – O senti aproximar-se de mim e segurar minha cintura.

– São, e você não deveria ter vergonha de me ver sem roupa. Afinal, já me viu assim.

– Eu sei, mas eu não... – Ele tirou minhas mãos e eu o olhei nos olhos.

– Não fuja de mim, por favor. – Sua súplica fez minhas pernas bambearem.

– Eu não estou...

– Está sim, está fugindo como uma garota assustada.

– Eu estou assustada. – Ele segurou meu queixo.

– Eu jamais faria mal a você, Kate, jamais a magoaria. Deixe a Katherine ser minha por completo.

– Você sabe que isso não é certo. Tem as suas irmãs, a sua família, e eu gosto tanto deles. – Sua boca estava a centímetros da minha. – Você e a Katherine... Não seria certo. Nós... – Sua boca veio de encontro à minha, e eu me entreguei sem reservas. A barreira que criei em volta do meu coração para não me apaixonar estava desmoronando. E meu coração estava ali, nas mãos dele. O beijo que trocamos foi terno e calmo, uma mão na minha cintura e outro ainda em meu queixo.

– Pode não ser certo, mas eu não quero ficar longe. Eu te quero. – Ele falou olhando-me nos olhos, meus lábios pediam por mais um beijo. – Tenho uma proposta a te fazer. – Nathan me pegou no colo e me levou para o quarto, colocando-me sobre a cama e deitando sobre mim, com seu corpo esplêndido e forte. – Seja minha amante, Kate. E terá tudo o que precisa. – Eu o empurrei para o outro lado da cama e me levantei. Ele queria que eu virasse sua amante?

– Não, Nathan, eu não vou ser sua amante.

– E o que quer então? Ser minha namorada?

– Não.

– Por Deus, Kate... – O vi levantar e passar as mãos por seus cabelos. Ele parecia irritado. – O que você quer que eu faça?

– Quero que me deixe em paz, Nathan. – Falei olhando-o. – Que não me procure. Que me deixe pensar. Preciso pensar em tudo isso. Eu estou saindo de casa, indo morar por minha conta. Quero aproveitar o que não tive durante minha adolescência. Quero ter a chance de conhecer outros garotos, ir a um jogo do meu time favorito, ficar bêbada em uma festa. Quero ter direito a tudo isso. Se eu virar sua amante, não terei nada disso, terei que crescer como mulher, e não é isso que quero. Eu pretendo ser alguém normal. Quero que alguém se apaixone por mim, pelo o que eu sou. – Meus olhos ardiam. E involuntariamente várias lágrimas desceram pelo meu rosto.

– Kate... – Ele tentou se aproximar e eu dei um passo para trás.

– O meu nome não é Kate. É Katherine! – Gritei e saí do quarto, peguei minha bolsa na sala e estava chegando à porta, quando Nathan me segurou.

– Me desculpe. – Seus olhos estavam marejados. – Não foi isso que imaginei quando a chamei. Eu quero que seja minha, apenas minha, e de mais ninguém. Você entende? – Ele segurava meu rosto com as duas mãos. – A quero como nunca quis uma mulher antes.

– Eu... – Meu coração era um filho da puta. Estava completamente apaixonada pelo Nathan. Meu coração havia me traído. As lágrimas desciam pelo meu rosto. Nathan passou a mão e as secou,

beijou meus lábios, e me pegou no colo. Meus braços seguraram seu pescoço.

– Não precisa falar nada, só me deixe cuidar de você. Faremos do seu jeito. Como você quiser. Mas não me ponha para fora da sua vida. Não agora, não aqui, nem dessa forma. Se um dia eu errar com você ou a magoar, você terá um real motivo para me mandar para o inferno. – Ele falava baixinho em meu ouvido.

Entramos no quarto e ele sentou na cama, colocando-me sentada em seu colo, enquanto acariciava meu rosto, seus olhos nos meus. Seu rosto é incrivelmente lindo. Sua boca veio de encontro à minha em um beijo terno e suave, dando espaço para dizer que não, mas eu queria aquele beijo, eu queria o toque dele em meu corpo.

Ele deitou-me na cama e ficou sobre seu cotovelo, me olhando e mexendo em meus cabelos.

– Você é linda, Katherine. – Ele sussurrou e beijou-me novamente. E eu esqueci qualquer coisa que estivesse pensando naquele momento.

Capítulo 16

Nathan

Katherine tinha algo nela que me deixava inquieto. Eu sei que foi errado de minha parte chamá-la até aqui, contratando seus serviços. Ela agora estava ali em meus braços como uma criança. Meu coração se contorceu por causar as lágrimas que desciam pelo seu rosto. Ela é uma criança enfrentando a pior fase da adolescência, de forma conturbada. Seu rosto de menina me deixa desconcertado. Tenho 31 anos e nunca havia ficado tão perturbado por uma mulher assim. Quando estou com ela, é como se o resto do mundo não existisse.

– Nathan... – Ela sussurrou.

– Estou aqui com você.

– Estou sonhando, não estou? E sei que a qualquer momento irei acordar e descobrir que tudo o que você disse ainda há pouco foi apenas um sonho. E tenho tanto medo disso. – Acaricieei seu rosto.

– Não está sonhando, não. – Sorri. – Eu estou com você, aqui. Sente o meu toque em seu rosto? – Sua mão ficou sobre a minha enquanto eu acariciava seu lindo rosto. Ela puxou minha mão e beijou meus dedos.

– Eu tenho medo do que sinto, Nathan. Medo de me machucar. – Ela falava enquanto beijava cada

dedo da minha mão direita.

– Também tenho medo, Katherine, e olhe que eu sou bem mais experiente que você. Mas nunca fiquei assim por nenhuma mulher.

– E eu nunca estive assim por nenhum homem, Nathan. Você foi o primeiro homem da minha vida.
– Ela falou, olhando em meus olhos.

– E gostaria de ser o último. – Sussurrei, apossando-me de seus lábios. Levantei-a, a coloquei no centro da cama sobre os travesseiros e sentei-me ao seu lado. – Eu gostaria de algemá-la à cama novamente. Posso?

– Não! – ela respondeu quase que imediatamente, enquanto arregalava os olhos. – Não, por favor!
– Seus olhos mostravam medo.

– Katherine, está com medo de mim?

– Não, eu só não quero ser algemada.

– Posso fazer uma pergunta? – Ela assentiu, me olhando. – Com quantos mais dormiu enquanto fazia programas?

– Um. – Ela respondeu desviando o olhar.

– Apenas um? – Ela assentiu. – O que ele te fez, que você não quer que eu a algeme? Lembro que em nossa primeira noite você não se opôs, quando a algemei e possuí seu corpo.

– Eu preciso ir embora. – Ela respondeu, indo para o lado contrário da cama onde eu estava sentado. Peguei em seu braço, segurando-a.

– Por que não quer me contar? – Perguntei, e os olhos dela me olharam com horror. – Ele a machucou? O que ele fez? Quem é ele? Sabe seu nome? Eu vou mandar matar esse filho da mãe, se ele causou algum dano em você.

– Nathan... – Ela puxou seu braço e ficou de pé. – Não quero falar sobre isso.

– Por que não?

– Por que não e pronto. – Ela me deu as costas e foi até a janela, cruzando os braços. – Não quero tocar nesse assunto. E eu preciso ir, amanhã tenho aula logo cedo. – Katherine me olhou e andou pelo quarto em direção à porta.

– Fique... – Falei, e ela se virou. – Por favor. Fique comigo, hoje. Vamos jantar mais tarde, e depois a deixo em casa.

– Não é certo, Nathan.

– Não me importo se não é certo. Eu quero que você fique aqui. Por favor. – Falei, levantando e indo de encontro a ela. Abracei-a, e ela encostou sua cabeça em meu peito. Peguei-a no colo e a coloquei em pé sobre a cama, assim ela ficou bem acima de mim. Vi-a sorrir. Acariciei suas pernas e tirei seu vestido. Seu rosto ficou vermelho, ela estava corando. Há muitos anos não vejo uma mulher corar como ela. Nos dias de hoje é algodifícil. As mulheres são tão descaradas que não conseguem se envergonhar diante de nada. Mas Katherine consegue, apenas me olhando.

Seus olhos estão arregalados e vejo um sorrisinho em seus lábios. Puxo-a pelas pernas e ela cai deitada no colchão, ao mesmo tempo em que emite o som de um gritinho. Ela é maravilhosa.

Tirei seu sutiã facilmente.

– Você é bom nisso.

– Em quê?

– Em tirar sutiãs. – Ela falou sorrindo.

– Anos de prática. – Falei rindo, enquanto enchia seu corpo de beijos e escutava seus gemidos. Meu pau ficou duro quase que imediatamente. Eu estava viciado no cheiro dela e em estar dentro dela.

– Nathan... – Ela gemeu, sussurrando meu nome.

– Adoro quando sussurra meu nome, porque sei que estou lhe dando prazer. – Falei sorrindo, enquanto lambia sua boceta encharcada. Ela estava totalmente excitada, tão melada. Coloquei um dedo em sua entrada e deslizei para dentro. Katherine arfou e gemeu.

– Oh! Deus! – Seu corpo se contorcia enquanto eu chupava seu clitóris, e meu dedo agia entrando e saindo de sua boceta. Coloquei mais um dedo e continuei a socá-los dentro dela. Em pouco tempo ela estava contorcendo-se, e suas paredes vaginais começaram a apertar-se em volta dos meus dedos. Katherine estava gozando em minha boca. Seu corpo soltava espasmos e sua boca produzia um gemido maravilhoso de se ouvir. Sorrindo, levantei e subi nela. Posicionei meu membro em sua entrada e ela me olhou nos olhos. – A camisinha. – Ela lembrou. Abri a primeira gaveta do criado mudo ao lado da cama e peguei a primeira que vi, rasguei o pacotinho prateado e coloquei a camisinha. Entrei nela com uma única estocada.

Minha adorada garota estava gemendo alto. Segurei com apenas uma mão as mãos dela acima de sua cabeça, enquanto minha outra mão trabalhava, passeando por seu corpo. Nossas bocas se atracavam em um beijo maravilhoso, cheio de desejo. Ela estava escorregadia de tão melada. Meu pau entrava e saía com uma facilidade maravilhosa, e eu estava a ponto de explodir a qualquer momento. Ela abraçou minha cintura com suas lindas pernas e segurou-me ali. Entrei e saí da sua boceta várias vezes, até gozar forte e cair sobre ela.

Katherine sorria, e estava com as bochechas vermelhas. Saí de dentro dela e tirei a camisinha, jogando-a no cesto de lixo ao lado do criado mudo.

– Obrigado por lembrar – falei sorrindo. – Eu gostaria que você tomasse algo, para que eu não precisasse usar a camisinha sempre.

– Eu... – Ela falou, enrolando-se no edredom. – Vou pensar no seu caso. Nunca tomei essas coisas, e precisaria ir a um médico primeiro.

– Marco um para você, se desejar.

– Não! Eu vou por minha conta. – Ela disse sorrindo.

– Tudo bem. – Sorri e deixei-a sozinha no quarto. Entrei no banheiro, liguei a torneira para encher a banheira e voltei ao quarto. Katherine ainda estava deitada. – Vamos tomar um banho? – Perguntei e

a vi se espreguiçar em cima da cama, esticando-se.

– Vamos. – A vi pular da cama e aproximar-se de mim. Ficou na ponta dos pés e beijou meus lábios. Cada dia que passo com ela, eu fico mais louco.

Ela segurou em minha mão e me puxou, levando-me para o banheiro. Entramos e fechei a torneira, coloquei a mão na água e estava morninha. Ela me olhava com os olhos brilhantes, aqueles olhos azuis que me fascinavam. Seu corpo pequeno era minha perdição. Joguei sais de banho na banheira para fazer espuma, e liguei a hidromassagem. Logo a espuma estava visível, e ajudei Katherine a subir no degrau e entrar. Entrei logo depois, me sentando entre suas pernas. Ela deu uma gargalhada. – Você vai mesmo ficar assim? – Perguntou.

– Sim, eu gostaria que esfregasse minhas costas. Se puder, claro. – Falei sorrindo, e vi-a pegar a esponja, passando por meus ombros. Fechei os olhos.

Há quanto tempo que eu não tenho um banho assim? O último que me lembro foi com Jéssica. Namoramos 5 anos e quase casamos, mas infelizmente não deu certo. Ela preferiu seguir com sua carreira a casar-se comigo. Sorri, enquanto Katherine fazia aquilo por mim. A esponja passou pelo meu braço e chegou em meu peito. Ela me puxou e encostei-me ao seu corpo, a esponja descendo pelo meu peito e barriga. – My love, você está indo para um caminho proibido. – Sussurrei.

– Adoraria ter esse caminho proibido em minha boca. – Ela falou, e então mordeu minha orelha.

– Katherine... Não brinque com fogo, pois pode se queimar.

– Quero me queimar, se o fogo for você. – Ela sussurrou em meu ouvido. Filha da mãe. Eu ia ficar duro de novo desse jeito.

– Você vai me secar, Katherine.

– Tenho certeza de que tem leite para dar e vender. – E deu uma gargalhada.

– Está rindo de mim, Srta. Watson? – Virei-me para vê-la, e seu rosto estava incrivelmente corado, e seu olhar era divertido.

– Não, Sr. King. – Falou entre o sorriso. Ela afundou na banheira e voltou à superfície, agora seus cabelos estavam completamente molhados.

– Você é linda! – Falei, enquanto admirava sua beleza.

– Pare de me olhar, você me deixa desconsertada. – Ela abaixou a cabeça, pegou um pouco de espuma nas mãos, soprou, e me lembrei de quando era criança e fazia a mesma coisa. – Não vi o senhor molhar seus lindos cabelos ainda. – Rindo, Katherine pegou mais espuma nas mãos, veio para cima de mim e passou em meu cabelo. Eu gargalhei e ela sentou em meu colo. Seus seios lindos estavam à mostra acima do nível da água e cheios de espuma. Passei as mãos neles e belisquei os mamilos, que ficaram durinhos. Ela olhou pela janela e sorriu. – Está esfriando lá fora, e anoitecendo.

– Sim, eu sei, e você vai dizer que precisar ir embora.

– Sim, realmente eu preciso, Sr. King. Tenho aula amanhã cedo, esqueceu? E ainda tenho que ligar para conversar com Amanda, ela já deve estar louca para saber por que não liguei hoje para

conversarmos.

– Um passarinho verde me contou que você faz confidências à Amanda, é verdade?

– Quem foi o passarinho verde? Por acaso esse passarinho verde se chama Alice? – Ela perguntou sorrindo.

– Por acaso, sim. – Respondi, rindo e acariciando seu rosto.

– Sim, Amanda e eu trocamos confidências.

– Vai contar a ela sobre nós? – Seus olhos se arregalaram.

– Não! Nathan está louco? Ela não entenderia.

– Talvez entenda.

– Não quero correr o risco de perder a confiança da Amanda, e dos seus pais.

– Tudo bem, se quer assim. – Falei sorrindo, enquanto a levantava e depois a sentava em meu pau. Sua boceta se abriu recebendo-me dentro dela, e Katherine gemeu. Ela fechou os olhos e mordeu seu lábio inferior. Minhas mãos estavam em sua cintura, fazendo-a subir e descer.

Kate

Eu resolvi que ia deixar rolar, e que não iria deixar que as barreiras que construí em volta do meu coração caíssem, simplesmente porque Nathan estava me fazendo feliz naquele momento. Deixei que a felicidade entrasse em minha vida por algumas horas, e aproveitei os orgasmos que Nathan me proporcionou.

Quando me perguntou se eu o deixaria me algemar, eu decidi que não, que não queria ficar a mercê de um homem novamente. A hora que passei com Thomas Reyes foi a pior da minha vida: fui amarrada, subjugada, apanhei de chicote e eu não gostei nem um pouco do que aconteceu. Ele me fez chupar seu pau mole com camisinha, e apesar de ser muito bonito, ele era nojento. Segurou em meu cabelo, fazendo com que seu pau fosse até minha garganta e me fizesse ter ânsia de vômito. Mandou que eu sentasse no chão sobre minhas pernas e colocou uma coleira em meu pescoço. Depois, mandou que eu ficasse de quatro ali mesmo, no chão, e socou com força dentro do meu ânus, sem ao menos preparar-me ou passar gel. Me fez sentir dor durante as invasões, e a cada vez que ele puxava a maldita coleira, sufocando-me. Amarrou minhas mãos e meus pés na cama, deixando-me completamente à sua mercê.

Thomas colocou um plug anal em meu ânus, enquanto socava todo seu pau em minha boceta, bateu em meu rosto por eu não estar gemendo de prazer, e colocou um pano em minha boca para que os quartos vizinhos não escutassem meus gritos. E quando finalmente terminou, pagou-me e me deixou em casa.

Ele queria meu número particular, pois gostaria de repetir a dose, e eu disse para ele que jamais. Saí do carro dele correndo e entrei no prédio onde moro, subindo pelas escadas até chegar finalmente no apartamento. Entrei e me tranquei no quarto, não querendo falar mais nada com ninguém. Eu me odiei por ter deixado que ele fizesse tudo aquilo comigo. Odiei meu corpo, odiei

meu próprio cheiro, e quis morrer porque não queria nunca mais que homem nenhum tocasse meu corpo.

E então Nathan volta e faz com que eu me esqueça de tudo. Meu corpo corresponde automaticamente ao seu toque. Algo diferente acontece cada vez que ele me toca. Há uma eletricidade que passa do seu corpo para o meu, e é totalmente indescritível. Algo maravilhoso.

Agora estou eu aqui, morrendo por mais um orgasmo, e dessa vez dentro da banheira com espuma em nossa volta, e a água caindo no chão, deixando o banheiro todo molhado. As mãos dele estão em minha cintura ditando o ritmo que ele quer, e eu não me importo, porque no ritmo dele eu chego mais rápido ao orgasmo, e é fabuloso. Estou me deixando levar pelo momento e aproveitando cada segundo, pois sei que logo voltarei à minha realidade.

Segurei em seu rosto e beijei seus lábios. Nathan sorriu e parou de se movimentar. Abraçou-me e levantou da banheira comigo em seu colo.

– Nathan, não! O chão está todo molhado e podemos cair. – Falei, segurando em seus ombros escorregadios.

– Eu seguro você – falou sorrindo, enquanto colocava uma perna para fora da banheira e saía comigo. – Segure-se em mim – eu sorri e segurei-me em seu pescoço.

Seu braço estava em volta da minha cintura, me segurando com firmeza. Saímos do banheiro completamente molhados, e ele andou até o quarto, deitando-me na cama.

– Vamos molhar a cama.

– Não me importo – ele sussurrou, beijando-me e entrando em minha boceta. Arfei.

– A camisinha. – Lembrei-o e ele sorriu.

– Não vou gozar dentro.

– Mas, você já gozou há algumas horas. Lembra? – Falei sorrindo.

– Sim, eu lembro. Quando for deixá-la em casa, passamos em uma farmácia e compro uma pílula do dia seguinte. – Assenti, e ele bombeou gostoso para dentro de mim, chegando até o meu útero. Meu ventre estava agitado e havia uma pressão gostosa, que me indicava que iria gozar logo mais. A cada investida eu gemia alto e ele me beijava. Ele me virou de barriga para o colchão e entrou devagar na minha boceta. Gemi ofegante.

– Oh, Meu Deus! Nathan...

– Isso... Geme meu nome, gatinha. – Ele sussurrou em meu ouvido e socou com força.

– Oh, Deus! Oh, Deus! – Gemi alto enquanto meu corpo entrava em uma erupção de espasmos, gozando violentamente. Nathan lambeu minha orelha e virei meu rosto para beijá-lo. Ele continuava com suas estocadas maravilhosas, até que saiu de repente, deixando-me completamente vazia, e senti algo quentinho em cima do meu bumbum.

– Oh! Maravilhosa! Gostosa. – Ele falou rindo. Depois deu uma palmada em meu bumbum, e eu dei um gritinho de surpresa. – Não levante. – Olhei para trás e ele estava rindo enquanto pegava um tecido branco e passava sobre meu bumbum melado com seu gozo. Baixei a cabeça e fechei os olhos

por um minuto. Quando abri Nathan estava do meu lado, sorrindo. – Oi! – Ele falou.

– Oi! – Sorri de volta. Levantei a cabeça e olhei o relógio na cabeceira da cama. Passava das 19h. – Preciso ir embora.

– Eu sei, levarei você para jantarmos e depois a deixo em casa.

– Não precisa me deixar em casa.

– Tem medo de que eu saiba onde mora?

– Não. Não é isso, só não quero que minha mãe veja você.

– Por quê? – Ele perguntou. Insistente, hein?

– Você não entenderia.

– Ok. Então vamos jantar e depois vemos isso.

– Ok. – Sorri e levantei. – Agora vou tomar um banho de verdade.

– Certo, vou esperar aqui, se não você não tomará seu banho. – Assenti e saí do quarto, entrando no banheiro. Entrei no chuveiro e tomei meu banho.

Vinte minutos mais tarde, estávamos descendo e passando pelo hall. O manobrista tocou na porta e ela abriu para cima, É um carro caro. Entrei e coloquei o cinto de segurança. Nathan entrou sentando-se no banco do motorista, e as portas baixaram.

– Hoje está dirigindo seu próprio carro? – Perguntei sorrindo.

– Sim, não posso ocupar meu motorista todos os dias da semana, ele também é humano e precisa de uma folga.

– Qual o nome desse carro? Desculpe, eu não sei nada de carro, por isso estou perguntando.

– Ah, sim! É uma Lamborghini Reventón Roadster.

– Ele me parece ser bem caro, pelo design não é americano. – Falei olhando-o. Ele deu a partida e o ronco do motor era esplêndido.

– Não é americano. Na verdade, é um modelo italiano, e essa belezinha aqui tem um motor Murciélago LP 670-4 Supervelocce. Apenas 15 desses foram fabricados, e um deles é meu. – Nathan sorria, falando do carro. Ele devia ser realmente apaixonado pelo carro. – Ele custa mais de um milhão de dólares. – Acelerou e saímos em disparada pela Quinta Avenida.

– Aonde estamos indo? – Perguntei.

– Estamos indo para o restaurante italiano Del Posto. Esqueci de lhe perguntar, gosta de comida italiana?

– Sim, gosto, mas onde fica o restaurante? – Perguntei curiosa.

– Calma, logo você irá descobrir. – Sorri e olhei para frente enquanto ele dirigia.

– O lugar é muito chique?

– Por quê?

– Porque talvez eu não esteja vestida adequadamente.

– Para mim você está linda! – Ok, agora eu estou me sentindo depois dessa.

Dez minutos mais tarde, paramos em frente ao restaurante. A parede é cor de terra vermelha, e há dois grandes vasos com plantas lindas, uma em cada lado da porta de vidro. O nome Del Posto está escrito em uma espécie de placa preta com uma luz por trás em um tom laranja.

Nathan desceu do carro e abriu a porta do meu lado. Deu-me sua mão como apoio para que eu pudesse levantar e sair do seu carro magnífico. Ele colocou sua mão em minhas costas na altura de minha cintura guiando-me. Um rapaz abriu a porta do restaurante e uma linda recepcionista nos atendeu.

– Boa noite, senhor King. É um prazer recebê-lo em nosso restaurante. – A recepcionista falava olhando para o Nathan, como se ele fosse o único ali.

– Boa noite, senhorita Holt. O quarto Gattinara está livre esta noite? – Ele perguntou.

– Sim, senhor King, para o senhor sempre estará livre. Acompanhe-me, por favor.

– Quarto?

– É como são chamadas as acomodações para eventos especiais. – Nathan deu um beijo em meu pescoço e sussurrou: – O quarto Gattinara é uma adega encantadora, localizada fora do hall de vinhos. Fica no nível mais baixo do restaurante, é iluminado por velas, e em volta tem diversas garrafas de vinho. A mesa que tem lá acomoda até 16 pessoas, mas como seremos apenas nós dois, teremos todo o espaço para nós. – Ele só poderia ser louco.

Descemos uma escada e então estávamos em uma sala confortável, com ar condicionado, mas aquecida pelas velas em volta. Realmente as prateleiras atrás da mesa estavam lotadas de vinho. Havia uma mesa enorme com diversas cadeiras em madeira e com acolchoamento vermelho. Um castiçal cheio de velas estava sobre a mesa. E os pratos bem alinhados, talheres e três taças: uma para o vinho, outra para champanhe e outra para água. Um restaurante incrivelmente fino. Por sorte, sei bem como me comportar a mesa, ainda mais quando é uma mesa com diversos talheres. Pelo menos isso minha mãe ensinou-me bem.

– Obrigado, senhorita Holt. – Nathan agradeceu a recepcionista e ela saiu quase que imediatamente, nos deixando sozinhos. Ele afastou a cadeira e eu sentei.

– Obrigada! – Agradei, e ele sentou ao meu lado, na ponta da grande mesa. – Uma mesa enorme, apenas para duas pessoas. – Falei comigo mesma.

– Eu sei, às vezes posso ser extravagante. – Ele havia me ouvido.

– Percebi.

– Não se preocupe, e pode pedir o que desejar. Nosso jantar terá seis pratos, desde a entrada até a sobremesa. A cozinha aqui é comandada pelo chefe Mark Ladner, ele é proprietário do lugar, junto com Joseph Bastianich, Lidia Bastianich e Mario Batali.

– Você parece conhecer bem os donos. Vem sempre aqui?

– Não, só quando tenho alguma reunião de negócios importante e quero impressionar os sócios –

ele falava sorrindo. Um charme natural, muito gato esse Nathan. “Ele pode ter qualquer mulher do mundo aos seus pés, mas decidi que me quer. Então vamos aproveitar.”, pensei comigo mesma.

Um garçom apareceu e cumprimentou-nos brevemente. – Gostaríamos do cardápio de seis pratos da casa. Deixo a escolha por conta do chefe da cozinha. E traga-nos uma garrafa de vinho *Tenuta dell’Ornellaia Vendemmia d’Artista dei Bolgheri* da safra de 2008, edição especial – o garçom sorriu assentindo, e afastou-se.

– Sabe falar italiano? Por que escolheu esse vinho? – Perguntei, arqueando uma sobrancelha.

– Sim, italiano, francês e mais outras três línguas. E escolhi este vinho porque é o melhor vinho italiano que já provei. O gosto é maravilhoso.

O garçom voltou com a garrafa, mostrou-a para Nathan, que assentiu sorrindo, e então o vinho foi servido na taça dele e depois na minha. Pela cor, era vinho tinto. O garçom se retirou, deixando-nos a sós. Nathan pegou sua taça, balançou o vinho, cheirou fechando os olhos, e bebeu. Fiquei ali hipnotizada, olhando-o. Ele abriu os olhos e me olhou.

– Beba seu vinho e aprecie o sabor. – Assenti, pegando minha taça. Ele colocou um pouco mais de vinho na dele. – Faça exatamente o que eu faço. – E novamente ele mexeu sua taça, enquanto o vinho balançava em volta das paredes dela. Repeti, fazendo o mesmo. – Agora beba e aprecie. – Bebi e senti o gosto maravilhoso do vinho. – Gostou?

– Sim. – Passei a língua por meus lábios.

– Gostará mais ainda quando experimentá-lo com a comida. E eu adoraria experimentá-lo enquanto ele escorrega por seu corpo.

Sorri envergonhada, e senti minhas bochechas queimarem. Eu sabia que devia estar vermelha como um pimentão. Completamente corada.

Capítulo 17

Kate

O jantar foi excepcional, totalmente perfeito. Após os pratos de entrada e prato principal veio a sobremesa, que eu não pude deixar de comer. Afinal, quem não adora uma sobremesa? Eu amo qualquer tipo de doce.

Nathan estava me observando saborear minha sobremesa.

– Você é a primeira mulher com quem saio que não tem medo de comer.

– Sério?

– Sério. A maioria delas fala que isso e aquilo as fará engordarem. E quase não comem. – Ele sorria. – E você, ao contrário delas, come sem medo de ser feliz.

– Exatamente. Esse é o meu lema: comer sem medo de ser feliz. E obrigada pelo jantar, estava tudo maravilhoso.

– Percebi. – Ele falou, levantando uma sobrancelha. Entendi o que ele queria dizer afinal: que eu tinha comido tudo de cada prato que veio para a mesa. Corei.

– Não precisa ficar com vergonha. – Ele colocou a mão sobre a minha. – Se gosta de comer, isso é bom. Pelo menos nunca desperdiçará comida.

– Ah! Isso é verdade. Não gosto de desperdiçar comida, já há pessoas demais passando fome no mundo, para desperdiçar.

– Eu entendo seu ponto de vista e estou de acordo.

– Bem, o jantar foi maravilhoso, mas eu necessito mesmo ir para casa. Amanhã acordo cedo para estar no colégio. Se puder pagar um táxi para mim, poderei ir e você poderá ir para a sua.

– Ah! Falando em pagar... – Nesse momento ele tirou a carteira do bolso e retirou um talão de cheques, rabiscou alguma coisa e destacou-o, estendendo a folha para mim.

– Oh! Não precisa. – Falei imediatamente.

– Eu insisto. – Ele ainda estava com a folha estendida. Peguei-a e percebi que estava em branco, apenas com sua assinatura.

– Em branco? – Indaguei-o.

– Sim, você pode precisar para algo e estou lhe dando em branco, assim poderá comprar o que quiser. Ou mesmo sacar a quantia que necessitar.

Deus! Ele só pode ser doido.

– Confia tanto assim em mim?

– Não acho que irá tirar todo o dinheiro que tenho no banco. E mesmo que tentasse, tem um limite para saque em cheques. Além disso, tem também o fato de que os zeros após o primeiro número não caberiam no cheque. – O quê? Como assim? Tudo bem que ele trabalhe nas Indústrias King, mas ele trabalha para o pai, então não teria todo esse dinheiro.

– Ok! Obrigada então pelo... Cheque. – Falei sem graça. Peguei minha bolsa e guardei-o ali dentro.

– De nada. Se precisar pode me ligar a qualquer hora, afinal você tem meu cartão. Também pode me enviar SMS, se desejar. E se tiver whatsapp, podemos passar o dia trocando mensagens.

– Oh! E você é um homem da tecnologia assim? Para ter whatsapp.

– Não, mas se você tiver um, então para facilitar nosso contato, terei que ter um. – Ok, agora já estava me assustando. Ele queria manter contato comigo de todas as formas possíveis.

– Tudo bem. – Falei assentindo.

O garçom aproximou-se dele e lhe entregou a conta. Ele olhou e lhe entregou um cartão de crédito. O rapaz saiu rapidamente, deixando-nos a sós de novo.

– Vamos? – Ele perguntou.

– Sim. – Sorri. Ele levantou-se e afastou minha cadeira para que eu pudesse levantar. Colocou a mão em minhas costas e me encaminhou para as escadas. Subimos e logo estávamos no hall de

entrada do restaurante. A recepcionista sorriu ao vê-lo e lhe entregou seu cartão de crédito.

Sáímos e o carro, ou melhor, a máquina dele estava parada ali na frente. O manobrista entregou-lhe a chave e ele abriu a porta para eu entrar. Entrei e ele fechou-a, passou pela frente do carro e entrou no banco do motorista. Ligou o carro e saímos em disparada pela rua.

– Onde mora?

– Se for mais devagar poderei lhe dizer. Moro aqui perto. – Ele diminuiu a velocidade. – Moro na 96th Street, número 275.

– Ok! – Menos de 10 minutos depois estávamos em frente ao meu prédio. – Entregue em casa.

– Obrigada! – Agradei. – Obrigada pela tarde e pela noite maravilhosa.

– Katherine, pense no que conversamos sobre nós dois.

– Pensarei. – Falei, abrindo a porta do carro. – Novamente obrigada. – Ele me puxou para um beijo daqueles.

– Eu é que agradeço por sua companhia. – Ele sorriu e eu saí do carro. Fechei a porta e entrei no prédio sem olhar para trás. Peguei o elevador e subi.

– Onde estava? Passou o dia todo fora. – Entrei e minha mãe começou. Olhei no relógio e passava das 23h.

– Sou maior de idade e posso ir onde eu quiser e desejar. – Falei e passei em direção ao meu quarto.

– Você me deve uma explicação, Katherine.

– Não lhe devo nada.

– Se foi atender algum cliente, me dê logo o dinheiro, pois temos contas a pagar.

– Você é uma filha da p... – Não consegui terminar, porque a mão dela acertou em cheio o meu rosto.

– Sua vadiazinha, me respeite, ainda sou sua mãe. Passei nove meses da minha vida carregando você, criei você, dei tudo o que queria.

– Eu não pedi para nascer! – Gritei.

– Eu pensei que seu pai fosse querer você, mas ele não quis. Fugiu como um cachorrinho com o rabo entre as pernas.

– Isso é mentira! – Gritei novamente. – Ele não fugiu! Você que se escondeu dele, porque ele não tinha todo o dinheiro que você gostaria que ele tivesse. – Falei e ela me olhou perplexa, calada e com os olhos arregalados.

– De onde tirou essa história, Katherine? Com quem andou se encontrando?

– Com ninguém. – Respondi séria. – Meu pai me queria, mas por ele não ter tanto dinheiro como você desejava, resolveu sair de sua vida.

– Não me provoque Katherine.

– É a verdade! E você sempre mentiu, dizendo que era um cliente, que você engravidou por acidente, que meu pai nunca me quis. Ele me queria e amava você, mas não tinha como sustentar todos os seus caprichos.

– Não sei de onde está tirando isso. – Ela falou e virou-se, dando as costas.

– Se é assim que quer continuar acreditando, que seja. Que continue achando isso, e se engasgue com suas próprias mentiras. – Falei e entrei em meu quarto, batendo a porta. Chorei com raiva, porque ela mentiu para mim durante toda a minha vida, dizendo que eu era filha de um cliente. Meu pai era apaixonado por ela, lhe dava tudo o que não podia, gastou boa parte da fortuna do próprio pai, por sua causa. Filha da mãe. Maldita, só pensa em dinheiro. Gananciosa.

Peguei um porta-retrato que tinha uma foto de nós duas e joguei na porta. Ele se despedaçou. Tirei minha roupa e entrei no banheiro. Precisava de um banho antes de dormir. Assim que saí do banho vesti meu pijama, joguei as roupas em cima da poltrona e caí na cama. Amanhã seria um dia longo.

Acordei com o barulho do despertador: 6 horas. Bocejei e levantei, espreguiçando-me. Arrastei-me até o banheiro, ainda caindo de sono, e liguei o chuveiro. O dia amanheceu friozinho. Voltei para o quarto e olhei pela janela. As pessoas estavam usando agasalhos e botas. O inverno estava chegando.

Voltei para o banheiro, tomei meu banho e me preparei para enfrentar o dia cheio, vesti meu uniforme da escola, um casaco por cima e tênis. Coloquei outra roupa dentro da bolsa, pois depois as 15h30 tenho que estar na cafeteria. Com o inverno chegando, a escola libera uma hora mais cedo.

Saí do quarto, passei na cozinha, preparei meu sanduíche com manteiga de amendoim, enrolei em papel alumínio e guardei na mochila. Passei pela sala, e tudo estava no mais profundo silêncio. Peguei minha chave e saí. Caminhei até o metrô, que já estava lotado. Três estações depois, descii, atravessei a rua e já estava na escola. Essa é a vantagem de morar perto da escola. E logo mais eu iria a pé, afinal morarei a duas quadras daqui.

Entreí no colégio e fui direto para o meu armário pegar meus livros, para a aula de Matemática. Adoro essa matéria. Quem sabe entro em algum curso na faculdade relacionado a números.

Caminhei até minha sala e sentei, jogando minha mochila no chão. As gêmeas King já estavam lá. Amanda levantou e já foi logo interrogando:

– Então? Por que não me ligou ontem? – Ela falava com a mão na cintura.

– Desculpe, passei o dia inteiro arrumando meus pertences para a mudança.

– Mamãe comentou algo sobre isso ontem. – Alice falou.

– Precisamos conversar Ka, e você já sabe o que deve ser. – Sei? Opa, espera aí. Como assim sei?

– Eu sei?

– Sim sabe. Sobre o Andrew – ela falou baixinho, e Andrew passou por mim sorrindo, sentando-se atrás de mim.

– Ah! Sim! – Fiz cara de que sabia. – O que tem ele? – Perguntei.

– Você quer me dizer que não reparou que ele está lhe dando bola? – Olhei para ele e sorri. Depois olhei para Amanda e apontei para mim mesma. E ela assentiu, sentando-se do meu lado.

– Amanda, não começa. – Falei baixinho e Alice riu. – E você também, dona Alice. – Elas riram e a aula começou. Todo o dia tem em torno de oito aulas, e cada uma tem duração de uma hora. Aqui na escola temos horário de almoço e depois ainda tem atividades físicas, que eu odeio por sinal, mas gosto de ficar vendo os meninos jogando e treinando futebol. A primeira aula foi de Matemática, seguida de uma aula de Geometria e outra de Física. Pausa para o lanche rápido e depois mais aulas. Finalmente o intervalo do almoço chegou. Eu estava faminta. Mesmo tendo comido meu lanche mais cedo, precisava comer, estava querendo muito comer. E não era a comida da escola não, eu queria mesmo era um *Cheddar McMelt do Mc Donald's*. Saí da sala junto com Amanda e Alice.

– Ligando para quem, hein? – Amanda falou rindo, me cutucando com o dedo.

– Ah estou ligando para o Mc Donald's.

– Sério?

– Sim, estou querendo comer um bendito Cheddar McMelt.

– Desejo, é? – Alice riu.

– Desejo nada, faz muito tempo que não como um bom lanche do Mc Donald's, e eu adoro. – Falei rindo. A atendente finalmente atendeu. – Olá, boa tarde. Quero pedir um Cheddar McMelt sem cebola, Coca-Cola e batata frita média. Sim, dinheiro. Obrigada. Um minuto. Vocês querem pedir algo?

– Não, nós trouxemos o almoço. – Amanda respondeu sorrindo.

– Hm... Ok. Então está certo, pode me enviar para The Collegiate School, fica na 80th. Ok. Obrigada. Pronto, resolvido meu problema. Agora vamos para o refeitório. – Falei sorrindo enquanto seguia com as meninas para lá.

– Voltando a falar sobre o Andrew... – Amanda tocou no assunto. – Ele está ali sentado sozinho, que acha de fazermos companhia a ele?

– Boa ideia. – Nos aproximamos dele, e ele levantou a cabeça.

– Boas tarde, meninas.

– Boa tarde Andrew! – Falamos as três juntas. – Podemos sentar? – Perguntei.

– Sim, é uma honra.

– Obrigada. – Falei sorrindo e sentei em frente a ele, Alice sentou ao seu lado e Amanda do meu lado.

– Andrew, você está a fim da Katherine? – Amanda perguntou na maior cara de pau. Fiz cara de espanto, e ele me olhou sorrindo.

– Katherine, você é linda e te admiro muito. Observo você durante as aulas, – ele falava olhando para mim. – mas não, eu não estou a fim da Katherine. – respondeu, olhando para a Amanda.

– Mas então por que sempre solta sorrisos, e fica lá babando por ela?

– Amanda, pelo amor de Deus! – Falei, empurrando-a.

– Só queria ser amigo dela, nada mais.

– Ah! Sei. Me engana que eu gosto. – Amanda falou baixinho, mas eu escutei. Sorri comigo mesma.

A inspetora apareceu no refeitório e eu sabia que ela me procurava. Assim que me viu, fez um gesto chamando-me com a mão, e eu levantei.

– Com licença. – Sai de lá e fui falar com ela.

– Chegou uma entrega para você, Srta. Watson.

– Ah! Sim, meu lanche.

– Sabe que não é permitido pedir lanches. – A inspetora falou, me repreendendo.

– Eu sei, desculpe. Prometo não fazer novamente. – Falei cruzando os dedos. Uma ova que não pediria de novo. Ela entregou meu lanche. Voltei para o refeitório e sentei com as meninas de novo. – Voltei. – Tirei o sanduíche e dei uma mordida gulosa.

– Nossa Katherine. Tenha calma. O sanduíche não irá fugir de você. – Eu sorri com a bochecha cheia de comida. Bebi meu refrigerante, e elas também começaram a comer.

– Desculpem, é a fome. – Falei enquanto continuava a comer meu lanche.

Horas mais tarde, eu estava terminando o dever da escola para entregar ao professor de Filosofia para já ir embora. Hoje eles liberarão todo mundo as 14h30. Que benção do céu!

Assim que entreguei o dever pronto ao professor, me despedi rapidamente das meninas e saí em disparada pelo corredor. Passei pelo meu armário, deixando alguns livros. Sai de lá, passei no banco, e assim que entrei, meu telefone, que estava tocando havia mais de uma hora, tocou novamente.

– Pronto.

– Boa tarde, Srta. Watson, me chamo Fernando Travant, e sou o advogado do senhor La Raine. Estou entrando em contato para marcamos um local onde possa dar uma olhada no contrato de locação, e onde eu possa lhe dar o número da conta do meu cliente.

– Tudo bem. Pode me encontrar na cafeteria Bride's?

– Sim, posso.

– Ótimo. Sabe onde fica?

– Sim, conheço, é próximo da Broadway.

– Sim, isso mesmo. Estarei lá, esperando pelo senhor. Obrigada por insistir nas ligações, eu estava em sala de aula e não pude atender.

– Sem problemas, senhorita Watson. Estarei lá dentro de trinta minutos.

– Obrigada. – Desliguei e entrei no banco. Consegui um talão de cheques com meu adorável gerente, e de lá, fui para o trabalho.

Assim que entrei cumprimentei Mariah. Ela é garçonete como eu, mas é latina, nasceu no México. Sua pele tinha um tom muito bonito. Eu particularmente gostava. Troquei de roupa, vestindo a calça social e a blusa branca da cafeteria, coloquei meu avental e comecei a servir algumas mesas. Alguns minutos depois, um rapaz de terno, que devia ter uns 30 anos, entrou e sentou-se. – Boa tarde! O que gostaria de pedir?

– Um café, por favor. – Ele falou sorrindo. – Estou esperando uma moça.

– Desculpe a pergunta, o nome dela é Katherine Watson?

– Sim, por quê?

– Sou ela. – Falei e ele fechou a cara, meio desconcertado. Levantou e me cumprimentou.

– Desculpe.

– Não tem problema, eu não avisei ao senhor que trabalhava aqui.

– Não precisa me chamar de senhor, pode chamar apenas por Fernando.

– Um minuto, já volto. – Fui ao balcão e falei com meu gerente a respeito do contrato que precisava assinar. Pedi para sentar com o advogado e ele permitiu. Voltei, servi o café que ele havia pedido e sentei. – Pronto.

– Aqui está o contrato. Se quiser ler antes de assinar, sinta-se à vontade.

– Ok. – Sorri pegando as folhas em cima da mesa. Comecei a ler. Vinte minutos depois, eu estava assinando.

– Aqui, a conta do senhor La Raine. – Ele me passou uma folha com os dados bancários.

– Se importa se lhe der um cheque e o senhor mesmo entregar a ele?

– Não, claro que não. – Tirei o talão de cheques novo que tinha dentro do bolso do avental, fiz o cheque e entreguei a ele.

– Se tiver algum problema com o cheque, por favor, me avise. – Falei sorrindo.

– Aviso sim. – Ele levantou-se e eu também. – A sua via do contrato estará na porta do seu novo apartamento no final da tarde de amanhã.

– Obrigada! – Abracei-o. – Oh! Desculpe. – E ele sorriu.

– Não se preocupe. Até mais. E aqui está sua chave. – Pegou sua maleta e entregou-me um molho de chaves.

– Obrigada! – Ele apenas sorriu e saiu andando. Fiz a dancinha da vitória, rebolando o quadril, sozinha, como uma louca. Mariah riu, balançando a cabeça atrás do balcão. Voltei ao trabalho.

Saí do trabalho às 19h e peguei o metrô, horário de pico. Estava lotado. Desci duas estações depois e cheguei à casa toda feliz: iria mudar-me ainda hoje. Entrei em casa, e corri para meu quarto, trancando a porta. Joguei duas malas sobre minha cama, e comecei a jogar as roupas dentro. Tudo o que eu tinha de roupa joguei dentro da mala grande sem dobrar. Depois eu dobraria quando estivesse no apartamento novo. Peguei meus ursinhos e as bonecas, e coloquei na mala média. Meus álbuns de quando era bebê, minha caixinha de música e minhas bijuterias também. Na mala pequena, coloquei

meus sapatos. Sobrou espaço para colocar o tapete do meu quarto, ele é meu favorito. É um tapete da Minnie todo rosa. Fechei a mala pequena e a média. Coloquei meu edredom rosa que eu amo tanto dentro da mala grande, e fechei-a com um pouco de esforço. Peguei também meus itens de higiene pessoal e coloquei na mochila da escola. Esperaria minha mãe dormir para poder sair com esse monte de malas.

Capítulo 18

Nathan

Katherine estava me fazendo ficar de cabeça para baixo. Nunca me comportei assim com outras mulheres. Nunca fui tão extravagante desde Jéssica. Ela marcou a minha vida, talvez pelo fato de ter escolhido a carreira a ficar comigo.

Cheguei a casa tarde e caí na cama. Tenho um apartamento em uma cobertura na Quinta Avenida. E meu escritório fica na Wall Street. Sim, um dos mais importantes centros comerciais e financeiros do mundo.

A *King Enterprises Industries Inc.* cresceu naquele lugar. Na época, meu bisavô comandava o negócio e foi passando de geração em geração, até chegar ao meu poder. Hoje assumo o risco por toda a empresa quando fecho um negócio de compra ou venda.

Acordei cedo na manhã de segunda-feira. Meu terno cinza grafite já estava passado e estendido sobre a cama do quarto ao lado do meu. A senhora Farrell é minha governanta desde que me mudei. Tem cerca de 45 anos e cuida do apartamento como ninguém. É uma pessoa maravilhosa.

Tomei um banho rápido e me vesti, desci para comer e sentei-me à mesa.

– Bom dia, senhor King.

– Bom dia, senhora Farrell.

– Aqui, seu jornal. – Ela entregou-me o jornal do dia. Preciso ficar sempre atento às notícias financeiras do mundo, afinal, a fortuna da família inteira depende disso. Claro que tenho meu próprio dinheiro, afinal ganho um salário para ser o CEO da empresa. Invisto o meu salário em outros

investimentos que não tem nada a ver com a empresa. E tenho lucrado bastante. Em cinco anos, desde que assumi a presidência da *King Enterprises Industries Inc*, já consegui acumular pequenos bilhões.

Tomei meu café enquanto lia o jornal. Comi torradas e ovos mexidos. Terminei, escovei os dentes e peguei minha pasta. David me aguardava na sala.

– O carro já está pronto, senhor King. – Ele falou e abriu a porta da cobertura. Descemos pelo elevador privativo, direto para o estacionamento. David abriu a porta do carro e eu entrei. Em poucos minutos o carro já estava no trânsito caótico de Manhattan, rumo a Wall Street. Quarenta minutos mais tarde, eu estava passando pela porta giratória do edifício da empresa. Ele é esculpido por seis colunas enormes que vão do chão até o topo. Elas separam as janelas de vidro fumês.

Cheguei ao meu andar que ficava no vigésimo primeiro. Cumprimentei minha secretária com um discreto bom dia e entrei em minha sala. A visão que eu tinha de lá era esplêndida. Podia ver dali todo o Rio East.

Sentei em minha cadeira e liguei o computador. Hoje eu teria um dia cheio: duas reuniões e visitas a novos clientes.

Assim que a tela acendeu, a primeira coisa que vi foi a foto da Katherine dormindo, que eu utilizava como plano de fundo da minha área de trabalho.

Kate

Assim que a casa entrou em absoluto silêncio, passei com a primeira mala pela sala, deixando-a no corredor fora do apartamento. Passei a outra e o restante das coisas. Coloquei tudo no elevador e desci. Pedi um táxi pelo celular e ele já estava aguardando. O taxista me ajudou com as malas. Depois de guardá-las, dei para ele o endereço e em menos de 10 minutos estávamos em frente ao meu novo lar. Novamente ele ajudou-me com as malas e subiu comigo, deixando-as junto à porta do meu novo apartamento. Paguei a mais pela corrida por ele ter me ajudado com minha mini mudança. Entrei no apartamento quase às 2h da manhã, fechei tudo e deixei a mala ali mesmo, no hall de entrada do apartamento e fui para o quarto. Caí na cama, dormindo imediatamente.

Acordei com o sol entrando pela janela. Olhei no meu relógio de pulso e passava das 10h da manhã. Estava mais que atrasada para a escola e eles não me deixariam entrar, então hoje faltarei. Que mal tem faltar um dia?

Levantei, peguei em minha mochila meus itens de higiene pessoal e fui tomar um banho. Após o banho vesti um shortinho jeans e uma camiseta preta dos *Rolling Stones*, que ganhei de aniversário de 16 anos. Amava aquela camiseta. Peguei meu Ipod e ajustei na música da *Demi Lovato – Heart Attack*, coloquei os fones de ouvido e o guardei no bolso do short. Precisava comprar comida, estou morrendo de fome. Saí de casa e fui ao mercado mais próximo, comprei leite, *cocoa puffs* que é um cereal de chocolate, comprei macarrão, lasanha, carne e algumas outras coisas para passar o resto da semana. E no domingo farei compras de verdade para a minha nova casa. Passei tudo no cartão e voltei.

Abri o leite, peguei uma tigelinha e coloquei dentro, derramei meu *cocoa puffs* dentro e comecei a

comer, sentada no balcão da cozinha. Dei uma olhada em volta. O apartamento estava todo mobiliado, tudo no seu devido lugar, mas as cores utilizadas não eram alegres: tons marfim e creme, e alguns tons de cinza. Eu teria que dar meu toque a este lugar.

Terminei de comer, larguei a tigela na pia e fui à sala, carregando todas as malas para o quarto. Abri a maior sobre a cama e comecei tirando as roupas e jogando-as sobre ela. Algumas ainda estavam no cabide. Abri a porta do armário e coloquei-as lá. Arrumei como sempre fazia: as que mais uso de um lado e as de menos uso do outro. Coloquei o edredom e os lençóis que trouxe no maleiro, esvaziando a primeira mala. Peguei a segunda mala, onde havia todas as pelúcias e coloquei sobre a cama, e ainda teria que arrumar uma ou duas prateleiras para pôr os meus ursinhos e algumas bonecas. As peças íntimas foram para uma gaveta e separei-as por cor. Sou uma garota organizada. Partindo para a terceira mala, tirei todos os meus sapatos e coloquei-os na parte de baixo do armário, separando-os por cor também. Demorei cerca de 2 horas nesse processo de arrumação.

– Pronto. Agora vou comer, porque já me bateu uma fome. – Falei comigo mesma.

Fui à cozinha, preparei uma lasanha no microondas e sentei no sofá da sala para assistir. Liguei a TV e estava passando CSI Nova Iorque. Não sei por que, mas adoro essa série, e a música de abertura cantada pelo The Who é demais.

Assim que o microondas apitou avisando que estava pronto, levantei correndo e peguei a lasanha, coloquei em um prato e voltei para a sala. Não perco os episódios de CSI por nada. Apesar de ultimamente ter assistido online, por conta da falta de tempo.

Uma hora depois eu estava ainda terminando minha lasanha e CSI tinha terminado. Olhei a programação e às 17h iria passar The Client List. Eu amo esta série. *Talvez pelo fato de me ver na personagem principal?* Não, não, mas porque acho a personagem muito forte e é até engraçado algumas cenas dela com seus clientes. Mas infelizmente não poderei assistir, afinal tenho que trabalhar.

Voltei ao quarto e terminei de organizar o restante das coisas. Levei meus itens de higiene pessoal para o banheiro e coloquei-os do jeito que gosto. Por sorte, o apartamento estava limpo, mas no fim de semana preciso comprar alguns itens de decoração para animar o ambiente. E também comida para o mês, assim não precisarei ficar indo sempre até o mercado comprar algo para comer.

Separei minha roupa para ir trabalhar, tomei outro banho e me vesti. Peguei minha mochila, as chaves e quando fui pegar o celular, ele tocou. Era Amanda.

– Pronto.

– Oi senhorita, o que houve? Não apareceu na aula hoje por quê?

– Estava de mudança ontem e acabei dormindo demais. – Falei terminando de fechar a porta do apartamento.

– Você se mudou e não me convidou para ajudar na mudança? Como assim, dona Katherine? Está merecendo umas palmadas. – Ela falava rindo. Dei uma gargalhada, e descí as escadas.

– Pois é, não deu para avisar. Foi bem em cima da hora. Mas agora você e Alice podem me visitar, o que acham? Claro, durante a semana é impossível, mas no sábado pela manhã ou domingo seria bom. Estou precisando fazer compras para o novo apartamento e se quiserem podem me

acompanhar.

– Ah! Nós vamos sim, afinal iremos querer opinar sobre tudo.

– Espertinha você, hein?

– E Alice também é bem esperta.

– Oh! Eu é que sei. Mas agora preciso desligar, pois estou indo para o trabalho, já que vocês não trabalham e estão com a vida ganha. – Falei rindo.

– Opa, dona Katherine, não é assim não, nós trabalhamos sim, na mansão do papai. Afinal ele nos faz limpar os quartos e lavar nossos banheiros.

– Isso não é nada. – Amanda ria do outro lado da linha.

– Ok! Que seja. Vejo você amanhã. Beijos e bom trabalho.

– Valeu. – Desliguei, coloquei o celular no bolso e caminhei até a cafeteria. Tudo agora ficava a pouco mais de dois quarteirões de casa. Cheguei a cafeteria, troquei de roupa rapidinho e comecei a servir as mesas.

Por volta das 18h eu estava conversando com a Mariah. Na cafeteria não tinha quase ninguém, e eu estava no balcão de costas para a porta. Mariah arregalou os olhos e falou baixinho:

– Não olhe agora, mas acabou de entrar um boy lindo e gato, que eu daria qualquer coisa para estar na cama com ele em menos de 10 minutos. – Dei uma gargalhada e resolvi olhar para trás, dando de cara com Nathan em seu lindo terno cinza grafite. Ele me viu e sorriu, depois andou até uma das mesas e sentou-se. – Você vai servi-lo, ou eu vou? – Mariah perguntou rindo.

– Eu vou... – Falei sorrindo. Me aproximei da mesa. – Boa noite senhor, aceita um café? É por minha conta.

– Boa noite, senhorita Watson. Que prazer em vê-la. – E deu aquele sorriso que faz minhas pernas tremerem.

– Não seja mentiroso, você veio até aqui para me ver que eu sei. – Falei baixinho, servindo café para ele.

– Você é tão convencida, senhorita Watson. – Disse rindo enquanto bebia um gole do café.

– Está me seguindo, senhor? – Perguntei.

– Eu? – Falou em tom de deboche. – Não...

– Tudo bem. – Saí para servir outra mesa atrás da dele.

– Espere... – Ele segurou meu pulso, e eu voltei.

– Sim...

– Tudo bem, na verdade estava passando em frente ao colégio das meninas e por acaso a vi andando e entrando aqui. Então esperei algum tempo e você não saiu. Daí resolvi entrar. E veja só, você trabalha aqui. – Seu sorriso era indescritível, uma mistura de deboche com algo sexy.

– Como viu, estou trabalhando e não posso ficar conversando, senhor.

- Algum problema, Watson? – Chris perguntou do balcão, olhando para mim e Nathan.
- Não Chris, nenhum. – Olhei-o sorrindo. – Viu só? Preciso trabalhar. – Falei baixinho.
- Ok! – Nathan soltou meu pulso e fui servir a outra mesa. Voltei para o balcão.
- O rapaz ali estava lhe importunando, Watson? – Chris perguntou assim que cheguei ao balcão.
- Não, Chris, ele apenas queria mais café. – Falei sorrindo.

Chris é meu patrão, um cara simples com esposa e três filhas. A foto da família estava na parede atrás do balcão.

Olhei para Nathan e ele estava ao celular. Pela testa franzida, não era algo bom. A mesa ao lado da dele me chamou e fui até eles anotar seus pedidos.

– Não, Jéssica, eu não posso lhe ver esta noite. Eu sei que você chegou ontem, e que está sozinha. Mas hoje não vai dar. – Nathan falava com uma tal de Jéssica. *Seria sua namorada? Ficante? Ou rolo?* – Ok! Tudo bem, eu vou lhe buscar para jantar... – Ele falou e então desligou.

– Senhorita Watson, por favor. – Chamou-me.

– Sim.

– Gostaria de fazer meu pedido agora. – Falou sorrindo.

– Sim, pode dizer – parei ao seu lado e ele me olhou nos olhos.

– Quero você sobre minha cama, completamente nua, com os olhos vendados. – Ele sussurrou alto. Puta que pariu! Meu ventre se contraiu só de pensar na cena, e uma dorzinha se instalou ali. Meu rosto deve ter ficado corado, porque senti minhas bochechas pegarem fogo.

– Nathan...

– Diga que sim... Por favor.

– Seu pedido. – Falei.

– Um x-salada e suco de laranja, por favor. – Ele falou rindo.

– Já volto com seu pedido. – Voltei até o balcão, entreguei para Mariah e olhei de relance para Nathan, que estava digitando algo no celular. Olhei para o relógio: em menos de meia hora meu expediente terminaria. Estava me esperando para ir embora com ele?

O pedido dele ficou pronto e voltei para entregar. – Aqui senhor. – Ele segurou meu pulso de novo e eu voltei.

– E o meu outro pedido?

– Quem sabe... – Respondi e saí para deixar o pedido das outras mesas. Ele começou a comer. Nathan, todo bonito de terno e gravata, comendo um x-salada com as mãos. Olhando assim de longe, parece um adolescente aproveitando um bom sanduíche.

Meu expediente terminou antes de levar a conta até ele. Entrei no vestiário, bati meu ponto e me troquei. Peguei minha mochila e saí. – Mariah, cobre a conta do senhor da mesa quatro. – Falei para ela sorrindo e caminhei até a porta. Ele me viu e levantou-se ao mesmo tempo em que eu saía da

cafeteria. Vi pelo vidro ele jogar algumas notas sobre a mesa.

– Katherine, espere... – Virei para vê-lo correndo atrás de mim. – Não deu minha resposta.

– Você não fez nenhuma pergunta.

– Ok! Vou reformular meu pedido então. Você quer sair comigo esta noite?

– Nathan, estamos em plena terça-feira e tenho aula amanhã cedo, você sabe.

– Não seja chata, por favor... – Ele falou com carinha de cachorro sem dono.

– Ok! Tenho uma ideia. Vamos ao meu apartamento, pedimos algo para comer e depois você vai para casa, pode ser?

– Seu apartamento? Não mora com sua mãe?

– Morava... Até ontem. – Falei andando.

– Oh! Deixe-me levar você.

– Eu moro a dois quarteirões daqui. Vou a pé, e se quiser pode me acompanhar com o seu carro.

– Ok! – Ele se afastou e eu continuei andando, rindo comigo mesma. Ele só pode ser louco. Balancei a cabeça segurando minha mochila. Andei até em casa, sendo seguida pelo BMW dele. Tirei a chave da bolsa, subi os degraus até chegar à primeira porta que dá para o hall de entrada do prédio. Ele desceu do carro e falou algo para o motorista. Logo depois o carro saiu.

– Então é aqui que você se esconde agora? – Ele falou sorrindo, com as mãos nos bolsos e encostado na parede ao lado da porta. Abri-a e entrei.

– Sim. – Respondi. Subi as escadas até chegar ao terceiro andar e abri a porta do meu apartamento. Ele me seguia logo atrás. Entrei em casa, joguei a mochila no chão e fui tirando o casaco, o cachecol e a boina que estava usando, e jogando sobre o sofá. – Bem vindo à minha humilde residência.

– É bonito. – Falou, olhando ao redor. – A mobília é sua?

– Não, já aluguei assim.

– Pela região, o aluguel deve ser salgado.

– Não muito. – Respondi. – Quer beber algo? Na verdade, só tenho água no momento, se servir.

– Pode ser água. – Ele respondeu, tirando o paletó, afrouxando a gravata e sentando no sofá. – É aconchegante seu apartamento. – Andei até ele e lhe entreguei o copo com água. – Parabéns pela casa nova.

– Obrigada. – Sentei ao seu lado e liguei a TV. – Eu sei que você comeu há pouco tempo, mas estou faminta. Vou pedir algo para comer. Você quer algo? – Falei pegando o celular e discando para pedir comida.

– O que pretende pedir?

– Comida chinesa. – Respondi. A pessoa do outro lado atendeu e fiz meu pedido. – Quero um Yakissoba de camarão e rolinhos primavera. Ah! E uma Coca-Cola também. – Coloquei a mão no

telefone – Você vai querer algo? – Perguntei.

– O mesmo. – Ele falou, e eu repeti o pedido. Desliguei.

– Nosso jantar chega em 20 minutos. – Falei levantando do sofá. – Vou tomar um banho e já volto. Não saia daí. – Falei rindo e entrei no quarto, encostando a porta. Comecei a tirar minha roupa. Precisava tirar o cheiro de gordura e suor do cabelo e do corpo. Ainda mais com o gostosão do Nathan no sofá da minha sala, eu precisava ficar mais do que cheirosa. E estava louca, louca por uma boa trepada com ele.

Capítulo 19

Nathan

O meu dia não foi dos melhores, mas só de ver a Katherine em minha frente, é como se todos os meus problemas sumissem.

Agora estou aqui, no apartamento dela. É bonito, bem decorado, apesar de não haver nada muito feminino, pois os tons claros e neutros indicavam que o antigo dono não gostava de cores mais vivas.

Katherine entrou pelo micro corredor em direção ao quarto, e estou me coçando para ir olhá-la tirando a roupa. Como não aguento esperar, preciso dar uma espiada. Vou andando lentamente pelo corredor, e vejo que a porta está apenas encostada. Olho pela fresta e vejo-a tirar a camiseta, ficando de sutiã, que por sinal é de renda e preto. Filha da mãe. Ela vira-se, ficando de costas, com o bumbum voltado para a porta, e tira sua calça jeans devagar. A calcinha também é preta, e é fio dental. Puta que pariu. Meu pau subiu quase que imediatamente diante da visão. Colocou as mãos nas costas e abriu o fecho do sutiã, tirando-o e jogando sobre a cama. Virou-se e ali, na luz do seu quarto, percebi que seus seios estão maiores, talvez inchados. Ela deve estar próxima da época menstrual.

Depois tirou a calcinha e jogou sobre a cama, pegando uma toalha e saindo do meu campo de visão. Logo o barulho de água do chuveiro chegou aos meus ouvidos. Empurrei a porta devagar e fui até sua cama, peguei a calcinha e cheirei-a. Filha da mãe cheirosa da porra. Mesmo depois de um dia inteiro com ela e trabalhando, ainda estava cheirosa. Suspirei e meu pau estava duro como pedra dentro da calça. Tirei meu celular do bolso, coloquei no silencioso e deixei-o sobre a mesinha no canto do quarto. Tirei o relógio, a carteira, tudo o que tinha nos bolsos e coloquei ali. Tirei também o cinto, o sapato e as meias. Entrei no banheiro devagar sem bater, e abri a porta do box. Ela deu um grito de susto.

– Opa! Calma, sou eu.

– Eu sei. – Ela cobria os seios com um braço e com a outra mão, tentava cobrir sua boceta.

– Não tem nada aí que não tenha visto antes. – Falei rindo e entrei no chuveiro.

– Você vai ficar todo molhado.

– Eu sei... E não me importo. – Segurei em sua nuca e trouxe-a para perto de mim, beijando seus lábios com paixão. O chuveiro sobre nós molhou minha camisa e a calça. Levantei-a e Katherine me abraçou com suas pernas maravilhosas. – Veja o que você faz comigo, *my little one*.

Ela era como o doce mais gostoso que já provei, a bebida mais saborosa que bebi. Seu corpo é viciante e estou fascinado por ela. Tudo nela me atrai: seu cheiro, seu corpo, sua boca, seu jeito, a forma como seu corpo se molda ao meu, e como eu me encaixo nela tão perfeitamente, sem machucá-la por dentro, mesmo sendo tão grande. Ela foi feita especialmente para mim.

Kate

Fui pega de surpresa com Nathan entrando no box com roupa e tudo. E que surpresa maravilhosa, por sinal. Ele me pôs em seu colo e o abracei com minhas pernas, sentindo sua ereção. Comecei a desabotoar sua camisa, enquanto estávamos aos beijos e amassos. Ajudei-o a se livrar dela e depois da calça, a cueca indo junto. Nathan me colocou no chão, me virou de costas para ele e abriu minhas pernas, para logo entrar em mim com uma única estocada, me fazendo gritar e arfar.

– Oh, Nathan! – Gemi enquanto ele bombeava fundo para dentro de mim. O box do meu banheiro é pequeno, então com minhas pernas abertas, coloquei um pé no canto da parede e o outro no aço do chão do box de vidro.

Nathan estava atrás de mim, segurando em meu quadril. Coloquei minhas mãos na parede para ter apoio. A água morna do chuveiro caía sobre nós, e o barulho dos nossos corpos se chocando, misturado com a água, era algo excepcional e maravilhoso. O vidro do box estava embaçado pelo vapor da água e o calor de nossos corpos juntos.

Nathan me virou, encostei minhas costas na parede e ele me ergueu de novo, esticando a mão para fechar o chuveiro, ao mesmo tempo em que me erguia em seu corpo e o posicionava em minha entrada escorregadia. Eu estava virando uma maníaca por sexo, e a culpa era dele. Completamente dele. A cada estocada, um gemido mais alto. Beije e chupei seu pescoço. Fiz um caminho de beijos até sua boca e mordi seu lábio inferior.

– Katherine... Deus! Você é poderosa, me deixa sem controle nenhum.

– Você não precisa de controle quando está comigo. – Falei em seu ouvido, enquanto ele entrava mais forte em mim. – Quero sentir seu gosto dentro da minha boca. – Ele gemeu.

– Estou tão perto! – Nathan sussurrou. Baixei minhas pernas e desci rapidamente, pegando seu pau e chupando-o. Ele agarrou em meus cabelos, fazendo-me engolir seu pau até senti-lo em minha garganta, com um movimento de vai e vem. Como se estivesse fodendo minha boca. – Puta que pariu Katherine. – Ele disse, enquanto eu sentia o líquido quente descer por minha garganta, e seu pau pulsar dentro de minha boca. Lambi a cabeça do seu pau e chupei-o. Ele estremeceu. Dei outra lambida gostosa por toda a extensão do seu pau e coloquei-o dentro da minha boca novamente. Ele arfou e gemeu. Suas mãos estavam apoiadas na parede em que antes estavam minhas costas. – Sua boca é... Nem sei descrever o que... – Sorri e beije a glândula rosada.

– Eu que o diga, você tem um pau delicioso. – Falei sorrindo. Mudamos de lado e eu liguei o chuveiro, me ensaboando e ele também. Terminei meu banho e me enxuguei.

– Não saia daí, vou buscar uma toalha para você. – Ele assentiu.

Saí do banheiro e peguei no armário uma toalha grande o suficiente. Voltei, entreguei a ele, e saí novamente do banheiro, a tempo de escutar a campainha tocar. Fui atender do jeito que estava vestida, só com a toalha. Recebi nossa comida e paguei o rapaz da entrega.

– Obrigada. – Agradei e fechei a porta. Nathan vinha saindo do meu quarto com a toalha enrolada em sua cintura, o peito e barriga perfeita, os cabelos molhados e bagunçados.

– Não acredito que você abriu a porta só de toalha.

– Sim... A campainha estava tocando e não dava tempo me trocar e vir atender. – Falei rindo. – Está com ciúmes, Sr. King?

– Eu? Com ciúmes? Ah! Não, não mesmo. – Ele virou-se e voltou para o quarto. Segui-o rindo e pulei em suas costas, abraçando seu quadril com minhas pernas, Ele segurou minhas coxas.

– Sim, você está com ciúmes. – Falei dando uma mordida em sua orelha e passando a língua em sua nuca.

– Não, eu não estou. – Ele dizia rindo.

– Está sim, assuma.

Ele me soltou em cima da cama, e eu fiquei de pé.

– E se eu dissesse que fiquei? O que você me diria? – Ele falou enquanto agarrava meu corpo, sua cabeça na altura da minha barriga.

– Eu diria que eu aprecio isso.

Ele beijou meu ventre sorrindo.

Nathan

Katherine atendeu a porta só de toalha, e o homem possessivo dentro de mim falou mais alto, enquanto a escutava conversando com o entregador do nosso jantar. Agora estamos aqui, eu abraçado a ela, minha cabeça na altura do seu ventre. Beije-o. Um dia terei minha semente crescendo aqui, neste ventre. Não agora, claro, afinal ela é nova e apenas uma adolescente. Mas um dia, quando formos marido e mulher, e ela tiver maturidade suficiente para ser mãe.

– Vamos comer. – Falei, encostando meu queixo em seu ventre. Ela sorriu, acariciando meus cabelos.

– Sim, vamos. Mas primeiro, vou pegar suas roupas e colocar na secadora, se não, não terá o que vestir mais tarde. Você poderia ir preparando a sala.

– Ok! Já estou indo. – Falei rindo, levantando as mãos e saindo do quarto. – Mandona. – Escutei sua gargalhada lá da sala. Liguei a TV e coloquei as caixinhas de Yakissoba sobre a mesa de centro da sala de estar. Ela saiu do quarto, envolta em um robe rosa de seda que ia até metade de suas

coxas. Minhas roupas estavam em seus braços. Ela entrou na cozinha e parece ter ligado algo, e pelo barulho, era a secadora.

– Pronto, acho que em uma hora deve estar tudo seco. – Ela falou, pulando no sofá e sentando-se. Pegou sua caixinha, o seu hashi e começou a comer. Peguei o meu e também comecei a comer. Katherine sentou-se com as pernas em forma de borboleta, uma sobre a outra, e por incrível que pareça ela estava sem calcinha.

– Desse jeito não consigo comer. – Falei rindo, enquanto levantava um pouco o robe de seda. Ela deu uma gargalhada e se cobriu colocando uma almofada na frente.

– Pronto. Agora você conseguirá comer. – Ela pegou o controle e colocou no canal da Sony. Estava passando CSI NY. – Gosto desta série. Você gosta?

– Sim, gosto, mas não tenho muito tempo para assistir.

– Um dia serei uma advogada, ou quem sabe perita em crimes. – Ela falou sorrindo, enquanto comia e olhava para a série na TV.

– Sim, mas ainda falta muito, já que ainda está no colegial.

– É, eu sei... – Ela falou triste.

– Mas não fique triste. Passa rápido, e logo você estará na Universidade.

– Eu já fiz minha inscrição para tentar entrar em *Harvard, Yale, New Iorque University ou Columbia University*. Tudo vai depender de meu desempenho escolar até o final do meu ano letivo.

– Isso é maravilhoso, Katherine. Fico muito feliz por você. – Falei sorrindo. Se bem que se ela fosse para a Universidade, eu teria que competir com todos aqueles atletas da sua idade, e tenho certeza que eles irão correr atrás dela.

– Vou sair com suas irmãs no fim de semana. – Ela falou enquanto eu tomava um pouco de Coca-Cola, e quase me engasguei. Comecei a tossir. – Calma... Respira.

– Ok, eu estou bem – falei com uma voz fina, depois de me engasgar com o refrigerante que desceu pelo buraco errado.

– contei a elas que já me mudei, e elas querem fazer compras. E eu preciso também.

– Mas aqui parece já ter tudo. – Falei, olhando ao redor. Se bem que, olhando bem, precisava de algumas coisas.

– Eu sei, tem os móveis e utensílios que preciso, mas ainda faltam roupas de cama, toalhas, almofadas, cortinas, coisas pequenas que fazem um ambiente parecer um lar de verdade.

– Ah! Certo, entendi. você precisa de dinheiro?

– Eu não preciso do seu dinheiro, Nathan... Eu tenho dois trabalhos e posso me sustentar.

– E tem dinheiro para comprar essas coisas que você falou para seu apartamento?

– Tenho ainda aquele valor que me deu na primeira noite. O meu gerente do banco fez uma boa aplicação com parte do dinheiro e está me rendendo um lucro bom.

– Que bom, mas sabe que se precisar, é só pedir.

– Vai esperando... – Ela falou baixinho, e eu ouvi, mas fingi que não.

Após terminar de comer, fui ao quarto e olhei meu celular: 15 ligações perdidas da Jéssica.

– Droga... – Praguejei.

– O que foi? – Katherine perguntou, entrando no quarto.

– Não é nada, apenas esqueci de algumas coisas que tinha que fazer hoje, mas que posso resolver amanhã. – Larguei o celular e peguei-a pela cintura. – Hora de escovar os dentes, mocinha. – A coloquei em meu ombro e dei uma palmada em sua bunda. Ela riu. Levei-a para o banheiro e a coloquei no chão. Katherine abriu o espelho, tirou duas escovas de dente e um creme dental. Entregou-me a escova de dentes nova, colocou creme dental na sua e começou a escovar os dentes. Algo tão íntimo, que eu só tinha compartilhado uma vez, com uma única mulher: Jéssica.

Peguei o creme dental e escovei meus dentes. Katherine terminou primeiro e saiu do banheiro. Terminei logo em seguida, fui para o quarto e não a encontrei. Esbarrei com ela no corredor. Ela havia desligado a TV e estava tudo escuro na sala, exceto pela claridade que a lua fazia entrando pela janela. Minhas roupas estavam em suas mãos.

– Estão secas. – Ela disse sorrindo. – Se vai dormir aqui, tem que saber que sairei cedo amanhã, pois tenho que ir para o colégio.

– Tudo bem... – Sorri, e ela passou por mim, colocando minhas roupas na cadeira de sua escrivaninha.

– Amanhã passo sua roupa assim que acordar. – Sorri e a peguei no colo, ela estendeu a mão e apagou a luz. Coloquei-a na cama e tirei minha toalha, deitando-me sobre ela, que abriu as pernas para mim. Não perdi tempo e com um simples movimento, eu estava confortavelmente enterrado nela. Beije seus lábios. – Eu posso me acostumar com isso.

– Eu adoraria.

– Mas para isso, você precisaria estar aqui todas as noites.

– Eu sei. – Sussurrei, entrando e saindo dela lentamente, apoiado em minhas mãos. Nossos corpos combinavam e se encaixavam, mesmo eu sendo maior que ela em todas as formas: tanto em altura como em relação ao meu pau, que só entrava todo nela depois de algumas estocadas, até que ela se acostumassem e pudesse me receber por inteiro. Eu sentia seu útero na cabeça do meu pau, e isso me dava um prazer inimaginável. Algo maravilhoso.

Fizemos amor até altas horas, e antes que ela desmaiasse no sono, sussurrei:

– Amanhã passaremos rapidamente em uma farmácia e comprarei a pílula do dia seguinte para você. Já brincamos demais sem precaução. – Ela apenas assentiu, sem dar resposta verbal. – E depois, quero que vá a uma ginecologista, onde ela poderá lhe receitar um anticoncepcional. – Ela assentiu de novo. E adormeci, sentindo o cheiro de seus cabelos.

Capítulo 20

Kate

Acordei assustada com o barulho de um celular vibrando sobre algo, e de água correndo. Olhei para o lado, e Nathan não estava, mas pelo barulho que vinha do banheiro, ele estava no banho. Olhei no relógio: 6h. Ainda é cedo, tenho tempo de sobra, afinal o colégio é aqui do lado.

Levantei e fui até o celular que tanto vibrava. Era o do Nathan, e na tela dizia ter cinco mensagens. Como sou curiosa, toquei e as mensagens abriram automaticamente.

Jéssica: Nathan onde você está?

Me deixou sozinha, plantada esperando por você para jantar.

Por onde você anda?

Nathan me responde!

Nathan, estarei no seu escritório às 8h em ponto!

Nossa, quem é essa Jéssica? E por que esse desespero todo?

O barulho do box do banheiro sendo aberto me acordou para a vida. Afastei-me do celular dele, vesti meu robe rosa e peguei suas roupas. Levei até a minha mini lavanderia, liguei o ferro de passar e comecei a passá-las. Quando estava quase terminando a camisa, Nathan apareceu só de cueca. Puta que pariu! Ele estava só de cueca passeando no meu apartamento.

– Bom dia, gatinha!

– Bom dia. Eu estou quase terminando aqui. Sua calça já está passada, se quiser ir vestindo.

– Não, eu espero pela camisa. – Seu sorriso era travesso.

– Hm... Para nosso café da manhã eu só tenho leite e cocoa puffs, aqueles cereais de chocolate. Você deve conhecer.

– Não. – Ele riu. – Realmente eu não conheço.

– Está falando sério? Nunca comeu cocoa puffs?

– Sério... Meu café da manhã é café preto, algumas torradas e bacon.

– Oh! Então irá me desculpar, mas não vou ter como fazer um bom café da manhã para você, porque só tenho isso até sexta. Só farei compras no sábado ou no domingo.

– Tudo bem, eu aceito esse tal de cocoa puffs.

Terminei de passar sua camisa e entreguei a ele.

– Ok! Acompanhe-me. – Fomos para a cozinha e ele sentou-se na cadeira atrás do balcão. Peguei o leite na geladeira e o cereal no armário da cozinha, duas tigelinhas e duas colheres. – Tenho suco de laranja também, quer? – Peguei a garrafa de suco e coloquei tudo sobre o balcão. Sentei-me em frente a ele. Derramei o cereal nas duas tigelinhas e depois o leite. Empurrei uma até ele e comecei a

comer. Parei e olhei para ele, que me olhava e depois olhava para o cereal com leite. – Não vai comer? Olha, desculpa, mas é o apartamento de uma pessoa que mudou recentemente e só tem isso. Se não quiser comer tudo bem, eu vou entender.

– Não. Eu vou comer. – Ele pegou a colher e começou a provar. – É bom!

– Seu bom quer dizer que é péssimo. – Eu falei rindo, enquanto comia.

– Não. Sério! É bom, eu gostei. Eu só não estou acostumado a comer essas coisas.

– Ah! Então você não teve infância.

– Na verdade, não. Eu estudei em colégio interno, então só via minha família nas férias de verão.

– Oh! Desculpe, eu não sabia.

– Sem problemas. Minha educação foi muito boa e regrada. Não tenho do que falar, amo meus pais e minha família. Devo tudo a eles. – Apenas sorri.

Terminando de comer, coloquei minha tigela na pia, peguei dois copos de vidro, pus suco de laranja no meu e tomei em goles rápidos.

– Vou tomar banho e me vestir para o colégio. Pode terminar de comer. – Falei sorrindo. Passei por ele e dei um beijo no rosto.

Fui para meu quarto, entrei no banheiro, escovei os dentes e tomei um banho rápido. Saí do banho enxugando os cabelos, e o celular dele não estava mais onde tinha visto da última vez. Vesti o uniforme do colégio, coloquei um lenço no cabelo e quando abri a porta do quarto, escutei Nathan falando com alguém.

– Por Deus, Jéssica! Você faz tempestade em copo d’água. Eu não fui te ver ontem porque não quis, estava ocupado. – Silêncio – Não, não funciona desta forma. Você acha que é só aparecer, que eu vou voltar correndo para você? Não é assim que funciona. – A voz dele parecia alterada. – Não grite comigo, Jéssica. Não comece! – Ele estava quase gritando com essa tal de Jéssica. – Chega, ok? Vou ver você. Satisfeita? – Peguei meu casaco. O inverno deste ano viria com tudo. Saí do quarto, chegando à sala, e percebi que ele estava olhando pela janela, completamente vestido. – Ok! Vejo você mais tarde. – Ele virou-se e me viu. – Preciso desligar. – E desligou, guardando o celular no bolso. Eu nem me atrevi a perguntar quem era ou o que a pessoa queria.

– Já são 7h e preciso ir, não quero chegar atrasada. – Falei com um meio sorriso. Peguei minha mochila que estava ainda no mesmo lugar que deixei quando cheguei ontem, no chão do hall de entrada. – Vamos? – Chamei-o assim que abri a porta. Ele sorriu e passou por mim. Fechei a porta com a chave e guardei na mochila. – O David vem lhe buscar?

– Na verdade não, hoje vou de metrô para o trabalho.

– Pena que não poderei acompanhá-lo até o metrô. O colégio fica a dois quarteirões daqui, então vou a pé mesmo. – Falei assim que descemos os degraus e chegamos à calçada.

Olhei no relógio. – Bem, agora eu preciso ir. – Ele se aproximou e segurando meu rosto entre suas mãos, beijou meus lábios, e eu correspondi. Ele sorriu me olhando nos olhos, sorri e me afastei. – Vou me atrasar. Bom dia de trabalho. – Falei enquanto saía, andando e olhando para trás.

Nathan

Esperei que ela virasse a esquina, sumindo do meu campo de visão. Andei até a estação de metrô mais próxima e fui para o trabalho. Meu telefone começou a tocar.

– Pronto. – Falei, saindo da estação de metrô próxima a Wall Street.

– Onde você está?

– Jéssica?

– Sim, eu já cheguei ao seu escritório. – Que saco, ela vai ficar me perseguindo agora.

– Estou chegando... – Respondi desligando o celular. Ela já estava ficando impertinente. Entrei no edifício e subi pelo elevador privativo que dava para a minha sala. Assim que entrei, encontrei Jéssica sentada em minha cadeira, mexendo nos papéis sobre minha mesa. – Quem lhe deu o direito de mexer nas minhas coisas, Jéssica?

– Está irritado, querido? – Ela levantou-se e veio em minha direção, colocando suas mãos em meu peito. Segurei seus pulsos e a afastei. Andei até ficar atrás de minha mesa e sentei. Por sorte, meu computador ainda estava desligado, pois só eu tenho a senha dele.

– Diga, o que veio fazer aqui? Por que voltou a Nova Iorque?

– Voltei por você. – Ela respondeu, colocando as mãos em cima da minha mesa, mostrando seu decote.

– Depois de dois anos você volta e acha que tudo continua do mesmo jeito?

– Você não namorou ninguém desde o término do nosso noivado. Não saiu nada na mídia, sobre você estar com alguém.

– Não preciso espalhar para todo o mundo que estou namorando. – Respondi ríspido.

– E quem é a dita cuja à qual você entregou o seu coração, Nathan? – Ela falava, me olhando nos olhos.

– Eu quero que saia já da minha sala, ou chamarei os seguranças.

– Calma aí garotão, por que tanta raiva de mim assim? Eu só fiz o que era melhor para mim na época. Agora que estou com a vida estabilizada, podemos voltar e começar de novo.

– Não existe começar de novo. – Levantei e peguei seu braço, levando-a para a porta do meu escritório. Abri a porta e a empurrei para fora. – E não volte mais aqui.

– Seu grosso! – Ela falou e minha secretária me olhou.

– Dá próxima vez que ela entrar em meu escritório, você estará demitida. – Falei para minha secretária. Ela apenas assentiu e voltou a mexer em seu computador. Jéssica saiu andando e rebolando rumo ao elevador. Fechei a porta com força e voltei para minha mesa. Eu realmente não mereço começar meu dia com um estresse chamado Jéssica.

Capítulo 21

Kate

Cheguei ao colégio quando os portões estavam quase fechando. Entrei e me dirigi para a sala onde teria aula de Espanhol. Os corredores da escola já estavam vazios, todos os alunos estavam em suas devidas salas de aula. Passei em meu armário, peguei o livro de Espanhol, pedi licença à professora Miranda e entrei. Joguei minha mochila no chão e sentei quieta, sem falar com ninguém. Amanda me cutucou com a caneta.

– Oi! – Ela falou sussurrando.

– Oi! Bom dia... – Falei baixinho sorrindo, e voltei minha atenção para a professora. Odiava a aula de Espanhol, mas tinha que encarar. Um verdadeiro saco.

Uma hora mais tarde, quase no final da primeira aula meu celular vibrou sobre meu caderno de anotações. Era uma mensagem, passei o dedo na tela e a mensagem abriu:

Bom dia de novo gatinha. Já estou no escritório e só agora me lembrei de comprar a sua pílula. Passarei na hora do almoço no colégio para lhe entregar. Não se preocupe, não serei eu que entregarei pessoalmente, mandarei David entregar para você discretamente.

Ah! E quero jantar com você hoje à noite.

Com amor,

N.K

Oh, Deus! A pílula! Eu realmente esqueci. Com essas nossas escapadas sem camisinha, realmente eu preciso ir ao um médico urgente. Por mais que o Nathan não tenha nenhuma doença, não podemos arriscar uma gravidez, e atualmente tenho plena consciência de que uma gravidez a esta altura da minha vida, só me traria problemas. Um deles seria não conseguir pagar o apartamento onde moro atualmente, trabalhar e cuidar de um bebê recém-nascido.

Voltei minha atenção para aula, e novamente Amanda me cutucou com a caneta, me entregando um papel.

Oi. E aí, o que você tem?

Eu? Nada.

Não vem com essa, você tá estranha.

Para, Amanda. Não é nada.

Brigou com sua mãe de novo?

Não, só estou preocupada que agora tenho que me sustentar sozinha.

– Srta Watson e Srta King, poderiam parar com a troca de bilhetes, ou terei que tomar de uma das duas e ler para a sala inteira? Sei que não gostariam disso.

Rapidamente amassei o pequeno papel e coloquei na boca. Mastiguei e engoli. Não quero ninguém sabendo da minha vida. A professora se virou, voltando a escrever na lousa. Peguei um pedacinho da folha do meu caderno e escrevi:

Nos falamos na hora do almoço, ok?

Entreguei para Amanda e ela assentiu. Voltei minha atenção para copiar o que a professora estava escrevendo, mas a questão de um bebê em minha vida não saía da minha cabeça. Eu havia transado com Nathan sem camisinha, não apenas uma vez, mas várias e não tomei nada. Agora fiquei preocupada e marquei uma consulta com uma ginecologista. Procurarei no catálogo de telefones assim que chegar a casa mais tarde.

O restante da aula passou rapidamente e o sinal finalmente soou. Era nosso horário de almoço. Meu celular vibrou e era outra mensagem.

Estou aqui, saia no portão e venha até o carro discretamente.

N.K

Saí apressada da sala, deixando minha mochila lá mesmo, e correndo pelo corredor rumo à saída da escola. Convenci o porteiro a me deixar sair por no máximo 10 minutos. Assim que passei pelo portão, vi o BMW do Nathan. Ele abaixou o vidro, me chamando com a mão. Atravessei a rua e cheguei até ele. David abriu a porta e eu entrei. Nathan me recebeu com um beijo que me deixou sem fôlego.

– Não faça isso, eu ainda tenho que voltar para a escola. E tenho certeza que minhas bochechas estão completamente coradas depois desse beijo.

– Sim, realmente estão. – Ele tirou um pacote do bolso. – Aqui, comprei as pílulas. Você deve tomar agora. – Me entregou o pacote, peguei a caixinha e abri, pegando um comprimido. Ele me deu uma garrafa de água. Tomei.

– Você pensou em tudo, hein? – Falei sorrindo.

– Sim. – Ele sorriu. – O próximo você toma amanhã neste mesmo horário.

– Preciso ir. Suas irmãs devem estar me procurando.

– Eu acredito que sim, afinal vocês três não se desgrudam. Imagino se elas gostarão de saber que você é cunhada delas.

– Nathan, não brinque assim. – Virei-me para sair do carro.

– Meu beijo? – Ele segurou minha mão me puxando para ele, beijando meus lábios, enquanto sua

mão acariciava minha bochecha e descia por meu pescoço. Ele me soltou e eu ofeguei.

– Deus! Eu vou acabar enlouquecendo com você, Katherine. – Ele segurou minha mão e levou até sua calça. Seu pau estava duro embaixo do tecido. – Vá, antes que eu sequestre você.

Sorri e me virei, saindo do carro. Atravessei a rua, entrei no colégio, coloquei a caixinha do comprimido no meu bolso. Voltei à sala, guardei dentro da mochila, peguei meu sanduíche e fui para o refeitório. Nem sentei direito e Amanda já foi me interrogando:

– Por onde esteve? Saiu feito uma louca da sala.

– Minha mãe estava no portão querendo falar comigo. – Menti.

– Tudo bem. Você trouxe comida?

– Sim, trouxe um sanduíche.

– E sanduíche é lá comida para se almoçar?

– Vai me segurar até eu entrar no trabalho. Assim que chegar lá, eu como algo mais.

– Você precisa se cuidar, Katherine. Não é porque está morando sozinha que vai deixar de comer direito.

– Por falar nisso, no sábado antes de sairmos, preciso ir ao mercado. Não tenho muita coisa para comer, e preciso fazer uma compra grande para não ficar comprando aos poucos. Apesar de morar perto de um, não quero ficar correndo até lá quase todo dia para comprar algo para comer.

– Ok. Vamos ao mercado com você. – Alice falou sorrindo enquanto comia. Dei uma mordida em meu sanduíche e Amanda me deu seu refrigerante.

– Obrigada. – Falei sorrindo.

– De nada. Vou falar com a mamãe para deixarmos Luzia ir cozinhar lá para você, assim ela deixa a comida pronta para a semana inteira, e você só precisa descongelar. – Amanda falou enquanto bebia o suco de Alice.

– Oh! Eu agradeceria muito.

– Não se preocupe, cuidaremos de você. E quem sabe brevemente Amanda e eu também não alugamos um apartamento próximo ao seu, e ficamos independentes?

– Não, vocês não conseguiriam. São muito dependentes da mãe de vocês, e seus pais jamais deixariam. Mas se quiserem, podem ir para minha casa dormir de vez em quando. Tenho uma cama de casal e um sofá-cama na sala.

– Maravilhoso! – Alice falou rindo. – Vamos sim, com certeza. Ah! Quase ia esquecendo: mamãe convidou você para ir à nossa ceia de Natal. O que acha?

– Ficaria muito honrada. – Respondi, terminando meu sanduíche.

– Você poderia usar aquele vestido que lhe dei, e os sapatos que Alice lhe deu. Ah, e o colar que ganhou de papai. Queremos muito te ver com nossos presentes. – Amanda falou e piscou para Alice.

– Realmente é uma boa oportunidade para usar.

– Domingo você vai lá para casa? – Alice perguntou.

– Não sei Alice. Tenho coisas a organizar na minha nova casa, mas se eu for, aviso antes de ir.

– Se quiser, podemos dormir com você no sábado.

– Não vai dar, tenho que trabalhar. Vocês sabem... Lá na boate onde sou garçoneiro e dançarina.

– Tudo bem... Ficamos no aguardo da resposta então. – Alice fez biquinho. – Você está sendo muito má. E já que vai para o Natal, podia ficar e passar o resto da semana com a gente, e ficar também para o Ano Novo. Mamãe pretende fazer um luau na praia, com diversos convidados. Quem sabe você não conhece alguém... – Alice deu uma gargalhada. – Alguém tipo, que possa fazer seu coração balançar.

– Cuide da sua vida, dona Alice. – Falei rindo e me levantando. – No momento estou mantendo distância dos meninos. – Me virei e dei de cara com Andrew.

– Opa! Oi.

– Oi Andrew, desculpe.

– Sem problemas. Oi meninas, já almoçaram?

– Sim. – Respondemos ao mesmo tempo.

– Vamos para o pátio então, assim sentamos lá até o sinal tocar e termos que ir para a sala. – O acompanhamos e sentamos os quatro em um único banco.

Algumas horas mais tarde, eu estava saindo do colégio às pressas, para entrar no meu horário na cafeteria. Estava toda atrapalhada procurando por meu celular dentro da mochila. Ao dobrar a esquina, esbarro em alguém, minhas mãos vão por instinto para cima e o toco, olho para onde estou tocando e percebo que é o peito de um homem forte, que está usando uma camisa azul. Ele é alto, pois minha cabeça termina pouco antes dos seus ombros. Ele segurou em meus pulsos e ficamos ali por alguns segundos. Olhei para cima e encontrei um par de belos olhos azuis. Deus, ele era... Oh, meu Deus! Não acredito nisso! Qual a probabilidade de você virar a esquina e dar de cara com ele? É uma em um milhão, mas isto é Nova Iorque, e tudo é possível por aqui.

– Desculpe, foi sem querer. – Falei apressada, tentando me afastar. Ele ainda segurava em meus pulsos.

– Eu que peço desculpas, não a vi a tempo de desviar. – Sua voz é mais linda ainda pessoalmente.

– Realmente sinto muito. Estava distraída procurando meu celular e não vi você quando virei a esquina. – Falei rápido, e bem nervosa.

– Está tudo bem. – Ele soltou meus pulsos, seus olhos ainda nos meus. Desviei o olhar e me afastei o suficiente para ver um monte de câmeras e um trilho, onde havia um homem sentado com sua câmera na mão.

– Oh! Eu acabei de estragar algo, não foi? – Falei sem graça. – Estão gravando e eu não sabia. Perdão. – Me afastei mais e comecei a sair andando. Meu rosto ardia e eu tinha certeza que estava vermelha como um pimentão, de vergonha. Senti meu braço ser puxado.

– Você poderia fazer aquilo de novo?

Olhei para um senhor de cabelos grisalhos.

– Não estou entendendo o que o senhor quer dizer.

– Aquilo da virada na esquina. Digo, foi esplêndida a forma como ele olhou para você depois de se esbarrarem. Poderia ficar e fazermos de novo? Não vai demorar muito, só mais uma ou duas vezes.

– Eu... – Fiquei sem palavras. Olhei no relógio e faltava 10 minutos para meu turno na cafeteria.

– Diga que sim, não irá demorar muito. Como já deve ter percebido, estamos gravando. É um comercial para uma famosa marca de perfumes, e seria maravilhoso ter sua participação. Seu rosto é lindo e pelo o que pude ver na câmera, é perfeito para um comercial como este.

– Eu sou uma desconhecida. E vocês já devem ter uma modelo famosa e bonita para contracenar com ele. – Argumentei.

– Não importa. O que importa aqui é a química que vocês tiveram em apenas um esbarrão. Vamos? Por favor. Não me faça ajoelhar-me aqui, estou velho demais para isso.

– Ok! Tudo bem.

– Vamos voltar a gravar. – Ele gritou. Ainda segurando meu ombro, me levou até a esquina de novo, e um homem com sua câmera veio junto. – Faça exatamente o que estava fazendo quando dobrou a esquina. – Assenti. Oh, Deus! Eu devia ser a mulher mais sortuda do mundo. Voltei para a minha posição, fiz exatamente como antes, e foi como se fosse a primeira vez, os mesmos olhares. Será que estou interpretando errado ou ele se encantou por mim?

Capítulo 22

Kate

Uma hora e meia depois eu estava me despedindo do diretor e dos rapazes com as câmeras. Uma participação em um comercial não faz mal a ninguém, e eu acabei entrando em um sem querer. Eles fizeram fotos minhas, com o rosto sem maquiagem nenhuma, apenas com meu gloss clarinho que já estava usando. O ator que esbarrei era o Super-Homem, da série Smallville. Aí vocês me perguntam: como você o reconheceu? Eu assisti aquela série toda só por causa dele, e me lembro que a última temporada terminou há quase dois anos atrás.

– Estou com todos os seus dados, e novamente obrigado. Ah! E o comercial vai ao ar dois dias antes do Natal. Liguei para avisar-lhe.

– Obrigada. – Sorri para o diretor.

– Você será uma estrela, menina.

Corei.

– Desculpe a pergunta, mas quem era a outra modelo ou atriz que faria par com ele?

– Johansson. – Meus olhos se arregalaram. – Ah, não se preocupe, ela não se importou em ser dispensada.

– Se o senhor diz... Agora vou indo. Obrigada. – Saí andando rumo à cafeteria que ficava ali próximo.

– Katherine. – Ouvi meu nome ser chamado e era ele. Sorri. – Gostaria de jantar hoje à noite comigo?

– Não posso, eu tenho que trabalhar. Desculpe.

– Não pode me dar seu número?

Ele era insistente assim com todas ou era só comigo?

– Os meus dados estão com o diretor, pode pegar com ele. Desculpe, eu preciso ir, estou mais que atrasada. Adeus. – Ele apenas assentiu. Eu não quis ser grossa, mas para quê continuar e dar bola para algo que jamais irá acontecer, um cara famoso se apaixonar por uma ninguém como eu?

Andei um quarteirão e entrei na cafeteria.

– Watson, está atrasada. – O dono falou assim que passei pela porta.

– Eu sei, me desculpe. Irei compensar e ficar até mais tarde hoje.

Corri e me troquei rapidamente. Voltei, peguei o café no balcão, servi algumas mesas, voltando para o balcão.

– Você viu? Aquele ator do Smallville estava gravando aqui pertinho. – Mariah falou sorrindo de orelha a orelha. – Eles vieram almoçar aqui mais cedo.

– Eu vi sim. Inclusive, esbarrei nele quando virava à esquina vindo para cá, por isso me atrasei tanto.

– Está falando sério?

– Sim, muito.

– Sério que você esbarrou naquele gostoso? Caramba, Kat! Você tem uma puta sorte, hein?

– Pois é. Ah, e por onde anda a Jane?

– Ela pediu demissão. Disse que não estava dando para conciliar com o outro emprego

– Acontece. Eu trabalho aqui por que preciso, e gosto. Agora vou lá, o dever me chama... – Falei rindo, virando-me, quando um rapaz em uma mesa chamou.

Horas mais tarde, eu estava me trocando para ir embora. Já passava das 21h e meu celular estava tocando. Vesti rapidamente minha calça jeans e o tênis. Peguei meu celular e olhei no visor: “Número desconhecido”.

– Pronto.

– Oi, gatinha. Quer jantar comigo?

– Oi, Nathan... Estou saindo do trabalho ainda.

– Posso passar e pegar você aí. O que acha?

– Nada de restaurantes chiques, pode ser?

– Ok! Nada de restaurantes chiques, moça. Passo aí em dez minutos. Ok?

– Está tão perto assim?

– Alguns quarteirões.

– Tudo bem, estou terminando de me trocar. – Falei sorrindo, amarrando meu cabelo em um rabo de cavalo.

– Chegando!

Saí do vestiário, passei por Mariah e dei-lhe um beijo de boa noite.

– Até amanhã!

– Até, Kat. Não se atrase novamente, senão o patrão pode brigar.

Pisquei sorrindo e saí da cafeteria. Fiquei na calçada por alguns minutos, até um Audi vermelho parar a centímetros de mim. O vidro fumê desceu lentamente, olhei para baixo e era Nathan. Ele abriu a porta por dentro e entrei. Reconheci que era um Audi pelas quatro argolas entrelaçadas logo na frente do carro.

– Novo carro?

– Não. É só mais um da coleção. – Falou sorrindo, enquanto me puxava para um beijo. Depois de me deixar ofegante, voltou sua atenção para o volante.

– É um Audi, certo?

– Sim, é um Audi A1. Então, para onde iremos?

– O que acha de irmos ao McDonald’s?

– Nunca comi no McDonald’s. – Ele comentou, enquanto voltava para o trânsito de Nova Iorque.

– Está brincando? – Sorri.

– Não, estou falando sério. Nunca comi em um McDonald’s.

– Certo, Ok. Você precisa comer no McDonald’s e saber o quanto é bom.

– Então vamos.

– Tem um *Drive Thru* perto do *Central Park*. Podemos passar, pegar nosso lanche e ir para lá. O que acha?

– Por mim tudo bem.

Ele fez o retorno e em poucos minutos estávamos na lanchonete. Paramos e ao sermos atendidos, ele me deixou fazer o pedido:

– Vamos querer dois *Big Mac*, duas batatas e duas Coca-Cola, por favor.

– Certo. São U\$20 dólares. – Nathan tirou a nota do bolso e pagou. – Retirem na próxima janela. Obrigado. E volte sempre.

Na janela seguinte, Nathan pegou os dois pacotes, os refrigerantes e me deu.

– Rumo ao *Central Park*. – Falei sorrindo. Saímos e estacionamos próximo do parque. Descemos e ele me ajudou com os lanches.

Entramos no *Central Park* e sentamos no primeiro banco que vimos.

– Um lanche à luz da lua. – Sussurrei.

– Eu ouvi isso. – Ele sorriu. – A lua está linda hoje.

Retirei tudo do saco de papel, entreguei o Big Mac dele e peguei o meu. Abri e dei uma mordida.

– Muito bom. – Escutei uma gargalhada profunda vinda dele. – Está rindo de quê?

– Você. Não parece em nada com as mulheres que eu conheço.

– Eu sei. – Dei outra mordida. – Come.

– Está bem. – Ele sorriu de novo e deu sua primeira mordida. Fiquei ali mastigando e observando sua reação ao comer o seu primeiro Big Mac. Ele mastigou, engoliu e sorriu. – Muito bom. Nunca imaginei que tivesse esse sabor.

– Eu sei. Que bom que gostou, agora experimente a batata, pelo menos isso eu sei que já deve ter comido na sua vida.

Ele sorriu.

– Sim, isso eu já comi.

– Ótimo. – Sorri, dando mais uma mordida e bebendo meu refrigerante.

Capítulo 23

Kate

Comemos em silêncio, cada um com sua bebida e sua batata frita. Nathan não parecia ser um homem de negócios enquanto comia seu lanche, mesmo estando de gravata. Ele não deve ter curtido muito sua adolescência, assim como eu não curti nada. De alguma forma temos pontos em comum.

Ele terminou seu sanduíche e me olhou sorrindo.

– Muito bom.

– Eu sei. – Falei dando a última mordida em meu lanche.

– Está tarde e tenho que ir para casa. Amanhã cedo tenho aula.

– Posso dormir lá com você de novo? – Meu coração acelerou. Ele queria mesmo dormir lá em casa novamente?

– Acho melhor não, Nathan. Agradeço pelo jantar improvisado, mas realmente preciso dormir. Logo mais começam as provas e preciso estudar.

– Tudo bem, eu entendo. Você vai para a boate neste fim de semana? – Perguntou sério. Ele não me queria mais lá?

– Sim, pretendo ir. Afinal preciso do salário para me sustentar. – Levantei e juntei os restos para jogar no lixo. Joguei fora e ele ficou de pé. – Me dá uma carona até em casa?

– Claro! – Ele sorriu e voltamos para o carro. Em menos de dez minutos estávamos em frente ao meu prédio.

– Eu adoraria te convidar para entrar, mas realmente preciso descansar.

– Tudo bem Katherine, eu entendo.



Uma semana mais tarde...

Eu ainda estava na correria: escola, trabalho, casa... Alice e Amanda me ajudaram a comprar algumas coisas para o apartamento. Presentearam-me com uma cortina rosa pink, quadros coloridos, dois abajures, tapetes, e almofadas coloridas para pôr sobre o sofá. A cortina já está pendurada na sala, um abajur estava em meu quarto o outro na sala ao lado do sofá, os quadros estão na parede sobre a televisão, e os tapetes estão espalhados pela casa.

O meu sábado está sendo tranquilo. Estou em casa arrumando meu lindo apartamento. Dentro de alguns dias já terei que pagar o aluguel, e graças ao meu esforço e trabalho, consegui juntar o dinheiro necessário para pagá-lo. O meu telefone começou a tocar enquanto eu passava um lustra móveis na mesa de centro da minha sala.

– Pronto. – Atendi.

– Boa tarde, senhorita Watson? – Uma voz masculina falou do outro lado da linha.

– Sim.

– Desculpe, esqueci de me apresentar. Sou a pessoa responsável pelo pagamento do comercial do qual você participou, e estou ligando porque a agência de modelos Stars Models gostaria de fechar um contrato com a senhorita para uma campanha de maquiagem. – Oh, meu Deus!

– Sério?

– Sim, senhorita Watson.

– Por favor, me chame por Katherine.

– Então, Katherine, gostaria de fazer uma visita hoje à agência? E preciso de sua conta para depositar o valor do cachê do comercial. – Oh, santo Deus! Comecei a pular dentro de casa. Passei o número da minha conta.

– Posso perguntar o valor do cachê?

– Deve. O comercial que a senhora fez com o Tom lhe rendeu U\$10 mil dólares.

– Sêrio?

– Sim, senhorita. Irei transferir ainda hoje para sua conta. Mas, me responda: pode vir hoje na agência da Stars Models?

– Será um prazer.

– Anote o endereço.

– Um minuto. – Corri até o quarto, peguei meu caderno e caneta. – Pronto, pode dizer. – Anotei o endereço, conforme ele me disse.

– Esperarei a senhorita até às 18h de hoje. Obrigado.

– Eu que agradeço.

E ele desligou. Comecei a pular feito uma louca dentro de casa. Eu não tenho sequer altura para ser modelo. Quem deveria ser uma modelo famosa era uma das gêmeas King, Alice ou Amanda. Ambas têm altura suficiente e são lindas.

Abandonei tudo o que estava fazendo e corri para o banheiro, tomei um banho rápido, me enxuguei e parei na frente do guarda-roupas. Não sabia que roupa usar, então peguei a primeira calça jeans que vi e coloquei, mas ela não fechou. Eu engordei e não percebi? Peguei outra calça e não deu certo, também não fechou. Então decidi por uma calça de moletom, afinal era inverno em Nova Iorque. Coloquei uma meia calça e depois a calça de moletom, uma camisa segunda pele e um casaco por cima. Calcei um tênis, fiz um rabo de cavalo no cabelo e me olhei no espelho: eu parecia estar pronta para uma corrida. Peguei minha bolsa tiracolo, coloquei minha carteira, dinheiro e cartões, passei pela sala e peguei a chave que estava sobre o balcão. Saí de casa e fui ao ponto de táxi.

Cheguei à agência que ficava na Quinta Avenida às 17h em ponto, uma hora mais cedo. Melhor adiantada do que atrasada. Falei com a recepcionista e ela me indicou qual elevador ir e em qual andar. Assim que saí do elevador, percebi onde estava me metendo: o local tinha uma mistura de cores maravilhosa, desde o branco até azul celeste. Um rapaz loiro e alto se aproximou.

– Katherine Watson. – Falou me cumprimentando como se fôssemos melhores amigos, beijou meu rosto e eu fiquei estática. – Sou Alex Stanford, e sou dono da Stars Models.

– Boa tarde. – Falei, sorrindo sem graça.

– Desculpe, te assustei.

– Não. – Não me assustou nadinha. A pessoa assustada dentro de mim se escondeu e resolveu sorrir.

– Você é muito mais bonita pessoalmente.

– Obrigada.

– Venha, vamos nos sentar e conversar.

Passamos por uma moça loira e muito bonita.

– Traga um chá, Mikaelen. – Ele falou e entramos em uma sala que tinha paredes de vidro. Sentei na cadeira que ele indicou. – Já transferi o dinheiro para sua conta, e quero lhe propor um contrato de um ano em nossa agência. O diretor do comercial e Tom estão encantados com você, e querem que você seja a new face do perfume. Tiraremos fotos de você com o perfume, utilizando-o... Daremos um curso completo para você em uma semana corrida. Precisamos que esteja pronta dois dias antes do Natal, pois será o dia do lançamento do perfume, e queremos você no tapete vermelho com Tom.

– Ok! – Meus olhos estavam arregalados com a rapidez que ele falava.

– Estou lhe assustando, não é? Peço desculpas.

– Tudo bem. – Falei sorrindo sem graça.

– Então, lhe daremos tudo de graça, pois queremos investir no seu rosto. O que acha?

– É... Nem sei o que responder.

– Apenas diga sim. – Ele sorria. Será que ele é gay ou é impressão?

– Sim.

– Oh, que maravilha! – Vi-o levantar e me puxar para um abraço. – Vamos começar já! – Me puxou e saímos da sala, entramos em outra porta e havia ali um estúdio, onde estava acontecendo uma sessão fotográfica. – Anderson, prepare a senhorita Watson para uma sessão de fotos. Precisamos de um book pronto dela para amanhã. – Amanhã não é domingo? Eles trabalham no domingo?

Sentaram-me em uma cadeira em frente a uma penteadeira cheia de luzes. Me senti uma estrela de Hollywood. Quatro horas mais tarde, eu estava na frente de uma câmera com um maiô dourado, maquiada e os cabelos soltos ao vento. O senhor Stanford fazia as poses que eu deveria fazer e eu o copiava, então os flashes começavam a aparecer. Olhei sobre o fotógrafo para o relógio e passavam das 21h. Eu já deveria estar na boate para trabalhar. Mais algumas poses e flashes.

– Ok! Pode descansar Katherine. – Sorri e me sentei em frente à penteadeira. – Você é perfeita. Nunca vi alguém namorar assim com a câmera como você faz. É algo natural em você.

– Obrigada.

Ele sorriu e se afastou. Peguei meu celular e tinha cinco chamadas de número desconhecido. E então começou a vibrar na minha mão.

– Pronto.

– Onde você está?

– Nathan?

– Sim, sou eu. Estou aqui na boate e me disseram que você não havia chegado ainda. Aconteceu alguma coisa? – Ele estava irritado.

– Desculpe, não vai ser possível ir hoje.

– Por quê?

– Uma agência de modelos me convidou para fazer parte do casting deles e estou em uma sessão de fotos.

– Está falando sério? Onde eles a conheceram? Não está mentindo para mim, não é, Katherine? – Que interrogatório era esse?

– Não, estou falando sério. Conheci a agência quando ia trabalhar na semana passada.

– Tudo bem. Posso te ver hoje?

– Eu ligo para você quando sair daqui.

– Aguardarei sua ligação. – Ele falou e desligou.

Nathan estava estranho, fazendo um interrogatório, como se eu fosse sua propriedade e ele tinha que saber onde eu estava.

Anderson me chamou de novo e troquei de roupa, dessa vez por um pijama de dormir. Ele me deu um urso gigante e disse que eu deveria abraçá-lo com carinho. As fotos seriam assim, e logo estariam estampadas em diversos ônibus pela cidade. Oh! Essa vida de modelo é cansativa, e eu só estava há um dia nela.

Capítulo 24

Kate

Desci do táxi no lado oposto da rua do meu prédio à 1h da madrugada, e o BMW do Nathan estava parado lá. David estava na direção e Nathan agora descia, seu rosto sério. Atravessei a rua sorrindo.

– Boa noite, Nathan!

– Boa noite, Katherine! Isso são horas de chegar a casa? Passa da meia noite.

– É meu pai agora? – Perguntei enquanto subia os degraus rumo à porta do hall dos apartamentos. Coloquei a chave, abrindo-a.

– Não, eu não sou seu pai. Mas prezo por sua segurança. – Virei-me para ele e o vi passar as mãos pelos cabelos. – Deus! Katherine, eu estava preocupado. Você entende isso? Liguei diversas vezes para seu celular e nada. – Olhei para ele e fiz um sinal com a cabeça para entrar. Ele passou por mim e fechei a porta. Subimos as escadas em silêncio. – Não vai falar nada?

Abri a porta do meu apartamento e entrei.

– Entre, antes que eu mude de ideia. – Falei e ele entrou. – Nathan, precisamos conversar. Sério.

– Sim, precisamos.

Liguei o aquecedor e tirei a blusa de moletom. Ele tirou o casaco, ficando apenas com uma calça jeans e camiseta branca.

– Quer alguma coisa? Hoje tenho diversas coisas a oferecer. Fiz compra no fim de semana passado.

– Não, obrigado.

Peguei um refrigerante na geladeira, abri e tomei.

– Então?

– Deus, Katherine! Não pode sumir assim.

– Eu não sumi Nathan.

– Eu liguei e você não atendeu. – Ele parecia irritado. Andei até o sofá e sentei.

– Eu estava ocupada, e atendi assim que pude. Desculpe, não deu para ir trabalhar na boate hoje, se é por isso que está irritado.

– Não é por isso que estou irritado. – Ele falou baixo.

– Então por que está assim? – Perguntei colocando meu refrigerante sobre a mesa de centro.

– Eu estava preocupado, Katherine. Achei que tivesse acontecido algo com você, e veja só a hora que chegou a casa.

– Você está se comportando como se fosse meu pai, ou minha mãe, e as coisas não funcionam assim, Nathan. Não temos nada sério e você quer mandar nos meus horários, saber onde estou... Não pode ser assim. Estamos nos curtindo, transando e tem sido maravilhoso, mas não pode vir aqui e exigir saber por onde estou sempre que eu sair.

– Eu sei, droga! Eu só me preocupo com você! – Ele passou as mãos por seu cabelo e se aproximou de mim, ficando de joelhos na minha frente. – Deus! Katherine, eu estou louco por você. Entende isso? É instinto de proteção. – Nathan segurou meu rosto. – Não me expulse da sua vida.

– Eu não estou expulsando você da minha vida. – Passei a mão por seu rosto. – Eu tenho adorado cada instante com você, cada momento nosso, mas eu sei que aos seus olhos eu sempre serei a primeira acompanhante de luxo que você contratou, querendo ou não.

Escutei o meu rádio relógio ligar lá no quarto e começar a tocar a música *Give Your Heart A Break*, da Demi Lovato. Nathan sorriu me olhando e eu sabia que ele estava ouvindo também.

– Katherine, nós estamos tão perto e ainda tão longe... Será que ainda não passei no seu teste? Quando você vai perceber que eu não sou como o resto dos homens? Eu não quero partir seu coração. – Meus olhos se encheram de lágrimas.

– Sempre que nos beijamos, sinto como se fôssemos um só.

– Então, por que toda vez você foge de mim?

– Porque tenho medo e estou assustada com os sentimentos que estão girando e girando dentro da minha cabeça. – Fiz gestos apontando para minha cabeça, enquanto lágrimas desciam pelo meu rosto. – Eu não quero me decepcionar ou me machucar. Tenho medo de abrir meu coração e estar fazendo

isso errado. – Passei a mão no rosto, limpando as lágrimas. – Nathan, você é o primeiro homem por quem eu me apaixono.

– Eu sei que está assustada, que sou mais velho... Você é apenas uma menina aprendendo as coisas novas que a vida pode lhe oferecer, mas você pode ter tudo isso comigo, Katherine. Eu vou estar do seu lado, para o que der e vier. – Os lábios dele se aproximaram dos meus e nosso beijo se misturou às lágrimas salgadas que desciam por meu rosto. – Não te farei sofrer, Katherine, eu prometo. – Nathan levantou e me pegou em seu colo. – Vou dar um banho em você.

Entramos em meu quarto e ele me sentou na cama, tirou minha camisa e depois meu sutiã, ambos em silêncio. Tirou meu tênis e meia, desfez o nó da minha calça de moletom e me colocou em pé, tirando-a junto com minha calcinha. Me pegou no colo novamente.

– Vou acabar mal acostumada. – Falei sorrindo. Ele me colocou sentada sobre a bancada da pia e começou a tirar a roupa. – Vai tomar banho também? – Ele apenas sorriu e ligou o chuveiro na água quente para aquecer o banheiro, pois estava frio. Nathan terminou de tirar a roupa e me pegou no colo novamente. Entramos no box, e ele me colocou no chão sob o chuveiro. A água atingiu minha cabeça, estava quentinha, e minhas mãos estavam no peito dele. Vi-o pegar meu shampoo e colocar um pouco em minha cabeça. Suas mãos agora estavam lavando meus cabelos, fazendo uma massagem maravilhosa.

– Não quero vê-la chorar de novo, Katherine. Isso parte meu coração.

– Desculpe. – Baixei a cabeça.

– Não se desculpe. – Ele levantou meu queixo e beijou meus lábios.



A segunda-feira chegou com tudo, o sol entrando na janela, o despertador apitando alto.

– Só mais cinco minutos, mãe. – Falei sonolenta, batendo no despertador.

– Você não tem cinco minutos. – Uma voz conhecida e rouca falou, e eu sorri. – Trouxe seu café. – Levantei um pouco, sentando na cama, e ele me entregou uma xícara com café. – Bom dia, princesa.

– Não acredito que você passou o fim de semana aqui. – Falei sorrindo.

– Nem eu. – Ele levou sua xícara à boca, tomando seu café. – Vamos, você está atrasada para a aula.

– Só mais cinco minutinhos, por favor!

– Não, você não tem cinco minutos. Vamos! – Ele falou sorrindo e puxando a coberta, revelando meu corpo nu. – E você precisa de mais uma maldita pílula do dia seguinte. Já marcou uma consulta com o ginecologista?

– Não.

– Vou marcar uma ainda esta semana.

– Obrigada! – Sorri levantando. Ele deu uma palmada na minha bunda e corri para o banheiro. Quando saí, ele já não estava no quarto. Me vesti com o uniforme da escola, e acrescentei mais um

casaco. Lá fora, mesmo com o sol estava frio, e logo começaria a nevar.

– Pronta?

– Sim. – Respondi. Nathan me entregou um pacote. – O que é isso?

– O lanche da escola. – Ah! Sério que ele preparou um lanche para eu levar para a escola? Virei criança de novo e não sabia?

– Obrigada, papai! – Falei rindo, passando por ele e pegando minha mochila. – Minhas chaves. – Lembrei quando estava saindo.

– Estão comigo. – Ele falou e fechou a porta. – Vamos.

Descemos e David abriu a porta do carro para nós. Entrei após dar bom dia para ele e em seguida Nathan entrou. – Vou lhe deixar na esquina antes da escola, ok?

– Ok. Obrigada. Não quero que suas irmãs saibam agora sobre nós.

– Eu sei.

Em menos de cinco minutos o carro parava. Nathan me puxou para um beijo. – Vá! Você já está atrasada e eu preciso trabalhar.

– Bom dia de trabalho. – Falei e saí do carro. Atravessei a rua e em poucos minutos, estava passando pelos portões do colégio.

– Bom dia, sumida. – Amanda falou, grudando em meu braço. – Por onde esteve? Liguei, não atendeu, não apareceu domingo lá em casa... Sei que agora quer ficar sozinha no seu novo apartamento, mas não pode se esquecer das amigas.

Eu sorri.

– Bom dia para você também. Por onde anda Alice?

– Por aí, correndo atrás do Andrew.

– Amanda, você não presta.

– Mas é verdade. Ela fica correndo atrás dele e ele não está nem aí para ela. E vou te contar uma coisa: acho que o Andrew é gay.

– Amanda... – A repreendi.

– Ok, senhorita santa sabe-tudo. Mas é o que eu acho. – Ela ria, enquanto íamos para a sala de aula. Essa Amanda é impossível.

Entramos e larguei minha mochila no chão. O professor de Matemática já estava no lugar. Amanda sentou ao meu lado e Alice apareceu.

– Bom dia, Alice. – Falei sorrindo enquanto ela sentava na minha frente.

A primeira aula transcorreu bem, foi tranquila. Na hora do nosso intervalo, meu celular começou a vibrar. Pelo visor, soube que era a Stars Models.

– Bom dia, flor do dia. – Alex falou sorrindo.

– Bom dia. – Respondi.

– Dormiu bem?

– Sim, muito bem.

– Ótimo. Preciso que esteja hoje na agência às 16h em ponto. O diretor da campanha quer te ver novamente, e aquele bofe do Tom também estará aqui. Parece que alguém ganhou o coração de um astro de Hollywood. – Ele falava rindo.

– Oh! Eu tenho que trabalhar.

– Esqueça todo e qualquer outro trabalho que você já teve. Agora você é uma estrela, querida, e tem que se focar nisso. Suas fotos foram impressas hoje, e até amanhã estarão nos outdoors da cidade de Nova Iorque. Você é a nova estrela da Stars Models. Sinta-se feliz, querida.

Ok! Agora eu podia cair durinha no chão. E algo que também constatei: Alex é gay, incrivelmente gay.

– Tudo bem, estarei às 16h na agência.

– Oh! Você é um amor. Sabia que viria. Até mais, minha doce loira maravilhosa. – Ele desligou sorrindo. Não acredito que ouvi isso: “doce loira maravilhosa”. Só pode estar brincando.

– Katherine. – Amanda chamou e eu me virei. – Quem era?

– Curiosa você, hein? – Falei rindo. – Era o produtor de uma agência de modelos. Eu esbarrei no Tom Wayte, aquele ator que fazia o Super Homem quando era mais novo. E agora tenho agência e tudo. Sábado e domingo não fui para a casa de vocês por causa disso. Passei o fim de semana fazendo fotos. Sou a nova modelo da Stars Models.

– Não brinca! – Amanda estava com a boca aberta em surpresa.

– Não estou brincando.

– Oh, Meu Deus! Eu sou amiga de uma modelo famosa!

– Não sou famosa ainda. – Falei sorrindo.

– Mas logo será. Oh, Meu Deus! – Amanda pulou em cima de mim e me deu um abraço. Abracei-a de volta. – Vamos almoçar. – Ela saiu me puxando para o refeitório. Assim que entramos, eu estanquei no lugar. O mundo pareceu girar ao meu redor de repente.

– Amanda... – Sussurrei e tudo ficou preto.



Acordei e olhei para o teto branco acima de mim. Onde eu estou? Escutei vozes.

– Não sei o que aconteceu. Uma hora ela estava atrás de mim e entrávamos no refeitório, e em outra, estava caindo no chão. – Era a voz inconfundível de Amanda.

– Amanda?

– Parece que ela acordou.

Movi a cabeça para o lado e a sensação de enjoo foi muito forte.

– Oh! Está tudo rodando. – Levei minha mão à cabeça. – Onde estou?

– Na enfermaria.

– O que aconteceu? – Perguntei.

– Você desmaiou.

Sério? Eu desmaiei? Ai meu Deus!

– Por quê?

– Não sabemos, é por isso que estamos aqui. A enfermeira Julia quer conversar com você. – Amanda falou.

– Ok!

– Olá Katherine, sou a enfermeira Julia. Você fez uma boa refeição esta manhã?

– Sim, tomei café da manhã normalmente.

– Certo. Eu gostaria de te liberar para casa, mas as meninas me disseram que está morando sozinha, então não poderei fazer isso. Preciso chamar sua mãe.

– Não! – Quase gritei. Levantei em um pulo e logo estava de pé. – Já estou melhor. – Eu não estava, mas não queria que minha mãe viesse até o colégio. Ela faria um escândalo. Balancei em cima dos meus pés.

– Você não está bem. Tem certeza que comeu? – Amanda perguntou.

– Sim, tenho absoluta certeza. – Respondi.

– Acha que pode estar grávida, Watson? – A enfermeira perguntou e eu arregalei os olhos. Odiava a forma como tratavam os alunos, sempre pelo sobrenome, como se fôssemos robôs.

– Impossível! – Mas minha mente estava rodando e fazendo contas e contas. – Realmente impossível. Eu fiquei menstruada este mês normalmente. Foram apenas três dias, mas veio, e no mês passado também foi normal. Então, é impossível estar grávida.

– Katherine, você transou com alguém e não me contou? Não acredito que não ia me contar. – Amanda me olhava, incrédula.

– Eu... Achei algo íntimo demais. Eu estava esperando o momento certo para lhe contar a experiência.

– Oh, meu Deus! E se você estiver grávida, Katherine? É algum menino aqui do colégio?

Oh! Se ela soubesse quem é... Será que continuaria minha amiga?

– Watson, faremos um teste de farmácia para sabermos se é realmente isso. E se for, sabe as regras do colégio quanto à gravidez não é?

– Sim, eu sei. Terei que trancar até poder voltar a estudar. – Respondi.

Vi a enfermeira entrar em uma sala e voltar com uma caixinha rosa.

– Esse é um teste rápido encontrado em qualquer farmácia. Vou pedir que você vá ao banheiro e tente fazer xixi aqui dentro deste potinho, por favor.

Ela me entregou o potinho muito pequeno. Entrei no banheiro e minutos depois voltei com uma quantidade pequena de xixi. Vi a enfermeira colocar um palitinho branco e azul dentro.

– Alguns minutos e já saberemos. Se realmente estiver grávida, terei que contar para a direção, e você já sabe os procedimentos que serão tomados.

Assenti.

Alguns minutos depois, apareceram duas listras rosadas no palitinho.

– O que quer dizer essas listrinhas rosadas? – Perguntei.

– Quer dizer que você está grávida, senhorita Watson.

Eu quase desmaiei de novo. E o diabo da pílula do dia seguinte? Aquela porra não tinha funcionado? Será que estava vencida e nem eu, nem o Nathan vimos isso? Deus! E agora, o que vou fazer?

– Oh, Meu Deus, Katherine! – Amanda me abraçava enquanto eu estava em choque. – Eu vou ser tia! Ah, Deus! Isso é lindo! Eu vou ser tia! – Amanda estava feliz. Mal sabia ela que realmente era tia do meu bebê.

Capítulo 25

Kate

Deus! E agora? O que vou fazer? Amanda me abraçava toda feliz, como se isso fosse a melhor notícia do mundo.

– Senhorita Watson, eu sinto muito, mas precisarei passar essa notícia para a direção da escola.

– Eu entendo, mas por favor, deixe que eu mesma conto. Lhe agradeceria se pudesse fazer isso.

– Vou permitir que você mesma conte. – A enfermeira falou e nos liberou. Amanda estava toda sorridente.

– Amanda, por favor, não conte a ninguém ainda.

– Nem para a Alice?

– Nem para a Alice, por favor.

– Tudo bem, Katherine. Se você quer assim...

– Obrigada.

Voltamos para a sala e assistimos às últimas aulas. Eu estava calada, pensando em um monte de

coisas, e a principal delas é como falaria para o Nathan sobre isso. Na saída da escola me despedi de Amanda e Alice e resolvi enviar uma mensagem para Nathan.

Nathan boa tarde. Preciso ver você ainda hoje, se possível agora. É URGENTE! Bjus. Katherine

Caminhei até meu apartamento, e assim que entrei em casa o meu celular vibrou.

Ainda estou no escritório. Mandarei David buscá-la. Esteja pronta em 15 minutos.

Respondi com um simples ok. Fui tomar um banho e me vestir adequadamente, pois se ele estava no escritório, imagino que seja um lugar bem luxuoso. Vesti uma meia calça preta, botas de salto e cano longo, um vestido de lã preto com pequenas listras de tom cinza, boina de lã e um cachecol, pois lá fora estava frio. Ouvi uma buzina e olhei pela janela: era o BMW do Nathan. Peguei minha bolsa, desci e entrei no carro.

– Boa tarde, David. Como vai?

– Boa tarde, senhorita Watson. Muito bem, obrigado por perguntar.

– De nada.

O resto da viagem foi silenciosa. Alguns minutos mais tarde, eu estava de pé em frente a um edifício enorme, quase um arranha céu, com vidros espelhados. Olhei para cima e fiquei tonta por um instante. Passei pela porta de vidro giratória e encontrei a recepcionista.

– Por favor, o senhor King.

– Um minuto, senhorita...? – Seu tom era de pergunta.

– Watson. Senhorita Watson.

– Ok. Um momento.

Ela ligou e logo depois sorriu, me indicando a direção dos elevadores. Assim que saí do elevador, Nathan estava na porta de uma sala com os braços cruzados. Ele sorriu e me chamou com a mão. Andei até ele e entramos na sala. Logo que fechou a porta, me atacou com um beijo daqueles. Minhas mãos foram involuntariamente aos seus cabelos, suas mãos à minha cintura, grudando seu corpo ao meu.

– Precisamos conversar Nathan. – Falei entre o beijo.

– Eu sei... – Ele se afastou um pouco, mas ainda permaneceu com o braço em minha cintura. – A que devo a honra de sua visita? Me disse que era urgente.

– Sim, é.

– E sobre o que seria? – Seu tom era sexy. E minhas pernas estavam a ponto de falharem.

– Nathan... – Comecei a falar.

– Sim. – Seus olhos estavam em minha boca.

– Nathan, eu estou grávida! – Falei rapidamente antes que perdesse a coragem. Ele se afastou de mim, como se aquilo o tivesse queimado e me deu as costas.

– Como assim grávida? E quer dizer que o bebê é meu?

Vi-o passar a mão pelos cabelos.

– Sim! O bebê só pode ser seu. – Respondi. Ele virou-se e seu rosto estava sombrio.

– Você é uma prostituta, Kate! O bebê pode ser de outro. Não tem vergonha de dizer que esse bebê é meu? – Ele vociferou.

– Nathan... – Minha voz agora era quase um sussurro. – Você não deveria falar assim comigo.

– Por Deus! Você fica grávida e joga essa bomba para cima de mim? – Ele me olhava com os olhos apavorados. – Acha que eu sou idiota, Kate?

– Você sabe que meu nome não é Kate. Meu nome é Katherine.

– Que seja! Está grávida de quanto tempo?

– Ainda não sei.

– E como diabos você sabe que está grávida? Se nem sabe de quantos meses está! – Sua voz era firme e estava quase gritando.

– Fiz um teste de farmácia. – Respondi

– Que não dá 99% de certeza.

– Tudo bem. Eu farei um exame de sangue então, já que não acredita em mim. – Olhava para ele, que agora andava de um lado para o outro. Estava perturbado, acho que tão perturbado quanto eu.

– Você tem certeza que é meu?

– Nathan... Você foi o primeiro com quem dormi, e o único com quem aconteceu da porra da camisinha estourar, e também houve aquela vez no escritório da boate. E houve outras vezes... – Falei quase gritando, quase a ponto de deixar as lágrimas rolares por meu rosto. Eu estava assustada com isso tanto quanto ele.

– Eu me lembro da camisinha estourar, lembro-me do que fizemos no escritório, e você ainda falou que não aconteceria na primeira vez, lembra?

– Ainda não sabemos se foi na primeira, certo? Não diga mais nada, eu só achei que você gostaria de saber se houvesse um bebê seu a caminho. – Falei calma, olhando-o. Mas o que eu realmente queria era gritar que a culpa era dele. Que tudo aquilo era culpa dele. – Agora eu vou embora, porque tenho algumas coisas para resolver. – Segurei minha bolsa e dei-lhe as costas.

– Katherine, espere! Precisamos sentar e conversar.

– Eu sei que precisamos, mas não será agora. Tenho que trabalhar. Tenha um bom dia! – Saí da sala dele, caminhei até o elevador e apertei para o térreo. As portas começaram a se fechar, mas uma mão não permitiu, e então as portas se abriram novamente. Era Nathan.

– Vamos agora a uma clínica fazer o exame de sangue. E logo depois uma ultrassonografia. – Ele falou e eu permaneci calada. O elevador chegou ao térreo. Saí sem esperá-lo. – Katherine! – Escutei-o me chamar. Virei-me, parando e olhando para ele.

– Eu já te disse tudo o que precisava dizer. Preciso trabalhar agora. – Falei e saí andando. Senti-o segurar em meu braço. Eu estava irritada, havia passado uma manhã estressante com uma “linda” sessão de vômitos e um desmaio na escola. Olhei para ele em seus olhos. – Nathan, por favor. Estão todos nos olhando, solte o meu braço.

Ele não soltou e passou a andar ao meu lado, ainda me segurando.

– Sei que você precisa trabalhar, assim como eu preciso. Então vamos logo resolver isso de uma vez por todas. – Falou e me levou rumo ao BMW que estava parado no mesmo lugar que havia me deixado. Ele abriu a porta e eu entrei, sem dizer nada. Ele sentou ao meu lado. – Para o laboratório Life, David. – Ouvi o carro ser ligado e logo estávamos em movimento.

– Nathan, não era isso que eu tinha em mente. – Falei, olhando-o.

– Nem eu! Eu não imaginei que você viria até o meu escritório para me jogar essa bomba. Kate, se este bebê não for meu, eu nunca mais quero vê-la, ouviu bem? – Aquilo doeu dentro do meu coração. Apenas assenti. Afastei-me dele, ficando praticamente colada à porta contrária à que ele estava. Olhei pela janela do carro os prédios da Quinta Avenida, e uma lágrima escapou por meu rosto.

– E se o bebê for seu? – Perguntei sem olhar para ele. O choro estava engasgado em minha garganta. Eu tinha sido tão forte, não tinha? E por que esse ataque de choro agora?

Realmente não sei de quantos meses estou, porque minha menstruação continua a vir normalmente. E se não fosse pelo desmaio, eu jamais desconfiaria que estou grávida.

– Se for realmente meu, eu irei assumir. Jamais fujo de minhas responsabilidades. – Sua voz me deixou ainda mais desconcertada.

Chegamos a frente ao laboratório.

– Espero que pague caro por ter me chamado de prostituta barata. – Falei e desci do carro.

Os veículos passavam rápido quando abri a porta. Encostei-me ao carro e passei por trás dele para chegar à calçada, enquanto Nathan descia.

– Você está louca? Quer se matar, e matar esta criança? – Falou, gritando comigo enquanto fazia gestos, apontado para sua cabeça e depois para minha barriga.

– Não. Eu não quero! – Respondi, com o choro subindo e meus olhos derramando lágrimas contidas. – Estou odiando tudo isso. Acabei de fazer 18 anos. O que era para ser maravilhoso se tornou um inferno. Eu pretendia ir à Universidade no ano que vem, já até havia feito minha inscrição, estou morando sozinha, finalmente consegui um emprego que me paga muito bem... Mas agora com um bebê, se eu chegar até o fim do colegial, será muito.

Passei a mão por meu rosto, limpando as malditas lágrimas. Ele me puxou para seu peito, abraçando-me e colocando seu queixo sobre minha cabeça.

– Me perdoe, Katherine! – Sussurrou. – Me perdoe! Eu não sei onde estava com a maldita cabeça, quando duvidei de você.

Capítulo 26

Nathan

Os sentimentos que tenho por Katherine estavam se fortalecendo dentro de mim. Um fim de semana inteiro com ela foi como se meu coração tivesse encontrado o seu lar, encontrado o seu lugar, aquele lugar que ele sempre buscou durante toda sua vida, mas que ninguém nunca conseguiu fazê-lo encontrar. Ela estava sempre sorrindo, tão linda, tão malditamente perfeita, e tendo apenas 18 anos. Somos diferentes em classes sociais e idade, mas quem se importa com isso? Eu não me importo, e estou me lixando para o que as pessoas venham a falar quando descobrirem que estamos juntos. As coisas entre nós estavam cada vez mais firmes e ela se entregava de corpo e alma a cada toque meu. Ela era minha e eu era dela. E deve sempre ser assim.

Na segunda-feira pela manhã levantei, preparei um café rápido e um lanche para ela levar para a escola. Deixei-a próxima do colégio e segui para meu escritório. No caminho, meu celular tocou.

– Pronto!

– Bom dia, gatinho! – Era uma voz conhecida.

– Já avisei que não quero mais contato com você, Jéssica. Acabou, você não entende isso?

– Por que me rejeita, Nathan? Até um bom tempo atrás sei que adorava minhas carícias e o que eu fazia com você.

– Isso passou. Eu estava cego naquela época. Hoje sou alguém diferente.

– Não passou não, Nathan. Eu sou seu passado mais sombrio batendo na sua porta. Você sabe que não pode me rejeitar.

– Não só posso como vou. Tenha um bom dia.

– Nathan, se desligar, eu terei o prazer de ir ao primeiro jornal nova-iorquino e contar todo o seu maldito passado.

– Você não se atreveria. – Ela está pensando o quê? Jéssica está passando dos limites.

– Oh! Sim, eu me atreveria, e você iria odiar que sua mamãe querida e seu papai descobrissem o tipo de homem que você foi, o tipo desprezível que você ainda é.

– Não eu não sou mais assim, Jéssica.

– Então me prove! Saia comigo para jantar amanhã. – Ela está brincando com fogo e vai acabar completamente queimada.

– E o que eu ganho com isso, Jéssica?

– Meu silêncio. Ou você deseja que toda Nova Iorque descubra que um dos mais poderosos bilionários do ramo imobiliário foi na verdade um traficante de mulheres?

– Não brinque comigo, Jéssica. Eu nunca fui um traficante de mulheres.

– Está me ameaçando, Nathan? Não deveria fazer isso, pois sabe que tenho provas. Eu fui uma dessas mulheres e, por mais que você tenha me tirado daquele meio, isso não te dá nenhum direito de mandar o que devo ou não fazer. E mesmo que não tenha sido diretamente um, você estava no meio.

– Nós íamos nos casar e você fugiu de mim.

– Eu fugi porque tive medo. Medo de você me transformar, ou me vender para algum daqueles homens desprezíveis.

– Jamais teria feito isso, Jéssica. Eu estava obcecado por você, louco literalmente, e só pensava em você todo o tempo do meu dia.

– Mas isso não era suficiente.

– Então o que diabos era?

– Preciso desligar. Tenha um bom dia, Nathan, e pense no que eu lhe disse. Se me rejeitar, sofrerá as consequências. – Ela desligou.

Cheguei ao edifício onde trabalho, subi pelo elevador exclusivo da presidência, entrei em minha sala e sentei.

Eu estava fodidamente ferrado nas mãos dessa maldita mulher. Comecei meu dia bem, acordando ao lado de Katherine, mas foi estragado pela maldita ligação dessa filha de uma... Não sei por que

diabos ela voltou para Nova Iorque. Que tivesse ficado onde estava.

O dia transcorreu normalmente, como em toda segunda-feira na empresa: ligações, reuniões e outras coisas mais. Até a mensagem de texto de Katherine chegar, dizendo que ela queria falar comigo urgente. Mandeí David buscá-la e trazê-la até aqui. Era quase fim de tarde. Assim que ela entrou, agarrei-a. Senti sua falta, como nunca senti de outra mulher. Se eu achava que amava a maldita Jéssica, imagina o que eu sinto por essa mulher em minha frente?

Nós nos afastamos e ela estava pálida e com uma expressão estranha. Segundos depois, me joga uma bomba nas mãos. Minha resposta saiu como um canhão em direção a ela: chamei-a de prostituta e me arrependi, ao pronunciar essa palavra dos infernos. Resolvi que iríamos fazer um exame para comprovar a gravidez e sabermos de quantos meses ela estava. Saímos do escritório e fomos para o laboratório Life. Quando descíamos do carro ela saiu como uma bala, e quase foi atropelada pelos veículos que passavam ao nosso lado. Fiquei com o coração na boca e a única coisa que pude fazer foi recriminá-la. Mas então seus olhos se encheram de lágrimas e meu coração doeu. Suas palavras encheram meus ouvidos, e não pude deixar de abraçá-la. Eu era o responsável por isso, sou o experiente de nós dois. Ela é apenas uma criança, e eu a recriminei da pior forma possível.

– Me perdoe, Katherine! Eu fui um idiota. – Falei baixinho enquanto ainda a segurava em meus braços. Segurei seu rosto entre minhas mãos. – Vamos entrar e fazer esse exame, e se der tempo, passamos no consultório da Dra. Veneci para que ela faça uma ultrassonografia do bebê.

– Como sabe tanto de bebês, Nathan?

– Eu não sei. – Respondi. Eu sabia de bebês porque uma vez Jéssica ficou grávida do maldito homem que a comprou. Ele a jogou fora como se ela fosse nada e eu que cuidei dela. Mas a gravidez não seguiu e ela acabou abortando, e perdendo qualquer chance de ter outro bebê um dia.

Entramos no laboratório e fomos prontamente atendidos. Uma hora mais tarde, estávamos com um resultado na mão. – Quer abrir? – Perguntei a Katherine?

– Não. Abra você. – Ela respondeu.

– Tudo bem. – Sorri e abri o envelope.

A palavra “**POSITIVO**” em caixa alta e negrito foi tudo o que li. Não precisei ler mais nada, pois aquela palavra já havia me dito o que eu já sabia: Katherine estava grávida mesmo, era mais que uma confirmação.

– Positivo.

– E agora? O que pretende fazer? – Perguntou baixinho.

– Espere um minuto, ok?

Ela assentiu.

Peguei meu celular e liguei para a Dra. Veneci.

– Consultório da Dra. Veneci, boa tarde.

– Boa tarde. Gostaria de marcar uma ultrassonografia para agora, por favor.

– Senhor, só temos hora aberta na agenda em janeiro. – A recepcionista falou.

– Eu preciso para já! Diga para a Cecília que é o Nathan King falando, que ela saberá, e lhe dirá se pode me atender ou não.

Cecília é uma velha amiga de minha mãe. Fez o parto das gêmeas e acompanhou toda a gravidez dela.

– Um minuto, senhor King. – Escutei sussurros pelo telefone. – Senhor King, peço desculpas pela forma como lhe tratei. A Dra. Veneci estará lhe aguardando e poderá atendê-lo em 20 minutos.

– Obrigado. Daqui a pouco estarei aí.

– De nada, e mais uma vez, desculpe.

Desliguei. Voltei minha atenção para Katherine que me olhava, com aqueles olhos assustados.

– Você é tão poderoso assim? Que todos fazem aquilo que você quer?

Peguei em sua mão e ela se levantou.

– A doutora irá nos receber não porque eu seja poderoso, mas porque ela é muito amiga de minha mãe.

– Ah! Entendi.

Fomos para o carro, David abriu a porta e Katherine entrou. Entrei em seguida.

– David, para o consultório da Dra. Veneci.

– Sim, senhor.

Escutei David mexer no GPS e a voz da mulher: “a 200 metros vire à direita”. Minutos mais tarde, entrávamos no consultório. Segurei a mão da Katherine enquanto via Cecília se despedindo de uma paciente grávida, que devia ter uns 7 meses ou mais.

– A que devo a honra de sua visita, Nathan? Não está grávido, não é? – Ela brincou. Cecília tinha a idade de minha mãe, elas cresceram juntas. Então provavelmente ela que me trouxe ao mundo também.

– Não, eu ainda não, mas estou com a senhorita Watson, e ela está grávida, mas não sabe ainda de quanto tempo. Pode nos ajudar?

– Claro. Vamos entrar. Senhorita Watson, pode ir se trocar. O banheiro fica logo ali. Vista o vestido azul que tem lá pendurado. Está limpo. – Katherine seguiu para o banheiro. – Filho, ela é apenas uma criança. – Cecília comentou.

– Eu sei.

– Em que roubada se meteu? – Perguntou baixinho.

– A camisinha estourou, houve outras vezes que não usamos, e agora estou aqui.

– Entendo, mas ela não parece ter mais que 18 anos.

– Exatamente, fez 18 anos recentemente.

– Você está malditamente ferrado. Ainda bem que ela não é menor de idade, Nathan.

– Ela era quando a camisinha estourou.

Vi Cecília levar a mão à boca em espanto.

– Me espanta um homem da sua idade se comportar dessa forma e dormir com uma criança. Mas isso não vem ao caso. – Katherine voltou. – Criança, suba na maca e deite-se. Qual seu nome?

– Katherine. – Ela respondeu e subiu na maca. Cecília cobriu suas pernas com um lençol, puxou o vestido para cima, e apalpou levemente o ventre da Katherine, que me a meu ver não estava grande nem nada. – Seus seios estão doloridos, criança?

– Sim, muito sensíveis. Estou cheia de perguntas na minha cabeça. Posso fazê-las para senhora?

– Não só pode como deve.

– Eu continuo sangrando, digo menstruando. É normal? Fiz um exame de sangue há uma hora que dizia ser positivo para gravidez, mas isso não pode acontecer quando ainda estou menstruando, certo?

– Criança, alguns sangramentos durante a gravidez podem ter uma coloração mais intensa e um fluxo considerável, por isso muitas mulheres acabam acreditando que menstruar durante a gravidez é possível ou normal, embora alguns tipos de sangramentos possam ser muito parecidos com a menstruação. Por que não estava tomando algum tipo de precaução contra uma possível gravidez?

– Não havia necessidade, eu... – Katherine começou a responder.

– Ela era virgem, então não tinha por que tomar essas coisas. – Respondi por ela.

– Quer perguntar algo mais, criança?

– Podemos saber de quantos meses estou?

– Na realidade, saber de quantas semanas exatas está, não dá. O que podemos ver é, de acordo com o tamanho do bebê, avaliarmos em que período da gestação você poderá estar. – Katherine assentiu.

– Ela tomou a pílula do dia seguinte alguns dias. Irá ter algum problema na gravidez por conta disso? – Perguntei porque fui eu quem fez tomar.

– Não tem com que se preocupar. A gestação não será interrompida e o bebê também não será prejudicado, segundo pesquisas mais recentes que tenho lido.

Respirei, aliviado. Cecília pegou um tubo com algo transparente e vi-a colocar sobre a barriga da Katherine. – Agora vou pôr este aparelhinho em seu ventre e logo a imagem aparecerá na tela.

Uma imagem apareceu e o som de algo batendo alto.

– Lindo! – Katherine falou, olhando fascinada para a tela.

– Sim é lindo, Katherine. Aparentemente você está com 17 semanas de gestação.

– E isso quer dizer...?

– Que você está com 4 meses e uma semana.

– Quatro meses? – Katherine quase gritou. – Como assim?

– Sim, quatro meses.

– Mas como é possível, Cecília, se nem vemos seu ventre aparecer? – Perguntei.

– Nathan, é mais natural do que parece. Ela é nova e magrinha. Seu ventre só vai realmente crescer por volta do quinto mês, quando seu bebê estará se desenvolvendo mais rápido. – Deus do céu!

– Qual seria a data provável de quando ela ficou grávida? – Perguntei curioso e Katherine me olhou.

– Provavelmente entre o fim de agosto para setembro. – Cecília respondeu.

– Mas, se assim for, ela está apenas com 3 meses, não? Se contarmos final de setembro um mês, final de outubro dois meses, final de novembro três meses, e aí no final desse mês ela fará quatro meses.

– Não, Nathan. A contagem gestacional não funciona assim, e sim conta-se a partir do primeiro dia da última menstruação, que no caso da Katherine é impossível saber, já que ela teve sangramentos nos meses seguintes. É certo que no mês de agosto quando ela menstruou ainda não estava grávida, mas os médicos levam isto em consideração, e é por isso que a data prevista do nascimento do bebê tem uma variação de 2 semanas.

– Ah! Sim, entendi. Quer dizer, ficou tudo embaralhado agora. – Falei olhando para a tela onde estava a imagem do meu filho ou filha. – O sexo já se pode saber?

– Ainda é cedo, mas quem sabe na próxima ultrassonografia. – Cecília falou sorrindo, e olhou para Katherine. – Seu bebê está saudável. Logo sua barriga começará a crescer e isso acontecerá rápido. Então se prepare e compre roupas mais folgadas, no estilo desta que veio. Vestidos são bem vindos durante toda a gestação. – Eu estava fascinado pelo batimento cardíaco, e pelo formato do que parecia ser a cabeça do meu filho. Vi Cecília limpar a barriga da Katherine com um lenço. – Pronto, criança. Pode ir se trocar. – Katherine se levantou e foi ao banheiro. Voltou minutos depois e sentou-se ao meu lado.

– Eu... Não senti nada, além dos seios doloridos e o desmaio dessa manhã. – Katherine comentou.

– Então, sinta-se feliz e sortuda, pois a maioria das mulheres sofrem com enjoos matinais terríveis. – Cecília falou sorrindo. – Vou lhe receitar vitaminas para fazermos este bebê crescer forte e saudável. Alimente-se bem e nada de fast food e doces em excesso, coma frutas, verduras, legumes. Uma vez ou outra uma pizza não fará mal, mas não exagere, pois pode acabar com diabetes gestacional e não é isso que queremos. Certo? – Katherine assentiu.

Cecília escreveu algumas coisas em um receituário e entregou à Katherine. Nós nos despedimos dela e saímos do consultório. Katherine saiu apressada na minha frente.

– Katherine, espere. Precisamos conversar.

– Você já confirmou o que queria saber, agora eu preciso ir. – Falou, me olhando com uma cara de poucos amigos. Deu as costas, entrou no primeiro táxi que viu e foi embora. Eu tinha feito uma cagada e precisava consertar antes que acabasse fazendo mais uma besteira.

Capítulo 27

Nathan

Katherine foi embora e me deixou plantado sozinho na calçada do consultório da Dra. Veneci. Eu fiz uma burrada e precisava consertá-la de qualquer forma. Mas por hoje já deu. Vou para casa e esfriar minha cabeça, assimilar tudo o que aconteceu hoje, desde descobrir a gravidez da Katherine até a ligação da Jéssica.

Entrei no carro assim que David abriu a porta. Vinte minutos mais tarde eu estava subindo de elevador para minha cobertura na Quinta Avenida. Entrei em casa e tirei o paletó, joguei-o sobre o sofá e fui para o terraço. A vista sempre me deixa deslumbrado, de lá posso ver boa parte do *Central Park*. Coloquei as mãos no parapeito e olhei para o horizonte. A noite em Nova Iorque, independente do dia da semana, era sempre iluminada e chamativa. Fechei os olhos e me veio à mente tudo o que

passsei para chegar até aqui.

11 anos antes...

– Não acredito que estou fazendo isso. – *Falei comigo mesmo. Sabia que aquilo era errado, mas o fazia por dinheiro.*

– *Fique quieto, Nathan. Assista e aprenda.*

Eu estava sentado em uma cabine onde à minha frente havia um espelho. Ao meu lado estava George, 15 anos mais velho que eu e um velho amigo do meu pai.

– *Aprenda como funciona o negócio e estará dentro. Primeiro de tudo: nunca se envolva com a mercadoria. Segundo: nunca toque nelas. Elas precisam permanecer intactas até os compradores tê-las.*

Assenti. As luzes de onde estávamos se apagaram e as do outro lado do espelho se acenderam. Havia ali cinco garotas. Estavam com uma coleira, uma corrente que ligava às mãos e ia até os pés. Pelo brilho, deviam ser joias preciosas.

– *Você ganha tão bem assim? Com essas meninas?* – *Estava curioso.*

– *Uma verdadeira fortuna. E se quer entrar nesse ramo, precisa ser frio e ganancioso.*

– *Ganancioso eu sou. E meu pai, sabe disso?* – *Perguntei.*

– *Não, ele nunca soube. Faço isso desde muito antes de conhecê-lo, e nunca fui descoberto.*

– *E agora?*

– *Preste atenção, abaixo de cada uma delas há uma luz. Quando uma delas for escolhida a luz acenderá, e a luz vermelha que tem em frente de cada um dos vidros também acenderá, indicando o número da cabine. Assim saberemos que ela foi escolhida por aquele cliente. – Ele explicava e eu só observava. – Você tomará conta delas quando forem trazidas para cá e cuidará do bem estar de cada uma. Mas jamais as deixe verem seu rosto, ou estará completamente ferrado se uma delas chegar a fugir daqui.*

– *E depois, para onde elas vão?* – *Perguntei curioso.*

– *Para seus donos. Eles as usarão o quanto quiserem e da forma que quiserem. Cada uma tem um dono e ele poderá fazer o que bem entender com ela.*

– *E quem são os futuros donos?*

– *Existem de todos os tipos: desde homens poderosos, pessoas do governo, pessoas de outros países e outros. Eles adoram esse tipo de compra, e quando fica apenas uma menina, quem pagar mais por ela, leva.*

– *E tem um valor X?*

– *O mínimo é U\$10 mil dólares.*

– *E chegam a pagar quanto?*

– *Varia. Já vi um sheik pagar U\$40 milhões por uma delas. E pelo que ouvi falar, ela se tornou sua esposa.*

– Caramba! E quanto você ganha desse valor?

– Fico com tudo.

– E quanto ganharei?

– Se trabalhar bem, ganhará 30% do valor de cada uma delas. – Soltei um assovio de satisfação. Meus olhos brilharam com a informação de tanto dinheiro. Assisti à sessão de compras e saí de lá maravilhado, com um futuro promissor, mesmo que de forma ilícita. Se ele nunca foi descoberto, eu também jamais seria. E foi assim durante os 5 anos seguintes. Acumulei uma fortuna, apenas cuidando das pequenas e adoráveis moças. Nunca me envolvi com nenhuma, nunca as toquei. Trazia-lhes roupas, joias, comida e tudo mais. Nunca me encantei por nenhuma. Até que uma me chamou a atenção. Cuidava dela da melhor maneira possível, dava-lhe toda a atenção. A queria para mim, mas sabia que George não me deixaria ficar com ela, e um dia ela foi vendida, para meses mais tarde, ser devolvida para George, grávida e toda machucada. Eu a escondi em meu apartamento em Long Island e ajudei-a de todas as formas possíveis. Mas sua gravidez se complicou. Ela perdeu o bebê e com ele a chance de um dia ser mãe novamente, pois seu útero precisou ser retirado. Em meio a tantos cuidados, me apaixonei por ela.

– Eu sinto muito pela sua perda.

– Não sinta, seu maldito! Você estava lá, me viu ser vendida e permitiu isso. – Jéssica falava gritando.

– Eu te acolhi em minha casa, cuidei de você e ainda me chama de maldito? Que espécie de gratidão é essa, Jéssica? Estou completamente apaixonado por você. Se não fiz nada, é porque não estava ao meu alcance, e você sabe disso. Falamos sobre isso tantas vezes até você ser levada.

Ela chorava muito, e abracei-a.

– Eu quero ficar com você, cuidar de você, Jéssica. – Segurei sua cabeça para que ela olhasse para mim. – Um dia teremos nossos próprios filhos, mesmo que sejam adotados.

– Desculpe, Nathan. Eu...

– Eu vou cuidar de você. Quando estiver boa e sua aparência melhor, lhe apresentarei aos meus pais.

Ela sorriu e me beijou.

Abri meus olhos e olhei para o brilho das luzes da Quinta Avenida. Nunca fui um traficante de mulheres, só cuidava delas quando chegavam de diversas partes do mundo, sujas e mal cuidadas. Jéssica estava jogando na minha cara algo que eu nunca fui realmente, e ela sabe disso. Não vou permitir que essa mulher estrague tudo aquilo que construí, e o que conquistei quando ela foi embora.

Meu pai me aceitou na empresa logo após ela sumir do mapa. Ele não gostava dela, nunca gostou. Assumi seu lugar nas Indústrias King e estou feliz nessa posição. E agora, com Katherine grávida de um filho meu, eu não poderia estar mais realizado. Não posso deixar que Jéssica destrua tudo isso. E farei o impossível para ela se manter longe da minha família e de Katherine, custe o que custar.

Capítulo 28

Nathan

A sombra do meu passado me apavora a cada vez que fecho os olhos, desde a primeira vez que vi George conversando por telefone com alguém sobre o tráfico de mulheres. Eu sabia que o que ele fazia era errado. Depois de diversas pesquisas na internet, descobri que um dos países que mais exportam mulheres é o Brasil, e lembrei que a maioria das meninas que vi serem leiloadas era de nacionalidade brasileira, mas dentre elas também haviam americanas, asiáticas, indianas, europeias, e muitas outras etnias.

Então me recordei das noites mal dormidas desde que entrei nesse meio, cada maldita vez que eu ia para casa sem poder fazer nada, com as mãos atadas, porque a polícia não queria ainda que George descobrisse sobre a investigação. Liguei para a polícia quando escutei a conversa no telefone, contei quem eu era, e eles me fizeram entrar no meio para descobrir através de mim algo que pudesse realmente incriminar George. Foram os piores anos da minha vida. Eu era um garoto e sempre fui um filho da puta moralista. Visualizar o que acontecia naquela casa durante cada maldito leilão, era o mesmo que ir me matando aos poucos. Fui muito bem criado, para jamais maltratar uma mulher ou alguém indefeso, e por diversas vezes quis deixar aquelas meninas fugirem e seguirem seu caminho, mas a polícia não permitia. Sempre vinha com a maldita frase “Se fizer isso, estragará a investigação”. Eu estava me lixando para a investigação, ainda mais depois que Jéssica voltou naquele estado, suja, machucada e grávida.

Seis meses após ter Jéssica na minha casa, recebendo todos os cuidados merecidos, fui à polícia e disse que não participaria mais da investigação, ao mesmo tempo cheguei a George e disse que estava saindo do ramo, que aquilo não era para mim.

Seis anos antes...

– George, estou saindo.

– Você não pode sair assim, Nathan. Você sabe demais.

– Eu disse que estou saindo. – Falei, olhando-o nos olhos.

– Nathan, as coisas não são assim. Você passou cinco malditos anos comigo, e acha que é só chegar e falar que não quer mais? – Ele estava bravo.

– É o que eu quero. Não vou mais permanecer no negócio. Já consegui o que queria. Ganhei uma fortuna, agora estou saindo. – Falei, dando-lhe as costas.

– Olhe para mim, seu moleque. Acha que é só vir aqui e jogar na minha cara que está saindo? Não é assim que funciona, Nathan. – Ele vociferou, segurando em meu braço. Me virei, dando-lhe um soco que o fez cambalear para trás. Segurei-o pela gravata quase o sufocando com ela.

– Eu não sou mais moleque. Talvez fosse quando entrei aqui, mas já não sou mais. Muito em breve estarei assumindo o império do meu pai e não preciso mais disso. E se você se aproximar de mim novamente ou se essa história vier à tona, eu mando matar você, ouviu bem? – Ele assentiu. – Espero que tenha ouvido mesmo. – Soltei-o.

– Nathan, você brincou com fogo.

– Todo e qualquer envolvimento meu aqui deve ser apagado. E não se esqueça: se algo me acontecer, este lugar será caçado, não só pelas pessoas que me conhecem, mas também pela polícia, FBI e todas as outras do mundo inteiro.

– Nathan...

– Estou falando sério. Nunca falei tão sério em minha vida.

Dei-lhe as costas e saí do escritório.

Cheguei a casa e Jéssica dormia profundamente. Seu rosto estava lindo como antes, sem aquelas manchas roxas. Passei a mão por seu cabelo e dei-lhe um beijo nos lábios. Em breve ela seria minha mulher.

Tempo presente...

Eu odiava lembrar os dois anos seguintes, quando apresentei Jéssica para meus pais e eles ficaram animados por finalmente eu estar com uma mulher, pois achavam que eu era gay. Conheci sua família, que morava em Miami. Seus pais eram mexicanos, mas ela havia nascido nos Estados Unidos. Eu havia tratado Jéssica como uma pedra preciosa, dava-lhe tudo o que queria. A mimava como jamais mimei outra mulher. Muitas passaram por minha cama, mas jamais ficaram tempo suficiente para fazer com que me apaixonasse. A fiz voltar a estudar, terminando o colegial e depois fazendo faculdade. No penúltimo ano da faculdade, ela se tornou rebelde e começaram as brigas. O meu ciúme me deixou cego por diversas vezes. Foi então que ela conseguiu um maldito emprego como secretária de um empresário russo e se envolveu com ele. Ambos saíram do país sem avisar a ninguém. Jéssica sequer se despediu de mim. Simplesmente sumiu, deixando-me com uma aliança de

noivado no dedo e tendo que me explicar para todos, inclusive para sua família. Agora, quase dois anos depois, e quando já superei a dor da traição, ela volta e quer me ameaçar com um passado que ela não sabe nem a metade do que realmente aconteceu.

Entrei e fui para o quarto. Tirei a roupa, tomei um banho, relaxei e pedi comida, pois não queria cozinhar, e minha empregada não havia deixado nada pronto, afinal passei o fim de semana fora.

Katherine agora assumia todos os meus pensamentos. Ela deve estar indignada comigo pela forma como a tratei. Eu fui um filho da puta, duvidando daquilo que eu sabia que era verdade. Eu a tinha quase todo tempo sob meus olhos. Sabia que aquele bebê só poderia ser meu, pois ela não tem encontrado com ninguém além de mim.

O choque inicial de descobrir que vou ser pai assim, de repente, fez com que eu agisse como um verdadeiro idiota e babaca, tratando-a como se ela fosse uma qualquer que se deita com o primeiro que vê na esquina.

Após comer, entrei na minha biblioteca e procurei por um livro que havia começado a ler na época em que Jéssica estava grávida: “O que esperar quando se está esperando”. É um livro incrível que eu particularmente indicaria para todos os futuros papais e mães do mundo inteiro.

Kate

Eu estava incrivelmente chateada. Cheguei a casa, joguei minha bolsa sobre o sofá e caí sobre ele. Nathan jogou na minha cara que eu era uma prostituta, que o bebê poderia ser de outro. Tudo bem que havíamos começado de forma errada, mas duvidar que o bebê era dele, quando tudo o que mais fazíamos era transar sem camisinha? Passava das 20h quando meu celular vibrou sobre a mesinha de centro da sala.

– Pronto.

– Gata, se prepare. Acabamos de fechar um contrato de U\$ 50 mil dólares para a campanha dos perfumes da Carolina Herrera. Precisam de você no máximo até sexta-feira em Milão, para gravarem um comercial. – Sim, com esse “gata” eu confirmei, ele é gay.

– Está falando sério, Alex?

– Nunca falei tão sério, Katherine.

– Tenho que lhe contar algo, Alex.

– Sim, minha pequena de um milhão de dólares, conte-me.

– Tem que ser pessoalmente. Posso ir à agência amanhã após a aula? – perguntei.

– Sim, claro. Estarei aguardando você. Preciso desligar, boa noite. – E desligou.

Pulei do sofá e comecei a dar pulinhos. Meu Deus era U\$ 50 mil dólares, caramba! Como assim? Eu virei da noite para o dia a mais requisitada? E tudo por causa do bendito comercial. Meu celular vibrou novamente. Era uma mensagem:

AH, ESQUECI-ME DE AVISAR! AMANHÃ ÀS 17H, NO INTERVALO DO CSI PASSARÁ O COMERCIAL QUE VOCÊ ESTRELOU COM O TOM. NÃO PERCA!

Ah! Ele acha mesmo que vou perder? Nunca! Fui dando pulinhos para o quarto e comecei a tirar a

roupa para tomar um bom banho e relaxar.

Capítulo 29

Kate

A manhã de terça-feira chegou com tudo: despertador apitando as 6h30 da manhã, barulho na rua, gritaria.

– Oh, inferno!

Levantei e fui até a janela. Lá fora, dois homens trabalhavam com uma espécie de perfurador no chão que fazia um barulho terrível. Andei até o banheiro e tomei uma ducha rápida. Me vesti com o uniforme do colégio e peguei um casaco. O inverno em Nova Iorque também chegou com tudo. Enfie no pé as minhas meias para me aquecer e botas Timberland marrom com detalhes rosa pink. Amo essas botas, me deixam aquecida por serem feitas de couro e camurça. Não combinavam em nada com o meu uniforme da escola, mas mesmo assim decidi usar. Passei creme no rosto, pois o frio castiga minha pele branca sensível.

Fui à cozinha e comi meu cereal com leite. Coloquei as luvas, o casaco e o cachecol. Joguei a mochila nas costas e saí de casa rumo ao colégio. Tenho que ir à diretoria explicar minha situação, e pedir que não me expulsem. Cheguei à escola, passei pelos portões e avistei Amanda com Alice.

– Bom dia, meninas. – Falei sorrindo.

– Bom dia, mamis. – Amanda falou e joguei um olhar de “não comece” para ela.

– Vocês já vão para a sala?

– Sim. – Alice respondeu. – Você não vem?

– Preciso ir à diretoria.

– Por quê? – Alice perguntou.

– Problemas com minha mãe, então já viu.

– Entendo. Levo sua mochila e assim guardo sua cadeira. – Amanda disse sorrindo.

– Obrigada.

Entreguei minha mochila para ela e as vi irem para a sala. Fui em direção à sala da diretoria. Que Deus me abençoasse, e a diretora abrisse uma exceção. Fiz o sinal da cruz e bati na porta.

– Entre. – A voz da diretora Charlotte veio alta. Era uma senhora de mais ou menos 60 anos e cabelos grisalhos. Assim que entrei ela disse: – O que deseja, Watson?

– Preciso conversar com a senhora. – Falei enquanto me aproximava.

– Tudo bem, mas seja breve, pois sua aula começa em 15 minutos.

– Estou com um problema, e gostaria de pedir um conselho, além de pedir para não me expulsar da escola.

– Diga que problema tem, Watson?

– Estou grávida, senhora Charlotte. – Ela me olhou com os olhos espantados.

– Deus! Katherine, você é uma das nossas melhores alunas e conhece as regras.

– Eu sei, senhora Charlotte, mas vim pedir que por favor, não me expulse da escola.

– De quantos meses está? – Ela perguntou.

– Quatro. – Respondi rapidamente.

– Mas não se vê barriga alguma em você.

– Exatamente, mais um motivo para que não me expulse. A médica que me atendeu disse que estou com quatro meses, mas que por ser magrinha, não teria uma barriga tão grande. E por isso eu poderia esconder apenas dizer que engrordei.

– Não é assim que funciona, e você sabe das políticas da escola. É uma aluna bolsista e entrou aqui com 11 anos.

– Eu sei, senhora Charlotte, por favor. Eu lhe imploro. – Meus olhos encheram de lágrimas, pois não queria deixar de estudar.

– Não chore, por favor. Odeio ver vocês chorando. Está bem, falarei com o conselho de professores da escola e lhe chamo para conversar até a próxima semana, para lhe informar o que decidimos. – Ela disse e me levantei com um sorriso, passei pela sua mesa e lhe dei um abraço.

– Obrigada! Muito obrigada! A senhora não irá se arrepender.

Caminhei até a porta.

– E Katherine, mais uma coisa: não se esqueça de fazer a inscrição para entrar na Universidade. Não é uma gravidez que irá atrapalhar uma moça brilhante como você.

– Obrigada!

Saí dali e fui para minha sala, assistir a mais uma aula de Filosofia.



Horas mais tarde eu estava indo me encontrar com o Alex, ainda com a mochila da escola nas costas. Entrei no metrô e fui rumo à agência. Alguns minutos depois eu estava entrando e cumprimentando a secretária do Alex.

– Gatinha! – Ele falou enquanto me abraçava. – Que bom te ver. Temos que conversar. Tenho mais duas campanhas em vista para você. – Ele falava enquanto caminhávamos para sua sala. Sentei na cadeira e ele atrás da mesa. – Mas então, o que queria me contar?

– Eu... Não sei como contar. – E se eu contasse e arruinasse o começo da minha carreira de modelo, e perdesse o contrato já fechado para a campanha da Carolina Herrera?

– Conte-me.

– Alex, é que... Estou com problemas.

– Que tipo de problemas? Está precisando de dinheiro? É isso? Se for, eu preparo já parte do seu pagamento do comercial que ainda irá gravar.

– Não, não é isso.

– E o que seria, pequena blue?

– Pequena blue?

– Sim, pequena blue, seus olhos são de um azul encantador e que está conquistando toda a Nova Iorque.

Eu sorri.

– Tudo bem.

– Então? – Ele estava realmente curioso.

– Alex, eu estou grávida. Mais especificamente de quatro meses, e dentro de algumas semanas minha barriga vai começar a crescer de verdade.

– Oh, meu Deus! – Alex levantou da sua cadeira com a mão na cabeça indo em direção à janela e olhou para a paisagem lá fora. Virou-se com um sorriso estampado no rosto. – Mas isso é maravilhoso.

– Maravilhoso? – Perguntei, franzindo a testa.

– Sim, é maravilhoso! – Ele agora segurava em meus ombros e me olhava nos olhos. – Nunca tivemos uma grávida para as campanhas das lojas de departamentos. Sempre usamos nossas modelos com barrigas falsas, e agora poderemos ter você com uma barriga de verdade, e linda do jeito que você é. Tenho certeza que todas as lojas vão querer você como sua modelo de mãe.

– Eu pensei...

– Pensou errado, mocinha. Claro que agora tenho que ligar para a agência que toma de conta do comercial que assinamos da Carolina Herrera e informá-los, mas tenho certeza que não irão tirar você do comercial por isso. E por falar em comercial, ficará aqui comigo para assistir ao seu primeiro comercial? – Alex perguntou sorrindo.

– Claro, não tenho mais nada para fazer.

Algum tempo depois estavam todos da agência sentados em frente ao telão que havia na sala de reuniões, assistindo CSI e esperando o bendito intervalo, para vermos o comercial. A sala estava lotada e Alex havia sentado ao meu lado. Enfim, o intervalo. Então começou o bendito comercial. Eu andando e esbarrando em Tom, ele sorrindo e nós conversando brevemente. Logo depois ele me entrega seu cartão e sai. Cheiro o cartão e sorrio, enquanto saio andando. E assim termina o comercial com o nome do perfume. Então começou uma chuva de aplausos e diversos telefones tocando, inclusive o meu.

– Vá atender, Andrea. – Alex falou para uma das secretárias e ela foi. Voltou com um telefone sem fio nas mãos. – Sim, diga, Andrea.

– É a assessora da Gucci, senhor Stanford. Eles querem saber se a moça do comercial está disponível para um desfile de moda no sábado.

Olhei para Andrea com os olhos arregalados.

– Eu nem tenho altura para desfiles. – Falei comigo mesma.

– Não importa, Katherine. Você agora é famosa. A altura não importa. – Alex falou e então percebi que comentei alto demais. – Diga para eles que ela está disponível sim. Anote tudo: horário, local e todas as informações necessárias. Obrigado, Andrea!

Capítulo 30

Nathan

Estava no meio de uma reunião quando meu celular vibrou no bolso. Peguei-o para ver quem poderia ser aquela hora da tarde. Era Amanda.

– Com licença senhores, necessito atender esta ligação. – Deixei a sala de reuniões e atendi. – Amanda, espero que seja algo realmente muito bom ou urgente, pois saí no meio de uma reunião para atendê-la.

– Nathan você não vai acreditar! – Sua voz era de alegria e espanto.

– Conte, quem sabe eu acredito.

– Não dá para contar, tenho que lhe mostrar. Vou passar agora para você via whatsapp ok? Só um minuto. – Escutei o barulho das teclas do telefone. – Pronto, assiste e depois me liga. – Então ela desligou. Abri o whatsapp e recebi um vídeo. Baixei-o rapidamente e abri para assistir. Parecia um comercial, então vi Katherine esbarrar naquele ator do Smallville e se olharem. Aquele olhar ingênuo dela com o olhar de caçador dele. Então ele sorri, lhe entrega um cartão, ela cheira o cartão sorrindo e olhando para trás. E o comercial acaba com o nome da nova fragrância do perfume do CK. Fico ali estático, revendo o vídeo.

– Senhor King. Os advogados e senhores da outra empresa lhe aguardam na reunião. – Minha secretária falou. Me virei e olhei para ela.

– Obrigado! – Passei por ela, coloquei o telefone no bolso e entrei na sala de reuniões novamente. Seria um começo de noite longa.

Kate

Alex estava mais que feliz. O comercial havia sido um sucesso e o telefone da agência não parava de tocar. A maioria das ligações era de novas pessoas querendo me contratar para fazer fotos, catálogos, vídeos, e inclusive houve uma proposta para um filme. Mas, por Deus, como vou fazer um filme se nem mesmo sei nada sobre teatro?

Saí da agência com o Alex, que fez questão de me deixar em casa.

– Pronto. Mocinha entregue. – Ele falou sorrindo.

– Obrigada.

– E trate de se cuidar, afinal agora não é só você. Temos mais uma pessoa vindo por aí. – Ele disse sorrindo, enquanto saía do carro para abrir a porta para mim. Abriu-a e eu desci.

– Obrigada novamente.

– Não me agradeça. Para me agradecer, só não se esqueça de quando estiver no topo, eu ainda estarei aqui, como seu agente e amigo, se precisar. – Sorri e me encaminhei para abrir a porta do prédio. – Até amanhã, Kate. Te espero às 16h para começarmos as sessões de fotos. Assim que sair do colégio, me ligue, que mandarei um táxi ou alguém te buscar. – Assenti e me virei, entrando no prédio.

Alex foi embora assim que apareci na janela e acenei com a mão. Sorri e abaixei a janela, pois estava frio.

Fui para o quarto, tirei a roupa e entrei no banho. Relaxei embaixo da água morna, fechei os olhos e me veio o Nathan em seu terno fino, todo charmoso e poderoso. Terminei meu banho, me enrolei no roupão e em frente ao espelho desembaracei meus cabelos. Völtei para o quarto e me vesti com meu pijama lilás, coloquei as pantufas, liguei meu Ipod na música do *Bruno Mars – It Will Rain*, coloquei os fones no ouvido e fui preparar algo para comer. Passava das 20h30 quando entrei na cozinha. Peguei meu pote de manteiga de amendoim e passei no pão, peguei o leite e enchi um copo. Sentei e me encostei ao balcão. Adorava a voz suave do Bruno Mars, que me fazia flutuar enquanto escutava suas músicas.

Terminei de comer e olhei em volta. Precisava dar uma geral básica no meu apartamento. Esta semana seria cheia: aula, depois fotos na agência e na quinta estarei pegando um voo para Milão. Meu celular vibrou sobre o balcão. Tirei o fone do ouvido e atendi.

– Pronto.

– Filha, que saudades! – A voz inconfundível da minha mãe.

– Oi, mãe.

– Filha, precisamos nos ver. Você fugiu de casa sem nada dizer. Por onde está?

– Morando sozinha em meu próprio apartamento. – Respondi

– Imagine, filha. Volte para casa. – Ela pediu.

– Para quê? – Perguntei. – Para me fazer transar com outros homens? Para lhe sustentar?

– Não é bem assim, filha.

– O que quer mãe? – Perguntei.

– Vi seu comercial hoje. Você estava linda. – Ela me elogiou.

– E? Diga, sei que tem algo mais.

– E estou precisando de dinheiro.

Eu sabia que ela só poderia estar querendo uma coisa, e isso se chama dinheiro.

– Não tenho.

– Não minta para mim, Katherine. Você fez um comercial para uma marca famosa, você tem dinheiro sim. – Ela falou com sua voz estridente quase gritando.

– Não grite comigo, não moro e nem sou mais sustentada por você.

– Você é muito ingrata, Katherine. Passei malditos 18 anos da minha vida me deitando com diversos homens para lhe sustentar. – Ela gritava ao telefone.

– Não jogue isso na minha cara, mãe. – Gritei.

– Você sabe que é verdade.

– Sim, eu sei, e eu cresci vendo você se esfregar nesses malditos homens, só porque queria ter a vida de rainha que tem hoje. Mas a beleza um dia vai embora, Helena, e a sua está indo. Você poderia ter trabalhado de garçonne.

– E ganhar o quê? U\$2 dólares a hora? E no fim do mês nem conseguir pagar um apartamento decente? – Ela me questionava.

– Havia outros meios e não tinha que ficar se esfregando em ninguém. Além do mais, havia meu pai. Ele poderia ter lhe ajudado se não tivesse sumido da vida dele.

– Seu pai era um pobretão que não tinha onde cair morto, Katherine. – Ela falou com desprezo na voz.

– Por que me permitiu nascer se odeia tanto assim meu pai? Vejo o desprezo em sua voz cada vez que fala dele. E se ele fosse realmente pobre como diz, como foi que se conheceram? Como ficaram juntos? Você sempre prezou e gostou de coisas finas. Se meu pai era realmente pobre, como diabos vocês passaram uma noite juntos? Ou ele usou as economias de uma vida toda para pagar por uma noite com você? – Enchi-a de perguntas.

– Se você estivesse na minha frente agora, pode ter certeza que já teria lhe dado uma surra, sua menina atrevida.

– Odeio a forma como me criou, odeio o fato de ter me deixado ver as coisas que vi, odeio você, por beber demais e deixar aqueles malditos homens me olharem com desejo. Mas ao mesmo tempo, agradeço por nunca ter deixado nenhum deles ter encostado um dedo em mim. Mas nem por isso vou lhe dar dinheiro. Se quer tanto, trabalhe em algo decente para conseguir, e pare de vender seu corpo. – Falei brava. – E não me ligue mais, a não ser que queira sentar e conversar sério, para me contar quem é meu pai e o que aconteceu entre vocês de verdade. – Desliguei.

Minha respiração estava ofegante. Levei minha mão acima do meu seio esquerdo, sentindo meu coração acelerado. Como ela tinha essa coragem? Me ligar para pedir dinheiro? Lágrimas quentes desciam por meu rosto. Ela nunca gostou realmente de mim. Por que ela cuidou de mim todos esses anos, se nunca me amou de verdade? Será que só esperava que eu crescesse para virar minha cafetina e viver às custas da prostituição do meu corpo?

Levantei ainda soluçando pelo choro e com raiva, com ódio por uma pessoa se dizer minha mãe. Ainda não acredito que nasci dela, que fiquei nove meses em seu ventre e ela ainda me tratar dessa

forma. Só posso ter sido mesmo um peso em sua vida todos esses anos.

Estava entrando no quarto quando a campainha tocou, mas não era a da porta de baixo, e sim a do meu apartamento. Que estranho!

Capítulo 31

Kate

Fui em direção à porta, olhei no olho mágico, mas não havia ninguém lá fora. Abri a porta para me certificar e dou de cara com um Nathan gato e charmoso em seu terno caro de grife, me olhando com uma mão na lateral da porta.

– O que está fazendo aqui? – Perguntei quase que imediatamente.

– Precisamos conversar. – Ele falou me olhando sério.

– Não tenho nada para conversar com você. – Falei e quis fechar a porta, mas ele a segurou aberta.

– Tem sim. Precisamos conversar, você sabe disso. – Nathan me olhava sério. – Vai me deixar entrar?

– Não. – Respondi.

– Tudo bem. – Ele passou por mim, entrando no meu apartamento.

– Como você...

– Já falei, precisamos conversar. Feche a porta, Katherine. – Como alguém pode ser tão mandão assim? Ele parou e se virou. Fechei a porta e me virei para olhá-lo. Estava lindo como sempre.

– Estou ouvindo. – Olhei para ele, cruzando os braços.

– Não me trate assim, Katherine. – Ele sussurrou.

– E como quer que eu o trate? Quer que o chame de “meu amor”? Depois de você me chamar de prostituta barata?

– Não te chamei de prostituta barata.

– Mas deu a entender que fosse. Disse que meu filho poderia ser de outro. Pena que só deduziu depois que o bebê é realmente seu. – Falei ironicamente.

– Katherine... – Seus olhos estavam semicerrados e vi sua mandíbula se contrair. Ele estava ficando com raiva.

– Não é assim que funciona, Nathan. Não pode ir assim invadindo minha casa e dizendo que

precisamos conversar com essa autoridade, como se eu fosse obrigada a obedecer. – Falei secamente.

– Não estou pedindo que obedeça. Precisamos conversar não só sobre o bebê, mas sobre o comercial que vi hoje. Quando aquilo aconteceu? E que olhar foi aquele? – Ele começou uma sessão de perguntas.

– Foi apenas um comercial, Nathan. – Respondi.

– Todo mundo que assistiu ao vídeo percebeu aquele olhar, que não era por causa do maldito comercial, mas porque ali tinha algo mais. – Ele se aproximou, segurando na lateral dos meus braços. – Você saiu com ele, Katherine? – Seus olhos estavam nos meus.

– E se tiver saído? Qual o problema?

– Você saiu ou não com ele, Katherine? – Sua mão direita apertava com força meu braço esquerdo, e me trouxe para mais próximo dele. Sua outra mão foi para minha cabeça e segurou meus cabelos. – Por que se tiver saído, ele pagará caro por tocar em você.

– Pare com isso, Nathan. Está me machucando. – Empurrei-o, mas de nada adiantou. A minha mão livre foi de encontro ao seu rosto e o barulho da bofetada em meio ao silêncio foi alto.

– Oh, meu Deus! Desculpe. – Falei baixinho. Ele fechou os olhos e os abriu, olhando-me como se eu fosse à presa e ele o predador.

– Você é minha! Ouviu bem? Unicamente minha! – Ele sussurrou e sua boca se apossou da minha, segurando-me pela nuca. Esmurrei seu peito com raiva, mas sua boca continuava sobre a minha. Perdi o pensamento e esqueci que estava com raiva dele quase que imediatamente, me rendendo. Segurei o cabelo em sua nuca com força. Ele me suspendeu no ar, segurando-me com um braço, e preendi minhas pernas em volta dele.

Nathan sorriu entre o beijo e enquanto andava pelo apartamento comigo em seus braços e nos beijando, derrubamos o abajur da sala. Ele me jogou na parede do corredor e o quadro ao nosso lado caiu. Suas mãos desfizeram o nó do roupão e deixou meus seios à mostra. Sua boca desceu ao mesmo tempo em que sua mão segurava meu seio direito. Ele sugou e eu gemi alto, completamente perdida. Eu estava fodidamente perdida por causa daquele homem. Ele sorriu e me beijou de novo, ardentemente, mordendo meu lábio inferior. Desceu por meu pescoço, e continuou andando pelo corredor até chegar ao quarto. Abriu a porta com uma das mãos e fechou-a com o pé. O estrondo da porta batendo foi alto, mas eu não me importei. Minhas mãos estavam em seus cabelos. Ele me colocou sobre a cama enquanto se desfazia do paletó e abria o zíper, e em segundos seu pau estava entrando em minha umidade. Os nossos gemidos eram como música para meus ouvidos. Sua mão foi ao encontro do meu clitóris e acariciou meu ponto sensível, enquanto seu pau invadia minha boceta com tudo. A outra mão acariciava meu seio esquerdo. Seus dedos prenderam meu mamilo entre eles e apertou forte. Gemi alto ante ao frenesi que passou pelo meu corpo com a dor.

– Puta que pariu, Nathan. Eu vou gozar, e vou vir com tudo. – Escutei sua risada ao longe enquanto meu corpo se perdia no prazer do gozo que ele me proporcionou. Estocava cada vez mais fundo, e a sensação de estar cheia e completa era indescritível. Nathan era meu naquele momento, assim como eu era dele. E eu havia esquecido todo e qualquer sentimento de raiva que existia.

Nathan sorriu me olhando com olhos de puro desejo, estocou mais algumas vezes e me encheu com seu gozo. Descansou respirando fundo, enquanto me olhava sorrindo.

– Você é minha! – Ele repetiu saindo de dentro de mim e terminando de tirar sua roupa.

– Nathan, o quê...

– Shhhh... – Levou o dedo à minha boca pedindo silêncio. – Não discuta, apenas aprecie. – E ele deitou-se ao meu lado, acariciando meu cabelo, fazendo um cafuné. Meus olhos ficaram pesados e adormeci. Acordei com o celular do Nathan chamando no meio da madrugada. Olhei no relógio: 4h da manhã.

– Nathan, seu celular. – Falei e ele gemeu.

– Volte a dormir, amanhã eu atendo. – Falou ainda dormindo e me virei para o outro lado, tentando dormir novamente. Sua mão veio sobre minha cintura e se fixou em meu ventre. Eu nem havia o perdoado por ter me chamado de prostituta barata e ele já estava ali, na minha casa, dormindo em minha cama, como se o lugar fosse seu. Como se eu tivesse esquecido o que ele disse. Isso era errado, muito errado, principalmente pelo fato de que ainda estou com raiva dele.

Adormeci novamente.



Acordei com o meu despertador fazendo barulho, passei a mão e derrubei-o no chão.

– Que saco! – Estava com sono, mas tinha que ir para a escola. Levantei como um zumbi e entrei no banheiro, praticamente com os olhos fechados. Quando olhei no espelho, Nathan estava se enxugando com uma toalha. Dei um grito de susto e quase caí, se não fosse ele ter me segurado.

– Desculpe! – Falou sorrindo. Levei a mão à boca e com ela ali falei:

– Eu que peço desculpas, esqueci completamente que você dormiu aqui ontem. – Ele riu.

– Por que está com a mão na boca?

– Estou com mau hálito, e só eu sei como é terrível pela manhã. E você já escovou os dentes, sinto o cheiro de hortelã da minha pasta de dentes daqui. – Eu estava enjoando.

– Não tem que se preocupar com isso. Somos um casal e isso é natural, todo mundo tem mal hálito pela manhã, até o presidente dos Estados Unidos.

Sorri sem graça, sentindo meu estômago revirando e fazendo o gosto amargo do ácido subir por meu esôfago.

– Me solte! – Quase gritei e me abaixei para abrir a tampa do vaso e vomitar com tudo. Minha garganta e nariz arderam com o ácido do meu estômago. Nathan estava ali, segurando meu cabelo. – Saia! Por favor! Estou vomitando e isso é feio de se ver. – Meus olhos encheram de lágrimas, a garganta ardia, enquanto eu colocava mais água para fora, pois meu estômago estava vazio. Ele amarrou meu cabelo com uma liga e saiu, me deixando sozinha. Sentei no chão ao lado do vaso. Alguns minutos depois ele estava de volta, com um pacote de biscoitos salgados na mão.

– Pegue, vai melhorar seu estômago e amenizar a sensação de enjoo e a vontade de vomitar.

Assim diz o livro que estou lendo. – Falou. Peguei um biscoito e comi. Fiquei ali alguns minutos, sentada. – Você vai para a aula hoje?

– Não sei. Tenho medo de passar mal assim lá, e todos descobrirem sobre a gravidez. contei para a diretora e ela disse que vai falar com o conselho, para depois me dar uma resposta se terei que sair da escola ou não. – Falei sem pensar, nem lembrando que não devia nada da minha vida para ele.

– Não precisa mais ir, contrato um professor particular para você e poderá terminar os estudos em casa.

– Não, Nathan. Por Deus! – Falei, levantando do chão do banheiro um pouco tonta, me olhei no espelho e Nathan estava atrás de mim.

– Você está linda! – Ele falou sorrindo.

– Você só pode estar brincando. Fala sério. – Fiz uma careta.

– Mais linda ainda quando faz careta. – Gente, esse homem precisa usar óculos urgente.

– Preciso tomar banho. – Falei, pegando a pasta de dente e colocando na escova.

– Tudo bem, vou preparar algo para você. – Sorriu e beijou a lateral da minha cabeça.

– Obrigada!

Ele saiu do banheiro e tirei o pijama, entrei debaixo do chuveiro e tomei meu banho.

Capítulo 32

Terminei meu banho, vesti o roupão e fui para o quarto. Vesti uma meia calça, outra meia mais grossa e a calça do uniforme da escola. Coloquei uma blusa de manga longa e gola alta, outra por cima e o casaco do uniforme da escola para o frio. Calcei minha bota Timberland e fui para a cozinha. Passando pelo corredor, vi o quadro que derrubamos ontem já colocado no lugar. Sorri.

O cheiro de bacon com ovos fritos veio ao meu nariz e minha barriga roncou. Sorri ao ver o Nathan de costas em sua calça social que delineava sua bunda em frente ao fogão. Ele virou-se, segurando o cabo da frigideira, e derramou os ovos com bacon no prato. Sentei-me no banco do balcão.

– Este é seu, pode comer. Vou preparar o meu. – Falou sorrindo e virou-se para o fogão. Servi-me com suco de laranja e comecei a comer os ovos.

– Obrigada!

– Eu que lhe agradeço, por me permitir alimentá-la.

– Não pense que eu perdoei você, Nathan. – Falei enquanto enchia a boca com uma garfada de bacon e ovos. Fechei os olhos, saboreando.

– Eu sei. – Ele falou, e eu abri os olhos para vê-lo em minha frente, colocando seu bacon com ovos em outro prato. Deixou a frigideira na pia e sentou-se. Vi-o passar pasta de amendoim em um

pão que ele já havia colocado na torradeira. Tomei meu suco de laranja e terminei de comer meus ovos e bacon. Fiquei ali admirando-o comer, perdida em meus pensamentos. – Vamos jantar hoje à noite?

– O quê?

– Vamos jantar hoje à noite? Quero cozinhar para você no meu apartamento dessa vez. – Ele está falando sério?

– Sério? Você sabe cozinhar?

– Claro que sei. Moro sozinho, tenho apenas a empregada para fazer a faxina, minha comida quem faz sou eu.

– Incrível. Achei que homens como você tivessem empregadas de todas as formas para satisfazer seus desejos.

– Gosto de estar sozinho quando fico em casa, sem nenhum empregado me chamando, ou algo do tipo.

– Ah! Entendi.

– E então?

Eu vou? Não vou? Eis a questão. E agora, mente, vai trabalhar. Pare de ficar admirando a boca sedutora dele, pensando no que fizeram ontem à noite. Ok! Vou, está decidido.

– Será um prazer. – Falei sorrindo e me levantando. – Vou buscar minha mochila.

– Sua mochila está no sofá. – Olhei para o sofá e realmente estava lá. Olhei o abajur que havíamos derrubado e já estava em seu devido lugar. Ele havia organizado nossa pequena bagunça. Que homem prendado!

– Oh!

– Sem desculpas para fugir de mim, Katherine. Isso é muito feio. – Ele falou enquanto tirava os pratos do balcão e colocava-os na pia. – Mais tarde peço para alguém passar aqui e fazer uma faxina para você.

– Não precisa, eu mesma faço a faxina. Só não tive tempo ainda. – Sorri sem graça.

– Não se preocupe. David depois passa aqui para trazer a minha faxineira. Só preciso das chaves.

– Realmente não precisa. – Falei sem graça. – Eu faço uma faxina quando sair da sessão de fotos que tenho hoje.

– Hoje à noite nós iremos conversar sobre sua carreira de modelo. As chaves, por favor. – Ele agora estava com a mão estendida em minha frente.

– Ok, senhor manda tudo! Aqui! – Entreguei-lhe as chaves do meu apartamento. Ele pegou seu paletó e saí com a mochila nas costas. Ele trancou a porta e descemos. O motorista dele estava lá, em pé, nos esperando. – Ele passou a noite aqui? – Olhei para o David. – Bom dia, David. Você passou a noite aqui? – Ele nada respondeu, apenas abriu a porta. Entrei e esperei o Nathan entrar. – Por Deus, Nathan! Ontem foi a noite mais fria do ano, e ele passou a noite dentro do carro? Não tem

vergonha de escravizar seu motorista dessa forma? – Comecei a repreendê-lo.

– Ele foi para casa, Katherine. Ele dormiu em casa. – Nathan falou e abaixou o vidro de comunicação entre ele e o motorista. – Diga para a senhorita Watson onde você dormiu, David.

– Dormi em casa, senhorita Watson, não se preocupe. Cheguei tem pouco mais de 20 minutos. – David falava e me olhava através do retrovisor. Assenti, sorrindo.

– Tudo bem. Se você diz eu acredito. – Olhei para o Nathan. – Desculpe, eu...

– Tudo bem, não se preocupe. – Ele apertou um botão e o vidro escuro subiu novamente, impedindo o motorista de nos ver. Nathan segurou meu queixo. – Gosto que se preocupe com meus empregados, pois um dia eles serão seus também.

Franzi a testa.

– Só porque tenho um bebê King dentro da barriga, não quer dizer que seremos marido e mulher.

– Katherine, fique calma. Eu não falei nada. – Ele sorriu com aquele sorriso sedutor que sabia que mexia comigo. Seu polegar acariciou o lado esquerdo do meu rosto. – Você não precisa vir com sete pedras na mão todas as vezes que tocar no assunto de ficarmos juntos. Podemos fazer dar certo, e você sabe disso. Somos bons na cama, sabemos conversar e temos coisas em comum.

– A não ser o fato de que fui uma prostituta e você meu cliente.

Ele parou o carinho que fazia em meu rosto e virou-se, olhando para a janela, sério. Eu e minha maldita boca.

– Chegamos. Desejo um bom dia para você, Katherine, e boa aula. David virá lhe buscar às 20h em ponto. Esteja pronta. – Falou sem nem ao menos se virar para me olhar. Desci do carro e fui para a aula.

Quatro horas mais tarde, eu estava almoçando no refeitório com Amanda e Alice. Amanda ficou falando sobre o comercial e me enchendo de perguntas sobre o bonitão do Smallville.

– Ele é tão bonito na vida real, como é nas telas?

– Se é... Acho que muito mais. – Respondi.

– O que foi? Está abatida, desanimada... Aconteceu algo? – Amanda perguntou.

– Não é nada. Eu comecei a sentir enjoos e tenho medo de, sei lá, começar a enjoar no meio da aula e todos saberem que estou grávida, e rolar um complô para que eu saia da escola. – Respondi baixinho, olhando para além dela. Andrew estava se aproximando. – Andrew está vindo aí, não comente nada.

Amanda assentiu.

– Olá meninas. Como vocês estão? – Falou sorrindo e beijando o rosto de cada uma, até se sentar ao meu lado.

– Estamos bem. – Respondi pelas três.

– E sobre o que estavam falando? – Ele perguntou.

– Sobre a comida de hoje. – Alice respondeu sorrindo.

– Ah! Sim. Está horrível por sinal. – Ele disse rindo. – Não contem para a tia da cozinha, senão ela não me deixa mais repetir.

– E você repete? – Perguntei com a sobrancelha levantada. – Que espertinho!

– Claro que repito, quando a comida está boa. Sou mais que esperto, o mundo é dos espertos aqui, Kat.

– Hm... Sei. – Revirei os olhos e Andrew deu uma gargalhada.

– E o que farão na sexta? Ah! Falar nisso, eu vi você no comercial, Kat. Estava divina, parabéns!

– Obrigada!

– Bom, na sexta Amanda e eu não faremos nada. – Alice respondeu.

– E você, Kat? – Ele virou-se me olhando.

– Não estarei na cidade. Tenho um comercial para gravar em Milão. – Respondi sem graça.

– Oh! Agora a Katherine Watson está famosa, eu me esqueci desse detalhe. – Ele falava rindo.

– Pare, seu bobo! – Empurrei-o rindo.

– Mas é sério, você estava linda no comercial.

– Bem, sendo assim, obrigada. – Sorri, olhando-o.

– Então meninas, será somente vocês e eu. – Andrew falou olhando para as gêmeas. – Abriu uma nova balada e gostaria de levá-las. Meu tio ganhou quatro VIPs para a festa de inauguração, e como ele não irá, me deu os convites.

– Opa! Eu topo! – Alice se prontificou. Ela tem uma queda por Andrew com certeza. Seus olhos não enganam. Pena que o Andrew parece não perceber isso. E espero que Alice não se decepcione com ele.

Ano que vem elas irão para *Harvard* e ele para *Yale*. E eu não sei, fiz a inscrição em diversas universidades, dentre elas estão *Harvard*, *Yale*, *New York University* ou *Columbia University*, e tudo vai depender de como terminarei este ano aqui. Se Andrew e Alice começarem algo agora, pode ficar complicado quando tiverem que escolher caminhos diferentes. Pelo que dava para perceber, ela estava perdidamente apaixonada pelo Andrew, e se ele não prestar atenção nela até eu ganhar o bebê, serei capaz de jogá-lo da janela do segundo andar da escola. Andrew é o tipo bad boy que sai pegando todas, e a Alice, coitada é, uma menina tímida que tem medo de apresentar os trabalhos na frente da nossa classe. Ela estava ferrada. Sorri sozinha.

– Katherine? Terra chamando por Katherine.

– Sim. – Respondi.

– O que aconteceu? Estávamos conversando e de repente você ficou calada. Foi como se houvesse se perdido dentro dos seus pensamentos. – Amanda falou rindo. – Dou um dólar pelos seus pensamentos. – Eu ri.

– Curiosa. – Falei rindo e levantei da mesa do refeitório. – Vamos, a aula vai começar. – Todos levantaram. – Amanda, eu vou ao banheiro, vamos? – Falei enquanto arrancava com Amanda e

deixava Andrew sozinho com Alice.

– Mas... – Amanda riu quando a puxei e entramos no banheiro.

– Que foi? – Ela me olhou.

– Ué, você não percebeu ainda que sua irmã está caindo de amores pelo Andrew?

– Claro que percebi. – Ela respondeu rindo. – Ele é gay, Katherine.

– E por que diabos você não os deixa sozinhos alguns minutos? Sei lá, eles precisam conversar um pouco, sem que estejamos por perto. Ele não é gay, pare de dizer isso, Amanda. – A repreendi.

– Ok, senhora sabe tudo. Agora minha vez. Quem é o pai do seu bebê? – Ela perguntou e eu fiquei branca, azul, amarela, rosa, de todas as cores possíveis. – Responda, Katherine.

– Eu não posso dizer, ele não quer que ninguém saiba.

– É algum garoto irresponsável aqui da escola? – Iria me encher de perguntas até eu contar, disso eu tinha certeza. Ela é persistente quando quer descobrir algo.

– Não! Não é ninguém da escola.

– E quem é? Por que não quer contar? Por acaso foi algum cliente da sua mãe que estuprou você? – Meus olhos se arregalaram de espanto. – Deus! – Ela levou a mão à boca em espanto. – Foi isso, não foi? Ai meu Deus, Katherine! Ai meu Deus! Você sabe que pode abortar se quiser, não é? Não precisa seguir com essa gravidez. – Amanda às vezes falava demais. Lembrei-me da conversa que tivemos sobre minha mãe.

– *Eu tenho algo para contar e gostaria que você não me recriminasse por isso. – Falei olhando para Amanda, era mais um fim de semana que eu passava na casa da família King. Estávamos as duas sozinhas no quarto falando sobre garotos e sobre nossas mães. – É algo sobre minha mãe.*

– *Pode falar, prometo não comentar.*

– *Minha mãe é prostituta, digo, acompanhante de luxo. – Falei sem rodeios olhando-a, os olhos de Amanda se arregalaram.*

– *Putá que pariu. Você está falando sério?*

– *Sim. – Seus olhos arregalados olharam para porta que estava trancada.*

– *Uau! E como é?*

– *Difícil, se quer realmente saber, durante toda a minha vida eu convivi com homens entrando e saindo da minha casa, eu vivia trancada dentro do quarto por causa disso, pois ela não queria que os homens me desejassem, eu sempre fui atrativa desde muito pequena e ela nunca quis correr tal risco. Eu odiava cada vez que precisava ficar trancada por horas em meu quarto sem poder se quer sair para ir à cozinha da minha própria casa.*

– *Oh, Katherine! Eu sinto muito. – Amanda me abraçou. A porta foi aberta e Alice entrou, assim encerrou-se nossa conversa.*

– Terra chamando Katherine. – Amanda falava me olhando.

– Amanda, esqueça isso. No momento certo, lhe contarei quem é o pai do meu bebê. – falei assim

que voltei à realidade.

– Não precisa mais me contar. Eu já imaginava que algo estava errado. Você saiu de casa, está morando sozinha, e agora grávida. De quantos meses você está?

– Quatro.

– Oh, meu Deus! Foi isso, agora eu tive a certeza. Foi um maldito cliente da sua mãe. Eu vou denunciá-la, Katherine. Eu vou denunciá-la por aliciamento de menores, por lhe fazer se prostituir sendo menor de idade.

– Amanda, pare. – Falei baixinho, alguém poderia nos ouvir.

– Eu vou... – Ela começou.

– Você não vai nada. Nós voltaremos para a sala de aula e esqueceremos essa conversa.

– Não vai ser fácil assim, Katherine, e vou falar com papai hoje mesmo. Você vai morar conosco no Hamptons. Está mais que decidido. – Ela falava rapidamente, e minha mente quase não acompanhava seu raciocínio.

– Amanda, por Deus! – Olhei-a com os olhos arregalados. – Eu não vou morar com vocês.

– Vamos cuidar de você, Katherine. De você e do bebê, que eu já adotei como sobrinho. Vamos lhe dar o que necessita.

– Amanda, pare. Eu estou ganhando dinheiro suficiente para manter o bebê e eu. Estou trabalhando como modelo e posso me cuidar.

– Não é sobre dinheiro, Katherine. É sobre cuidar. E quando estiver com oito meses, gorda como uma bola e enorme, quase não podendo andar, quem vai cuidar de você?

– Deus! Você é um drama e tanto hein, Amanda? – Falei rindo. – Não vou ficar gorda e tão enorme assim para não poder andar com meus próprios pés.

– Você não sabe. Mamãe quando estava grávida de mim e de Alice, ficou gorda como uma bola e quase não andou do sétimo mês em diante, pois éramos grandes e gordinhas dentro da sua barriga. Ela ficou enorme.

– E como sabe?

– Oras, eu vi as fotos e Nathan me contou. – Ah! O Nathan.

– Vamos, a aula vai começar. Depois conversamos sobre esse assunto novamente. – Falei enquanto a arrastava para fora do banheiro e íamos para a sala de aula.

Entramos e nos sentamos. A aula passou rápida e silenciosa. Amanda me olhava de vez em quando. Deus, ela estava tirando as próprias conclusões. Imagino se ela sonhasse que meu primeiro cliente foi o Nathan.

Capítulo 33

Nathan

Pedi a David que levasse Ana para fazer uma faxina no apartamento de Katherine assim que cheguei ao escritório.

As reuniões ao longo do dia foram tediosas. Não conseguia me concentrar em nada. O homem possessivo dentro de mim estava a mil, e louco por uma briga com o cara do comercial. Ninguém pode tocar nela a não ser eu. Estou furioso com isso. Ela fez um comercial e sequer me comunicou. Agora ela tinha que ter mais responsabilidade, pois estava com meu filho em seu ventre, e teria que ter cuidado redobrado.

Saí do trabalho às 17h30 e sabia que Katherine provavelmente já estaria em casa. Liguei em seu celular, mas chamou até cair na caixa postal.

Peguei meu carro na garagem e dirigi até a casa. Precisava preparar o jantar para a Katherine. Vou conquistar essa mulher pela barriga, já que não dá de outra forma. E agora com ela grávida, será muito mais fácil conseguir desse jeito. Tenho certeza que ela terá desejos.

Cheguei a casa, tirei o terno e joguei-o sobre o cabide no quarto, arregacei as mangas da camisa social e fui para a cozinha. Abri a geladeira. Ana havia adiantado o jantar simples que sempre peço para ela fazer. Encontrei as coxas de frango mergulhadas no vinho em uma tigela de vidro, como pedi que ela deixasse hoje mais cedo. Coloquei o avental. Farei um jantar francês. Este será especial, pois receberei em meu apartamento a mãe do meu filho. Comecei pela sobremesa: peguei ovos, chocolate, manteiga, açúcar e farinha de trigo, e preparei um *Petit Gateau*. Ficou pronto enquanto eu preparava o *Coq Au Vin*, que é um frango ao vinho tinto divino, um dos pratos mais tradicionais da culinária francesa. Especialidade do chef francês da minha mãe. Foi com ele que aprendi a receita.

Peguei as coxas de frango da geladeira e tirei-as de dentro do vinho, fritei rapidamente e reservei. Preparei o molho e deixei cozinhando enquanto ia tirando a roupa pela casa para tomar um banho. Logo mais a minha amada Katherine estaria aqui.

Entrei no banho de água morna e abaixei a cabeça, sentindo a água bater em minha nuca. Eu realmente estava louco por essa mulher, ainda mais por trazê-la em meu apartamento. Nunca trouxe ninguém para cá. Comprei-o depois que Jéssica foi embora, e de lá para cá só tive mulheres por uma noite, e ficava com elas em um motel.

Terminei meu banho e me vesti com uma calça jeans, camiseta azul e um tênis. Entrei na cozinha e o cheiro estava maravilhoso. Peguei os pratos e talheres e levei para a mesa na sala de jantar. Preparei tudo para dois e acendi as velas sobre o castiçal. Será um jantar romântico.

Após a mesa arrumada, voltei à cozinha. O molho estava pronto, mergulhei o frango nele e deixei esfriando. Olhei no relógio: em poucos minutos ela estaria ali, tocando minha campainha. Eu estava mais nervoso que um adolescente em seu primeiro baile no colegial.

Entrei na cozinha, tirei o *Petit Gateau* de dentro do forno, desenformei-os e os deixei no microondas. Preparei uma salada leve de alface, tomates, queijo e azeitonas.

A campainha tocou, olhei no relógio e eram 20h15. David é pontual, e ela também. Passei pelo hall de entrada do apartamento, me olhei no espelho, arrumei o cabelo e abri a porta. Katherine estava ali, toda de preto, com um casaco muito parecido com o que ela havia usado em nossa primeira noite, e os saltos.

– Boa noite. – Falou sorrindo.

– Boa noite. – Respondi.

– Vai me deixar entrar? – Ela perguntou arqueando uma sobrancelha.

– Oh! Desculpe. Sim, por favor.

Dei espaço para ela passar. Seus saltos faziam um barulho sexy no piso de mármore. Sorri.

Ela se virou, sorrindo.

– Então é aqui que se esconde.

– Sim, aqui. – Respondi sorrindo, me aproximando e dando-lhe um beijo nos lábios.

– Nathan... – Sussurrou entre o beijo. – Eu vim aqui para jantar com você. – Seus olhos encontraram os meus.

– Eu sei, mas nada me impede de beijar seus lábios. – Sorri, indicando para onde ela deveria ir. – Quer beber algo antes de jantarmos?

– Sinceramente?

– Sim.

– Estou com fome, muita fome. – Ouvi-a falar e sorri.

– Ótimo, me acompanhe. – Levei-a para a sala de jantar que ficava no ambiente seguinte.

– Um jantar à luz de velas... – Escutei-a sussurrar.

Indiquei onde ela deveria ficar e puxei a cadeira para ela. Katherine sentou-se.

– Eu já volto. – Fui à cozinha, montei o prato com a salada e já deixei também pronto o outro prato com o *Coq Au Vin*. Voltei com um prato em cada mão.

– Nossa entrada é uma salada simples e vinho. Um pouquinho de vinho não fará mal ao bebê. Nosso jantar terá um tradicional prato francês. – Coloquei o prato em sua frente e sentei-me. – Bon appetit.

– Bon appetit. – Ela sorriu e começou a comer sua salada. Realmente ela estava com fome. Em poucos minutos, já havia devorado. – Não sou muito fã de salada, Nathan, mas vou lhe dizer, está de parabéns.

– É a fome. – Sorri, olhando-a.

– Talvez.

Vi-a corar.

– Desculpe. – Falei.

– Não, tudo bem. Desde que me descobri grávida, tenho comido aos montes. Tudo o que comia antes, mas agora em maior quantidade. E parece que nunca estou saciada.

– Eu entendo bem sobre isso.

– Como pode entender? Nunca esteve grávido.

Tive que sorrir com esse comentário.

– Não, mas sei ler. E tenho lido bastante desde a sua consulta. – Vi-a sorrir e beber um gole de vinho.

– Obrigada. – Ela agradeceu.

– Ainda nem provou o melhor e já está agradecendo. Um minuto e já volto.

Ela assentiu e fui à cozinha. Trouxe os pratos que já havia deixado prontos e coloquei o dela em sua frente.

– Aprecie, é um *Coq Au Vin*. Para que possa entender melhor, é um frango marinado ao vinho tinto com um molho especial, e para acompanhar um arroz branco.

– O cheiro é maravilhoso. – Ela sorriu e começou a comer. Em sua primeira garfada, disse: – Hm! Divino!

Sorri feliz por ela ter gostado. Em alguns minutos, tinha devorado as coxas de frango.

– Fico muito feliz que aprecie comer bem. A maioria das mulheres com quem saí mal comiam uma folha de alface, para não estragar a beleza.

– Eu não sou a maioria. – Katherine, sendo Katherine. – E realmente estava maravilhoso. Se for possível, gostaria de repetir. Não que eu esteja com muita fome ainda, pois não sou esfomeada, mas é que tem uma pessoinha aqui dentro querendo mais.

Sorri.

– Eu lhe entendo e sei que a quantidade que come é muita. Mas pense o seguinte: não poderá engordar mais que 12 kg, para não sofrer depois a voltar à forma que tem hoje. Vou buscar mais.

Peguei seu prato e fui à cozinha. Rapidamente servi mais arroz e frango e voltei à sala de jantar. Ela sorriu, seus olhos brilhando.

– Coma, nada lhe impede. Meu filho está pedindo, coma o quanto quiser.

Ela me olhou enquanto ficava vermelha de vergonha.

– Não se envergonhe, é mais que natural. Você está grávida e pode pedir o que quiser, que lhe darei.

– Cuidado, Nathan, pois posso pedir seu sangue. – Ela falou e senti a ironia em sua frase. Voltamos a comer.

– Darei com prazer. – Respondi sorrindo, enquanto dava uma garfada em meu frango.

Comemos em silêncio. Após o jantar, levei-a para a sala de estar e sentei-a no sofá. Fui buscar o *Petit Gateau* e entreguei um prato menor em sua mão.

– Experimente, é maravilhoso. – Falei e comi um pouco do meu. Ela sorriu e provou. Vi-a fechar os olhos e apreciar.

– Delicioso!

Comemos em silêncio, peguei seu prato e levei para a cozinha. Quando voltei para a sala, sentei na poltrona.

– Obrigada pelo jantar, Nathan. Estava tudo maravilhoso. Parabéns, você cozinha divinamente.

– Obrigado pelo elogio.

– Nathan, agora é sério, precisamos conversar. Hoje mais cedo quando estava com a Amanda, ela começou a tirar conclusões sobre minha gravidez, e vai chegar uma hora que não poderei mais esconder.

– Vamos esperar mais um pouco. Após o Ano Novo, vamos nos sentar com meus pais e contaremos que você está grávida de um bebê meu.

– Ah, amanhã à tarde pegarei um voo para Milão. Vou gravar um comercial para um perfume da Carolina Herrera e devo voltar no sábado pela manhã.

– Você não pode viajar grávida. – Olhei-a sério.

– Posso sim. Não dá para notar, e nada irá acontecer, sou muito responsável e sei cuidar da minha vida.

– Mas agora tem outra pessoa para se responsabilizar. Tem um bebê meu e seu aí dentro. – Apontei para sua barriga, e ela, creio que instintivamente, levou a mão ao ventre.

– Não brigue comigo, já fechei o contrato e terei que ir. – Percebi sua voz chorosa. Ah, os malditos hormônios da gravidez. Me esqueci completamente deles.

– Não estou brigando, só peço que pense mais antes de fechar contratos em outros países. Em alguns meses terá um bebê para cuidar.

Eu estava sendo grosso e já havia percebido isso. Ainda mais quando vi seus olhos se encherem de lágrimas. Aproximei-me e a abracei.

– Me desculpe. Fui grosso, eu sei, mas só quero seu bem e do nosso bebê.

– Eu sei.

Limpei uma lágrima que desceu por sua bochecha.

– Katherine, eu sei que pode parecer clichê, mas eu gostaria de fazer parte da vida do nosso bebê com você.

Minha mão desceu ao encontro da mão dela que ainda estava sobre seu ventre.

– Quero vê-lo chorar pela primeira vez quando nascer, ver nascer seu primeiro dente, desejo vê-lo dar seus primeiros passinhos, e quero ensinar futebol. Permita-me cuidar de você e proporcionar uma vida melhor para os dois.

– Nós...

Coloquei o dedo em sua boca.

– Espere, escute primeiro. Eu sei que vai me dizer que a carreira de modelo está indo bem, que está ganhando dinheiro, e isso é aquilo. Não vou impedi-la de continuar trabalhando, mas tem que primeiro pensar nesse pequeno pedaço de nós que você carrega, antes de aceitar qualquer trabalho. Não quero ver você estressada por não suportar mais as câmeras à sua frente, pois isso vai acontecer qualquer hora dessas. Katherine, eu sei que o que falei foi feio e errado, ao duvidar da paternidade deste bebê, mas eu estava em choque.

– Isso...

Interrompi-a.

– Eu sei, nada justifica o que eu falei, e sei também que você ainda não me perdoou. Deixe-me te mostrar que posso ser o homem da sua vida, o pai maravilhoso que esta criança merece. O marido que você merece ter. Por favor.

Segurei seu rosto em minhas mãos e olhei-a nos olhos.

– Nós nascemos um para o outro, Katherine, e por mais que a forma como nos conhecemos esteja sempre presente em nossas memórias, eu jamais a tratei como uma acompanhante de luxo. Você me deu um presente valioso, sua virgindade, quando poderia ter saído correndo daquela suíte naquela noite. E agora está me dando outro presente mais que valioso, o nosso bebê. – Agora as lágrimas no rosto dela caíam como chuva, uma atrás da outra. – Não chore, meu amor. Eu só quero te dar tudo aquilo que você merece.

– Tudo bem.

Vi um sorriso fraco. Meu coração quase parou com o seu “tudo bem”. Será que ela estava aceitando aquilo que eu queria oferecê-la? Meus pensamentos se tornaram dela desde a primeira noite. Quando fui à Londres e passei quase dois meses por lá, percebi que necessitava vê-la, não para dormir com ela, apenas para admirá-la. O tipo de beleza que não é toda mulher que tem, o lindo rosto de menina com uma alma de mulher decidida. Apenas com 18 anos e já passou por tanta coisa.

Mas uma coisa não saía da minha cabeça: por que ela tinha entrado no ramo da prostituição?



Eu não podia evitar perguntar, claro. Com aquilo dando voltas e voltas em minha mente.

– Katherine, vou lhe fazer uma pergunta e quero que seja sincera em sua resposta, sem mentir. – Ela assentiu. – Por que resolveu ser acompanhante de luxo?

– Você já me perguntou isso antes, lembra? Por que está perguntando de novo?

Ela levantou-se ao mesmo tempo em que falava. Seu humor mudou de chorosa para raivosa. Os hormônios da gravidez ainda vão me deixar louco.

– Eu sei que perguntei, mas só queria entender alguns fatos. Por exemplo: você era virgem, Katherine, e poderia ter esperado pelo cara e o momento certo. Eu necessito entender para tirar isso da minha cabeça.

– Se eu lhe contar, promete que não fará nada a respeito?

O que ela queria dizer com isso?

– Como assim? – Perguntei.

– Prometa.

– Ok, eu prometo.

– Foi minha mãe. – Falou tão baixo que quase não ouvi.

– Como? Repita de novo, para eu ver se entendi direito.

– É isso mesmo que você ouviu, foi a minha mãe.

Ah, meu Deus! Levantei e comecei a andar de um lado para o outro, passando a mão na cabeça.

– Como assim, Katherine? Você está querendo dizer que sua mãe é uma aliciadora de menores para o mundo da prostituição? Isso é crime. Aqui nos Estados Unidos e em qualquer lugar do mundo.

Ela sentou-se no sofá novamente.

– Ela chegou um dia em casa, falando que estava cansada de trabalhar e que eu teria que arrumar um trabalho. Expliquei que poderia trabalhar como garçonne em algum lugar para ajudar com as despesas, mas ela veio com uma história de que as contas estavam atrasadas e que precisava de dinheiro rápido. E só havia uma forma de conseguir dinheiro rápido comigo: fazendo com que eu entrasse no mesmo ramo que ela. Minha mãe é prostituta desde que eu me entendo por gente. Morávamos em Nova Jersey e nos mudamos para cá quando eu era pequena. Desde que chegamos, ela me fez estudar e estudar, até conseguir uma bolsa no *The Collegiate School*, por ser perto do apartamento onde ela mora.

– Deus, Katherine! Você não devia ter entrado nesse meio, nem por você, nem por sua mãe, nem por ninguém.

– Eu sei, mas ela jogava na minha cara que sempre fez tudo por mim, que se ela se deitava com outros homens era por minha causa, que fazia aquilo para me sustentar. E foi aí que depois de muita persuasão eu aceitei, e ela me levou para fazer as fotos que você viu no site. Foi uma tarde inteira de fotos, e o fotógrafo me comendo com os olhos.

– Depois de mim, quantos clientes mais você teve? – Eu não podia evitar perguntar.

– Apenas um, e foi na manhã seguinte à nossa noite juntos.

– E se eu não estiver incomodando, posso perguntar se ele fez algo realmente ruim a você?

– Não totalmente ruim, ou melhor... Sim, foi ruim sim. Assustei-me bastante e não pretendo que aquela cena se repita.

– O que ele fez com você, Katherine? – Se ele a machucou, eu vou caçá-lo até no inferno, para fazê-lo conhecer a minha ira.

– Ele... ele...

Ela começou a gaguejar.

– Ele o quê, Katherine? Ele te bateu? É isso?

– Também. – Ela respondeu baixinho.

– Também? Como assim também? Por Deus, fale logo, o que mais ele fez com você, Katherine?

– Ele me amarrou, e causou dor ao meu corpo. Eu creio que por estar pagando, ele achou que poderia usufruir como quisesse. Eu tive nojo de tudo aquilo que ele fez com meu corpo. Quando estive com você... – Ela fez uma pausa olhando para o lado, e vi seus olhos brilharem, quase chorando novamente. – Foi diferente. Você me tratou bem e cuidou de mim de alguma forma. Com ele não, foi mais como se... – Vi-a abaixar a cabeça e olhar para as mãos. – Ele realmente me tratou como uma prostituta, aquela que deveria ser apenas utilizada como se fosse uma boneca, o tipo que não sente dor ou prazer.

Sua voz saiu baixa e vi um soluço escapar de seus lábios. Me aproximei e abracei-a.

– Calma, meu amor.

– Eu não queria. Falei para minha mãe que estava cansada, pois havia acabado de passar a noite inteira acordada. – As lágrimas desciam por seu rosto, seu nariz estava vermelho.

Levantei e saí brevemente, peguei uma caixa de lenços de papel e entreguei a ela.

– Eu estava exausta, mas ela disse que não tinha como desmarcar, porque ele estava esperando na sala da nossa casa. Eu fui... Eu só queria que tudo acabasse o mais rápido possível. Depois ele me deixou em casa, e queria meu número particular, pois havia combinado o programa pelo número de telefone da minha mãe. Mas não lhe dei, pois não queria vê-lo nunca mais na minha vida.

Ela assoou o nariz e sorriu sem graça.

– Desculpe.

– Tudo bem, meu amor. Qual o nome dele?

– Thomas.

– Thomas de quê? – Perguntei.

– Thomas Reyes.

Oh, merda! É o meu diretor de marketing. Como o mundo pode ser tão pequeno?

O mundo estava conspirando para eu encontrá-la, isso agora eu tinha certeza, só havia esse motivo, pois se eu não a tivesse contratado naquela noite, Thomas talvez em algum momento falaria a respeito dela, e eu iria conhecê-la de alguma forma.

– O que foi? Falei algo que não devia?

– Não, não é nada.

– Tem certeza? – Ela me olhava como se me analisasse.

– Sim, tenho, Katherine. Eu quero te conhecer melhor, saber das coisas que gosta.

– Eu vou dormir aqui? – Ela perguntou.

– Se quiser, sim.

– Sim, eu quero. Tem alguma coisa que eu possa vestir para ficar mais confortável?

De onde saiu essa Katherine atrevida? Ela estava se revelando. Será culpa dos hormônios da gravidez?

– Tenho diversas camisas e cuecas boxer de todos os tipos.

– Ótimo. Gostaria de tomar uma ducha e mudar a roupa, se for possível.

Sorri e me levantei, estendi a mão e ela pegou. Andamos pelo corredor rumo ao quarto. Parei em frente à minha porta e coloquei a digital no dispositivo da fechadura. A porta abriu e entramos.

Kate

O apartamento dele era divino. A sala muito elegante não tinha TV, mas tenho certeza que, num apartamento deste tamanho, deve haver uma sala só para assistir TV. As janelas davam uma vista direta e linda para o *Central Park*.

O jantar foi maravilhoso. Nathan é um fabuloso cozinheiro, e quero que ele cozinhe mais vezes para mim. Nesta noite confessei coisas que não deveria para o Nathan, abri meu coração. E eu não podia deixar de contar nada, ainda mais quando ele começou a perguntar. Se formos ter um bebê juntos, precisamos ser claros como água um com o outro. Eu estava decidida a fazer esse relacionamento dar certo de alguma forma. Se não desse certo entre nós como casal, poderíamos fazer funcionar como pais civilizados que iriam dividir a guarda de um bebê.

Decidi dormir no apartamento dele naquela noite, pois ele já dormiu várias noites no meu. Após nossa conversa, me levou ao seu magnífico quarto. Ele tinha uma fechadura que precisava de sua digital para abrir. Seu quarto é tão precioso assim, que ele não queria ninguém entrando ali?

– Vou deixar você tomar um banho e já volto. Vou organizar a cozinha.

– Precisa de ajuda? Posso tomar banho depois.

– Não. Pode tomar seu banho, sossegada. Já volto.

Ele me deixou sozinha em seu quarto enorme. Eu poderia dizer com toda certeza que caberia meu apartamento todo aqui dentro. Todo o quarto era branco, preto e outros tons de cinza. Havia quatro quadros na parede, dois em cada lado da cama. Eram quadros de arte. A cama dossel era branca e ficava bem no centro. Ao me aproximar percebi que era de madeira. Toquei com os dedos uma das cortinas brancas que envolviam a cama e o tecido era de linho com seda preta nas pontas. Divino ao toque. Duas poltronas estavam no canto do quarto, ambas em tons de preto. Nathan devia amar essa cor, ou eu poderia dizer que era o fato dele ser um homem solteiro que o fazia ter cores assim em sua casa.

Comecei a observar cada detalhe de seu quarto. Entrei no closet e busquei por suas cuecas. Seu closet é extremamente arrumado e organizado por cores. Incrível como um homem pode ser tão organizado. Achei sua gaveta de cuecas e tirei uma preta, localizei uma camisa de moletom cinza e após pegá-la, entrei no banheiro.

O banheiro com azulejos brancos e pretos era lindo, uma banheira com hidromassagem enorme

que caberia umas quatro pessoas tranquilamente. Tirei minha roupa e entrei no chuveiro, não queria me demorar. Tomei uma ducha rápida, sequei meus cabelos com uma das toalhas disponíveis, coloquei a cueca dele que ficou como um shortinho em mim, e a blusa de moletom por cima. Saí do banheiro e entrei em seu closet novamente, peguei um par de meias cinza e calcei-as.

Abri a porta do quarto e saí. Andando encontrei fotos da família dele nos quadros pendurados ao longo do corredor, fotos das gêmeas, da senhora King e do senhor King. Eles cinco na praia, uma família feliz. Eles eram pessoas maravilhosas. Espero que Amanda e Alice não fiquem chateadas comigo por eu ter escondido isso delas.

Depois de alguns minutos de procura achei o caminho para a cozinha, e o encontrei guardando as taças.

– Oi. – Falei ao entrar na cozinha.

– Oi. – Ele sorriu. Deus, ele tinha um sorriso lindo e encantador. Aproximei-me do balcão que havia no meio da sua cozinha branca e me sentei sobre ele.

– Precisa de ajuda com algo? – Perguntei.

– Só se quiser me ajudar a tirar a minha roupa e me banhar.

– Eu adoraria. – Falei atrevidamente.

– Katherine... – Ele sorriu e se aproximou, ficando entre minhas pernas e colocando as mãos em minha cintura. – Se alguém nos visse agora, diriam que somos um lindo casal de recém-casados felizes.

– Quem sabe um dia... – Respondi sorrindo, enquanto levava minha mão ao seu rosto e o puxava para um beijo.

Ele me puxou mais para a ponta do balcão e senti sua ereção. Sua mão enganchou em minha cintura e agarrei-o com as pernas.

– Me leve para o quarto e me faça esquecer todo e qualquer problema que temos um com o outro. Você sabe como fazer isso. – Falei entre nosso beijo.

Ele me segurou e andamos pelo seu apartamento rumo ao quarto. Esta noite eu seria dele e ele seria meu, somente meu.

Capítulo 34

Kate

Acordei com o cheiro de café. Abri os olhos lentamente e por um momento fiquei atordoada sem saber onde estava, até que me veio à mente a lembrança da noite passada. Nathan foi maravilhoso, fez amor comigo de maneira louca, e eu fui muito atrevida, deixando-o me levar novamente como fez em nossa primeira noite naquele quarto de hotel. Uma palavra: eu diria que foi incrível.

Ele havia soltado as cortinas, percebi ao olhar para o lado. Puxei seu travesseiro e abracei, ainda estava quente e com o maravilhoso cheiro do Nathan. A porta foi aberta e vi-o entrar com uma bandeja nas mãos. Sorri quando ele puxou uma das cortinas e sentou-se ao meu lado. Sentei-me e ele abriu as pernas da bandeja, colocando-a à minha frente.

– Bom dia. – Ele estava com uma cueca boxer branca e nada mais cobrindo seu corpo.

– Bom dia... – Falei, olhando-o.

– Eu sei que não gosta de conversar muito sem ter escovado os dentes, então vou deixar você comer. – Ele sorriu e levantou, depositou um beijo em minha testa e saiu da cama. Pude ter a visão de sua bunda redonda e suspirei ao vê-lo sumir dentro do closet. Eu tinha um homem e tanto. Olhei para minha bandeja e comecei a comer. Eu estava com fome. Algum tempo depois, Nathan voltou já vestido em um terno azul escuro e abotoando os botões do pulso.

– Que horas são? – Perguntei.

– É cedo ainda, coma sossegada. Vou deixá-la na escola e depois irei para o trabalho. Não são nem 6h da manhã direito. – Uau, sério? Ainda é cedo assim? Eu devo ter dormido como uma pedra depois que fizemos amor, pois estou tão bem descansada como jamais estive. – Dormiu bem?

– Como um bebê. – Respondi.

– Eu vou organizar algumas coisas antes de sairmos. No quarto ao lado o seu uniforme está passado e sobre a cama. Tome um banho e se vista, saímos às 7h em ponto para que não se atrase. – Assenti, vendo-o sair pela porta e deixando-me sozinha. Deixei a bandeja de lado e fui para o banheiro.

– E agora, como vou escovar os dentes? – perguntei a mim mesma. Eu não havia percebido ontem, mas seu banheiro tem duas pias, uma ao lado da outra, como se fosse feito para um casal. Abaixo das pias tinha um armário com gavetas e portas. Abri uma das portas e vejam só minha surpresa: havia ali um kit completo das coisas que tenho em casa, shampoo, condicionador, minha pasta de dente preferida, até mesmo uma escova de dentes igual a minha. Peguei a escova e a pasta. Escovei meus dentes e tomei um banho, a água quentinha me fazendo relaxar. Escutei uma batida na porta e abri a porta do box.

– Pode entrar.

Vi a cabeça do Nathan.

– Já são 6h20 e você ainda tem que se vestir. – Falou sorrindo. – Não quero te apressar, só estou avisando a hora. – E fechou a porta.

Saí do box, me enrolei na toalha, coloquei outra em meu cabelo e saí do banheiro. Ele estava no quarto, procurando algo na gaveta do criado-mudo. Nathan me viu e sorriu, mas logo voltou sua atenção para sua busca. Saí do quarto e entrei no outro. Meu uniforme estava sobre a cama e tinha um casaco também, que não era meu. Vesti-me e peguei-o.

Ao sair do quarto, encontrei com Nathan no corredor. Ele olhou para o casaco que estava em minha mão.

– Ah! Eu tinha me esquecido, hoje está fazendo 3 graus abaixo de zero, então tomei a liberdade de

comprá-lo para você. Assim ficará quentinha durante o dia todo. – Ele me dissessem eu precisar perguntar. – Agora que já tomamos café, David irá lhe deixar na escola e eu no trabalho.

– Obrigada. – Respondi sorrindo.

Acompanhei-o até o elevador e descemos. David abriu a porta para nós e eu entrei primeiro, Nathan logo depois. Minutos mais tarde, paramos na esquina da minha escola e ele me deu um beijo.

– Tenha um bom dia. Sobre sua viagem para gravar o comercial fora, vou organizar para ir junto e poder acompanhar. Vamos em meu jatinho particular. – Assenti.

– Tudo bem, se isso lhe deixa mais tranquilo. – Respondi.

– Sim, me faz sentir mais tranquilo. Não quero que nada aconteça com você ou com o bebê.

Sorri e lhe beijei nos lábios novamente.

– Bom dia pra você também.

Saí do carro e corri para a escola. Assim que entrei, fui direto para a primeira aula, que era de Geometria. Já falei que amo Geometria? Não? Pois é, eu amo e não devo ser normal por isso.

Sentei em minha cadeira e joguei minha mochila no chão. As gêmeas King não chegaram ainda. Tirei meu caderno da mochila, comecei a folhear, e sequer estava com as atividades escolares em dia. Minha vida estava uma bagunça: um bebê a caminho, escola, mãe perturbada, carreira de modelo, e o todo poderoso Nathan King para deixar minha cabeça mais perturbada ainda. Já falei que eu estou apaixonada por ele? É, eu estou, e por mais que minha consciência fique falando que é errado, eu sei que devo dar uma chance a ele. Uma chance para que ele possa me mostrar que não é aquele homem que jogou na minha cara que o bebê poderia ser de outro, para ele me mostrar que eu posso ser feliz, que podemos ser felizes, mesmo que nosso relacionamento tenha começado de forma errada. Eu darei essa chance para ele. Por que eu sinto no fundo do meu coração que ele merece. Abaixei a cabeça esperando o professor chegar à sala, e fechei os olhos. Despertei com a voz da Amanda:

– Oi, dorminhoca. Acorda, chegamos e o professor também. – Eu sorri.

– Oi... Eu estava babando, né? – Falei, limpando a boca.

– Sim, estava. – Alice riu. – Estou brincando, você não estava babando. Você está bem?

– Sim, só com sono, não dormi bem.

Alice sorriu, sentou em minha frente, e Amanda ao meu lado.

– E o bebê? – Amanda perguntou, cochichando em meu ouvido.

– Vai bem. – Sorri e nos viramos para escutar o que o professor estava falando.

Horas depois, eu estava saindo da escola com a Amanda de um lado e a Alice do outro.

– Vamos lá pra casa. – Alice falava. – Podemos passar o resto da tarde comendo pipoca e assistindo filmes.

– Não posso, tenho que viajar. Vou fazer um comercial em Milão...

– É. Agora você é importante e vai nos abandonar. – Alice falou fazendo beicinho e baixando a

cabeça como uma criança mimada. Abracei-a.

– Sua boba, eu não vou abandonar ninguém. E mais: semana que vem eu estarei com vocês na festa de Natal.

– Eu já havia até esquecido da festa que mamãe vai dar. Ah! Eu quero que use o vestido e os sapatos que ganhou da gente no seu aniversário. – Amanda falou.

– Usarei, prometo. Até mais. – Sorri e me despedi delas com um beijo em cada, e fui para casa.

Assim que cheguei, a porta do apartamento estava aberta. Empurrei, já assustada. Será um assaltante?

– Olá! – Não houve resposta. Entrei mais e escutei o barulho de um aspirador. Fui em direção ao meu quarto e encontrei uma moça limpando

– Oi! – Ela sorriu. – Você deve ser a Katherine. Muito prazer, sou Laila. O senhor King me enviou para fazer uma faxina.

– Oh! Sim, agora me lembro dele comentar algo sobre isso. – Relaxe.

– Certo. Tem comida pronta, se quiser pode ir à cozinha e comer um pouco enquanto eu termino aqui. Falta apenas seu quarto e terei terminado tudo.

– Ah, sim! Obrigada. – Respondi e fui para a cozinha comer. Quando estava terminando, Laila apareceu.

– Pronto, seu apartamento está limpo e cheiroso, apesar de que ele não estava sujo, tirando o pó natural que existe.

– Eu que limpo, sempre que possível.

– Percebi. O senhor King me falou que devo vir limpar duas vezes por semana. Tudo bem para você? – Ela perguntou.

– Sim, claro. Obrigada.

– Não me agradeça, agradeça ao senhor King. Agora vou me trocar para ir. – Ela saiu do meu campo de visão.

– Vou me lembrar de agradecer. – Falei sozinha.

Minutos depois ela passa por mim e vai embora. Fico sozinha em meu apartamento.

Capítulo 35

Deixei Katherine na escola e fui para o escritório. Meu celular tocou e atendi prontamente.

– Nathan King falando.

– Nathan, quanto tempo meu amigo! – Essa voz é conhecida.

– George?

– Sim, meu caro, há quanto tempo não nos vemos ou nos falamos! Faz o quê? Cinco ou seis anos?

– Mais ou menos isso. Eu acho. O que deseja? – Perguntei.

– Quero saber se não gostaria de voltar ao negócio.

– Não mais, George. Tenho tudo o que quero hoje, e não preciso mais desse tipo de negócio para conseguir subir na vida. Já estou no topo. E você, o que faz agora?

– Estou voltando para Nova Iorque, quem sabe podemos nos encontrar.

– Quem sabe. Preciso desligar, tenho reunião. Tenha um bom dia. – Desliguei.

Entrei em meu escritório e liguei para o investigador da época que estive trabalhando para George.

– Agente Terris falando.

– Bom dia, é o Nathan King. Tudo bem, agente Terris?

– Ah! Sim claro, e com você, senhor King?

– Bem. Estou ligando porque tenho novidades.

– Sim, que tipo de novidades? George entrou em contato com você?

– Sim, entrou, e quer me levar a entrar no negócio novamente. Tenho quase certeza que seja uma armadilha para me colocar em maus lençóis.

– Sim, eu imagino que sim. Vamos grampear seu celular, assim o localizamos o mais rápido possível.

– Ele falou que estava de volta à Nova Iorque, então será fácil pegá-lo.

– Esperamos que desta vez tudo corra como nos conformes, e que o senhor não saia com uma das meninas de lá novamente.

– Sim, eu sei que foi minha culpa vocês chegarem e não ter nada na casa onde os leilões eram feitos, mas dessa vez não falharei. – Eu havia ferrado a polícia e o FBI por causa da Jéssica, pois quando a tirei da casa de leilões, George ficou indignado. E sumiu com todas as meninas, deixando o FBI louco à sua procura. Tenho certeza que ele saiu do país com outra identidade, pois se tivesse ficado, teria sido pego e estaria atrás das grades.

– Espero que sim, senhor King. Abriremos o arquivo das denúncias e da investigação. Lhe retorno assim que possível.

– Obrigado! – Nos despedimos e desliguei. Voltei minha atenção para o trabalho durante todo o dia.

No final da tarde, depois de organizar tudo, chamei por Katherine em seu celular.

– Oi, amor.

– Oie. – Ela respondeu. – Amor?

– É, amor, não pode?

– Ué, pode, eu acho. – Ela respondeu sorrindo.

– Ligando para avisar que o jatinho já está pronto, e que arrume só o que necessitar levar, pois já arrumei algumas roupas para você e já estão dentro da cabine do jatinho.

– Sempre extravagante não é, Nathan?

– Por você, eu faço. Só por você.

– Ok. Vou me arrumar.

– Te encontro em 15 minutos. David vai passar aí para lhe pegar. Até logo.

– Até. – Ela respondeu e eu fiz um “yes” com o braço. Consegui, vou quebrar essa parede de concreto que ela construiu em volta. Katherine será minha. Unicamente minha.

Peguei meu paletó e saí da sala, para esbarrar em Jéssica.

– O que faz aqui? – Perguntei.

– Esqueceu que temos coisas a discutir?

– Não tenho nada a discutir com você.

– Soube que George entrou em contato com você... – Ela falou, me olhando nos olhos. Segurei em seu braço.

– Vamos. – Andei até o elevador.

– Você está me machucando. – Ela falou assim que entramos no elevador.

– Você bem que merece. O que sabe sobre a ligação?

– Ele me contatou também. Falou que vai me encontrar e me fazer passar por tudo aquilo de novo. E não é algo que eu queira passar novamente.

– Eu se que não.

– Nathan, eu quero você de volta, quero nosso noivado de volta. – Sua voz era meiga.

– O que tivemos ficou no passado quando você foi embora. Eu não quero ou preciso de você, tenho outra pessoa agora. – Falei.

– Ah sim, eu ouvi falar que você está namorando uma modelo nova que fez um comercial recentemente com aquele ator da série *Smallville*. – Como diabos ela sabia disso?

– Isso não é da sua conta, Jéssica.

– É da minha conta sim, desde que envolve a minha felicidade, e fiquei sabendo que ela esta grávida. O bebê é seu?

– Não lhe interessa. – Falei cerrando os dentes.

As portas do elevador abriram e saí com ela pelo hall até a recepção.

– A senhorita Farrell está proibida de passar pelas catracas de acesso. – Falei para a recepcionista. Virei-me para a Jéssica. – Não volte mais aqui. – A larguei do lado de fora do edifício e fui para o carro.

– Você não perde por esperar, Nathan. – A ouvi falar antes de dar a partida e dirigir rumo ao aeroporto. Cheguei e o meu BMW estava lá. David estava encostado e sorriu quando me viu.

– Boa noite, David.

– Boa noite, senhor.

– E Katherine? – Perguntei.

– Está dentro do carro.

Abri a porta para encontrar Katherine deitada no banco, dormindo. Olhei meu relógio, não era nem 18h e ela já estava cochilando. Com um pouco de dificuldade a tirei de dentro do carro e carreguei-a no colo até o jatinho.

– David, traga as malas dela. – Falei para meu motorista. Subi as escadas do jatinho. Entrei e a comissária de bordo abriu a porta da suíte, e deposei Katherine na cama.

Saí do quarto e desci para falar com David.

– David, eu estarei fora apenas por dois dias. Aproveite e tire uma folga. Será bom para você. Obrigado por ter ido buscá-la.

– De nada, senhor King. Estou às ordens, e obrigado pela folga. – David sorriu enquanto colocava a mão em seu quepe e abaixava a cabeça levemente, balançando-a.

– Aproveite. – Subi as escadas novamente e entrei. As portas foram fechadas e sentei em uma das poltronas confortáveis. Realmente eu precisava de um jatinho, um dia meu pai estará viajando e eu ficarei na mão. Preciso de um só para mim, ainda mais se estiver pensando em fazer todas as vontades e loucuras da Katherine, que quer seguir com a carreira de modelo.

Abri meu Macbook sobre a pequena mesa à frente da poltrona e comecei a trabalhar.

Kate

Acordei meio atordoada, olhei para o teto e não reconheci de imediato onde estava. Havia um barulho de turbinas de avião. Lembro-me de ter cochilado dentro do carro esperando o Nathan, que falou que me encontraria em 15 minutos, mas os minutos viraram horas, e acabei adormecendo. Ainda olhando para o teto, passei meus olhos em volta e só então percebi que estava em um quarto pequeno, e pelas turbinas e a leve inclinação eu estava dentro do jatinho particular do Nathan. Como ele me pegou no colo, me tirou do carro e eu não acordei? Costumo ter um sono leve e escutar tudo. Levantei e abri a porta.

– Oi, dorminhoca, sente-se aqui ao meu lado. – Escutei a voz de Nathan. – Venha, estamos decolando, e você precisa estar com o cinto colocado para não cair. – Ele inclinou-se e me pegou pela mão, levando-me até a poltrona ao seu lado. O avião – sim, aquilo para mim era um avião. Um pouco menor claro, mas era um avião - estava todo revestido em tons de marrom e bege. A poltrona era de couro macio e confortável. Nathan colocou o cinto em volta de mim e fechou com um clique.

– Obrigada! Você está sendo muito gentil me levando em seu avião para outro país.

– Sua segurança é mais que gentileza, é minha obrigação, não apenas pelo bebê, mas pelo o que sinto por você.

Oh! Que fofo! Nathan estava realmente sendo um fofo. Após alguns minutos, o avião estava tranquilo e o voo parecia ir bem.

– Está com fome? – Ele perguntou.

– Um pouco.

– Que bom, porque eu estou e quero comer. – Nathan é um charme só. Vejo-o apertar um botão e uma aeromoça aparece do nada.

– Boa noite, senhor King, o que deseja?

– Traga nosso jantar, Natalie. – Ele olha para mim. – Quer beber algo?

– Gostaria de vinho, se for possível.

– Traga uma taça de vinho branco para mim, e para ela um copo de suco. – A aeromoça saiu e nos deixou a sós.

– Por que perguntou então, se já tinha escolhido o que eu ia beber?

– Acalme-se, estou pensando no seu bem estar e no bebê. Você não pode tomar bebidas alcoólicas.

– Tudo bem. – Respondi, olhando para ele.

Poucos minutos depois, a aeromoça voltava com um carrinho. Ela tirou um copo e encheu com suco e me deu, e fez o mesmo com Nathan, mas no caso dele, era uma taça com vinho. Ela então puxou uma mini mesa para minha frente e colocou o nosso jantar. Nathan sentou na poltrona à minha frente e sorriu.

– Você é tão linda, sabia?

– Eu sei.

– E convencida também.

Não pude evitar sorrir.

– Também.

Comemos em silêncio. Após nosso jantar, perguntei:

– Quantas horas até Milão?

– Cerca de 9 horas. Deveremos pousar no *aeroporto di Milano-Malpensa* por volta das 3h30 da

manhã.

– Chegaremos de madrugada.

– Sim.

– Que outros idiomas você também fala? – Perguntei – Lembro-me de você ter me dito que falava italiano e francês.

– Sim, francês, alemão, português e russo.

– Nossa! Um dia falarei diversas línguas também. Na escola estamos estudando espanhol e alemão.

– Poderei ensinar a você quando quiser.

Sorri. Ele era um homem maravilhoso e eu estava apaixonada. E quanto mais tempo passo com ele, parece que me vejo muito mais apaixonada. Poderia ser amor??? As borboletas em meu estômago ficam brincando comigo. O coração acelera quando o tenho por perto, minhas mãos ficam frias, e minhas bochechas coram facilmente com qualquer coisa que ele fale. Sua voz me encanta profundamente. Vai ser difícil me manter afastada, manter meu coração seguro dele.

Capítulo 36

Kate

Após nosso jantar, acabei por adormecer na poltrona. Estava cansada, havia acordado cedo, ido para a escola, e além do mais, não havia descansado no apartamento do Nathan, pois ele não me deixou dormir. Acordei um pouco atordoada quando braços me seguravam.

– Shhh... – Escutei a voz do Nathan, quando me mexi, abrindo os olhos. – Estou levando você para o quarto. Estamos na metade da viagem. Quase lá. – Fechei os olhos novamente inspirando o seu cheiro e aconchegando-me mais a ele. Rapidamente a escuridão do sono voltou a me consumir.

Nathan

Katherine dormiu em meio a nossa conversa. Eu falava sobre minhas viagens a Londres e ela estava toda empolgada, mas acabou adormecendo. O cansaço e a gravidez foram maiores que as minhas aventuras em Londres. Após algumas poucas horas, e já com os e-mails necessários devidamente respondidos, peguei-a no colo e a levei para o quarto. Ela se mexeu querendo acordar, mas confortei-a, e ela voltou a dormir. Coloquei-a na cama e a cobri com o edredom, sentei ao seu lado e fiquei parado ali, analisando aquele rosto frágil, os cabelos loiros espalhados pelo travesseiro e as bochechas rosadas. Acaricieei seus cabelos e me levantei, dando um beijo em sua testa. Andei até

o banheiro, escovei os dentes e deitei ao seu lado para dar um cochilo. Em poucas horas estaríamos descendo no aeroporto de Milão.

Kate

Acordei com o solavanco e o barulho de pneus na pista. O avião estava aterrissando. Nathan dormia ao meu lado. Sorri diante da visão. Ele dormindo tem um ar tão despreocupado.

Levantei e fui ao banheiro, lavei meu rosto, e arrumei meu cabelo bagunçado. Voltei para o pequeno quarto e toquei no peito dele.

– Nathan... – Chamei.

– Hm... – Ele gemeu sonolento.

– Chegamos. – Falei sorrindo olhando-o se espreguiçar. Ele abriu os olhos. – Oi.

– Oi, que horas são? Já aterrissamos? – Ele perguntou, me olhando.

– A hora eu não sei, mas sim, já aterrissamos. – Ele pulou da cama, levantando num salto. – Oh, calma aí, garotão. Acabamos de aterrissar, sem pressa.

Ele me olhou e passou a mão nos cabelos bagunçados pelo sono. A camisa social antes bem passada, agora estava amassada. Ele sorriu sem graça e foi para o banheiro.

– Um minuto e estarei completamente desperto. – Ele falou antes de entrar.

– Estou aguardando, leve o seu tempo. – Sorri, vendo-o entrar no banheiro. Saí do quarto e encontrei com a comissária de bordo.

– Boa noite, senhorita Watson. Nós já aterrissamos, estava indo acordá-los. Seja bem vinda a Milão.

– Obrigada. – Respondi sorrindo. A porta abriu e um Nathan arrumado saiu lá de dentro.

– Boa noite, Sr. King. O carro já está lhe aguardando. O piloto pediu para lhe informar que aproveitará os dias que o senhor estiver aqui para ficar na cidade. Assim, se o senhor precisar, ele estará à disposição.

– Obrigado. – Nathan respondeu e se encaminhou para a porta do avião que já se encontrava aberta. Fui logo atrás. Ele pegou minha mão e descemos as escadas. Três seguranças estavam ao lado do carro preto que nos aguardava. Um deles cumprimentou brevemente Nathan e abriu a porta. Entrei primeiro e ele logo depois. Então os seguranças entraram, dois na cabine do motorista e um deles não sei onde, acho que em outro carro. – Estamos indo para o hotel, vamos descansar, pois eu imagino que seu dia começará cheio.

– Sim, tenho que estar às 11h em ponto no *Castello Sforzesco*.

– Então assim que chegarmos, tomaremos uma ducha e dormiremos. – Nathan falou sorrindo e me puxando para aconchegar-me aos seus braços.

Alguns minutos mais tarde, paramos em frente a um hotel. Não percebi quase nada da entrada em si, mas a recepção era um tanto simples para os gostos do Nathan, que gostava de esbanjar e

aproveitar as coisas boas da vida. A recepção era toda em mármore preto com detalhes em branco, e as portas em vidro.

– Boa noite. Não temos reserva, mas gostaria de uma suíte confortável para passarmos as próximas duas noites.

– Nathan, nós poderíamos ir ao hotel que o Alex escolheu para mim. – Falei enquanto ele me olhava sorrindo e logo depois se virou para ouvir o que a recepcionista falava.

– Boa noite, senhor, como se chama?

– Nathan King, e esta é a senhorita Katherine Watson.

– Sim, senhor King. Temos a suíte nº 14 que fica no 3º andar.

– Pode ser esta mesmo. Será apenas por duas noites.

– O pagamento deverá ser realizado em dinheiro ou cartão de crédito no check-out, ao final do segundo dia. – Informou a recepcionista.

– Tudo bem. As chaves. Estamos bem cansados. – Nathan recebeu as chaves e pegamos o elevador. Assim que ele abriu a porta para nós, entrei e o rapaz com a minha mala e a do Nathan também entrou, colocando-as no quarto e saindo logo depois de receber uma gorjeta do Nathan. Olhei em volta e havia uma pequena sala de estar com sofá branco. Passei por outra porta e ali estava o quarto, a cama grande com edredom branco e dourado e travesseiros na mesma cor. Acima da cama uma cabeceira preta iluminada. Comecei a tirar a roupa.

– Já começou a tirar a roupa sem mim. – Nathan falou, entrando no quarto.

– Vou tomar uma ducha e já volto. – Abri outra porta e entrei no banheiro, liguei o chuveiro e fiquei sentindo a água quente escorrer por meu corpo, relaxando meus músculos tensos. Amanhã será um grande dia. Eu estava tensa e nervosa com medo de fazer algo errado.

Terminei o banho e coloquei um roupão, voltando ao quarto. Percebi que Nathan havia ligado o aquecedor e o agradei mentalmente.

– Tomei a liberdade de pedir um lanche rápido para comermos antes de dormir. Algo como leite e biscoitos amanteigados, para termos bons sonhos, afinal você necessita descansar e ficar linda.

– Obrigada! – Agradei e sentei na cama ao lado da bandeja. Peguei um copo e bebi, comendo alguns biscoitos.

– Vou tomar banho. – Ele falou e entrou no banheiro ainda com sua roupa.

Minutos mais tarde, quando eu estava quase terminando meu leite e meus biscoitinhos deliciosos, ele saiu do banheiro apenas com a toalha em seu quadril. “A visão do paraíso” – fiz uma nota mental. Que homem, meu Deus!

– Vejo que já tomou todo o seu leite. Agora vá escovar os dentes e depois venha deitar.

– Você está me tratando como se eu fosse uma criança.

– E você não é? – Ele brincou sorrindo. Sorri de volta.

– É, eu sou, eu acho. – Revirei os olhos e ele deu uma gargalhada.

Peguei minha nécessaire, entrei no banheiro e fui escovar os dentes. Voltei e ele estava deitado ainda com a toalha e com as mãos atrás da cabeça, olhando para o teto. Tirei o roupão e pulei na cama, nua. Ele deu uma gargalhada gostosa.

– E ainda acha que não é criança. – Falou, me abraçando e colando seus lábios aos meus. – Precisamos descansar. Vire-se e vamos dormir. – Virei de costas para ele, que apagou as luzes e me abraçou. Dormi quase que imediatamente.

Despertei com o meu celular tocando longe. O calor do corpo dele estava ainda do mesmo jeito em que me lembro de ter dormido há poucas horas. Ainda lânguida com o sono, peguei o celular e fui para o banheiro.

– Alô. – Atendi.

– Katherine querida, bom dia amada. Acorda, meu amor. Você precisa estar às 11h em ponto no *Castello Sforzesco*. – Era voz do Alex.

– Eu sei, já estou acordada, que horas são?

– Mais ou menos 9h da manhã. Estarei lá te esperando. Beijos e nos vemos logo mais.

Ah, esse Alex.

Voltei para o quarto e Nathan já estava de pé, abrindo as janelas e deixando o sol de inverno da cidade entrar.

– Bom dia. – Ele falou, sorrindo.

– Bom dia. – Mostrei o celular sorrindo sem graça. – Era o Alex. Ele queria me acordar para eu não perder o horário.

– Isso é bom. Assim não chegamos atrasados.

– Você vai comigo? – Perguntei.

– Claro que sim. Estarei lá com você o dia todo. – Se eu já estava nervosa em gravar um comercial assim, para uma marca famosa, imagine agora, sabendo que ele estará lá me olhando durante todo o dia. – Vamos, vou providenciar nosso café da manhã.

Voltei ao banheiro para tomar um banho e escovar os dentes. Quando saí, o café já estava na mesa.

– Não coma nada, eu volto em minutos. – Ele falou e eu assenti. Vi-o passar correndo para o banheiro, me vesti e sentei na cadeira, me aproximando da mesa de café, pegando algumas torradas e passando geléia de morango nelas. – O que eu falei sobre não comer antes de eu voltar? – Ele falou sorrindo. Agora estava com o cabelo molhado, uma calça jeans, camiseta vermelha e descalço. A visão do paraíso.

– Estou grávida, tenho que comer. – Falei, colocando a torrada na boca e saboreando-a.

– Eu desculpo você. – Nathan sentou-se sorrindo enquanto colocava seu café e abria o jornal. – Filhos da mãe.

– O que foi?

– Até aqui eles me encontram. – Ele abaixou o jornal, dobrando-o e mostrando uma foto nossa descendo do seu jatinho.

– Como? – Eu comecei a perguntar.

– Paparazzis amam isso e estão por toda parte. O mais engraçado é a notícia. “*Bilionário com um novo amor.*” Eles realmente não têm mais o que inventar.

– Não fique bravo, acontece. Mais cedo ou mais tarde apareceria em algum lugar. Agora ou depois que diferença faz...

– O problema não é comigo, Katherine, e sim com você. Ou você acha que alguma notícia desse tipo já não saiu lá nos Estados Unidos?

Só então me toquei da gravidade da situação.

– Oh, merda! – Praguejei.

– O problema não sou eu, pois já sabia que isso iria acontecer, mas lembra que você não quer que ninguém saiba? Acho que agora não terá como não saberem.

– Bem, uma hora teríamos que contar... – Falei sendo forte, e já pensando em como Amanda e Alice iriam se comportar, sabendo que estou saindo com o irmão delas.

– Você está falando isso da boca para fora, meu amor, mas por dentro está lutando para não gritar e falar um monte de coisas feias. Você está corando, então eu sei que estou certo no que estou falando. – Eu sorri.

– Me conhece tão bem e em tão pouco tempo.

– Conheço o suficiente para saber que é com você que eu quero passar o resto da minha vida. – Oh! Ele estava me pedindo em casamento?

– Não entendi o que quis dizer.

Ele levantou e se ajoelhou ao meu lado.

– Katherine, eu estou pedindo para que seja minha esposa. – Empurrei a cadeira e fiquei em pé.

– Nathan...

– Não responda ainda. Eu sei, é precipitado. Você é nova, tem toda uma vida pela frente, e tem sua carreira. Não responda, eu não quero ouvir um NÃO seu. – Respirei fundo. A náusea subiu, fazendo voltar o pouco que havia comido. Corri para o banheiro e vomitei tudo. – Meu amor, você está bem? – Ouvi-o da porta.

– Sim, é só... – Novamente meu estômago se contraiu e coloquei algo mais para fora. – Limpei a boca com papel e escovei os dentes. – Estou melhor, era só uma náusea.

– Tudo bem... Venha comer mais um pouco, precisa se alimentar. E sobre o pedido, sem pressa para me responder.

– Obrigada por me entender. – Tomei leite para assentar meu estômago que estava revirado.

Após o café, pegamos o mesmo carro de ontem com os mesmos seguranças e seguimos para o Castello. Hoje era um dia que eu jamais esqueceria. *Primeiro porque* teve o pedido, que eu nem

sequer tive a coragem de responder. Segundo, pela nota de imprensa que faria todos saberem sobre o nosso relacionamento. Não que eu não quisesse, mas eu não quero aceitar algo, quando não sei se a família dele irá me aceitar. E se acharem que eu sou uma caçadora de fortunas? E se eles me julgassem quando descobrissem a forma como o conheci? A dúvida tomou conta da minha mente enquanto o carro parava em frente ao *Castello Sforzesco*.

– Finalmente, Katherine! Achei que me deixaria na mão. – Alex falou assim que me viu. – Olá, King.

– Olá, Stanford. – Sorri olhando-os, e Alex me arrastou para longe do Nathan, me levando para um trailer onde fariam minha maquiagem e eu trocaria de roupa. Hoje era o dia.

Capítulo 37

Kate

Alex me carregou direto para o setor de figurinos e maquiagem, ele logo me sentou em frente a um espelho cheio de luzes em volta e sorriu atrás de mim, enquanto segurava em meu ombro.

– Estou muito feliz pelo sucesso que você está fazendo, pequena Blue. E vejo que já fisionomia o cara mais cobiçado de toda a Nova Iorque. – Sorri olhando-o.

– Alex, você não sabe da missa a metade.

– Ele é o pai do seu bebê? – Alex perguntou.

– Sim, é ele.

– Logo vi que é por isso que ele está aqui. Quer garantir que o outro modelo não roube você dele. Apesar de que se fosse eu não o trocava por nada nesse mundo. – O vi rir e mexer as mãos ao mesmo tempo em que falava. Soltei uma gargalhada.

– Também. – Respondi.

– Olá Watson, sou seu maquiador, me chamo Esteves.

– Muito prazer Esteves. – Falei sorrindo.

– Bem vou deixar vocês aí e vou ver como o outro modelo esta. – Alex soltou beijos para mim através do espelho. – E claro também vou ali conversar com certo, King. – Peguei minha sapatilha e joguei em sua direção. Ao mesmo tempo em que ele fechava a porta do camarim rindo. Logo Alex apareceu de novo. – Esqueci de lhe entregar. É seu roteiro, são poucas falas, mas tem que decorar.

– Obrigada. – Agradei e ele saiu de novo rindo e piscando para mim pelo espelho.

– Ok. Agora somos você e eu. Me disseram que você fez um comercial com o gato do *Clark Kent*. Aquele bofe é um Deus grego que eu me derreteria só de chegar perto dele. – Esteves comentava rindo e batendo os cílios.

– Sim, esbarrei com ele sem querer no meio da rua, acabou que o diretor do comercial que ele gravava gostou de mim, e acabei contracenando com ele.

– Menina, você é muito sortuda. E já sabe com quem vai contracenar neste comercial?

– Sinceramente não. – Falei de olhos fechados enquanto o sentia preparar minha pele.

– É um bofe que nem vou lhe dizer, o quão lindo ele é, você precisa ver pessoalmente. – Esteves falava todo animado. – Já fiz a maquiagem dele, e a sua será bem leve, afinal sua beleza é natural e não precisa de muita coisa para ficar mais bela ainda.

Algun tempo depois eu estava me olhando no espelho, os olhos estavam apenas com um delineador e rímel, meus lábios tinham um batom vermelho forte, que deixava evidente o contorno de minha boca. Após conseguir decorar minhas falas, Esteves me ajudou a vestir o vestido vermelho *Christian Dior* que estava pendurado com meu nome. Era um vestido longo frente única que deixava as costas nuas. Espero que esteja bem quente dentro daquele castelo, se não vou congelar. Calcei as sandálias.

– Vou congelar com este vestido. – Comentei com Esteves.

– Não se preocupe, lá dentro está bem aquecido. – Ele pegou uma caixa de veludo azul e abriu me mostrando um colar lindo. Esteves retirou e colocou em meu pescoço, o frio do colar sobre minha pele aquecida me fez estremecer, coloquei os pequenos pingos de água que eram os brincos. Assim que abri a porta, Esteves veio por trás de mim e colocou sobre meus ombros um casaco cinza. – Vamos vou lhe guiar até o local da gravação. – Sorri seguindo-o.

Entramos no enorme castelo que mais parecia um museu, o que na verdade era, pelo o que pesquisei era um museu. Esteves adentrou em uma das grandes portas que dava a um enorme salão, uma mesa gigante estava ali, coberta com uma toalha branca, havia refletores por todos os lados, além da luz natural do sol de inverno passando pelas grandes janelas. Sobre a mesa tinha pratos e talheres bem colocados como se estivéssemos partilhando uma refeição. Eu em uma ponta e ele em outra. A mesa devia ter em torno de 20 cadeiras em cada lado. Era enorme.

– Katherine. – Alguém chamou meu nome e me virei a tempo de ser abraçada por alguém desconhecido, confusa eu não sabia se abraçava ou se ficava do jeito que estava.

– Oi. – Falei sorrindo, tentando ser simpática.

– Sou o diretor Ravier, estou à frente da produção do comercial. Você leu seu roteiro? – Ele perguntou.

– Sim claro. – Respondi sorrindo.

– Ótimo, então vamos começar. – Alguém me ajudou a me livrar do casaco pesado, e só então percebi que a sala estava bem aquecida. E eu não sentia frio. – Sente-se ali. Vamos gravar você olhando para o Daniel, conte até 10 pausadamente e suba na mesa. Caminhe até ele, ele também subirá a mesa e virá ao seu encontro, pegando-a pela cintura, você olhará para a câmera que estará atrás dele, enquanto ele irá cheirar o seu pescoço sentindo a nova fragrância do lançamento da *Carolina Herrera*. Após isso diga o nome da fragrância, então ele irá beijá-la. Assim terminando a gravação. Você não tem problema em ser beijada não é?

– Não. – Respondi esperando que o Nathan não estivesse ali. Sentei onde ele indicou.

– Vamos gravar. – Ouvi o diretor gritar. – Ação.

Ao meu lado havia um homem com uma câmera sentado sobre uma cadeira que andava sobre alguns trilhos colocados ali. contei até 10 pausadamente como ele falou. Levantei sorrindo e subi na mesa, havia ali três degraus colocados especificamente para me ajudar a subir, o vestido vermelho voava a cada passo dado sobre a mesa, vi o modelo se atrapalhar ao subir na mesa.

– Corta. – O diretor gritou e um segurança veio e me ajudou a descer. – Cuidado ao subir. – ele apontou para o modelo. Voltei, sentei-me e vi a mesa ser arrumada novamente. – Ação. – O diretor gritou novamente.

E assim foi pelas próximas horas até acertarmos. Foram diversos beijos até o diretor ter certeza de que estávamos em sintonia. Vários retoques de maquiagem. E finalmente havíamos terminado de gravar. Colocaram o casaco sobre meus ombros novamente.

– Perfeito Katherine, perfeito! – Alex falou enquanto eu me virava para vê-lo todo alegre. – Você foi divina. – Sobre o ombro de Alex avistei o Nathan, sua expressão não era boa. Será que ele viu os beijos.

– Ele viu as cenas do beijo? – Perguntei quase que num sussurro para o Alex.

– Sim eu vi. – Nathan respondeu por si. E me puxou para ele, ao mesmo tempo em que se apossava de minha boca.

– Estão vendo? É disso que eu falo... – Ouvi a voz do diretor nas minhas costas. – É desse tipo de beijo que precisamos. – Senti minhas bochechas pegarem fogo e Nathan sorrindo. Ao menos ele agora estava sorrindo.

– Vamos você deve estar faminta, e apesar dos aperitivos servidos durante a gravação, sei que ainda está com fome. – Nathan falou, eu não tinha prestado tanta atenção ao meu estomago até então, pois estava muito focada em me sair bem nesse comercial.

– Nos vemos em Nova Iorque, pequena Blue. – Alex me deu um beijo no rosto. – Até mais King, foi um prazer. – E saiu. Nathan me levou até o trailer para trocar de roupa. Havia anoitecido, nunca imaginei que gravar um comercial levasse tanto tempo.

– O diretor pediu para dizer que o casaco, o vestido, a sandália e o conjunto de diamantes que está usando são seus, como presente por sua atuação belíssima. – Esteves falou assim que me viu.

– Não posso aceitar.

– Não só pode como já deveria estar indo embora daqui, vá logo antes que ele mude de ideia. – Esteves riu quase me expulsando do trailer. Entregou-me uma sacola que continha minhas roupas dentro.

– Vamos, iremos aproveitar esta roupa elegante. Jantaremos no Ristorante Guerrini. – Sorri acompanhando-o até o carro. E partimos para o restaurante. Hoje é um dia mais que abençoado, receber roupas tão caras de presente, ser elogiada pelo diretor, e ainda jantar em restaurante com um homem como o Nathan ao meu lado. Só posso ser a mulher mais sortuda deste mundo.

Capítulo 38

Kate

O resto da noite passou como um borrão, eu estava tão cansada pelo dia da gravação que nem percebi quando fui colocada na cama, ou quando se quer fui para frente do espelho e tirei a maquiagem. O mais engraçado é que nem se quer bebi uma taça de álcool, para dizer que eu estive num coma alcoólico e não me lembro de nada. Agora aqui estava eu deitada no quarto do hotel após ter tido meu enjoo matinal e ter feito minha higiene, olhando para o teto com um cara lindo, maravilhoso e gostosamente nu embaixo das cobertas, ele estava de bruços e suas costas estavam à mostra, pelo lençol que havia descido e ficado ali ao redor de sua bunda redonda. Passei a mão por suas costas e o escutei gemer.

– Bom dia. – Falei beijando sua nuca.

– Bom dia. – Ele respondeu sonolento virando-se e me dando a visão de sua ereção. Sorri e subi em cima dele assim que ele terminou de se virar.

– Você amanheceu animado... – Comentei rindo e passando a mão em seu pau. Ele impulsionou seu quadril para cima.

– Sempre amanheço animado quando sonho com você. – Suas mãos foram para minha cintura e me tirou de cima dele, sentando-me sobre a cama. – Dê-me um minuto. – Vi-o levantar e sumir entrando no banheiro. Barulho de água e minutos depois ele voltava, ainda com aquilo apontando para cima. – Pronto. Agora sou todo seu. – Ele deitou-se e colocou as mãos atrás da cabeça, sorri e subi em seu colo.

– Todo meu? – Perguntei fingindo não ter ouvido direito.

– Todinho seu.

– Cuidado senhor King. – Sorri segurando sua ereção com minha mão e acariciando-o, subindo e descendo. Fiquei de joelhos ao seu lado e passei a língua em seu pau.

– Amanheceu inspirada? – Ele perguntou sorrindo.

– Muito... – Respondi, sugando-o para dentro da minha boca.

– Oh que boca Katherine! – Ele gemeu. Suguei-o para dentro da minha boca, enquanto subia e descia com minha mão pelo seu pau. – Deus! Vou gozar rápido assim.

– Goze em minha boca. – Pedi e voltei a lambê-lo.

– Não. – Ele sorriu e me jogou na cama puxando a calcinha por minhas pernas e jogando-a longe, logo ele estava entre minhas pernas. Sorrindo entrou em mim e eu arfei gemendo. – Como senti saudades!

– Eu também. – Gemi com cada estocada rápida que ele dava, segurei em seu rosto e puxei-o para um beijo. Ele sorriu olhando-me, entrando mais lentamente. – Desculpe. – Franzi a testa sem entender, e ele virou me colocando sobre ele. – Às vezes esqueço que temos que ter cuidado.

– Não sei do que você está falando. – E então sem nada falar ele ergueu o quadril e eu gemi, sua mão veio de encontro a minha barriga e eu entendi o que ele quis dizer. – Não se preocupe, ele ou ela está bem protegido. – Comecei a cavalgá-lo apoiando minhas mãos em seu peito, suas mãos em minha cintura fazia com que eu mantivesse um ritmo. Gemi mais alto a cada estocada lenta dele em mim, sorri jogando a cabeça para trás enquanto meu corpo tremia em um orgasmo, ele me puxou de encontro ao seu peito e me prendeu lá, para intensificar os movimentos de seus quadris que se chocava com o meu. Senti-o pulsar dentro de mim e escutei seu gemido de liberação, ele estava gozando e muito, pelo tanto de pulsações que eu sentia.

– Você é perfeita. – Ele falou me erguendo um pouco e puxando-me para um beijo. – Mais que perfeita. Aceite o que eu lhe pedi.

– Dê-me um tempo para assimilar e entender meus próprios sentimentos, eu estou confusa comigo mesma.

– Eu te entendo perfeitamente, já tive sua idade e já tive esse sentimento confuso, mas se tiver que escolher, escolha a mim. – Sorri para ele. Nathan levantou comigo ainda em seu colo. – Vamos tomar uma ducha, e depois comer. Pelo barulho em seu estomago você deve estar faminta.

– Sim. – Corei violentamente, ele ouviu meu estomago roncar. Isso foi feio, muito feio: *Ouviu estomago? Você não pode roncar perto do Nathan.* Falei com meu próprio estomago. Ele me colocou no chão e fomos para o banheiro. Tomamos banho e teve mais uma rodada de gozadas gostosas com o Nathan delícia e seu corpo escultural.

O café da manhã foi servido, comemos em silêncio, dali a algumas horas estaríamos desembarcando de volta a Nova Iorque, e que Deus me ajudasse eu estava ferrada se as gêmeas King tiverem visto o jornal com nossa foto juntos.

– Embarcamos em 1 hora, esteja pronta. Vou fazer o check-out e já volto. – Nathan falou e saiu pela porta me deixando sozinha. Parei um minuto para pensar comigo mesma: *Por que eu não aceitei ainda o pedido de casamento dele? Sou tão burra assim? Não. Não. Isso se chama consciência, ou talvez seja o fato de fazer as coisas às escondidas e o medo de ser rejeitada.*

– É pode ser. – Falei.

– Pode ser o quê?

– Não, nada. Estava pensando alto.

– Um dólar pelos seus pensamentos. – Ele disse sorrindo e me dando um beijo nos lábios. Sentou ao meu lado na nossa pequena mesa de café da manhã na suíte.

– Nossa tão pouco. – Brinquei.

– Ok, 10 dólares. – Balancei a cabeça negativamente. – Hm... Ok um milhão de dólares. – Dei uma gargalhada e levantei para logo sentar em seu colo com uma perna de cada lado de sua cintura.

– Seu bobo, estava pensando em sua proposta. – Suas mãos foram para minhas costas.

– Ótimo – vi seus olhos brilharem. – E o que decidiu?

– Ainda estou pensando, vamos esperar um pouco mais, tudo bem? Até todo mundo saber de nós

dois e se ninguém me rejeitar eu aceitarei.

– Ninguém irá lhe rejeitar, minha família te adora.

– Eu sei, mas prefiro esperar um pouco mais. – Levantei e peguei minha bolsa. – Vamos, o avião deve estar nos esperando.

– Sim verdade, eu havia me esquecido disso. – Ele riu, pegou a sua pasta com laptop e saímos da suíte.

Eu tinha certeza que ao chegar a Nova Iorque meu mundo estaria completamente diferente do que é agora, algo me dizia que alguma coisa estava por acontecer, e fosse o que fosse eu não me deixaria abalar por nada, nem deixaria o que eu tenho criado com o Nathan cair. Ele é meu e aí daquela que ousar tocar nele.

Capítulo 39

Kate

Subimos no avião e sentamos em nossas respectivas poltronas. Não conversamos muito, pois acabei adormecendo. Acordei quando o avião estava pousando, olhei rapidamente pela janela e já era noite em Nova Iorque. Nathan foi o primeiro a levantar-se, fiquei ainda olhando pela janela, e vi a *Lamborghini* dele lá fora.

– Chegamos, princesa. Vamos descer. – Ele falou enquanto estendia a mão para mim, segurei em sua mão e fiquei de pé, ele colocou um casaco sobre meus ombros. – Está frio lá fora. Ainda não começou a nevar, mas está frio. – Assenti e descemos as escadas do avião, indo para o seu carro.

– Vai dirigir hoje? Onde está David? – Perguntei.

– De folga. – Sorri, ele abriu a porta e entrei, quase que automaticamente liguei o som do carro, estava querendo escutar alguma música, estou com saudades do meu Ipod que deixei em casa. Ele colocou o carro em movimento e entramos na estrada rumo a algum lugar, não sei se a minha casa ou a dele. Sintonizando alguma rádio, encontrei uma que tocava pop e deixei nela, num som baixinho.

– Sabe estive pensando, quando passar o natal, eu gostaria de ir a um jogo dos *Yankees*, você me levaria? – Perguntei.

– Podemos ir sim.

– Que time torce? – Perguntei a ele.

– Eu?

– Sim, você.

– Nenhum.

– Está falando sério? – Olhei para ele com um olhar indignado, como assim ele não torcia por nenhum? – Nenhum mesmo? Nem *Yankees*, nem pro *St. Louis Cardinals* e nem *San Francisco Giants*.

Meu Deus!

– Por que não estaria falando sério? Não costumo ir a jogos, nem quando era mais novo nunca cheguei a ir a um, estava sempre com meu pai na empresa, e também como o único menino eu tinha que aprender desde cedo que todo o império dele um dia seria meu.

– Entendo, você era um garoto ocupado.

– Exatamente.

– Mas, agora você pode ir comigo. O que acha? – Sorri olhando-o.

– Podemos ver após a virada do ano.

– Será bom, mamãe nunca me deixou ir a um jogo de beisebol, nem mesmo os da escola. Acho que ela tinha medo de ir comigo e acabar encontrando algum cliente.

– Vou com você, tudo tem uma primeira vez.

– Eu vou adorar, afinal logo mais eu estarei enorme como Amanda comentou outro dia e mal poderei andar.

– Amanda sabe da gravidez? – Ele perguntou.

– Sim ela soube quando passei mal na escola. Tirou as próprias conclusões, não contei a ela sobre nosso encontro e que o bebê é seu.

– Acho que está mais do que na hora de contarmos, se é que elas já não sabem se na Europa saímos no jornal juntos, que dirá aqui. Agora você é famosa Katherine. Querendo ou não, uma hora ou outra as meninas vão acabar descobrindo e é melhor que seja por você do que pela boca de estranhos, elas ficarão chateadas, eu as conheço bem demais.

– Eu sei. Eu só... – Parei por um momento pensando. – Só não estou pronta para contar.

– Eu entendo você perfeitamente, mas é como acabei de lhe falar, se você não contar, elas acabaram sabendo de qualquer forma. – Nathan parou o carro esperando o portão abrir, assim que abriu entrou e estacionou. Ele saiu do carro e veio abrir minha porta, desci e fomos para o elevador. Estamos subindo para seu apartamento.

– Vai cozinhar para mim novamente Sr. King? – Perguntei assim que passamos pela porta e ele me ajudou a tirar o casaco.

– Você quer? – Ele perguntou.

– Claro, até parece.

– É só você me ajudar. – Ele me puxou ao seu encontro, falando com sua boca quase tocando a minha. – Vamos, vou lhe por em cima do balcão, enquanto cozinheiro posso ficar admirando você.

– Ótimo. – Falei animada, enquanto ele me levantava e agarrava sua cintura com minhas pernas. Ele me levou pela sala, passando pelo corredor entrando na cozinha. Colocou-me sentada em cima do balcão que ficava no centro da cozinha. Deu-me um beijo casto e afastou-se abrindo a geladeira.

– Bem... Temos opções, massa, bife, frango, carne, queijo. – Ele foi citando as opções ali.

– Podemos fazer um jantar estilo medieval, com carne assada, queijo e frutas. O que acha? –

Falei balançando as pernas.

– Só se eu puder ter você como minha sobremesa. – Ele me olhou rindo ainda com a geladeira aberta, que sorriso lindo. Esse é o homem que eu quero ter em minha vida, disso eu já tinha certeza, resta-me ter coragem de aceitar o que ele me oferece.

– Isso você terá sim. – Sorri.

– Maravilha. – Vi-o tirar duas variedades de queijo da geladeira, presunto, maçã, melancia, uvas e outras frutas. Colocando tudo ao meu lado no balcão. – Vou precisar de ajuda para temperar a carne. – Ele falou sorrindo, fazendo um convite.

– Não precisa nem perguntar, ajudo sim. – Desci do balcão, e começamos a preparar a carne. Essa noite vai ser boa. E como vai.

Capítulo 40

Kate

Assim que desci, Nathan tirou da geladeira um frango inteiro e pôs sobre o balcão, depois foi abrindo e fechando as portas do armário colocando diversos temperos ao lado do frango. Foi a um canto da cozinha e quando se virou começou a soar uma batida conhecida, sim eu conhecia a música e o cantor. Sorriu e me chamou para mais perto, me aproximei.

– Normalmente eu faria uma picanha ao forno, mas como queremos algo rápido, vamos assar um frango com recheio, pique para mim essas azeitonas e as uvas passas, enquanto isso, eu irei picando a linguiça. – Lavamos as mãos e começamos o trabalho, estávamos um do lado do outro, ele cortando a linguiça e eu cortando o que ele pediu, de vez em quando ele me dava um beijo no rosto.

– Assim eu acabo errando na faca. – Falei brincando e ele deu uma gargalhada. Acabei de picar o que ele pediu, Nathan pegou uma tigela de alumínio, juntou os ingredientes cortados com alguns pães amanhecidos que ele havia desfiado e misturou-os. Após isso pegou outra tigela e pôs alho picado com o azeite, extrato de tomate e sal, misturando-os. Colocou o frango em uma forma grande e regou-o com aquela mistura. Ligou o forno e me chamou.

– Venha aqui, vamos preencher este frango. – Eu fui, fiquei a frente do frango e ele atrás de mim, pegou minha mão e pôs dentro da outra mistura, fazendo-me pegar um pouco e com a outra mão segurar o frango com a sua mão sobre a minha, levou minha mão até a parte aberta do frango e ensinou-me a empurrar a mistura para dentro. Fazer aquilo era estranho e sexy ao mesmo tempo, com ele em minhas costas e beijando minha nuca, enquanto preenchíamos o frango com a mistura.

– Isso é sexy. – Comentei sorrindo.

– Eu sei, por isso estamos fazendo. – Novamente sua mão seguiu a minha e ajudou-me a empurrar a mistura para dentro do frango. Terminamos e ele pegou a forma e colocou no forno, depois rindo

veio até mim e me pôs sobre o balcão, beijando-me.

– Estou com as mãos sujas.

– Não importa. – Ele riu e puxou minha camisa tirando-a. – As minhas também estão. – Eu sorri acompanhando-o. Logo eu estava seminua com apenas uma calcinha e ainda sentada sobre o balcão. Nathan estava sem camisa, mas ainda com suas calças. Nossos beijos eram ardentes, mas de alguma forma controlados. Minhas mãos foram para suas costas sujando-o completamente.

– Estamos fazendo uma bagunça. – Falei rindo, Nathan me deitou sobre o balcão e pegou algo no armário que eu só vi quando ele derramou sobre minha barriga. Era calda de chocolate. Ele lambeu onde havia caído a calda e eu gemi, ele sorriu e passou a mão sobre meu baixo ventre que estava começando a arredondar, o bebê começava a dar sinais de que realmente existia dentro de mim.

– Meu filho. – Derramou mais calda ali e lambeu.

– Pode ser menina.

– Minha filha então. – Ele riu e ainda com a boca suja de calda de chocolate me beijou, corresponendi automaticamente. Minhas mãos chegaram a sua nuca e ele me tirou do balcão, levando-me para algum lugar da casa em seus braços, senti algo macio tocar minhas costas e só então abri os olhos e vi que estávamos em seu quarto. Ele rapidamente se livrou de suas roupas e sumiu com minha calcinha, para finalmente nos unirmos completamente como um só. Nathan entrava em mim lentamente esticando-me, eu nunca me acostumaria com a sua grossura ou seu tamanho, apoiado em seus braços lindos, ele me olhava nos olhos enquanto dava cada estocada funda em mim e eu gemia descontroladamente.

– Oh meu Deus! Você é... – Eu nem consegui terminar a frase, pois meu corpo entrou em um orgasmo maravilhoso, Nathan parou me deixando apreciar meu orgasmo, olhando em seus olhos ele veio novamente com as estocadas decisivas para sua liberação, que se seguiu pouco depois de mim. Ele era lindo até quando gozava, com um gemido que era música para meus ouvidos.

– Amo você, Katherine Watson.

– Eu também. – Sorri respondendo.

– E então alguma resposta para mim? – Ele perguntou.

– Não é um bom momento para me perguntar sobre isso, acabei de gozar e daria um sim para o que você quisesse. E nesse momento eu não estou pensando bem, pois ainda estou em completo êxtase.

– Essa é sim uma ótima hora, assim me dá logo o sim que desejo. – Ele disse rindo, saindo de mim. – Ok. Não vou pressionar, sei que quando chegar a hora, você dirá sim. Tudo ao seu tempo e como desejar.

– Obrigada! – Agradei por ele compreender. Levantamos e fomos tomar banho. Sai do banho com um roupão e enxugando os cabelos, e ele com uma toalha em volta da cintura. Tem como não babar por ele? Não, não tem. O cheiro do frango assado estava chegando ao quarto. Ele saiu do quarto ainda de toalha e foi à cozinha, segui-o. Assim que entramos, vi a bagunça que fizemos. – Bagunçamos toda a sua linda e super-arrumada cozinha.

– Sim, isso é verdade. Vamos fazer o seguinte, enquanto você põe a mesa eu irei arrumar a cozinha.

– Certo.

– Os pratos estão naquele armário. – Ele apontou. – Os talheres aqui. – Ele abriu uma gaveta. – E as taças e copos naquele outro armário.

– Certo. – Fui a um dos armários e peguei os pratos. – Onde estão os apoios dos pratos?

– Ali. – Ele apontou para outra gaveta. Assenti pegando e levando para a mesa. Quando cheguei à mesa de jantar, pensei e resolvi que não comeríamos ali. Fui para sala de TV e sobre a mesinha de centro coloquei os apoios e os pratos. Voltei à cozinha peguei as taças e na geladeira o vinho.

– O cheiro está bom hein. – Comentei sorrindo enquanto saía da cozinha. Arrumei tudo na sala de TV e voltei novamente à cozinha, ele estava terminando de varrer os restos de comida que havia no chão. – Você é um ótimo dono de casa.

– Morar sozinho faz com que a pessoa saiba se cuidar, quando a faxineira não esta presente.

– Percebi, isso é ótimo.

– É? E por que é ótimo? – Ele perguntou.

– Assim você pode cozinhar, arrumar a casa enquanto eu termino meus estudos, trabalho como modelo e entro na universidade.

– Você esqueceu-se da parte em que eu também trabalho para nos sustentar. – Ele largou a vassoura e me pegou pela cintura.

– Ah e claro isso também. – Falei rindo segurando em seus ombros.

– Isso quer dizer que vai aceitar meu pedido?

– Ai, ai, senhor King, como você é apressado. – Sai de seus braços e comecei a cortar em pedaços as frutas que estavam sobre o balcão, distribuindo-as em uma bandeja que ele colocou ao meu lado. – Pegue o queijo para mim, por favor. – Ele me entregou o queijo e fatiei, enrolei o queijo mussarela e o presunto juntos, e coloquei sobre outra bandeja. – Obrigada. E o frango?

– Quase pronto. Arrumou a mesa?

– É... Bem... Eu não arrumei a mesa, quer dizer nós não vamos comer na mesa.

– E vamos comer onde? – Ele perguntou com aquele sorriso charmoso e levantando uma sobrancelha. Que homem lindo!

– Na sala de TV, comeremos enquanto vemos um bom filme.

– Não está cansada da viagem?

– Nem um pouco, quero aproveitar o máximo de tempo com você.

– Tudo bem... Arrume tudo lá e já levo o frango. – Ele falou, peguei uma toalha de mesa no mesmo lugar onde estavam os apoios de pratos, levei para a sala com as duas bandejas, uma em cada mão e a toalha no meu antebraço.

Coloquei as bandejas sobre a cadeira e retirei tudo o que já havia arrumado para por a toalha, não queremos sujar a linda mesa de centro dele. E só então arrumei tudo em cima novamente. Quando estava na estante escolhendo que filme iríamos ver ele apareceu com uma bandeja onde tinha um frango suculento e cheiroso em cima. Ele pôs no meio da mesinha de centro.

– Está um cheiro maravilhoso. – Comentei me aproximando dele, Nathan olhou para o vinho e depois olhou para mim.

– Você não vai beber.

– Só um pouco, é só um pouco e não vai fazer mal ao bebê, por favor... – Fiz biquinho e a minha melhor carinha de cachorrinho precisando que o dono dissesse sim. Ele riu.

– Tudo bem, uma taça, somente uma. Ok? Quem resiste a esse biquinho. – E me deu um selinho.

– Certo. Ok, como desejar senhor King. – Eu havia colocado diversas almofadas no chão para ficar confortável para comermos e deitarmos se assim ele quiser também. – Vamos comer? Sua filha ou filho está reclamando e pedindo comida faz um tempinho já. – Falei brincando.

– Vamos. – Ele riu e sentou-se nas almofadas, a toalha antes ali existente agora só tampava o suficiente, ele ainda estava nu da cintura para cima e eu de roupão.

– Se continuar dessa forma, vamos esquecer o jantar e o filme, acabaremos por fazer novamente o que acabamos de fazer na sua cama. – Falei olhando-o enquanto mordia meu lábio inferior.

– Sim, eu sei. Quem sabe, depois do jantar, ou depois do filme? É uma boa ideia, não?

– Em minha opinião, uma ótima ideia.

– Eu agora realmente percebi que criei uma monstrix louca por sexo. – Eu dei uma gargalhada diante do comentário.

– É parece que sim.

– Mesmo grávida você parece não ter perdido a libido ou o desejo sexual. No livro *O que esperar quando se está esperando* fala um pouco sobre a perda do desejo sexual, mas pelo o que já percebi você é totalmente o contrário das outras grávidas. – O sorriso em seu rosto não disfarçava nenhum pouco o fogo que eu podia ver em seus olhos, o seu desejo por mim.

– É talvez eu seja.

Mais tarde naquela noite, fizemos amor depois de comer, e novamente quando o filme acabou. Dormi em seus braços novamente.

Despertei com o sol de inverno entrando pelas cortinas, Nathan não estava mais na cama. Levantei levando o lençol e me enrolando com ele, fui até a porta e olhei para fora. Pequenos flocos de gelo estavam caindo na sacada do quarto, sim agora estava parecendo um típico mês de Dezembro em Nova Iorque.

– Bom dia, princesa. – Virei-me e o Nathan entrava com uma bandeja. – Estava preparando nosso café. – Fiz uma careta quando senti o cheiro do café. – Que foi? Não me diga que está enjoando... – Corri para o banheiro e vomitei o que não tinha no estomago.

– Oi... – Apareci na porta do banheiro e dei um sorriso fraco para ele.

– Você não parece bem, Katherine.

– É só um enjoo, logo passa. – Ele se aproximou com uma bolacha salgada.

– Aqui dizem que é bom para o enjoo. Desculpe, eu não poderia imaginar que você iria enjoar com o cheiro do café.

– Não precisa se desculpar, nem eu sabia, até sentir o cheiro e meu estomago revirar. – Sorri para ele. – Vou tomar uma ducha e já volto para comer com você.

– Esperando, então.

Tomei um banho rápido e me vesti, Nathan havia providenciado algumas roupas de frio e inclusive já as tinha colocado em seu closet, como se eu já morasse ali. Tomamos o café da manhã em silêncio e pedi que ele me deixasse em casa, precisava ver meu apartamento.

Já em casa, com pouco mais de 10 minutos que ele havia me deixado lá, a campainha tocou.

– Não acredito que você ainda está aqui. – Falei abrindo a porta pensando que era o Nathan. – O quê? Como descobriu onde estou morando?

– Você às vezes é tão inocente, Katherine. – Minha mãe empurrou a porta e entrou no meu apartamento.

– Não quero você aqui.

– Por quê? – Ela virou-se perguntando.

– E ainda me pergunta?

– Só por que sou uma prostituta e você agora é famosa, não quer ter seu nome sujo e difamado pelo fato de eu ser sua mãe, e por sua mamãe ser uma acompanhante de luxo.

– Não é por isso e você sabe disso.

– Odeio quando me chama de você. Eu ainda sou sua mãe. – Ela gritou.

– Não grite na minha casa, eu sou maior de idade e esta é minha casa, saia já daqui ou eu...

– Ou o que Katherine Watson? Eu te criei, te dei de tudo, sempre o melhor, melhor escola, melhor roupa, melhor brinquedo e para quê? Para na primeira oportunidade você me dar as costas. Agora que você tem dinheiro suficiente pode nos sustentar.

– Jamais! Não vou lhe sustentar, não depois do que me fez fazer.

– Se eu não tivesse feito você entrar nisso, você não teria conhecido o pai do bastardinho que você tem na barriga agora.

– Como? – Como ela sabia?

– Como eu sei? Simples querida, eu investiguei e descobri que seu primeiro cliente foi o Nathan King. Parabéns você foi esperta engravidando de um cara rico. Pelo menos a história não irá se repetir assim eu espero, pois eu não vou criar seu bastardinho nunca.

– Pare de falar assim, mãe. – Eu estava nervosa. – Diga logo o que veio fazer aqui.

– Eu preciso de dinheiro. Preciso de dinheiro para pagar o aluguel do apartamento, comprar

comida, roupas, acessórios e sapatos. E claro para me divertir. – Como ela tinha essa coragem?

– Não vou lhe sustentar, já lhe disse isso.

– Eu sou sua mãe, é seu dever me sustentar, é seu dever cuidar de mim na velhice. Pagar minhas contas e tudo mais que eu desejar.

– Eu não vou pagar nada para você. – Gritei com Helena e sua mão veio de encontro ao meu rosto, eu caí no sofá e ela veio para cima de mim me batendo.

– Eu sou sua mãe, sua puta desgraçada. Você está vivendo bem, tem o Nathan King pagando suas contas, agora é uma modelo famosa, eu estou pedindo pouco, diante do valor que você tem hoje em sua conta. – Empurrei-a e me afastei com a mão em meu rosto, que agora ardia.

– Nunca, ouviu bem? Nunca. Saia agora da minha casa. – Peguei o telefone. – Vou chamar a polícia.

– Chame sua puta. Assim todo mundo vai saber que a famosa Katherine Watson foi puta e sua mãe ainda é.

– Você não faria isso.

– Sim eu faria. – Disquei o celular do Nathan.

– Quero um segurança agora, estou com minha mãe sendo impertinente dentro da minha casa. – Falei assim que ele atendeu. Nem esperei que ele dissesse alô.

– Em 10 minutos David estará aí. – Ele respondeu.

– Aguardando. Obrigada! – Desliguei. Olhei para minha mãe que estava de braços cruzados. – Alguém está vindo tirar a senhora de dentro da minha casa.

– Você é tão atrevida, Katherine.

– Suma da minha vida. – Gritei. A porta foi aberta e o Nathan entrou.

Nathan

Recebi a ligação da Katherine quando ainda estava no trânsito rumo a Wall Street, dei meia volta e consegui chegar em menos de 5 minutos.

Subi as escadas correndo e entrei com tudo em seu apartamento, quando ouvi Katherine gritar.

– O que está acontecendo aqui? – Perguntei ao abrir a porta e vê Katherine de um lado vermelha e com os olhos cheios de lágrimas, e a mãe do outro de braços cruzados.

– Ah o príncipe veio salvar a princesa que está em apuros.

– Vá embora. – Katherine gritou novamente, me aproximei dela.

– Acalme-se, pense em nosso bebê. – Sussurrei em seu ouvido quando a abracei, ela estava tremendo.

– Por favor, senhora Watson se retire. Pelo seu bem e pelo nosso.

– Eu não saio daqui enquanto não pegar o que vim buscar. – A mãe da Katherine falou. Segurei o rosto da minha amada.

– Diga-me o que ela veio buscar. – Pedi.

– Dinheiro, ela veio buscar dinheiro. – Katherine sussurrou.

– Tudo bem, vá para o quarto e se acalme, já vou ver você. – Dei um beijo em seus lábios e ela foi para o quarto. – Agora a conversa é entre nós. Se veio buscar dinheiro, diga-me o valor que farei um cheque, mas primeiro qual o seu nome?

– Me chamo Helena e o sobrenome você já sabe. Sobre o dinheiro eu preciso de 100 mil dólares.

– Ok. – Tirei a carteira do bolso da calça e peguei o talão de cheques, rapidamente fiz um cheque e entreguei a ela. – Pronto, agora suma da minha vista e não volte aqui. Se precisar de mais dinheiro, ligue para este número. Mantenha-se longe de Katherine, vamos prestar queixa e se você se aproximar dela novamente, você irá presa e perderá qualquer dinheiro que tinha para receber, ouviu bem?

– Sim, tudo bem. Ligo quando precisar. – E então Helena foi embora.

Andei até o quarto de Katherine e ela estava sentada na cama com as mãos no rosto, me aproximei e sentei ao seu lado, puxando-a para perto. Ela soluçava com o choro.

– Calma meu amor. Fique calma, pense na nossa sementinha. Ele ou ela depende de você, precisa se acalmar.

– Eu sei. – Ela falava entre os soluços. – Se você houvesse escutado a metade do que ela falou, não estaria tão calmo como agora.

– Eu sei minha vida, só estou pedindo que se acalme, pense em nosso bebê.

– Eu a odeio tanto, tanto, que você nem pode imaginar.

– Sim eu posso. E posso imaginar as coisas pavorosas que ela deve ter lhe dito.

– Ela disse que se ela não tivesse me colocado na mesma vida que a dela eu não teria esse bebê dentro de mim. – Katherine estava inconsolável.

– Pense desta forma, o nosso bebê e o que sentimos um pelo outro são as coisas boas que vieram dessa fase da sua vida, meu amor. Por favor, se acalme, não queremos que nossa sementinha corra o risco de morrer não é?

– Não. Meu bebê é muito importante para mim.

– Vamos tomar um sorvete. – Falei e ela me olhou rindo.

– Nesse frio? Jamais! – Ela sorriu abertamente.

– Tudo bem. Mas pelo menos consegui por um sorriso em seu lindo rosto. – Ergui seu rosto e beijei seus lábios. – Eu amo você minha pequena. Amo de todo o meu coração.

– Eu também amo você. – Ela respondeu e eu a abracei mais forte, ficamos ali abraçados.

Capítulo 41

Nathan

A festa de natal na casa dos meus pais chegou, até aquele dia Katherine não havia mais falado com as gêmeas e nem eu com minha família. Resolvemos chegar em carros separados para não causar durante a festa. Katherine estava indo com o vestido e o sapato que as gêmeas lhe deram de presente. Comprei uma bolsa para combinar com seus sapatos e um conjunto de diamantes, colar e brincos simples, afinal era natal. A casa dos King no Hamptons estava iluminada e cercada por carros. Tenho absoluta certeza de que minha mãe convidou a mídia para cobrir o evento, todos os anos fazíamos um leilão beneficente durante a festa para arrecadar fundos para a *Children of Kings Organization*, uma organização que ajuda crianças abandonadas, criada por minha mãe.

Cheguei por volta das 20h e fui recebido com um monte de fotógrafos tirando diversas fotos. Mamãe foi ao meu encontro.

– Meu filho, que bom que veio. – Mamãe me dá um beijo no rosto e sorri.

– Eu sempre venho mãe. – Falo rindo.

– Eu sei. – Ela ri e meu pai se aproxima.

– Bem vindo à festa filho. – Cumprimentei meu pai. – Aproveite.

– Onde estão as meninas?

– Por aí, sua mãe convidou tanta gente, que acho que já me perdi dela hoje umas três vezes e olhe que não é nem meia noite.

– Imagino. Vou andar por aí e depois nos vemos pai.

– Ok filho, até mais. – Saí em busca da minha mulher, sim da Katherine. Não a vi enquanto se vestia e espero que o vestido que as gêmeas a presentearam tenha entrado e que seu ventre não tenha atropalhado em nada.

Andando pelo salão avisto Katherine conversando com as meninas, parecia uma princesa. Ela me viu também e sorriu, as meninas olharam e me viram. Rapidamente me aproximei.

– Boa noite senhoritas. – Falei beijando a mão de cada uma.

– Boa noite, maninho. – Amanda respondeu.

– Boa noite, Nathan. – Katherine respondeu sorrindo e ficando corada.

– Boa noite, gatão. – Alice falou rindo. – Já viu as diversas mulheres lindas que tem por aí hoje? Quem sabe você não faça a felicidade da mamãe hoje e encontre alguém para aquietar seu facho.

– Alice! – Amanda repreendeu a própria irmã.

– Com licença meninas, vou dançar com a amiga de vocês. – Falei e carreguei Katherine para uma dança. – Você está linda. – Falei em seu ouvido.

– Obrigada! – Ela agradeceu ficando corada. – Você também está muito bonito.

– Quero comer você antes da meia noite.

– Nathan! – Ela riu e corou.

– No banheiro, naquele mesmo banheiro da outra vez. Quero estar enterrado dentro de você.

– Você é um perverso. – Eu dei uma gargalhada. – Não olhe agora, mas suas irmãs estão de olho em nós. – Ele olhou. – Falei para não olhar. – Ele riu.

– Eu não pude evitar.

– Elas estão de olho em nós, pare de rir, não é nada engraçado, eu acho que elas já sabem e estão esperando que contemos.

– Amanda e Alice são espertas demais, já devem ter desconfiado desde o seu aniversário querida. – A música acabou.

– A música acabou. – Ela falou.

– Eu sei.

– E por que ainda estamos dançando? – Ela perguntou.

– Quero ter você mais alguns minutinhos em meus braços.

– Safado. Preciso ir às meninas estão nos olhando agora, mesmo. – Andamos até as gêmeas e deixei Katherine e me afastei indo cumprimentar pessoas conhecidas que estavam chegando.

Kate

As 23h a casa dos King estava cheia e iam começar o leilão beneficente, sentei em uma das mesas junto com a família King. Subiu no palco o patriarca da família, senhor Joseph King.

– Senhoras e senhores, minha família e eu agradecemos a todos por virem a mais uma festa de natal em nossa casa, vamos começar o leilão desta noite. – Ele desceu do pequeno palco e começaram os lances.

Uma moça subiu ao palco e pediu a atenção de todos.

– Boa noite, por favor, um pouco da atenção de todos. – Ela estava com uma taça de champanhe na mão. – Gostaria de fazer uma revelação a todos. – Nathan que estava ao lado de Alice levantou-se e foi em direção do palco.

– O que está acontecendo? – Perguntei para a Amanda.

– Não sei, não conheço essa moça.

– Eu gostaria de dizer a senhor e a senhora King, que está moça que está sentada ao lado de suas lindas filhas, conhecida como Katherine Watson é uma acompanhante de luxo, isso mesmo, ela é uma garota de programa. – Meus olhos encheram-se de lágrimas quando a mãe e o pai do Nathan me olharam sem entender nada, abaixei a cabeça. – Também gostaria de dizer que o seu primeiro cliente foi nada mais e nada menos que o filho de vocês. O tão querido e amado Nathan King. – Nathan

chegou perto do palco e subiu, tomando o microfone da mão da garota e tirando-a de lá. – Não adianta mentir, Nathan. – Ela gritou se desvencilhando dele e se fez ouvir diante do silêncio que estava no local, até a música que antes tocava havia parado. – Você não pode mais esconder, que aquela prostituta esta dentro da sua família e espera um bastardo seu, um maldito bastardo que deveria ser meu. Deveria ser eu a estar sentada ao lado das suas irmãs e não ela. Aquela vadia. – Ela apontava para mim, eu levantei da mesa, pois não podia mais ficar ali. – Você também não pode esconder dos seus pais o trabalho sujo do qual participou anos atrás. Não pode mais esconder que você trabalhou como traficante de mulheres. – Ao ouvir isso eu me virei olhando para eles, e todas as pessoas que estavam ali começaram a cochichar e por a mão na boca com o espanto.

– Droga, Jéssica. Vamos! – Ele segurou no braço dela e a tirou dali, os fotógrafos e jornalistas tiraram diversas fotos e com certeza escutaram tudo.

Eu corri para o banheiro, passando por alguns fotógrafos e sentindo as lágrimas correndo por meu rosto, entrei, tranquei a porta, não queria falar com ninguém. Eu precisava sair dali sem ser vista por ninguém. Diante da mídia que estava cobrindo o evento, essa revelação será noticiada em algum jornal isso eu posso ter certeza.

– Como essa mulher sabia? Quem era ela? – Eu falava comigo mesma, sentada sobre a tampa do vaso sanitário. Escutei uma batida na porta. – Está ocupado. – Falei.

– Sou eu Katherine, a Amanda, deixe-me entrar.

– Não! Agora não, Amanda!

– Vamos conversar.

– Não estou pronta para esta conversa Amanda. – Respondi e então não houve resposta, minutos depois a fechadura era mexida e a porta se abria.

– Mas eu estou mais que pronta para ouvir a explicação que tem a me dizer.

– Oh, Amanda! Eu os envergonhei publicamente. – Falei já levando minhas mãos ao rosto e soluçando com o choro ainda mais.

– Ei! Não estou aqui para sentir pena de você, e nem você deveria sentir pena de si mesma. Você é tão vítima quanto o Nathan. Ou talvez não, meu irmão vai ouvir um monte.

– Não brigue com ele. – Falei olhando-a.

– Foi com ele que você dormiu pela primeira vez não é? Foi ele o cliente que você me contou? – Assenti. – Oh Kath, por que não me contou que havia sido ele?

– Eu tive medo que você me recriminasse pelo o que fiz, e que me odiasse quando soubesse que havia sido ele o meu primeiro cliente.

– O bebê é dele também, não é?

– Sim é. Engravidei na primeira noite em que ficamos juntos, a camisinha estourou. – Falei em meio aos soluços. – Estou tão envergonhada. Desculpe.

– Eu conheço você Kath e sei que não fez por mal. – Ela se aproximou e me abraçou. – Eu vou ficar ao seu lado, mesmo que o mundo esteja contra. Eu sei o tipo de mulher que sua mãe é e o que

ela fez com você, você se abriu comigo e eu sempre estarei ao seu lado. Mesmo depois de ter escondido que esse pequeno ser dentro de você era realmente meu sobrinho, sobrinho de sangue. – Ela abriu um sorriso. – Eu vou mesmo ser tia, de verdade. – Eu ri com a empolgação dela.

– Sim você vai. – Falei sorrindo. – Nathan deve estar tão chateado, eu destruí a famosa festa de natal dos Kings.

– Não Kath, você não destruiu nada, foi àquela mulher. Nathan a levou daqui. Espero que ela pague pelo escândalo causado em plena véspera de natal. – Amanda estava brava. – Vamos limpe esse rosto e vamos voltar para a festa. – Amanda falou enquanto pegava lenços de dentro do armário do banheiro e levantava o meu queixo, para limpar a maquiagem borrada embaixo dos meus olhos.

– Eu não consigo encarar ninguém, muito menos seus pais, Amanda.

– Eu estarei com você! – Me recompus e sai do banheiro de braços dados com ela.

– Katherine. – Ouvi meu nome e levantei a cabeça. Era Ana a mãe do Nathan. – Minha criança, como você está?

– Eu... – Senti meus lábios tremer e meus olhos encherem-se de lágrimas. Ela logo me abraçou.

– Diga-me quando aconteceu? Quando ficou com meu filho? – Ela perguntou, enquanto me levava para o escritório da família. Joseph nos seguia logo atrás. Assim que entramos no escritório, Joseph sentou-se na cadeira atrás da grande mesa de madeira, Ana e eu sentamos no sofá.

– Foi na segunda quinzena de agosto. – A cara que Ana fez foi de espanto.

– Como assim? Na segunda quinzena de agosto, você tinha apenas 17 anos. – Joseph falou olhando-me.

– Sim foi exatamente isso, minha mãe encheu minha cabeça de que ela estava ficando velha e que não poderia mais nos sustentar e que eu deveria tomar o lugar dela, então após me convencer, fiz fotos para um site de acompanhantes, e dois dias mais tarde o filho de vocês me ligou marcando um encontro. Ele estava na cidade e viajaria no dia seguinte.

– Santo Deus! – Ana levou a mão à boca. – Você era e ainda é apenas uma criança Katherine.

– Sim, eu sei. Mas, se eu me recusasse e não voltasse com o dinheiro para casa, eu não sei do que ela, digo minha mãe, seria capaz de fazer comigo.

– Deus! Você é apenas uma criança. – Ana me abraçou e deixei as lágrimas voltarem a rolar pelo meu rosto. – Não chore criança, vamos cuidar de você. – Ela limpava as lágrimas de meu rosto.

– Vamos mandá-la para a cadeia, sua mãe não sabe que aqui e em boa parte dos Estados Unidos a prostituição é crime? – Joseph falou batendo na mesa e levantando-se, ele parecia com raiva, ou melhor, parecia não, ele estava com raiva. – Ninguém pode obrigar uma criança a ser uma garota de programa. E eu tenho absoluta certeza de que também era virgem nesta época. – Apenas assenti. – Mais um motivo para processar sua mãe, ela merece estar atrás das grades, por fazer isso com a própria filha. Eu posso imaginar o que você passou com essa mulher. Que tipo de mãe põe a própria filha na prostituição? Ela não merece o título de mãe. Vamos prestar queixar contra sua mãe por prostituição infantil.

– Nós encerraremos a festa deste ano mais cedo. – Ana falou.

– Não, por favor, não façam isso. Eu sei que estraguei a festa de natal de vocês e peço mil desculpas pelo ocorrido. Mas, não encerrem a festa por minha causa, logo mais irei embora e tudo poderá voltar ao normal. – Falei olhando para Ana.

– Não funciona dessa forma Katherine, haverá outras festas, e nossa preocupação no momento é você e nosso neto. – Joseph King falou enquanto andava pelo escritório.

– Sim, exatamente meu querido. – Ana falou. – Nós vamos cuidar de você minha criança. E lhe daremos tudo o que precisar. – A porta foi aberta de repente.

– Katherine. – Escutei meu nome ser chamado pela voz já conhecida e me virei. Nathan se aproximou e me puxou para um abraço. – Por favor, me perdoe pelo que a fiz passar, eu jamais imaginei que a Jéssica viria até aqui, jamais imaginei que a houvessem convidado.

– Onde ela está? – Perguntei enquanto buscava seu olhar.

– Foi embora. Eu sinto muito, sinto muito por tudo isso. – Ele segurou meu rosto em suas mãos e me deu um beijo. – Joseph pigarreou.

– Ainda estamos aqui filho. – Ana falou sorrindo.

– Perdoem-me, mas eu precisava abraçá-la. Mãe e pai eu sinto muito por ter estragado a festa de vocês. – Nathan falou ainda abraçado comigo.

– Nós entendemos filho, mas que diabos era aquela mulher? – Joseph perguntou.

– Uma ex-namorada de muitos anos atrás. – Nathan respondeu.

– Quero um nome, Nathan! – Joseph pediu.

– Jéssica Stewart. – Então ela é a mulher que ligou para ele quando ele dormiu comigo em meu apartamento.

– E o que ela sabe da época em que você esteve trabalhando para George? – A conversa estava crescendo cada vez mais, quem era George? – Eu sei e me lembro quando você foi a polícia e começou fazendo parte das investigações, mas o que ela sabe, Nathan? O que essa garota sabe sobre essa época? Ela acaba de contar para todos os Estados Unidos que você era um traficante de mulheres, o que você não foi e eu bem sei disso.

– Eu a conheci lá, naquela época, eu a tirei do meio e cuidei dela. Ia apresentar ela a vocês, mas não deu muito certo e ela acabou indo embora do país. Voltando agora para infernizar minha vida. – Nathan que havia se afastado de mim, agora andava de um lado para o outro, passou a mão nos cabelos. – Eu não sei como ela soube ou como entrou na festa.

– Como ela soube? Oras pelos jornais... – Ana respondeu. – Agora a questão é como ela entrou? Se cada pessoa convidada tinha o nome na lista?

– Precisamos descobrir, e se ela veio com mais alguém. – Joseph falou novamente.

– Não aparentemente veio sozinha, a coloquei dentro de um táxi e mandei que saísse da propriedade ou chamaria a polícia. E ela se foi.

– Vamos voltar para a festa, leve Katherine lá para cima, ela precisa descansar, depois desse estresse, não quero correr o risco de perder meu primeiro neto. – Ana falou e deu-me um beijo na testa. – Descanse criança, amanhã nos vemos e conversaremos mais. – Assenti. Ela beijou Nathan e saiu do escritório com o Joseph.

– Vamos vou levá-la para meu quarto.

– Por que seu quarto?

– Por que é o único lugar seguro, e quero você segura. Com Jéssica por perto ou não, eu já não confio em deixá-la sozinha. Tenho medo de que aquela louca faça algo com você e com o bebê e eu não quero isso.

– Tudo bem. – Assenti e ele me pegou no colo, coloquei meus braços em seu pescoço. Ele passou por algumas pessoas e subimos as escadas da mansão King. Encostei minha cabeça em seu peito e o coração dele batia tão rápido quanto o meu. Nathan estava receoso. Eu tinha mil perguntas em minha mente, e no momento certo eu as faria.

Capítulo 42

Kate

A manhã de natal chegou, despertei ao lado do Nathan que dormia profundamente, levantei devagar para não despertá-lo, vesti um roupão e sentei na poltrona que dava para a sacada do seu quarto. Estava nevando. Meu coração estava um tanto pesado, ainda me sentindo culpada por ter quase acabado com a festa de natal da *Família King*. A dor na minha consciência não me deixou dormir direito, tive um pesadelo ruim.

Sonhei com o Nathan levando um tiro e me deixando sozinha com nossa filha. Balancei a cabeça afastando os pensamentos ruins da minha mente, levantei e fui até a porta da sacada, abri-a e o vento frio do inverno nova-iorquino invadiu o quarto, olhei para fora e acariciei meu ventre por baixo do roupão, logo eu estaria como uma bola. Fiquei inerte em meus pensamentos, imaginando o rosto do meu bebê se fosse menino ou menina. Braços fortes me abraçaram por trás.

– O que faz nesse frio meu amor! – Nathan falou baixinho em meu ouvido.

– Pensando. – Respondi.

– Volte para a cama, é muito cedo ainda, não são nem 7 da manhã.

– Eu sei, mas não consigo dormir.

– Vou colocá-la para dormir. – Ele me pegou no colo e me levou para a cama. Deitando-me voltou para fechar a porta da sacada. Voltou para a cama e deitou-se ao meu lado. Ele tirou meu roupão e me colocou de lado, assim eu acabei ficando de costas para ele, sua mão começou a fazer carinho nas minhas costas, subindo e descendo, passando pela minha cintura, pelo braço, as coxas,

bumbum até subir novamente. Acabei adormecendo.

Nathan

O escândalo de ontem à noite me fez pensar seriamente em minhas prioridades e agora era proteger ainda mais a Katherine. Ainda não entendo como a Jéssica conseguiu entrar na casa e subir no palco sem que eu a tivesse visto, provavelmente estava escondida em algum lugar.

Após fazer a Katherine dormir novamente, pois ela passou a noite se remexendo e quase não dormiu, eu levantei e fui tomar um banho. Após o banho vesti uma calça caqui e uma blusa, colocando um suéter vermelho por cima, bem ao estilo natalino. Por minha família morar próxima a praia o frio era maior do que na cidade, por causa da ventania.

Deixei Katherine dormindo e desci, na sala estava à árvore de natal tradicional da família, onde tinha o presente de todos. Passei lá e deixei o meu presente para a mulher que amo. Espero que ela goste. Indo para a sala de jantar, encontrei a família tomando café da manhã. Estavam animados e falantes.

– Bom dia família! Feliz natal!

– Bom dia querido, feliz natal, sente-se. – Mamãe falou sorrindo.

– E ai maninho, você não perdeu tempo hein, pegou logo nossa melhor amiga. – Amanda falou rindo.

– Amanda! – Mamãe falou em tom de repreensão.

– Que foi? – Amanda olhou para mamãe e riu – Eu não disse nada demais. Ah! E feliz natal.

– Você nunca diz nada demais, Amanda. – Alice falou rindo. – Bom dia maninho. E onde está a Kath?

– Dormindo. Ela demorou muito a dormir na noite passada e só pegou no sono quase pela manhã.

– Entendo querido, deixe-a descansar, depois você pode acordá-la.

– Ontem não foi fácil despistar os *paparazzis* e agora será ainda pior quando ela sair na rua. – Amanda comentou.

– Eu sei. – Sentei a mesa para tomar o café da manhã. Quando meu pai soltou o jornal da manhã e me entregou.

– Veja. – Peguei o jornal e na capa estava “*Nathan King envolvido com tráfico de mulheres*” e logo abaixo “*E mais, Katherine Watson é sua atual namorada, foi acompanhante de luxo e agora está grávida*”. Bando de filhos da puta, senti a raiva subir. Bati com o jornal na mesa e tudo tremeu. – Mantenha a calma, Nathan. – Meu pai falou.

– Como quer que eu mantenha a calma, pai? Eles estão acabando com a minha imagem e a da Katherine.

– Mantenha a calma, amanhã tudo vai voltar ao normal e entraremos com um processo contra o jornal. Não se preocupe.

– Bom dia gente. Feliz Natal! – Katherine apareceu atrás do meu pai, usando uma blusa e uma calça que eu lembro já ter visto uma das meninas usarem. Automaticamente escondi o jornal, jogando-o embaixo da mesa, para que ela não visse a notícia.

– Bom dia querida. Feliz natal. – Minha mãe sorriu. Alice levantou e foi dá um abraço em Katherine.

– Feliz natal, agora você é praticamente nossa irmã, vou ser titia de verdade agora. – Alice dizia rindo e colocando a mão sobre o ventre da Katherine. – Vamos comer. – Alice puxou a Katherine e sentou-a ao meu lado.

– Feliz natal meu amor. – Falei e ela sorriu corando.

– Feliz natal. – Ela respondeu, logo todos começamos a comer animadamente.



Durante quase dois dias eu escondi a Katherine do mundo, da casa dos meus pais consegui tirá-la de lá e levá-la para o meu apartamento. Ficamos trancados lá, sem ver TV ou acessar internet, eu esqueci o que era trabalho e ela o que era escola, pois estava de férias. No terceiro dia, ela queria aproveitar as férias e dar um passeio no *Central Park*, mesmo com o frio de 3 graus abaixo de zero que estava fazendo naquele dia.

– Vamos, por favor... – Ela pedia fazendo beicinho. – Não seja malvado, passamos dois dias trancados e longes do mundo.

– Está bem vamos. – Falei pegando meu casaco e o dela ajudando-a vestir e saímos do apartamento. Eu estava me preparando para o que poderia acontecer, eu não sabia se agora com a revelação de tudo nos jornais e revistas da cidade, se teríamos problemas na rua ou não.

Assim que saímos do edifício a rua estava tranquila, andamos de mãos dadas até o outro lado da rua, onde ficava uma das entradas do *Central Park*, e fomos caminhando abraçados. Havia ali outros casais e famílias, passeando e aproveitando o gelo para brincarem.

– Logo nosso bebê crescerá e estaremos você e ele ou ela e eu brincando aqui. – Comentei olhando uma menininha que devia ter no máximo dois anos correndo até o pai.

– Logo mais... – Ela disse sorrindo e também olhando para a menina. Nossa conversa é interrompida, pois meu celular resolveu tocar logo agora.

– Sim. – Atendi. – Um minuto querida. – Falo para Katherine e me afasto.

– Nathan! – Escuto a voz já conhecida de George.

– O que quer?

– Soube das noticias e do escândalo na festa de natal da sua família, aquela garota mimada que você tirou de mim, lhe devolveu numa moeda ruim o que você fez por ela.

– Eu sei, fale o que quer.

– Eu só queria dizer que achei linda essa tal de Katherine, e que fiquei muito feliz ao saber que será pai, espero que seja uma menina. – Ele só pode estar brincando.

– Não venha com ironias.

– Parabéns, papai. – Ele falou e deu uma gargalhada ao telefone.

– George eu vou te encontrar, e quando te encontrar não sobrá nada de você.

– Não me ameace Nathan, pois posso fazer algo ruim para a sua amada Katherine.

– Escute aqui seu... – O telefone ficou mudo e só então percebi que havia caído a ligação. Voltei para perto da Katherine.

– Quem era Nathan?

– Ninguém importante.

– Tudo bem se não quer me dizer. – Ela falou sorrindo e sentando em um banco, sentei ao seu lado e puxei-a para um beijo.

– Não tenha ciúmes, não era nenhuma mulher.

– Certo. – Ela sorriu e se aninhou chegando mais perto, deitando sua cabeça em meu colo.

– Amo você Katherine.

– Eu também, Nathan. – Ela sorriu me olhando. Quando percebi um alvoroço e várias pessoas com câmeras na mão corriam em nossa direção.

– Vamos sair daqui. – Falei para Katherine.

– Por quê? – Ela perguntou levantando-se. Ficamos em pé e saímos andando, fomos para o meu apartamento, quando atravessamos a Quinta Avenida havia diversos jornalistas e fotógrafos em frente ao meu edifício.

– Senhor King, o que tem a dizer sobre o tráfico de mulheres? – Um deles perguntou.

– Katherine Watson é verdade que você era prostituta? – Uma repórter perguntou.

– O quê? – Katherine me olhou sem entender, e logo estávamos rodeados de repórteres.

– Não temos nada a declarar.

– Está mesmo grávida Srta. Watson? – Outra pergunta.

– Já fez o teste de paternidade senhor King? – Outro repórter perguntou. Para esse eu me virei e segurei em seu colarinho.

– Escute bem, pois será a única vez que falarei, saiam da frente da minha casa, e sim ela está grávida e não preciso fazer um teste de paternidade. – Falei rispidamente e o soltei, o repórter caiu no chão. Outras chuvas de perguntas vieram. – Se querem uma entrevista marquem uma conferência para o próximo ano e penso no caso de vocês. – Respondi e levei Katherine para dentro, ela me olhava atordoadas.

– O que foi aquilo? – Katherine perguntou.

– Eu não lhe contei, mas o escândalo na noite de natal lá em casa, teve repercussão em todo o país. Está em todos os jornais, revistas, em todos os lugares. – Falei enquanto entrávamos no elevador.

– Oh meu Deus! Isso é tudo culpa minha. – Ela falou. Cheguei perto dela e segurei seu rosto em minhas mãos.

– Não fale isso, não é sua culpa. – Seus olhos encheram-se de lágrimas. – Meu amor à culpa não é sua, por favor, não chore.

– Eu... Não, consigo controlar, são os hormônios da gravidez. Estão me deixando louca, uma hora estou feliz, outra chorando e em outra com um tesão dos infernos, que nem consigo tocar nos meus próprios seios.

– Eu sei meu amor, eu sei. – Abracei-a. – Precisamos conversar, quero lhe contar sobre a Jéssica e sobre o meu passado.

– Quando saí do salão naquele dia, eu a ouvi falando que você foi traficante de mulheres. É verdade? – Ela perguntou ainda abraçada comigo. O elevador parou e entramos no apartamento.

– Sente-se. – Falei apontando para o sofá. Ela se acomodou no sofá, colocando os pés para cima e relaxando. – Vou começar do começo.

– Que bom. – Ela disse rindo. – Sempre bom começar do começo.

– Não brinque, é sério.

– Ok!

– Naquela época eu era um rapaz ambicioso, queria assumir o império do meu pai sem estar pronto, queria ter meu próprio dinheiro sem depender da alta mesada que já ganhava do meu pai mensalmente. – Ela me observava atentamente – George é um velho amigo do meu pai, ambos têm praticamente a mesma idade, e ele vivia na casa da nossa família. Toda semana ele estava lá, pois tinha negócios a tratar com o meu pai. Certo dia eu estava passando em frente ao escritório, quando ouvi George falar ao telefone sobre um leilão de virgens.

– O quê? Virgens? – Katherine arregalou os olhos.

– Sim um leilão de virgens. Eu não entendi no momento, mas depois quando entrei descobri que realmente era um leilão. Foi há quase 11 anos atrás, eu tinha apenas 20 anos e queria muito sair de baixo da asa do meu pai. Quando escutei a conversa, achei aquilo tão errado, mesmo sem saber sobre o que era, então vieram as notícias na TV e em jornais de garotas desaparecidas e comecei a pensar se George não estava envolvido, contatei a polícia e fechamos uma negociação, eu entraria no ramo do tráfico de mulheres para descobrir coisas.

– O que fez ao entrar deve ter sido perigoso, não é?

– Sim foi, mas eu também acabei lucrando com isso. Quando cheguei ao George, ele me apresentou a casa onde mantinha as meninas e então descobri que ele pegava meninas maiores de idades, pois assim ninguém diria que elas foram sequestradas e sim que saíram por vontade própria.

– Que tipo de homens compra mulheres em leilões? – Escutei ela falar.

– Do tipo rico, que não quer perder tempo com uma conquista que demoraria meses ou anos. – Respondi. – Mas, então voltando. Quando entrei lá ele me ofereceu 30% do valor sobre cada uma das meninas vendidas, eu cuidaria delas, levaria a comida, as deixariam bem vestidas, maquiadas e

prontas para o abate.

– Deus!! Você foi um cretino entrando nisso.

– Sim eu sei, eu fui realmente, por uma boa causa. Depois que estava lá dentro, descobri diversas coisas, em poucos meses a polícia tinha diversas provas. Então a Jéssica foi pega e jogada lá com as outras meninas, eu me apaixonei por ela e esse foi meu erro. Quando ela foi vendida eu sofri pra caralho, por que eu a queria para mim e não teria milhões para comprá-la. Mas pouco tempo depois ela voltou, surrada com hematomas e grávida, eu a tirei de lá e não voltei mais. Cuidei dela de todas as formas, mas então o bebê não resistiu às surras que ela havia levado e o aborto foi espontâneo, assim ela perdeu qualquer chance de ser mãe novamente.

– Eu a entendo, eu amo o meu bebê como se ele fosse à pessoa mais valiosa nesse mundo para mim. Por isso ela disse aquelas coisas horríveis sobre o meu bebê dever ser dela. Eu até entendo ela, mas fazer aquele escândalo para lhe prejudicar foi demais pra mim.

– Depois que cuidei da Jéssica, eu cometi o erro de não voltar mais a casa onde George mantinha as meninas, e quando voltei com a polícia ele já havia sumido com tudo, inclusive os móveis, a casa estava vazia. Ele sumiu do mapa. Simplesmente sumiu.

– A polícia não o encontrou? – Ela perguntou.

– Não, e isso é o estranho, talvez ele tenha assumido uma nova identidade. A ligação que recebi no *Central Park* foi dele, ele está de volta e quer que eu pague por fazê-lo se esconder por tanto tempo. Katherine eu necessito que você venha morar aqui, pois aqui eu sei que você estará segura.

– É um pouco cedo para morarmos juntos e você sabe.

– Cedo nada, você está com um filho meu na barriga, o bebê que veio cedo demais. Ele veio com a ironia de dar-me os parabéns pelo bebê e que quer muito que seja uma menina. – Katherine fez uma careta. – Eu o ameacei, e ele me ameaçou de volta, falando que poderia fazer algo acontecer com você. – Me aproximei mais dela. – Você entende? Eu preciso mesmo que você venha para cá, se não eu nem conseguirei trabalhar.

– Mas...

– Por favor! – Pedi quase implorando. – É pelo bem do nosso bebê.

– Eu tenho que pensar. Desde o escândalo você tem sido muito mais que maravilhoso, fiquei um pouco chateada por ter me escondido que os repórteres estavam falando coisas ruins sobre nós, mas nada demais. Eu só...

– Eu só quero a sua segurança.

– Vou pensar e lhe dou a resposta após o ano novo, tudo bem? – Ela me olhava sorrindo.

– Ok. – Respondi.

– Obrigada!

Kate

Saber que o Nathan fez parte de algo tão feio como o tráfico de mulheres mexeu comigo, mas eu o perdoei quase que imediatamente, isso passou e hoje ele não faz mais parte disso. E tudo o que fez foi em prol de um bem maior, salvar aquelas meninas. Eu não poderia recriminá-lo por ser jovem e ambicioso, todos os jovens são, isso é mais que natural.

Após a conversa eu comecei a pensar realmente na minha segurança, agora com a conta que eu tinha e os comerciais que viriam a seguir, eu precisaria de um guarda-costas urgente.

No final daquele dia eu voltei ao meu apartamento, enquanto o Nathan precisou ir ao escritório, entrei em casa tranquilamente e comecei a pensar na possibilidade de morar com ele em seu apartamento. Eu teria que deixar o meu pequeno lar para trás e devolver para o dono. Está decidido, vou morar com ele, mesmo que ainda não tenha aceitado me casar, podemos testar e se der certo, casaremos. Comecei a tirar às roupas do armário do quarto, e joguei sobre a cama, a campainha tocou e fui atender. Abri a porta e me vejo de cara com um homem que deve cerca de 50 anos, cabelos levemente grisalhos e usava um terno que pelo o que percebo é bem caro.

– Boa tarde! O que deseja? – Perguntei olhando-o, não me lembro dele, mas me parece familiar de alguma forma.

– Boa tarde, Katherine. – Agora eu fiquei muda, como ele sabia meu nome. Ok sua anta ele deve ter visto seu nome em um dos comerciais. – Posso entrar? – Ele perguntou.

– Para? – Perguntei olhando-o sem entender por que ele estava ali, nunca o tinha visto.

– Precisamos conversar.

– Sobre? – Perguntei novamente.

– É algo sobre sua mãe. – Droga se era sobre minha mãe boa coisa não vinha por aí.

– Tudo bem, mas seja breve. – Permiti sua entrada, com um pouco de receio, pois ele poderia ser um louco ou psicopata. – Sente-se, gostaria de tomar algo? – Perguntei.

– Água, por favor. – Fui à cozinha e lhe trouxe água, sentei na poltrona.

– E então? Pode começar.

– Bem vou direto ao assunto, conheci sua mãe há muitos anos e conheci o seu pai.

– Ok! Agora você tem toda a minha atenção. – Falei olhando-o nos olhos. Seus olhos me lembravam de alguém.

– Bem, então conheci Helena quando ela ainda tinha 22 anos, nessa época ela já trabalhava como acompanhante, mas não de homens ricos, pois em Washington/Virginia não temos tantos advogados, banqueiros, executivos como em Nova Iorque.

– Imagino, já ouvi falar, mas não conheço. – Comentei.

– Sua mãe é de lá.

– Tudo bem. Agora o que realmente quero saber é aonde conheceu meu pai? Quero saber sobre ele. Por que ele me abandonou, você sabe? Por que ele foi embora e deixou minha mãe grávida?

– Eu não fui embora e nem deixei sua mãe grávida, ela simplesmente saiu da cidade indo para

algum lugar que eu desconhecia. – Eu parei por um instante sem entender.

– Como assim você não foi embora? Ou deixou minha mãe?

– Isso mesmo o que você ouviu. Eu nunca deixei sua mãe, eu queria casar com ela, mesmo ela sendo uma prostituta. Eu a queria, mas ela não me quis. – Olhei para ele analisando-o ainda mais.

– Você está querendo me dizer que é o meu pai? É isso? – Ele me olhava nos olhos. – Fale é isso que está querendo dizer?

– Sim é. Eu sou o seu pai.

– Oh meu Deus! – Eu levei a mão à boca e levantei andando pela sala. – Por que só agora? Você teve 18 anos para vir atrás de mim, por que só agora?

– Na época em que Helena sumiu, eu não sabia que ela estava grávida. Eu estava terminando a faculdade de engenharia civil quando ela terminou tudo comigo. Apesar de ela ser uma prostituta, nós acabamos namorando, eu dei-lhe de tudo, roupas, joias, praticamente a sustentei, moramos alguns meses juntos, até ela simplesmente juntar suas roupas num belo dia e me dizer que não me queria mais. Que eu não tinha nada para lhe oferecer. Que eu era pobre. Não que eu realmente fosse pobre, eu era um estudante. – Eu estava em pé olhando para ele. – Eu estava terminando a faculdade e queria dar a ela uma vida digna, mas ela não quis isso e foi embora da cidade. Eu sofri como um condenado por causa dela.

– E como soube de mim?

– Chegarei lá, eu me casei com a filha de um dos comerciantes da cidade, abri meu próprio negócio e me tornei o engenheiro civil da cidade. Construí e levantei aquela cidade. Quando minha esposa engravidou eu pensei ser o homem mais feliz, mas ela veio a falecer meses depois ao dar a luz.

– Eu tenho uma irmã ou irmão? – Perguntei sentando ao seu lado.

– Sim tem um irmão, ele é mais novo que você, tem 15 anos, mas é um rapaz adorável. Ele viu o seu comercial com o ator do *Smallville* e falou que lhe achava muito bonita, também comentou que você se parecia muito comigo. E realmente pelo o que vejo você é muito parecida comigo. Os grandes olhos azuis da família Schneider. – Sim eu tinha seus olhos, por isso achei-o tão familiar quando o vi. – E então meu irmão me contou que havia encontrado você e que você havia entrado no mesmo ramo da sua mãe. Se não lembra quem seja meu irmão, vou lhe mostrar. – ele tirou a carteira do bolso e me mostrou uma foto, era o senhor que havia me contratado para conversar sobre a esposa, meu terceiro e último cliente.

– Eu tenho um pai. – Falei comigo mesma enquanto olhava a foto que ele mostrava, fui até a janela, lá fora a neve estava alta e um daqueles caminhões que tiram neves da rua estava passando por ali naquele exato momento.

– O que disse? – Ele perguntou.

– Não, nada. Então quer dizer que durante toda a minha vida eu fui enganada pela minha mãe? Que você nunca nos abandonou, por que não me queria. – Eu sentei na poltrona em choque. – Ela mentiu para mim a vida toda.

– Exatamente. – Ele falou me olhando.

– Você nunca me abandonou?

– Não, afinal nem se quer sabia da sua existência até poucos meses atrás. Se não fosse meu irmão ou meu filho comentar algo eu jamais saberia que tinha uma filha linda como você.

– Uma filha e um neto. – Falei olhando-o enquanto sorria.

– Já vou ser avô? – Ele perguntou.

– Sim vai, estou grávida de quatro meses.

– Parabéns! Fico muito feliz em saber disso. Outra coisa que gostaria de conversar com você. Sobre o escândalo na casa da família King.

– Sim o que tem?

– Conheço a família King, e eles são ótimas pessoas.

– Eu sei. Onde você mora? – Perguntei.

– Hoje? Moro aqui em Nova Iorque com meu filho, mudamos no ano passado. Até então ainda estávamos na Virginia. Como peguei um grande empreendimento com as *Indústrias King* acabei precisando mudar para cá.

– Entendo. Bem foi um prazer saber que tenho um pai e estou incrivelmente feliz em saber disso, mas agora preciso arrumar minhas coisas, estou de mudança.

– Mas por quê? O apartamento é seu.

– Não é, ele é alugado.

– Não mais, de acordo com isto. – Ele tirou um envelope do bolso do paletó e me entregou. – O apartamento é seu e está em seu nome. – Peguei o envelope e abri, pelo o que tinha escrito era a escritura do apartamento e dizia que a nova proprietária era Katherine Watson, ou seja, eu. Oh meu Deus!

– Você comprou o apartamento? – Perguntei incrédula, ainda não acreditando que ele havia comprado o apartamento para mim.

– Sim, comprei pouco tempo depois que você mudou-se. – Ele respondeu.

– Então eu estava pagando o aluguel para você.

– Sim, exatamente e agora não precisa mais. Pois, o apartamento é seu.

– Oh meu Deus! – Eu quase pulei em cima dele abraçando-o, ele retribuiu dando uma gargalhada. Enchi seu rosto de beijos – Obrigada! – Falei rindo.

– É um prazer dá algo tão pequeno comparado ao que você poderia ter tido se tivesse sido criada por mim. – Ele falou ainda me abraçando.

Eu o estava abraçando apertado e as lágrimas antes presas em minha garganta começaram a rolar em meu rosto.

– Você deveria ter estado lá todos esses anos em que vivi com minha mãe, você deveria estar ali

por mim durante todos os anos que me perguntei por que Deus não me deu um pai presente. Quando o dia dos pais chegava à escola e eu era a única que não tinha um pai para levar a festinha. – As lágrimas desciam e os soluços tomavam conta do meu corpo.

– Eu sei minha pequena, eu sei. E eu daria qualquer coisa nesse mundo para estar lá, em cada dia dos pais, em cada dia da sua vida.

– Eu pedi tanto a Deus por um pai, todas as noites enquanto eu crescia, eu pedia um pai que cuidasse de mim, que segurasse a traseira da minha bicicleta para que eu não caísse, que pudesse me levar ao baile de formatura do colégio, que me ensinasse a lidar com os meninos, que me enchesse de perguntas se eu chegasse tarde demais em casa. E eu vi tantas meninas reclamando de quanto seus pais eram chatos, de quando eles enchiam a cabeça delas e eu só pedia para ter um que dissesse e fizesse tudo isso para mim. – Eu falava apressada em meio aos soluços do choro, com o corpo tremendo.

– Não se preocupe, a partir de agora você nunca ficará sozinha. – Ele segurou meu rosto entre as mãos e beijou minha testa, percebi que seus olhos também estavam cheios de lágrimas. – Eu vou estar aqui para o que precisar, eu nunca irei deixá-la sozinha, não enquanto eu viver. – Ele falou sorrindo e limpando minhas lágrimas. A porta do apartamento abriu de repente e vi o Nathan entrar apressado.

– O que está acontecendo aqui? – Ele perguntou aproximando-se. – Quem é este homem? – Ele perguntou novamente. – Katherine? – Olhei para o Nathan.

– Este homem é meu pai. – Falei olhando para o Nathan e depois para o meu pai.

– Muito prazer sou John Schneider. – Meu pai estendeu a mão, e só então percebi que nem se quer havia lhe perguntado seu nome. Nathan estendeu a mão cumprimentando-o. – E você deve ser o Nathan King, pai do meu neto. Conheço seu pai, fiz negócios com ele faz alguns anos e voltamos a fazer novamente faz dois anos atrás. Espero que cuide bem da minha filha.

– Muito prazer senhor Schneider. – Nathan me olhou sorrindo. – Sim cuidarei muito bem dela. – Nathan então se virou para mim e falou – Então finalmente seu pai lhe encontrou... – Ele comentou.

– Parece que sim. – Andei até o Nathan e o abracei, olhei para meu pai.

– Sim depois de 18 anos encontrei a minha filha, e só soube dela há poucos meses. – Meu pai respondeu sorrindo. – Bem eu preciso ir, meu filho mais novo está esperando no carro, Kate aqui está meu cartão, tem meu número de celular não hesite em ligar se precisar. – Peguei o cartão e assenti. – E quanto a você senhor King, cuide bem da minha pequena preciosidade, agora que a encontrei vou cuidar e defendê-la com unhas e dentes, tenha certeza disso.

– Cuidarei senhor Schneider.

– Obrigado. – Meu pai sorriu e saiu do meu apartamento.

– Parece que as coisas estão se encaixando para nós. – Nathan comentou dando-me um beijo nos lábios.

– Sim, é o que parece. Que tudo está se encaixando nos seus devidos lugares. Será que é aqui o nosso final feliz?

– Não! Ainda falta muito para o final feliz minha amada. – Ele segurou em minha cintura e puxando-me para perto. – O final feliz será quando você aceitar ser minha esposa. – Rimos juntos.

Capítulo 43

Kate

Conhecer meu pai pessoalmente me fez ver o quão egoísta minha mãe sempre foi, o quão filha da puta ela sempre foi. Vi-me lembrando de minha infância e começo da adolescência, quando ela não estava nem aí se estava quase transando com um dos seus clientes na minha frente. Lembrei-me de todas as vezes que precisei ficar trancada por horas em meu quarto, até que o último cliente saísse da nossa casa. Só então percebi o quanto ela foi negligente, mesmo me dando boas roupas, bonecas, me dando coisas materiais eu nunca recebi realmente um carinho de mãe vindo dela. Algo a qual eu pudesse lembrar. Nunca recebi um beijo de boa noite. Ela nunca contou uma história para eu dormir, não que eu me lembre, e tenho uma memória ótima.

Nathan levou uma parte das minhas malas para o carro, enquanto eu organizava uma nécessaire com as coisas que estavam no banheiro. Eu havia decidido me mudar um dia antes do ano novo. Como muitos dizem ano novo, vida nova. E minha vida nova começaria com ele e nosso bebê.

– Pronta? – Ele perguntou aparecendo no quarto. Me virei para ele sorrindo.

– Sim, pronta.

– Tem certeza? – Ele perguntou me olhando.

– Absoluta.

– Sabe que se não estiver pronta para isso, posso esperar um pouco mais, tenho todo o tempo do mundo para você. – Ele falou pegando a nécessaire da minha mão.

– Eu tenho certeza que é isso que quero, por mim, por você e pela segurança do nosso bebê. – Ele sorriu e saímos do apartamento. Mesmo o apartamento sendo meu agora, eu ainda optei por ir morar com ele, eu o amo e sei que ele me ama.



Ano Novo

O dia 31 de dezembro daquele ano chegou me fazendo repensar em minhas ações, em como posso melhorar para ser uma pessoa melhor, em como posso ser a pessoa que o Nathan precisa. Ele necessita de uma mulher que o satisfaça sexualmente, ele precisa de uma mulher que cuide dele, ele precisa de alguém que o ame pelo o que é e não pelo o que ele tem. E eu sou essa mulher, nesse novo ano que iniciará eu direi o tão desejado “SIM” que ele deseja escutar. Novamente uma grande festa na casa da família King. Toda a imprensa que há uma semana falou horrores sobre mim e o Nathan, agora babava sobre nós, querendo saber sobre o bebê, sobre o casamento e outras coisas mais de

nossa vida particular. Nathan estava em seu smoking preto e eu com um vestido *tomara que caia* longo com alcinhas fininhas quase imperceptível, com pequenos cristais ao longo do busto. Agora eu estava parada na sacada do seu quarto da mansão king, olhando para a praia, lembrando-me do que ele falou sobre o vestido quando o vesti.

– *Pode tirar! Você não vai com ele.* – Ele disse assim que me viu entrar na sala de jantar do nosso apartamento, eu dei uma gargalhada com a cara que ele fez.

– *Por quê? – Perguntei.*

– *Está transparente demais.* – Ele comentou apontando para o vestido.

– *Nathan, não está. Eu só tenho este e vou com ele.*

– *Use outra cor.* – Ele me olhava com os olhos fervendo de desejo.

– *Você está me desejando agora, vejo em seus olhos.* – Ele me pegou antes que eu fugisse e se apossou de meus lábios, correspon-di segurando em seus cabelos e me apertando junto a ele. Suas mãos rapidamente encontraram as laterais de meu vestido e o puxou para cima. – *Vamos nos atrasar.* – Falei entre os beijos, ele me ergueu pondo-me sobre a mesa da sala de jantar e abrindo minhas pernas.

– *Ninguém vai perceber* – ele sussurrou, enquanto abria a calça do smoking e entrava em uma só estocada em mim.

– *Deus!* – gemi segurando-me nele. Eu gemia mais alto a cada estocada dada do seu pau para dentro da minha boceta.

Só com um beijo ele conseguia me deixar completamente pronta para o que ele quisesse fazer comigo. Beijando-nos, Nathan acariciou os meus mamilos sensíveis sobre o vestido, deixando-os acesos, gemi em resposta. Seu grosso pau estava metade dentro e metade fora de mim, ele estava me torturando, Nathan sabe o quanto amo cada vez que ele entra dentro mim completamente, quando sinto seu pau bater na entrada do meu útero. Ele quer ser gentil, mas eu não estou querendo gentileza.

– *Mais forte!* – Eu grito sentindo o orgasmo vir.

– *Não!* – Ele geme.

– *Mais forte... Mais rápido.* – Ele segurou em minha cintura me puxando de encontro ao seu corpo, seu pau batendo fundo dentro mim. – *Oh meu Deus!* – Gritei atingindo o orgasmo e apertando-o. Nathan continuou a estocar até gozar toda a sua porra dentro de mim.

– *Sua filha da mãe.* – Ele sussurrou no meu ouvido rindo. – *Eu não deveria ter sido tão bruto. Eu posso ter machucado o bebê com o meu tamanho.*

– *Você gostou tanto quanto eu seu safado. E já disse o bebê está protegido aqui dentro.* – Coloquei a mão sobre o ventre, ele pôs sua mão sobre a minha.

Escutei a porta do quarto se abrir e vi o Nathan entrar.

– *O que faz aqui sozinha meu amor?* – Ele perguntou sorrindo. – *Vamos descer daqui a pouco é meia noite e temos que comemorar.*

– Estava pensando nas coisas que fiz ao longo deste ano.

– Pensou em meu pedido também? – Nathan não desiste.

– Pensei também, vamos esperar só um pouco mais tudo bem? – Ele assentiu. Eu me virei para o mar. – Aqui é tão lindo, o barulho do mar, o cheiro do sal da maresia, o céu estrelado e a lua, nossa a lua fica ainda mais linda do que já é. – Ele me abraçou por trás pondo as duas mãos sobre o pequeno volume do meu ventre que começava a dar sinais reais de uma gravidez.

– Nosso filhote está se desenvolvendo, logo mais você estará com uma barriga linda e eu terei ainda mais tesão por você.

– Seu tarado, só pensa nisso.

– E no que quer que eu pense quando estou perto de você? – Ele riu.

– Safado. – Eu ri.

– Vamos descer. – Ele pegou minha mão e descemos para o salão de festas da mansão.

– Onde você estava Katherine? – Amanda perguntou me olhando.

– Lá em cima, olhando a vista linda da casa de vocês.

– E pensando besteira eu tenho certeza disso. – Amanda riu e Alice também.

– Vocês são demais né. – Ri olhando-as.

– Somos irmãs agora, vamos passear por aí. Licença Nathan, agora ela é nossa. – Alice falou pegando meu braço e a Amanda no outro.

Passamos por várias pessoas e fui apresentada como a futura esposa do Nathan, sem nem ter aceitado casar ainda. Eu não disse que não, afinal não queria constranger as meninas.

– Atenção... – Todos olharam para o patriarca da família King que falava ao microfone. – Vai começar a contagem, vamos todos lá para fora, pois a queima de fogos será lá. – Rapidamente todos se dirigiram a saída em direção à praia.

As meninas foram e me deixaram sozinha, eu fiquei ali parada esperando o Nathan que falava com o pai. Ele veio em minha direção.

– Tire as sandálias, será melhor para andar na areia, não quero que caia lá fora. – Assenti e sentei em uma das cadeiras para tirar. Ele abaixou-se e tirou minhas sandálias. Logo estávamos os dois correndo para fora da casa, a fim de não perder a contagem.

– 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1, Feliz ano novo! – Todos contaram e gritaram ao mesmo tempo, enquanto os fogos de artifício queimavam no céu, olhei para cima admirando os fogos.

– Feliz ano novo, Katherine! – Nathan sussurrou em meu ouvido, eu sorri.

– Feliz ano novo, Nathan!

Capítulo 44

Nathan

As coisas com Katherine estavam indo muito bem, ela estava morando comigo há quase dois meses, e o bebê já estava evidente em seu ventre. O pai dela vinha nos visitar quase todo fim de semana. As aulas recomeçaram e ela já estava de volta à escola. Agora com o ventre maior o uniforme já não dava mais nela, conversamos com a diretoria da escola e a mesma permitiu que Katherine utilizasse as calças de moletom utilizadas apenas para as atividades de educação física. A neve em Nova Iorque ainda não havia se dissipado, o meu dia começava bem com Katherine acordando ao meu lado, tomamos café juntos, deixo-a na escola e vou para o escritório.

Está semana fechei três contratos de vendas, e estou muito feliz, todos os dias peço a minha querida e amada Katherine em casamento e ela ainda não aceitou. Às vezes acho que não aceitou ainda por birra, eu amo essa minha menina/mulher. Ontem à noite as coisas ficaram complicadas em casa, quando mais uma vez discutimos por causa dos seguranças que contratei para ir junto com ela, para onde ela fosse.

– *Katherine eu quero você em casa.*

– *Você controla cada passo meu Nathan. Isso já está ficando chato.*

– *Eu só quero sua segurança, Katherine.*

– *Eu não posso ir ao mercado sem ter um segurança logo atrás de mim, estou de saco cheio disso. Se não pode me entender eu irei para meu apartamento amanhã cedo.* – *Ela falou quase gritando, estava chateada e com raiva. Ela nunca grita e quando o faz é por que realmente está brava comigo.*

– *Eu só quero seu bem meu amor, por favor, entenda isso.*

– *Eu posso entender, mas isso já está passando dos limites, eu preciso de espaço, estou me sentindo sufocada.* – *Katherine pegou uma bolsa no closet e começou a jogar algumas coisas dentro.* – *Vou passar a noite no meu apartamento, preciso pensar em tudo isso, em nós. Você está me sufocando.*

Eu deixei que ela saísse, não queria que ela se sentisse presa aqui, eu mesmo a deixei no seu antigo apartamento, me despedi e voltei para o meu. Eu sei que a estou sufocando, que estou ficando um chato, mas eu só quero sua segurança. Depois das ligações de George antes do Réveillon eu fiquei mais atento à segurança dela, e com medo por ela e por causa do nosso bebê. Intensifiquei a segurança ao redor dela.

Voltei para casa e tentei dormir sem ela em minha cama, passei a noite acordado em nossa cama, não consegui dormir. Liguei o despertador/rádio que fica no criado mudo ao lado da cama e começou a tocar a música No Air do Chris Brown e Jordin Sparks. Peguei meu celular enquanto ainda escutava a música. Mandeí uma mensagem para ela.

De: Vida (Nathan)

Para: Amor (Katherine)

Perder você é viver em um mundo sem ar.

De: Amor (Katherine)

Para: Vida (Nathan)

Não faça isso comigo, eu preciso pensar, Nathan. Por favor.

De: Vida (Nathan)

Para: Amor (Katherine)

Eu que peço, por favor, eu não posso respirar se você não estiver por perto. Diga-me como posso respirar sem ar? É assim que eu me sinto quando você não está aqui. Venha para casa e fique comigo.

Após a última mensagem ela não respondeu mais, ela não queria conversa mesmo. Deixei o celular sobre a cama onde ela dormia, e tentei dormir um pouco, quando o dia estava amanhecendo consegui fechar os olhos.

Levantei e tomei meu café da manhã normalmente, ou pelo menos eu tentei parecer normal sem Katherine em casa, peguei meu casaco, as luvas de couro, pois lá fora ainda está frio devido à neve. Saí do apartamento e encontrei David com o carro me esperando, ele abriu a porta e antes de entrar senti como se estivesse sendo observado, olhei ao redor e avistei George do outro lado da rua. Não pude deixar essa passar, peguei o celular e disquei o telefone do FBI.

– George está na cidade, no *Central Park*. – Falei rapidamente ao telefone enquanto corria atrás dele, olhei para trás – Fique aí David. – Disse e voltei à atenção para George que corria a minha frente.

– George espere. – Gritei enquanto chegávamos próximo ao lago do *Central Park*, que estava praticamente coberto pela neve. A neve havia deixado o local branco e com uma pequena camada de gelo.

– O que quer Nathan? Não acha que já não fez merda demais? – George falou aproximando-se e dando-me um soco que atingiu meu queixo e pude sentir o gosto de sangue na minha boca.

– Eu quero você atrás das grades. – Respondi revidando e caímos no chão, rolamos até estarmos quase sobre o gelo congelado do lago no meio do *Central Park*.

– Seu moleque, já não basta quase ter destruído meu negócio.

– Você deveria estar na cadeia, lá é o seu lugar.

– Eu sabia que nunca deveria ter lhe contratado para o trabalho, você ficou interessado da noite para o dia.

– Cale-se. – Dei um soco em seu rosto, levantei, chutei sua barriga e ouvi o gemido de dor vindo de George. – Isso é por todas aquelas meninas. – Chutei em sua barriga novamente e ele gemeu. Dei-

lhei as costas para ir embora quando fui puxado e cai de costas escorregando no gelo. Levantei devagar quase escorregando novamente. Olhei para George que agora tinha uma arma apontada para mim.

– Te vejo no inferno Nathan. – E escutei o barulho de um tiro. A principio não percebi nada de diferente.

– Você errou seu idiota. – Falei sorrindo.

– Não, Nathan! Eu não errei. – Olhei para ele que estava sorrindo ainda com a arma apontada para mim. Então, tirei as luvas de couro e passei a mão no meu peito. Ele não errou. O meu sangue estava quente e por isso eu não havia sentido. O fino gelo sobre o lago do *Central Park* sob meus pés desabou e fui sugado para dentro e tudo ficou negro.

Kate

Deus! Que sentimento estranho, um coisa sufocante em meu peito, uma angustia. Algo está muito estranho, o bebê começou a mexer do nada e não parava fazia pouco mais de 4 horas, era a primeira vez que se mexia e agora não parava mais. No próximo ultrassom poderei finalmente descobrir o sexo, pois na do mês passado não deu. Infelizmente.

Ontem Nathan e eu discutimos mais uma vez, por causa dos malditos seguranças que ele havia colocado em meu encalço, aonde eu ia um segurança ou mesmo dois estavam cobrindo os arredores por onde eu andasse, acabei gritando com ele e indo dormir no meu antigo apartamento. Meus olhos encheram-se de lágrimas lembrando-me da nossa discussão ontem, ele só quer minha segurança e eu sou tão cabeça dura que não aceito ser protegida, pois sempre estou querendo ser autossuficiente e independente. O aperto em meu coração se intensificou, levei a mão ao peito e depois acariciei meu ventre agora a mostra. O vestido rosa claro o qual estava vestida enfatizava a gravidez. As sapatilhas eram no mesmo tom de rosa e eu também usava um arco na cabeça. Sim eu parecia uma boneca assim. Saí da aula mais cedo, pois passei mal e a diretora mandou que eu fosse para casa descansar. Amanda e Alice faltaram à aula hoje, o que achei estranho, afinal elas nunca faltam. Estava no táxi a caminho da casa da Família King, quando meu celular tocou dentro da bolsa e peguei para atendê-lo. No visor estava escrito Amanda.

– Estou chegando. – Falei animada assim que atendi.

– Vá para *Mount Sinai Hospital*. Agora!

– O que aconteceu? – Perguntei.

– É o Nathan, ele foi encontrado desacordado no lago do *Central Park*.

– Droga. – Praguejei comigo mesma. – Estou indo Amanda. – Desliguei e olhei para o taxista. – Para o *Mount Sinai Hospital*, por favor. O mais rápido que puder.

O taxista virou a esquerda na rua seguinte e subiu em disparada aproveitando os semáforos abertos, só podia ser um sinal. O que diabos o Nathan fazia há essa hora no Centra Park? Ele não devia estar no trabalho?

– Deus, por favor, que nada sério tenha acontecido com ele. – Orei baixinho. O carro parou.

– Chegamos senhora. – Paguei o taxista, peguei minha bolsa e desci, corri para dentro passando pelas portas automáticas e parei na recepção.

– Preciso saber para onde o Nathan King foi levado, em que ala do hospital ele se encontra.

– Senhora eu só posso passar informações para os familiares.

– Sou a mulher dele, droga! – Gritei – Agora me diga.

– Ala de traumatologia, senhora King. No quarto andar à direita. – Nem esperei ela terminar de falar e fui para o elevador, entrei e apertei o botão. Meu coração estava saindo pela boca. Assim que as portas abriram eu saí como uma louca para a segunda recepção da Ala de traumatologia do hospital. E ao chegar lá encontrei toda a família King, Joseph segurava Ana em seus braços, e ela chorava descontroladamente. Amanda e Alice estavam com ambas com as mãos no rosto.

– Amanda. – Falei, e ela levantou e correu para me abraçar.

– Ele levou um tiro. – Ela falou ainda me abraçando e soluçando.

– Como? – Eu entrei em estado de choque.

– Nós não sabemos, só recebemos a ligação de que ele foi encontrado boiando dentro do lago no *Central Park*, e ao chegarmos aqui o médico falou que ele levou um tiro. – Amanda falou e eu senti o mundo começar a rodar. *Não era hora para um desmaio, droga.*

– Amanda! Ela está grávida. – Escutei a voz do Sr. King e duas grandes mãos segurarem meus braços. – Não desmaie.

– Eu não vou. Eu só... Estou em choque. Como ele levou o tiro? Quem atirou nele? Por quê? – Comecei a perguntar.

– Não sabemos ainda criança. – Joseph falou enquanto me levava até uma das poltronas da sala de espera. – Estamos esperando respostas.



Minutos, horas se passaram e nada do médico aparecer. Levantei para tomar água quando um médico em seu jaleco azul passou por mim, ou era um residente. Agarrei em seu braço.

– Quero notícias sobre o Nathan King. – Falei com ele.

– Senhora eu não sou o médico dele. – Ele respondeu.

– Já pensou que não fazer o que uma grávida pede, pode fazer nascer uma coisa bem feia nos seus olhos? – Olhei para o médico ou residente, seja lá o que ele era.

– Vou buscar informações e já volto.

– Obrigada. – Tomei minha água e fiquei ali mesmo olhando enquanto o médico andava pelo corredor e parava outro médico. Andei até eles. – Alguma notícia? – perguntei.

– Sim esse é o médico dele, Dr. Navarro. – O médico mais novo sorriu e sumiu rapidamente.

– Muito prazer Dr. Navarro. – Era um homem com cerca de 50 anos, cabelos levemente grisalhos e usava uma roupa azul. – Necessito de notícias sobre o meu noivo.

– Senhora se acalme isso pode ser prejudicial ao seu bebê.

– Eu estou calma, ou talvez seja o choque, e a qualquer momento eu vá cair em um pranto de choro, mas enquanto isso não acontece, eu quero agora notícias dele. – Fiz minha melhor cara para que ele tivesse pena de mim. – Pense no meu bebê, e no estresse que estou tendo sem saber notícias dele. O Nathan é o pai do meu bebê.

– Tudo bem, acalme-se e vamos para a sala de espera, assim posso conversar com toda a família ao mesmo tempo. – Ele segurou meu braço e nos juntamos a Família King na sala de espera.

– E então doutor. Como ele está? – Joseph e Ana perguntaram ao mesmo tempo.

– A cirurgia para retirada da bala foi um sucesso, mas ele chegou com o caso sério de hipotermia e durante a cirurgia ele entrou em coma. Os órgãos aparentemente estão bem, nenhum deles foi afetado e ele se recuperará bem. Tirando a cicatriz que ele terá, assim que acordar do coma ele estará novinho em folha.

– Oh graças a Deus! – Ana falou e abraçou Joseph. Amanda e Alice se abraçaram, eles estavam tão felizes juntos que se esqueceram de mim. Até então parecia que não havia caído à ficha de que ele foi baleado e estava entre a vida e a morte, eu não havia derramado uma lágrima, como se fosse à mulher mais fria do mundo. Mas, agora era como se o meu coração transbordasse de tristeza e alegria ao mesmo tempo. Saí dali entrando no banheiro mais próximo que encontrei, entrei em um box, fechei a porta e sentei sobre a tampa do vaso sanitário, e só então deixei todas as lágrimas antes contidas caírem como um rio, os soluços foram soltos deixando meu corpo tremer com o choro.

– Obrigada, meu Deus! Obrigada! – Eu soluçava como uma criança. Peguei um pedaço de papel higiênico e assuei o nariz que já começava a ficar entupido. Oh maldita sinusite! Chorei sozinha, quando tudo o que tinha que chorar passou, eu me levantei, lavei o rosto e saí dali.

Voltei à sala de espera e não havia ninguém da família King ali, eles devem ter ido embora ou comer algo. Sentei-me em um dos sofás de lá e esperei, eu quero ver o Nathan a qualquer custo. O Dr. Navarro passou por ali novamente.

– Dr. Navarro posso ver o Nathan? – Perguntei.

– Ele ainda está na UTI, mas pode ver sim, desde que seja breve. E por favor, após vê-lo vá para casa, não deve ficar no hospital, pois é uma gestante e corre o risco de pegar alguma doença. – Assenti. – Venha vou levá-la até ele. – Entramos em uma sala e ele me deu um vestido verde e uma máscara para usar. Entramos na UTI e ali estava o meu amor deitado cheio de coisas ligadas a seu corpo.

– Oi! – Sussurrei me aproximando dele, peguei em sua mão e sentei na cadeira que uma enfermeira trouxe para mim. – Que susto que você nos deu hein! Eu tive tanto medo, medo de que não sobrevivesse. Eu não poderia sobreviver sem você, você sabe disso não é? Eu preciso de você, nosso bebê precisa de você, nós dois precisamos de você firme e forte aqui ao nosso lado. – Segurando sua mão levei ao meu ventre e o bebê mexeu-se. – Sente? Ele ou ela está querendo que você fique conosco, que não nos deixe sozinhos.

Fiquei mais alguns minutos com ele, até a enfermeira pedir que eu me retirasse, pois a visita havia acabado.

Capítulo 45

Kate

As visitas ao hospital eram frequentes, quando eu não ia, as gêmeas estavam lá, Ana ou mesmo Joseph que agora havia voltado a trabalhar, pois não sabíamos quando Nathan acordaria. Fazia mais de um mês que ele estava na mesma, os médicos só dizem que ele está estável e estável. O que para mim é sempre na mesma. A aula terminou e vim direto para o hospital o médico havia ligado avisando que ele viu o Nathan mexer a mão. O que poderia ser um sinal de que ele estava acordando. Atualmente ele havia saído da UTI e já estava em um quarto reservado somente para ele, entrei e fui para perto dele.

– Oi meu amor! – Cumprimentei-o com um beijo nos lábios. – Mais um dia, e eu aqui novamente para conversamos. Trouxe uma roupinha que comprei para você ver, são lindas, duas roupinhas iguais para nossas meninas. – Esperei ele se mexer e nada. – Sim isso mesmo, meninas. Parabéns, pois será pai de duas meninas. Quer sentir o quanto elas se mexem? – Perguntei sorrindo e pegando sua mão pondo sobre minha barriga para que ele sentisse as gêmeas se mexerem. – Elas estão tão ativas ultimamente, que você nem pode imaginar. – Eu falava toda animada.

Todos os dias eu vinha ali e falava como foi meu dia, e esperava que ele escutasse, os médicos diziam que ele podia sim escutar.

– Nossas meninas são bem animadas, e se puxarem as tias serão umas pimentas. Amanda quase me fez ser expulsa da sala de aula hoje. Nossa como ela conversa. – Eu comentava rindo. E de repente meus olhos se encheram de lágrimas, em momentos eu estava rindo e em outros chorando. – Eu sinto sua falta, Nathan. Nós sentimos. Toda a sua família sente. Eu sei que você já escutou isso de mim diversas vezes durante esse ultimo mês, mas tenho que repetir de novo. Se isso fizer você voltar, e eu sei que vai. Então lá vou eu de novo. Escute, por favor, dessa vez é sério, não que das outras vezes não fossem, claro. Nathan eu prometo que se você acordar eu vou aceitar casar você, casamos onde e quando você desejar, eu só quero que você acorde e volte para mim e para suas filhas, por favor. – Falei e encostei minha cabeça nele, fechei os olhos e orei a Deus para que ele voltasse para nós, eu já não aguentava mais vir ao hospital todos os dias, logo mais as gêmeas nasceriam e eu não poderia mais vir visitar com tanta frequência. Seria pedir muito?

A mão que eu estava segurando, apertou a minha levemente.

– Quero casar amanhã! – Escutei a voz grossa do Nathan.

– Oh meu Deus! – Assustada eu o olhei. – Oh meu Deus! Eu ainda não podia acreditar que ele havia acordado.

– Quero... Exatamente. O que. Me prometeu. – Ele sorriu e depois fez uma careta.

– Vou buscar o médico, não feche os olhos.

– Não vou. Peça. Água. Por favor. – Ele falava devagar engolindo seco.

– Já volto. – Sai do quarto e voltei menos de 5 minutos depois com o médico e uma enfermeira. A enfermeira trouxe um copo de água com canudinho para ele tomar.

– Fico muito feliz que finalmente acordou rapaz, essa garota aqui. – Pôs a mão em meu ombro. – Logo mais não poderia vir lhe ver e conversar a tarde inteira com você. – Nathan me olhou dos pés a cabeça.

– Está linda. – Ele falou sorrindo.

– Eu sei, estou enorme e gorda. – Comentei.

– Bom, vou pedir uma bateria de exames e já volto. – O médico saiu e nos deixou a sós.

– Para mim você está linda. – Me aproximei dele e dei um beijo em seus lábios.

– Eu esperei e orei todos os dias por você, eu vim aqui todos os fins de tardes para contar como foi meu dia. Me desculpe por ter dormido fora de casa naquela noite, eu me arrependi tanto de não ter respondido sua última mensagem. Desculpe por ter deixado você de lado. Eu tive tanto medo de que você morresse e eu não pudesse dizer o quanto eu amo você. – Falei entre as lágrimas.

– Acalme-se meu amor, eu não morri.

– Se isso que sinto é amor, eu não sei, eu só sei que sem você, sem a nossa rotina no apartamento, eu parei de respirar por diversas vezes, eu senti falta do seu sorriso, das nossas brigas por qualquer motivo torpe. Eu senti falta de nós. Eu senti tanto medo por você, medo de as nossas meninas não conhecerem o pai, de não ter a chance de dizer tudo o que sinto em meu coração. Tudo o que sinto por você. Você que por diversas vezes se declarou para mim, dizendo o quanto me ama e tudo o que quer fazer por mim, e eu sempre o deixei de lado por medo de ser magoada. Por medo de entregar meu coração. Hoje eu posso dizer que eu não tenho mais medo de nada, que o que sinto por você é forte e irá durar por toda a minha vida.

– Precisei quase morrer para você perceber isso? – Ele disse dando uma leve gargalhada.

– Não ria Nathan! – O repreendi, enquanto limpava as lágrimas que corriam por meu rosto e sorria. – Eu era uma tola e ingênua não querendo aceitar o que vinha de você, por causa da forma como nos conhecemos.

– Calma, não precisamos falar sobre isso agora, temos todo o tempo do mundo.

– Não, não temos. Eu não sei nem posso adivinhar quando isso poderá acontecer de novo e não quero correr este risco de novo. Nathan eu amo você! O seu amor faz parte de mim. Eu posso sentir. – Ele me olhou sorrindo e puxou minha cabeça até que nossos lábios se tocaram.

– Eu amo você!

– Eu também amo você, Nathan!



Três dias mais tarde, Nathan recebia alta e voltávamos para casa. Ele foi recebido com uma festa em nosso apartamento, a família e as pessoas mais próximas da empresa. Estávamos abraçados quando um homem veio falar com ele, e reconheci-o quase que imediatamente. Thomas Reyes.

– Que bom tê-lo de volta, Nathan. – Cumprimentou o Nathan e o abraçou.

– Também acho ótimo estar de volta, Thomas. Já conhece Katherine? Ela é minha futura esposa e mãe das minhas filhas, como pode ver pelo volume em seu ventre. – Nathan falou e eu percebi que ele havia falado aquilo para atingir Thomas, para que ele não abrisse a boca para falar nada mais do que o necessário.

– Muito prazer, Katherine. – Cumprimentei-o e ele beijou minha mão. – É sempre um prazer conhecer mulheres tão belas como você.

– Prazer é meu, Sr. Reyes. – Falei olhando-o.

– Não se preocupe, ele sabe o lugar dele. – Nathan falou baixinho no meu ouvido.

– Foi um prazer, preciso me retirar agora. Desejo uma ótima volta ao trabalho, Nathan.

– Obrigado, Thomas. – Nathan assentiu e se despediram. Nathan então se virou para mim. – Eu sei o que se passa em sua cabeça, sim quando você me falou naquela noite eu sabia que havia sido ele, sei que ele tem gostos peculiares, mas ele jamais irá abrir a boca para falar nada sobre você, pois preza muito o emprego que tem.

– Obrigada por não ter feito nenhum escândalo. – Falei arrumando sua gravata.

– Não faria, não tinha por que, deixei bem claro que você é minha e somente minha. – Ele me puxou para mais perto de si e minha barriga estava entre nós. – Eu amo você minha futura Sra. King. Ah, e precisamos pensar em um nome para as meninas.

– Sim eu sei que precisamos. Mas, primeiro, quero saber quem atirou em você e por quê?

– Foi o George, encontrei-o vigiando a frente do nosso apartamento, corri atrás dele, tivemos uma briga feia e ele acabou atirando em mim. É tudo o que me lembro, após isso é só um borrão em minha memória.

– Vamos acusá-lo por tentar matar você. Prestaremos queixa e se ele estiver no país à polícia irá encontrá-lo.

– É o que mais desejo, vê-lo atrás das grades. Ele merece tudo de ruim que vier para ele. – Nathan estava ficando desanimado. Resolvi mudar de assunto.

– Mudando de assunto, você estava acordado quando falei que tinha aceitado casar com você? – Perguntei sorrindo e ele me puxou ainda mais para perto.

– Sim eu estava acordado. E estava adorando ouvir você falar o quanto me amava e prometer que se eu acordasse você se casaria comigo.

– Você é muito esperto. – Dei um beijo em seu queixo e uma leve mordida.

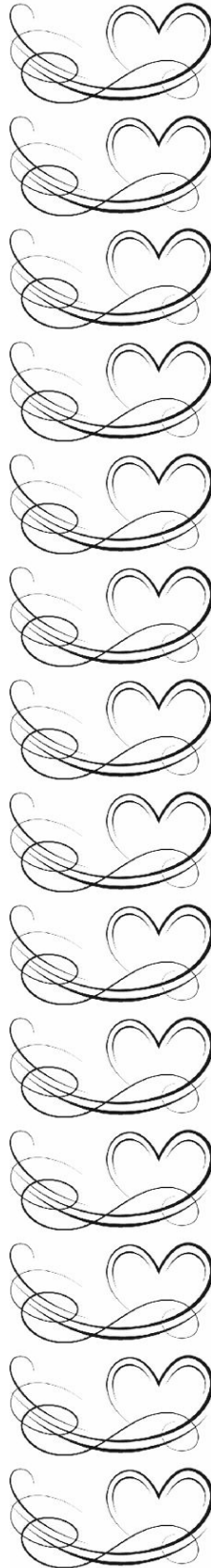
– Para ter você em minha cama e na minha vida Katherine, eu faria qualquer coisa, até sequestrá-la se fosse preciso. – Deu-me um beijo ardente. – Amo você minha futura senhora King.

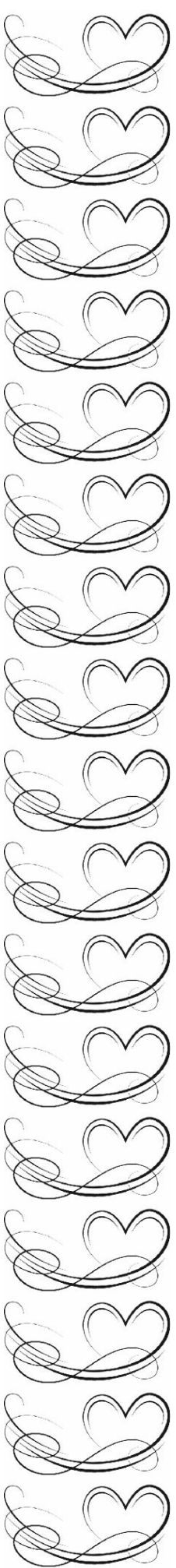
– Eu amo você senhor King, e o amo ainda mais depois de saber tudo sobre você, o que viveu e o que fez, pois tudo isso me fez amá-lo ainda mais, eu consigo agora enxergar o que realmente há dentro de você. Todo o amor que está em seu coração. Só agora eu conheço realmente quem você é, por que além de termos o vínculo de duas meninas a caminho, eu também posso sentir seu coração

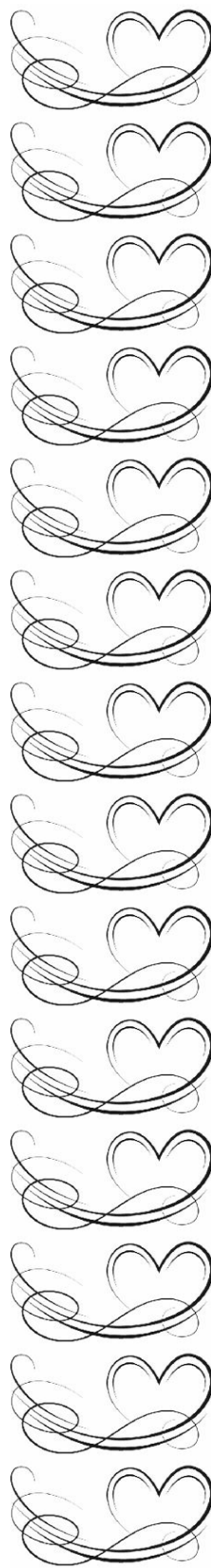
bater no mesmo ritmo que o meu. – Ao fundo tocava a música *Unconditionally* da cantora *Katy Perry* – Como diz a música, incondicional, eu vou amar você incondicionalmente.

– Eu amo você, Katherine. E vou amar incondicionalmente.

Fim







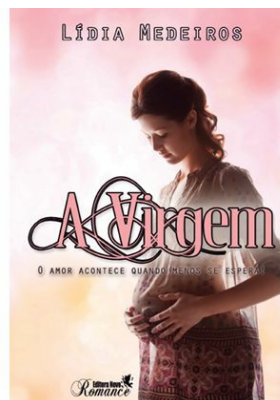
Sobre a Autora

Nascida no Ceará, a autora Lídia Medeiros cresceu em meio ao mar e as coisas belas da cidade de Fortaleza. Filha de pais humildes e separados, cresceu com seu pai e madrasta, sempre foi a melhor aluna na escola, a fim de sempre dar um bom exemplo aos irmãos. Sempre foi apaixonada por livros desde a infância, mas foi com a Saga Crepúsculo que se viu querendo escrever, começou escrevendo fanfictions e postando para algumas pessoas no orkut, logo muitas leitoras começaram

a comentar e gostar, e ela encontrou a sua grande paixão: Escrever.

Hoje mora com o marido em São Paulo, e se dedica aos estudos da faculdade de Pedagogia, ao marido, a casa e principalmente aos seus livros, escrevendo sempre algo que encanta e prende os leitores.

Outros Lançamentos da Autora



Sinopse: Mary Brandon é londrina, reside em Paris e acaba de receber a notícia que foi aceita na universidade de Londres. Antes de viajar, ela deveria enviar alguns exames de rotina, dentre eles, exames ginecológicos.

Foi aí que sua vida mudou completamente. Semana após os exames, ela descobre estar grávida.

Mas como isso aconteceu, se ela nunca havia se deitado com nenhum homem?

Inspirado na trama escrita e telenovela de Perla Farias - Juana, La Virgen.

Outros Lançamentos da Editora Novo Romance

Duas Caras - Diana Ártemis

Balaio de Gato - Mônica Pimentel

Fogo Fátuo - Maurício Coelho

Zhoe e o Pássaro - Mônica Pimentel

Tentei fugir... mas era você! - Uiara Barzzotto

Coração Amargo em flor - Audelina Macieira

Todos os Sentidos - Gerson Prado

Sobre as Cinzas - Mônica Pimentel

As Voltas com o Amor - Carol Paim & Sheila Bomfim

Entre o Ódio e o Amor - Arícia & Suany

Editora Novo Romance
Rua Paulo Gonzaga da Silva, 85
Jardim Robru - São Paulo
Cep: 08150-360
editoranovoromance@gmail.com

Para saber sobre nossos próximos lançamentos acesse:

www.editoranovoromance.com.br

www.lojaeditoranovoromance.com.br

Este livro foi composto na tipologia Times New Roman, corpo: 12pt; títulos em Channel, corpo 24pt;
impresso em papel pólen 80 g/m² na Psi7.